

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

THAMIRIS LACERDA SILVA

CUIDADO ANUNCIADO: ENFERMEIROS E ENFERMEIRAS NAS PÁGINAS DA
IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA (1821-1879)

UBERLÂNDIA
2025

THAMIRIS LACERDA SILVA

CUIDADO ANUNCIADO: ENFERMEIROS E ENFERMEIRAS NAS PÁGINAS DA
IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA (1821-1879)

Dissertação apresentada como requisito à
obtenção do grau de Mestre em História pelo
Programa de Pós-graduação em História da
Universidade Federal de Uberlândia.

Linha de Pesquisa: Práticas culturais e relações
de poder

Orientadora: Ana Flávia Cernic Ramos

Banca examinadora

Profa. Dra. Ana Flávia Cernic Ramos (UFU)

Profa. Dra. Keith Valéria de Oliveira Barbosa (UFAM)

Profa. Dra. Tânia Salgado Pimenta (Fiocruz)

UBERLÂNDIA
2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 Silva, Thamiris Lacerda, 1996-
2025 Cuidado anunciado [recurso eletrônico] : enfermeiros e
enfermeiras nas páginas da imprensa do Rio de Janeiro
oitocentista (1821-1879) / Thamiris Lacerda Silva. - 2025.

Orientadora: Ana Flávia Cernic Ramos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.542>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. História. I. Ramos, Ana Flávia Cernic, 1978-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em História.
III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 32, PPGHI				
Data:	Vinte e cinco de agosto de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	12312HIS015				
Nome do Discente:	Thamiris Lacerda Silva				
Título do Trabalho:	Cuidado anunciado: enfermeiros e enfermeiras nas páginas da imprensa do Rio de Janeiro oitocentista (1821-1879)				
Área de concentração:	História, Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Práticas culturais e relações de poder				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Barricadas em rodapés de jornais: raça, cidadania e política nos romances-folhetins da imprensa carioca (1875-1895)				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores doutores: [Keith Valéria de Oliveira Barbosa / UFAM](#); [Tânia Salgado Pimenta/FIOCRUZ](#); [Ana Flávia Cernic Ramos](#) orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Drª. Ana Flávia Cernic Ramos, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

[Aprovada.](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Flavia Cernic Ramos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/08/2025, às 10:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tânia Salgado Pimenta, Usuário Externo**, em 25/08/2025, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Keith Valéria de Oliveira Barbosa, Usuário Externo**, em 25/08/2025, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6497348** e o código CRC **7728A7C2**.

Resumo

Essa pesquisa investiga as experiências e identidades dos enfermeiros e enfermeiras no Rio de Janeiro do século XIX, entre 1821 e 1879. Para isso, utiliza-se um amplo levantamento de os anúncios publicados em dois grandes jornais da época, o *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio de Janeiro*. Esses anúncios revelam a natureza complexa e, muitas vezes, precária da enfermagem, praticada por agentes que não possuíam qualificações formais e que atuavam em uma linha tênue entre o cuidado à saúde e o trabalho doméstico. Ao analisar 1.979 publicações, exploro como as condições socioeconômicas moldaram o cotidiano desses trabalhadores, com foco nas questões de gênero, raça e classe social. A pesquisa busca preencher uma lacuna na historiografia das profissões da saúde, oferecendo uma visão crítica das dinâmicas do cuidado no século XIX e da forma como esses trabalhadores se inseriam ou eram inseridos nas estruturas sociais e urbanas da capital imperial.

Palavras-chave: Enfermeiro; enfermeira; Rio de Janeiro; imprensa; século XIX.

Abstract

This study explores experiences and identities of nurses in 19th century Rio de Janeiro, between 1821 and 1879. It draws on an extensive survey of advertisements published in two of the period's most prominent newspapers, *Jornal do Commercio* and *Diário do Rio de Janeiro*. Those ads sheds light on the complex and often precarious nature of nursing, many of those engaged in caregiving lacked formal training and operated in the blurred boundaries between healthcare and domestic service. Through the analysis of 1,979 advertisements, I examine how socioeconomic conditions shaped the daily lives of these workers, with particular attention to issues of gender, race, and social class. The research seeks to fill a gap in the historiography of the health professions, offering a critical view of the dynamics offers a critical perspective on the dynamics of care in the 19th century and the ways in which these workers navigated, or were situated within, the social and urban fabric of the imperial capital.

Keywords: Nurse; nursing; Rio de Janeiro; press; 19th century.

AGRADECIMENTOS

Agradecer talvez seja como abrir um velho baú: a cada vez que se mexe, mais memórias saltam, mais rostos surgem, mais vozes ecoam. É difícil saber por onde começar, mas acredito que nada se faz só, nem mesmo uma ideia nasce sozinha. No decorrer desse longo processo que foi o mestrado, tive ao meu lado pessoas queridas que me deram carinho e forças que me motivaram a seguir em frente. A caminhada até aqui foi atravessada por muitos desafios, incertezas e descobertas, portanto, concluir esta dissertação não seria possível sem o apoio e a escuta de quem me acompanhou ao longo do percurso. Dentre essas, existe a minha noiva, Giovana. Companheira indispensável, que esteve presente nos momentos de dúvida e alegria, oferecendo o seu ombro, compreensão e uma leitura sempre atenta. Sua disposição e escuta fizeram toda a diferença nesta jornada, e por isso sou imensamente grata por ter vivido essa etapa da minha vida com você, além de todas as outras que virão.

Agradeço à minha mãe, por seu amor incondicional e por estar comigo desde os tempos em que eu ainda acreditava ser maior que o mundo. Crescer, no entanto, é descobrir que a vida pesa, e que nem sempre os passos são firmes – mas saber que ela estava ali, mesmo quando em silêncio, mesmo nas discordâncias, me trouxe aconchego e liberdade. Agradeço por sempre me apoiar nas decisões que escolhi, mesmo quando não entendia muito bem os caminhos. Obrigada por ter sido abrigo e impulso. Estendo esse agradecimento também ao meu primo, tias e avós, por sustentarem minha caminhada com afeto e acolhimento. Cada pequena demonstração de cuidado foi um impulso a mais para que eu chegassem até aqui.

É essencial também que eu agradeça ao meu amigo Ricardo que, embora presente apenas através das telas, sempre esteve disposto a ouvir e ajudar, inclusive nas ideias ou tutoriais da manipulação de dados através de linguagens como o *Python*. Muitas etapas teriam sido dificultadas se não fossem as suas palavras e o conhecimento compartilhado. Por fim, dedico um agradecimento especial a todas as pessoas que, de formas diversas, estiveram ao meu lado: nas palavras de incentivo, nos cafés em silêncio ou nas conversas soltas divididas nos bares. Sem vocês, essa travessia teria sido muito mais árdua.

Agradeço, também, à minha orientadora, Ana Flávia, por ter aceitado me acompanhar nesta pesquisa, pelas sugestões ao longo do processo e pela confiança depositada em meu trabalho, mesmo diante dos obstáculos que atravessaram todo percurso de pesquisa. Suas observações críticas foram fundamentais para o amadurecimento desta dissertação. Estendo meus agradecimentos aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, que foram presença constante ao longo desta caminhada. Em diferentes momentos, suas falas, leituras e partilhas contribuíram para ampliar meu olhar,

estimular reflexões e fortalecer a construção deste trabalho. Levo comigo não apenas os aprendizados acadêmicos, mas também os afetos e trocas que fizeram do mestrado uma experiência profundamente transformadora.

Dedico, ainda, àquelas que um dia pousarão seus olhos sobre as linhas aqui escritas. Esta dissertação é, antes de tudo, fruto de afeto, persistência e memória. Mais do que um produto acadêmico, é um gesto de partilha. Foi escrita com a esperança de que aquilo que encontrei ao longo do caminho também possa alcançar quem lê. Porque há aqui não só ideias, mas presenças. Ela carrega em si não apenas horas de estudo e reflexão, mas também marcas de silêncios, escutas e afetos que moldaram cada palavra. Assim, torço para que este trabalho possa tocar, provocar ou acompanhar outras caminhadas. Que sirva como ponto de partida, abrigo ou companhia para quem busca sentido nas histórias e nos rastros deixados por outras vidas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das freguesias do Rio de Janeiro no século XIX.....	126
Figura 2 - Localização aproximada de casas e estabelecimentos citados em anúncios de enfermeiros e enfermeiras na Rua de São Pedro.....	145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Variedade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiros no século XIX no Jornal do Commercio	31
Tabela 2 - Variedade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiros no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	39
Tabela 3 - Variedade de serviços demandados em anúncios de enfermeiros no século XIX no Jornal do Commercio	41
Tabela 4 - Variedade de serviços demandados em anúncios de enfermeiros no século XIX no Diario do Rio de Janeiro.....	43
Tabela 5 - Faixa etária presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no Jornal do Commercio	47
Tabela 6 - Faixa etária presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	47
Tabela 7 - Nível de alfabetização presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no Jornal do Commercio	49
Tabela 8 - Nível de alfabetização presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	49
Tabela 9 - Número de anúncios de enfermeiras entre 1821-1879 no Jornal do Commercio e no Diario do Rio de Janeiro.....	54
Tabela 10 - Variedade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiras no século XIX no Jornal do Commercio	55
Tabela 11 - Variedade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiras no século XIX no Diario do Rio de Janeiro.....	55
Tabela 12 - Variedade de serviços demandados em anúncios de enfermeiras no século XIX no Jornal do Commercio	61
Tabela 13 - Variedade de serviços demandados em anúncios de enfermeiras no século XIX no Diario do Rio de Janeiro.....	61
Tabela 14 - Faixa etária presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no Jornal do Commercio	64
Tabela 15 - Faixa etária presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	64
Tabela 16 - Nível de alfabetização presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no Jornal do Commercio	66

Tabela 17 - Cor presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no Jornal do Commercio	71
Tabela 18 - Cor presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	71
Tabela 19 - Cor presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no Jornal do Commercio	73
Tabela 20 - Cor presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	73
Tabela 21 - Nacionalidade presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no Jornal do Commercio	77
Tabela 22 - Nacionalidade presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	77
Tabela 23 - Nacionalidade presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no Jornal do Commercio	78
Tabela 24 - Nacionalidade presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	78
Tabela 25 - Locais de atuação presentes em anúncios de enfermeiros no século XIX no Jornal do Commercio	84
Tabela 26 - Locais de atuação presentes em anúncios de enfermeiras no século XIX no Jornal do Commercio	84
Tabela 27 - Locais de atuação presentes em anúncios de enfermeiros no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	84
Tabela 28 - Locais de atuação presentes em anúncios de enfermeiras no século XIX no Diario do Rio de Janeiro	85
Tabela 29 - Incidência de “ajudantes de enfermeiro” no Jornal do Commercio e Diario do Rio de Janeiro entre 1821 e 1879	96
Tabela 30 - Salário que os oficiais da marinha devem receber anualmente	103
Tabela 31 - Gratificações que os oficiais da marinha devem receber anualmente quando embarcados	103
Tabela 32 - Gratificações que os oficiais da marinha devem receber anualmente quando em terra	103
Tabela 33 - Endereços por freguesia nos anúncios de oferta com a palavra-chave "enfermeiro" no Jornal do Commercio (1820–1870).....	129

Tabela 34 - Endereços por freguesia nos anúncios de oferta com a palavra-chave "enfermeiro" no Diario do Rio de Janeiro (1820–1870)	131
Tabela 35 - Endereços por freguesia nos anúncios de oferta com a palavra-chave "enfermeira" no Jornal do Commercio (1820–1870).....	132
Tabela 36 - Endereços por freguesia nos anúncios de oferta com a palavra-chave "enfermeira" no Diario do Rio de Janeiro (1820–1870)	133
Tabela 37 - Endereços por freguesia nos anúncios de demanda com a palavra-chave "enfermeiro" no Jornal do Commercio (1820–1870)	135
Tabela 38 - Endereços por freguesia nos anúncios de demanda com a palavra-chave "enfermeiro" no Diario do Rio de Janeiro (1820–1870)	137
Tabela 39 - Endereços por freguesia nos anúncios de demanda com a palavra-chave "enfermeira" no Jornal do Commercio (1820–1870)	138
Tabela 40 - Endereços por freguesia nos anúncios de demanda com a palavra-chave "enfermeira" no Diario do Rio de Janeiro (1820–1870).....	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Diversidade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiros no século XIX no <i>Jornal do Commercio</i>	32
Gráfico 2 - Funções presentes nos anúncios de oferta e demanda de enfermeiros no <i>Jornal do Commercio</i> (1820-1870)	45
Gráfico 3 - Funções presentes nos anúncios de oferta e demanda de enfermeiros no <i>Diario do Rio de Janeiro</i> (1820-1870)	46
Gráfico 4 - Funções presentes nos anúncios de oferta e demanda de enfermeiras no <i>Jornal do Commercio</i> (1820-1870)	63
Gráfico 5 - Funções presentes nos anúncios de oferta e demanda de enfermeiras no <i>Diario do Rio de Janeiro</i> (1820-1870)	63

SUMÁRIO

Introdução	13
1 À margem do cuidado: o perfil dos enfermeiros e enfermeiras no século XIX	23
1.1 Cuidado e sobrevivência: a versatilidade nos serviços dos enfermeiros no século XIX....	28
1.2 Entre ofertas e demandas: análise dos anúncios e funções de enfermeiras no século XIX	52
1.3 A cor do cuidado: barreiras e oportunidades na enfermagem do século XIX	68
2 O mosaico da enfermagem oitocentista: experiências e identidades profissionais em diferentes espaços de cuidado.....	82
2.1 Sob o olhar institucional: a enfermagem em hospitais e instituições	88
2.2 Entre quatro paredes: a enfermagem no espaço privado	105
2.3 Corpos, vidas e negócios: a enfermagem nas fazendas fluminenses.....	112
3 Rastros do cuidado: mapeando os anúncios de enfermeiros e enfermeiras no século XIX.....	122
3.1 A cidade anunciada: localização dos anunciantes e o espaço urbano.....	127
3.2 Uma geografia da demanda: mapeando os contratantes de enfermeiros e enfermeiras ...	134
3.3 No centro da corte, no centro do cuidado: cidade e saúde na capital do império.....	140
Conclusão	151
Fontes.....	155
Referências bibliográficas.....	157

Introdução

“Recebeu ele uma carta de um vigário de certa vila do interior, perguntando se conhecia pessoa entendida, discreta e paciente, que quisesse ir servir de enfermeiro ao coronel Felisberto, mediante um bom ordenado. O padre falou-me; aceitei com ambas as mãos. Para lhe dizer tudo, o meu principal atrativo era a novidade do ofício. Nunca tinha sido enfermeiro”¹

Este breve trecho, extraído do conto "O Enfermeiro" de Machado de Assis, publicado na *Gazeta de Notícias* em 13 de julho de 1884, nos transporta para o universo da enfermagem no Brasil oitocentista. A figura do enfermeiro, procurada pelo narrador como um agente "entendido, discreto e paciente", desempenhava um papel fundamental no cuidado aos enfermos, seja nas casas de saúde, nos hospitais, ou mesmo nos lares das famílias. No entanto, a enfermagem oitocentista ainda se encontrava distante do processo de profissionalização que a caracterizaria no século seguinte. Sem uma formação regulamentada e sem uma definição clara de suas atribuições, os enfermeiros e enfermeiras construíam suas práticas a partir de conhecimentos empíricos, tradições familiares e experiências adquiridas no dia a dia. Em um contexto social marcado por profundas desigualdades e por um campo de saúde ainda precário, a enfermagem emergia como uma atividade essencial, mas desvalorizada e à margem do reconhecimento social. As publicações de jornais da época, como a do *Jornal do Commercio* de 22 de agosto de 1837, que informava sobre um anúncio extraordinário que dizia buscar um enfermeiro para "servir à mesa, pentear o cabelo e as cabeleira; pregar um sermão todos os domingos, e ler de vez em quando as orações", revelam a amplitude e a ambiguidade das funções exercidas por aqueles que se denominavam enfermeiros. A fronteira entre o cuidado doméstico, o auxílio espiritual e a assistência aos enfermos se mostrava tênue, caracterizando a complexidade da enfermagem oitocentista e os desafios enfrentados por esses trabalhadores na construção de sua identidade.

A presente dissertação se propõe a mergulhar nesse universo, investigando a história da enfermagem no Brasil oitocentista, com foco na província do Rio de Janeiro. Por meio da análise de anúncios de jornais publicados entre 1821 e 1879, período marcado por intensas transformações no país, incluindo a consolidação da Independência, a crise do Império e a

¹ ASSIS, Machado. “Cousas Intimas”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 13 jul. 1884.

eclosão de conflitos como a Guerra do Paraguai, busca-se compreender as experiências, as práticas e as identidades dos enfermeiros e enfermeiras que atuavam na Corte Imperial. Quais eram suas origens sociais, seus níveis de instrução, suas funções e seus espaços de atuação? Como se apresentavam e se autodenominavam nos anúncios? Que tipo de serviços ofereciam e quais as demandas da sociedade por seus cuidados? Para elucidar essas questões, análise concentra-se em dois periódicos de grande circulação na Corte: o *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio de Janeiro*, disponibilizados pela Hemeroteca Digital. Utilizando as palavras-chave "enfermeiro" e "enfermeira", foram identificados 1979 anúncios, sendo 1546 para "enfermeiro" e 139 para "enfermeira" no *Jornal do Commercio*, e 251 para "enfermeiro" e 43 para "enfermeira" no *Diario do Rio de Janeiro*.

Ao privilegiar os anúncios de jornais como fonte principal, a pesquisa busca lançar luz sobre as práticas e os discursos que construíam a identidade da enfermagem oitocentista. Esses anúncios, além de revelarem as demandas e as expectativas da sociedade em relação aos enfermeiros, oferecem um vislumbre do cotidiano desses trabalhadores², de suas estratégias de autopromoção e de suas formas de negociação no mercado de trabalho. A análise dos anúncios permitirá compreender a diversidade de perfis e experiências entre os enfermeiros, identificando as categorias que se destacavam, os serviços mais ofertados e as transformações ocorridas ao longo do período. No âmbito da saúde, o Rio de Janeiro oitocentista vivenciou epidemias de doenças como febre amarela, cólera e varíola, que evidenciaram as fragilidades da assistência à saúde e a necessidade de profissionais dedicados ao cuidado da população. A enfermagem, nesse contexto, emergiu como uma prática fundamental, ainda que estivesse à margem do reconhecimento profissional e científico.

É justamente nesse cenário de transformações e desafios que a enfermagem oitocentista se insere, tornando-se parte de um tema de crescente interesse para a historiografia. O âmbito científico e a sua profissionalização têm chamado a atenção nos estudos historiográficos desde o século XX. Decorre, no entanto, que o olhar esteve voltado, na maioria dos casos, para os médicos e as instituições e, assim, algumas lacunas ainda estão por serem preenchidas. De acordo com Gilberto Hochman e Diego Armus, em *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*, trabalhos com enfoque na História da Saúde e das Doenças tem ganhado maior espaço na América Latina. Esses autores apontam para um crescente interesse em outros agentes e espaços de atuação, bem como para os doentes. Assim,

² Conforme Michel de Certeau, o cotidiano deve ser entendido como um campo de táticas e resistências sutis, onde sujeitos comuns, como os trabalhadores da saúde, reconfiguram normas e espaços a partir de suas práticas ordinárias. Ver: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. e. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

nessas novas frentes de pesquisa passou-se a buscar por uma espécie de história sociocultural, que colocasse em xeque a perspectiva de que a história da saúde se resumia a dos médicos, vista, na maioria das vezes, como feita apenas de progressos³.

Com o aumento do interesse por uma história social da saúde, novas pesquisas se dedicaram a investigar a atuação de profissionais que, embora não fossem médicos, se dedicavam à cura. Esses "agentes de saúde não convencionais", como curandeiros, boticários, farmacêuticos e parteiras, passaram a ser estudados em suas relações com a sociedade e com a medicina oficial. Tânia Salgado Pimenta, por exemplo, analisou a atuação desses trabalhadores entre 1808 e 1828 a partir de documentos da Fisicatura-mor, órgão responsável por regulamentar a prática médica na época. Sua pesquisa revelou como esses indivíduos exerciam seus ofícios, as disputas que travavam com os médicos e a preferência de parte da população por seus serviços. Além disso, Pimenta destacou a competição entre diferentes categorias de curadores, como barbeiros, sangradores e curandeiros, que disputavam o mesmo espaço de trabalho⁴.

Seguindo essa linha de investigação sobre a diversidade de práticas de cura no Rio de Janeiro oitocentista, Gabriela Sampaio mergulha nas páginas de jornais como a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Commercio*, o *Diario de Notícias* e *O Paiz* para investigar as diferentes práticas de cura no Rio de Janeiro do século XIX. A partir da análise desses periódicos, a historiadora examina as disputas entre médicos e curandeiros, revelando as tensões e os debates em torno da medicina acadêmica e das práticas populares de cura. Sampaio demonstra que, ao contrário do que se pensava, a busca por curandeiros não se restringia às camadas populares com pouco acesso à informação. Na verdade, pessoas de diferentes classes sociais recorriam tanto aos curandeiros quanto aos médicos, evidenciando a coexistência e a competição entre diferentes formas de cura. A pesquisa de Sampaio oferece uma nova perspectiva sobre a história da saúde, ao analisar as relações entre médicos e curandeiros a partir dos debates e controvérsias presentes na imprensa oitocentista⁵.

Aprofundando a análise sobre o universo dos agentes de saúde do século XIX, Maria Lúcia de Barros Mott de Melo Souza e Giselle Machado Barbosa voltaram suas atenções para as parteiras, profissionais que desempenhavam um papel fundamental na saúde da mulher e no

³ ARMUS, Diego; HOCHMAN Gilberto. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004.

⁴ PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). *História, ciências, saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, pp. 349-373, 1998.

⁵ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.

nascimento de novas vidas. Souza, em um trabalho pioneiro, explorou documentos de arquivos como o Arquivo Nacional para traçar o perfil e o cotidiano dessas mulheres, com destaque para figuras importantes como Maria Durocher⁶. Por sua vez, Barbosa se concentrou na análise de jornais como o *Diario do Rio de Janeiro*, o *Almanak Laemmert* e o *Correio Mercantil*, revelando as relações complexas entre as parteiras, marcadas tanto por competição como por cooperação⁷. Ambas as pesquisadoras lançaram luz sobre as tentativas de controle e regulamentação que cercavam a profissão, inserida em um cotidiano repleto de desafios e tensões.

Todavia, ainda com o crescente interesse pela história dos trabalhadores da saúde no Brasil, a enfermagem do século XIX permanece como um campo pouco explorado pela historiografia. Diferentemente de outras profissões da saúde, como barbeiros e parteiras, os ditos “enfermeiros” da época não possuíam uma formação regulamentada ou uma legislação específica que definisse suas funções. Essa ausência de formalização torna ainda mais desafiador o estudo desses profissionais, cujas práticas se baseavam em conhecimentos práticos e experiências empíricas. Além disso, a própria definição do que constituía um “enfermeiro” no período oitocentista é complexa, uma vez que o ato de cuidar, intrinsecamente ligado à enfermagem, se manifestava em diversas esferas da vida social, desde o ambiente doméstico até os hospitalares. Apesar dessas dificuldades, alguns estudos têm buscado traçar a trajetória da enfermagem no Brasil, propondo marcos cronológicos e categorias de análise para compreender a evolução dessa profissão.

Amina Regina Silva, em sua obra sobre a identidade profissional da enfermagem brasileira, traça um panorama histórico da profissão, desde a Idade Média até a contemporaneidade. Segundo Silva, essa trajetória pode ser dividida em três fases: a primitiva, marcada pelo cuidado familiar e beneficente; a religiosa-militar, com a atuação em hospitalares religiosos e em guerras; e a moderna, que se inicia no século XIX com figuras como Florence Nightingale e Ana Justina Neri e avança rumo à profissionalização⁸. No entanto, é importante

⁶ SOUZA, Maria L. de Barros Mott de Melo. *Parto, parteiras e parturientes: Mme. Durocher e sua época*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, p. 331, 1998.

⁷ BARBOSA, Giselle Machado. *As madames do parto: parteiras através dos periódicos no Rio de Janeiro (1822-1889)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, p. 161, 2016.

⁸ A construção desse panorama foi feita a partir de consulta em bibliografia sobre a temática. É interessante notar que a autora nos traz a informação de que a profissionalização, ao redor do mundo, se inicia com a escola de enfermagem fundada por Nightingale, em 1860, no entanto, no Brasil, essa iniciativa só será tomada em 1890, mas se concretizando apenas na década de 1920. VER: SILVA, Amina Regina. *A mídia impressa e a (re/des)construção da identidade profissional da enfermagem brasileira*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Centro de ciências da saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 208, 2017.

ressaltar que essas fases não se sucedem de forma linear, mas coexistem no contexto do Brasil oitocentista, criando um cenário complexo e heterogêneo que ainda demanda maiores investigações. A profissionalização da enfermagem no Brasil se inicia de forma mais concreta apenas no final do século XIX, com a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras em 1890⁹. Antes disso, ela se caracterizava por práticas informais, exercidas por irmãs de caridade, familiares e outras pessoas que se dedicavam ao cuidado dos enfermos. Embora a historiografia tenha se voltado principalmente para o período pós-profissionalização, pesquisas como a de Virgínia Mascarenhas Teixeira buscam compreender a fase "pré-profissional" da enfermagem. A autora se dedicou a compreender os anos entre 1897 e 1933 no Brasil, destacando cinco áreas para as quais se tem dado atenção nos estudos sobre o tema: o estudo de indivíduos que marcaram de alguma forma a profissão; a instituição da Cruz Vermelha; as relações de gênero e a enfermagem; e, por fim, os hospitais e as inovações na profissão¹⁰.

No Brasil a historiografia da enfermagem sobre as questões de gênero tem marcado presença, investigando a construção da feminização da profissão e os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres nesse campo. Sandra Maria Leal e Marta Júlia Lopes, por exemplo, demonstram como a enfermagem foi historicamente associada a características como cuidado, delicadeza e submissão, reforçando a ideia de que seria uma atividade "naturalmente" feminina¹¹. Denise Gastaldo e Dagmar Meyer corroboram com essa perspectiva ao analisar as expectativas sociais em relação às enfermeiras, vistas como uma extensão do papel doméstico da mulher, priorizando a moralidade em detrimento do conhecimento técnico¹². No entanto, pesquisas como a de Maria Lucia Mott desafiam essa visão tradicional ao revelar a participação de homens na enfermagem durante o século XIX. Mott demonstra que a associação da enfermagem com o gênero feminino se intensificou somente no final do século, abrindo espaço

⁹ O decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890, criava uma escola profissional de enfermeiros e enfermeiras dentro do hospício nacional, de forma que suprisse a necessidade de profissionais quando da necessidade de tornar esse ofício leigo e não mais religioso naquele local. VER: BRASIL. *Decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890. Cria no Hospício Nacional de Alienados uma escola profissional de enfermeiros e enfermeiras*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-791-27-setembro-1890-503459-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 9 nov. 2024.

¹⁰ TEIXEIRA, Virgínia Mascarenhas Nascimento. '*De práticos a enfermeiros: os caminhos da enfermagem em Belo Horizonte - 1897-1933*'. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 222, 2012.

¹¹ LEAL, Sandra Maria Cezar; LOPES, Marta Júlia Marques. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 24, pp. 105-125, jan.-jun. 2005.

¹² As autoras indicam ainda que a supervalorização da conduta seria uma forma de tentar ocultar quem eram as enfermeiras em anos mais longínquos: bêbadas, prostitutas, prisioneiras. VER: GASTALDO, Denise Maria; MEYER, Dagmar Estermann. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 42, n. 1, 2, 3 e 4, pp. 7-13, jan.-dez. 1989.

para uma discussão mais complexa sobre a construção da identidade profissional da enfermagem¹³. Luiz Otávio Ferreira, por sua vez, analisa o perfil das enfermeiras no Rio de Janeiro a partir de anúncios de jornais entre 1880 e 1910, revelando a diversidade de cores, nacionalidades e experiências dessas mulheres, além da confusão entre o trabalho de enfermeira e o de doméstica¹⁴. É importante destacar que tanto Mott quanto Ferreira, apesar de reconhecerem a atuação de homens e mulheres na enfermagem, concentram suas análises no final do século XIX, deixando em aberto a investigação sobre as décadas anteriores. Amorim, Araújo, Moreira e Porto também se debruçaram sobre os anúncios de enfermeiros e enfermeiras no *Jornal do Commercio*, buscando traçar um perfil desses profissionais a partir de suas experiências no mercado de trabalho. No entanto, esses autores restringiram sua análise a um curto período (1889-1890), marcado pela transição para o regime republicano. Ao justificarem esse recorte temporal pelas mudanças políticas e sociais que impactaram o campo da saúde, acabaram deixando de lado as décadas anteriores, o que limita a compreensão da trajetória da enfermagem ao longo de grande parte do século XIX¹⁵.

Embora essas pesquisas tragam contribuições importantes para a compreensão da enfermagem oitocentista, a concentração em períodos específicos limita a possibilidade de se observar as transformações e as continuidades nas experiências e identidades desses profissionais ao longo do século. Diante disso, é interessante notar que os estudos brasileiros sobre a história da enfermagem no país têm dado passos importantes, mas ainda tímidos com relação ao período anterior ao da profissionalização, isso é, antes do século XX, com exceção de trabalhos mais recortados regionalmente¹⁶. A enfermagem, enquanto prática profissional dedicada ao cuidado e à saúde, possui uma longa e complexa trajetória histórica, entrelaçada

¹³ As autoras indicam ainda que a supervvalorização da conduta seria uma forma de tentar ocultar quem eram as enfermeiras em anos mais longínquos: bêbadas, prostitutas, prisioneiras. VER: GASTALDO, Denise Maria; MEYER, Dagmar Estermann. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 42, n. 1, 2, 3 e 4, pp. 7-13, jan.-dez. 1989.

¹⁴ As autoras indicam ainda que a supervvalorização da conduta seria uma forma de tentar ocultar quem eram as enfermeiras em anos mais longínquos: bêbadas, prostitutas, prisioneiras. VER: GASTALDO, Denise Maria; MEYER, Dagmar Estermann. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 42, n. 1, 2, 3 e 4, pp. 7-13, jan.-dez. 1989.

¹⁵ AMORIM, Wellington; ARAUJO, Luciane de Almeida; MOREIRA, Almerinda; PORTO, Fernando. Anúncios para enfermeiros(as) no alvorecer da República (1889-1890). In: AMORIM, Wellington; PORTO, Fernando (Orgs.). *História da enfermagem: identidade, profissionalização e símbolos*. São Caetano do Sul: Yendis, pp. 21-53, 2010.

¹⁶ Elizabeth Jeanne Fernandes Santos investigou a história da enfermagem em Cuiabá, buscando compreender a construção dessa prática profissional e das instituições de saúde naquela região durante o século XIX. Para traçar um panorama mais completo, todavia, a autora ampliou seu recorte temporal, incluindo aspectos do século XVIII e XX e estabelecendo relações entre as práticas culturais locais e a emergente medicina acadêmica. VER: SANTOS, Elizabeth Jeanne Fernandes. *Experiências e saberes do enfermeiro em Cuiabá - Mato Grosso no século XIX*. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, p. 161, 2015.

com as transformações sociais, culturais e científicas do mundo. No Brasil, ela se desenvolveu em um contexto singular, marcado por particularidades como a escravidão, a desigualdade social e a lenta consolidação da medicina acadêmica.

O trabalho aqui desenvolvido busca suprir a lacuna historiográfica que existe ao analisar um conjunto amplo de anúncios de jornais, abrangendo todo o período oitocentista, com o objetivo de traçar um panorama mais completo da enfermagem no Rio de Janeiro antes de sua profissionalização. É crucial notar que ela se insere em um campo ainda pouco explorado pela historiografia: a análise da figura e atuação do enfermeiro ao longo do século XIX, entre 1821 e 1879. Cabe destacar que se excluiu, portanto, a década de 1880. Tal escolha se fundamenta em dois fatores principais. Em primeiro lugar, já existem pesquisas consolidadas que abordam a enfermagem no Rio de Janeiro a partir do final do século XIX, especialmente após a fundação da Escola Alfredo Pinto em 1890, marco da institucionalização da profissão no Brasil. Em segundo lugar, observou-se um crescimento significativo no número de anúncios de enfermagem publicados nos jornais a partir da década de 1880, o que implicaria a necessidade de um tratamento quantitativo e analítico mais aprofundado do que é viável dentro dos limites temporais e operacionais de um projeto de mestrado. Dessa forma, priorizou-se um intervalo mais manejável, que permitisse uma análise qualitativa rigorosa e coerente com os objetivos propostos.

Ao propor um recorte temporal extenso, que abrange quase todo o período oitocentista, busca-se identificar continuidades e rupturas na trajetória dessa profissão antes de sua profissionalização. Para além de reconhecer a existência de enfermeiros e enfermeiras no período, a pesquisa se propõe a compreender como esses profissionais se apresentavam e se autodenominavam nas páginas dos jornais, revelando como se viam ou desejavam ser vistos pela sociedade. Essa análise permitirá traçar um perfil mais apurado desses sujeitos e identificar as transformações em suas experiências e identidades ao longo do tempo. Além disso, a escolha pela imprensa se justifica pela escassez de pesquisas sobre a enfermagem oitocentista, especialmente no período proposto.

Como dito, embora haja um crescente interesse pela história da saúde e das doenças na América Latina, com estudos sobre diversos agentes e espaços de cuidado, a enfermagem permanece como um tema pouco explorado pela historiografia brasileira. Trabalhos como os de Mott, Ferreira e Amorim et al. tangenciam a temática, mas se concentram em recortes temporais mais tardios ou em aspectos específicos da enfermagem. Nesse contexto, os jornais se apresentam como uma fonte privilegiada para a investigação da enfermagem oitocentista, permitindo acessar as experiências e os discursos em torno dessa prática. A utilização de

anúncios de jornais tem se mostrado uma estratégia frutífera em pesquisas sobre a história da saúde, como demonstram os trabalhos de Pimenta, Sampaio e Barbosa, que analisaram o exercício de profissões como curandeiros, parteiras e boticários a partir dessa fonte. Essas documentações oferecem pistas valiosas sobre a atuação e as práticas dos enfermeiros, revelando normas, divisões de funções e formas de organização do trabalho que antecedem a formalização da profissão.

Todavia, convém esclarecer, que os anúncios aqui analisados não esgotam o universo de indivíduos que exerceram a enfermagem no Rio de Janeiro oitocentista. Enfermeiros e enfermeiras atuaram à margem da imprensa, seja por restrições de acesso aos meios de divulgação, seja por operarem em circuitos informais ou dentro de redes de sociabilidade que dispensavam o uso dos jornais. Assim, os dados apresentados ao longo desta dissertação dizem respeito ao número de anúncios, e não ao número absoluto de profissionais atuantes, uma vez que essa quantificação não é plenamente acessível por meio dos periódicos. Tal delimitação metodológica é fundamental para compreender os alcances e limites desta investigação, cujo foco é o modo como esses trabalhadores se apresentavam publicamente – ou eram apresentados – nas páginas da imprensa.

A pesquisa se estrutura em três capítulos, cada um com um recorte de análise específico, a fim de explorar as múltiplas dimensões da enfermagem no período. O primeiro capítulo, intitulado “À margem do cuidado: o perfil dos enfermeiros e enfermeiras no século XIX”, se dedica a analisar os anúncios de enfermeiros e enfermeiras publicados em dois periódicos de grande circulação na Corte: o *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio de Janeiro*. A análise dos anúncios evidencia a diversidade de funções exercidas e demandadas, muitas vezes transversais aos cuidados de saúde, como tarefas domésticas e administrativas. Foram construídos tabelas e gráficos na tentativa de mostrar as transformações no mercado de trabalho, o predomínio masculino e a resistência de práticas populares em um contexto de crescente medicalização. Além disso, o capítulo explora como o gênero e a condição social moldavam as oportunidades desses profissionais, bem como a forma como desejavam ser vistos. A partir da análise dessas publicações, busca-se traçar um perfil desses profissionais, considerando suas origens sociais, seus níveis de alfabetização e as funções que exerciam.

O segundo capítulo, “O mosaico da enfermagem oitocentista: experiências e identidades profissionais em diferentes espaços de cuidado”, aprofunda a análise dos espaços de atuação dos enfermeiros e enfermeiras, buscando mapear a diversidade de locais em que a enfermagem era praticada. Hospitais, casas de saúde, fazendas, lazaretos, navios, prisões e casas particulares emergem como lugares de cuidado, cada um com suas particularidades e desafios. A partir dessa

diversidade, pretende-se analisar como o espaço de atuação moldava as práticas e as identidades desses profissionais. Utilizando anúncios e outros documentos como os manuais de medicina e a literatura da época, o capítulo explora a precariedade do trabalho, além de discutir como o contexto rural influenciava as práticas desses profissionais. A investigação ressalta como cada ambiente moldava as experiências e identidades dos enfermeiros, evidenciando as peculiaridades e desafios enfrentados em cada local.

O terceiro capítulo, denominado “Rastros do cuidado: mapeando os anúncios de enfermeiros e enfermeiras no século XIX”, se propõe a realizar uma análise integrada das dimensões geográficas e políticas que moldaram a prática da enfermagem. Em um primeiro momento, concentra-se na investigação dos anúncios visando a construção de um mapeamento, para localizar onde os serviços de enfermeiros e enfermeiras eram ofertados, posteriormente, segue-se para a demanda por seus trabalhos, na intenção de entender o perfil de seus contratantes. Para isso, o capítulo investiga a distribuição espacial das publicações que possuem os termos “enfermeiro” e “enfermeira”, buscando identificar as zonas da cidade pelas quais esses trabalhadores circulavam. Essa estruturação revela como fatores como a classe social, a presença de epidemias e o acesso a serviços de saúde influenciavam a contratação de enfermeiros e enfermeiras. Além disso, o capítulo contribui para uma compreensão mais ampla das relações entre território, moradia, trabalho e saúde no século XIX.

O estudo procura traçar um panorama da enfermagem no Brasil oitocentista, evidenciando as tensões, as contradições e os desafios enfrentados pelos enfermeiros e enfermeiras no processo de construção de sua identidade profissional. Acredita-se que a presente pesquisa contribuirá para o aprofundamento do conhecimento sobre a história da enfermagem no Brasil, lançando luz sobre um período pouco explorado pela historiografia. Ao analisar as experiências, as práticas e as identidades dos enfermeiros e enfermeiras no Rio de Janeiro oitocentista, espera-se evidenciar a importância da enfermagem na história da saúde pública brasileira, bem como destacar os desafios enfrentados por esses profissionais na busca por reconhecimento e legitimação. Ao reunir, classificar e interpretar um amplo corpus documental referente aos anos de 1821 a 1879, o trabalho pretende oferecer um panorama inédito da constituição social, espacial e simbólica da enfermagem em um contexto anterior à sua institucionalização.

A pesquisa propõe novas interpretações sobre a inserção desses profissionais nos circuitos urbanos, revelando não apenas as formas como se anunciavam, mas também os territórios nos quais circulavam, os perfis sociais envolvidos e as desigualdades estruturais que atravessavam sua atuação. Além disso, ao destacar a informalidade, a diversidade de vínculos

laborais e a presença de sujeitos subalternizados – como mulheres, escravizados e libertos – nesse campo, a dissertação contribui para ampliar as compreensões sobre o mercado de trabalho urbano no século XIX e sobre os múltiplos sentidos da prática do cuidado no Brasil imperial. Desse modo, o trabalho não apenas supre uma lacuna historiográfica, como também oferece subsídios para o aprofundamento de investigações futuras sobre a formação das profissões da saúde, os circuitos informais de trabalho e a historicidade das práticas de cuidado.

1 À margem do cuidado: o perfil dos enfermeiros e enfermeiras no século XIX

“Precisa-se, para uma fazenda de plantação de café em Serra acima, de um cirurgião ou de um enfermeiro qualquer, de meia idade, e sendo casado, melhor; para informações dirijam-se à rua de Bragança n. 14”.¹

Anúncios como o visto acima, publicado no dia 26 de junho de 1844, no *Jornal do Commercio*, eram comuns no cotidiano carioca. Isso se dava pois, naquele momento, os jornais se destacavam como importantes veículos de informação e debate, fosse para aqueles que assinavam as edições ou para os diversos sujeitos analfabetos que obtinham as informações através da oralidade. Em um momento em que desempenhava um importante papel na sociedade, a imprensa se consolidava como uma fonte primária de notícias, cultura, política e economia. Importante lembrar que os jornais eram frequentemente utilizados por diferentes grupos sociais a fim de promover ideias, debater interesses, realizar denúncias, vendas e compras de diferentes gêneros. Por ter se tornado espaço fundamental da sociabilidade oitocentista, os periódicos revelam tensões e debates da época em que foram publicados. De acordo com Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto, a imprensa se caracteriza como um local de múltiplos interesses e, desse modo, “em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos”². Assim, por essas e outras razões é que os jornais se tornaram uma fonte cara aos historiadores, que frequentemente tentam encontrar fragmentos do passado, permitindo que se compreenda dinâmicas de poder e transformações sociais³.

Entre os muitos conteúdos que circularam pelas páginas da imprensa oitocentista estão os anúncios, que marcaram presença por todo o século XIX, e se transformaram em fonte de

¹ Foram realizadas atualizações ortográficas em todas as documentações de época, a fim de facilitar a leitura. JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 166, p. 4, 26 jun. 1844.

² CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, pp. 253-270, dez. 2007. A partir dessas ideias, pesquisas tem tentado entender, por meio dos jornais, como sujeitos existiam e se movimentavam na sociedade oitocentista. Para acessar alguns deles VER: OLIVEIRA, Zaqueu Vieira; CORRÊA, Victoria Maria Lopes. A emancipação da mulher e a presença das ciências e da matemática no periódico *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino. Estudos Avançados*, v. 38, n. 110, pp. 247-264, 2024; TELLES, Lorena Féres da Silva; PIMENTA, Tânia Salgado. Mulheres negras, parteiras e parturientes (Rio de Janeiro, 1810-1850). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 32, n. 1, pp. 1-14, 2024;

³ É importante observar que os estudos vêm utilizando a imprensa de duas formas distantes. Por um lado, há aqueles que usar a imprensa como fonte de estudo, o que implica usar os jornais como evidências para analisar eventos históricos ou contextos sociais. Por outro lado, existem os que fazem da imprensa o seu objeto de estudo, isso é, os pesquisadores focam na análise dos próprios jornais e suas dinâmicas internas, como a sua produção, práticas editoriais e a circulação de informações. Busca-se, portanto, entendê-los como fenômenos históricos e institucionais.

renda importante para os jornais⁴. Essas publicações continham a divulgação de diversos artigos e serviços, como medicamentos, vestimentas, maquinários e livros, bem como a oferta e demanda por mão de obra livre ou escravizada. Assim, coisas e pessoas se tornavam mercadoria quando dessa forma eram colocadas nas páginas dos jornais. A partir disso, a imprensa possui grande potencial para a investigação do período oitocentista, que tem sido aproveitado por pesquisadores. A historiadora Heloisa Souza Ferreira, por exemplo, faz uma análise de anúncios de escravizados que eram publicados em jornais do Espírito Santo, a sua intenção é entender como essas publicações construíam uma identidade desses sujeitos. Através das linhas anunciadas, senhores apontavam as expectativas quanto as qualidades e os defeitos dos cativos e, dessa forma, moldavam a percepção pública sobre eles. Segundo a autora, essas publicações são fontes valiosas para entender as relações sociais e de poder da época⁵.

Muito além de simples transações comerciais, esses anúncios revelam aspectos fundamentais das relações de trabalho, das práticas de consumo e da construção de identidades sociais. O constante surgimento de qualidades nesse tipo de publicação, que apareciam em forma de apontamentos sobre a idade, a cor, a nacionalidade, o nível de qualificação ou de alfabetização⁶, torna essas fontes valiosas para a interpretação crítica do cotidiano dos sujeitos.

⁴ Com o decorrer das décadas, esses impressos passam a depender cada vez mais da publicidade, jornais como o *Jornal do Commercio* anunciam produtos e serviços como forma de financiar o seu empreendimento. Dessa forma, essas publicações muitas vezes ocupavam mais da metade do número de página dessa imprensa periódica. A título de exemplo, na década de 1850, o *Jornal do Commercio* iniciava seus anúncios já na segunda página de seu periódico, sendo que esse possuía geralmente 4 páginas. Essa frequente presença, somada a variedade de anunciantes e anunciados, contribuiu para que essas fontes chamassem atenção para temas que vão desde a questões relativas à escravidão, passando pela imigração até as experiências de profissionais no século XIX. Para obter mais informações sobre esses estudos VER: FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. ed. 2, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979; NICOLAU, Giselle Pereira. *Hasteando a bandeira tricolor em outros cantos: a imigração francesa no Rio de Janeiro (1850-1914)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Fluminense, Niterói, p. 294, 2018; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; SILVA, Thamiris Lacerda. *Dona Durocher também partejava ideias: a atuação da parteira na vida pública do país no século XIX (1871-1885)*. Monografia (Bacharelado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 90, 2023; TELLES, Lorena Feres da Silva. *Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas: maternidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XIX)*. Tese (Doutorado em História) - 90 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, p. 345, 2018; VASCONCELOS, Angélica et al. Requisitos exigidos pelo mercado aos praticantes da contabilidade na segunda metade do século XIX. *Revista Contabilidade & Finanças*, São Paulo, v. 32, n. 85, pp. 65-79, jan.-abr. 2021.

⁵ FERREIRA, Heloisa Souza. *Ardis da sedução e estratégias de liberdade: escravos e senhores nos anúncios de jornais do Espírito Santo (1849-1888)*. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, p. 275, 2012.

⁶ A pesquisa de Santierre Luis Krewer Sott busca analisar os anúncios de venda e fuga de escravizados no jornal *A Imprensa de Cuyaba*. Através de seu estudo, o autor busca contextualizar a função da mídia, através das características dessas publicações, na construção de narrativas histórias. Ao investigar as linhas anunciadas, o autor percebe nos anúncios mais do que um instrumento comercial, mas também um documento histórico que oferece apontamentos sobre as condições sociais, físicas e psicológicas dos cativos. VER: SOTT, Santierre Luis Krewer. *A escravidão em anúncios do jornal "A imprensa de Cuayaba" (1859-1865)*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, p. 109, 2018

Nota-se, ao percorrer as linhas dos periódicos, que não é diferente com os profissionais das artes de curar. É possível, através de anúncios, identificar as complexidades das interações envolvidas em dia a dia. É importante salientar, no entanto, que havia variações visíveis entre os trabalhadores legislados – que possuíam uma profissionalização oficial – daqueles que obtiveram o conhecimento e exerciam o ofício pela prática. Para além disso, durante o século XIX, a saúde passava por um processo crescente de medicalização, no qual práticas e saberes médicos começaram a expandir sua influência sobre diferentes aspectos da vida cotidiana. Nesse contexto, havia uma parcela da população que julgava esse movimento com maus olhos, uma vez que enxergavam esses doutores com desconfiança⁷. Diante disso, existia uma concorrência por um espaço na arte e no ofício de curar, que era possível ser percebida através das publicações nas páginas dos jornais.

Quando as instituições de ensino da medicina acadêmica são trazidas para o Brasil, no século XIX, tudo aquilo que fugia de seu perímetro era considerado “popular”. Surgia então uma guerra, que era repercutida na imprensa, contra o chamado charlatanismo, que usava de xaropes, ervas e pomadas na tentativa de tratar moléstias⁸. Márcio de Sousa Soares afirma que essa medicina tradicional desfrutava de maior prestígio entre a população desde os tempos coloniais⁹. Dessa forma, encontravam-se diariamente nas páginas dos jornais anúncios não apenas de médicos, como também de parteiras, farmacêuticos, boticários, sangradores, dentistas e enfermeiros que disputavam a clientela. Não obstante, ainda que na teoria as suas atividades fossem delimitadas, ao se disponibilizarem, esses profissionais frequentemente ultrapassavam os limites esperados de suas funções.

Oferece-se para administrador de alguma fazenda, uma pessoa que entende de todas as plantações do país, e criações de aves e animais. É bom enfermeiro, também sabe curar algumas moléstias, tanto de escravos como de animais; sabe ler, escrever e contar alguma coisa, e dará conhecimento de sua conduta. Quem da mesma precisar dirija-se à rua do Sr. dos Passos n. 142.¹⁰

Anúncios como esse, publicado no dia 16 de julho de 1835, no *Jornal do Commercio*, eram vistos quase como um padrão na primeira metade do século XIX. No caso exposto, a primeira função seria a de administrador, mas ele poderia atuar como enfermeiro e, além de cuidar do enfermo, também se dispunha a curar, função que, hipoteticamente, caberia ao médico. Apesar de ocorrer um aumento no número de publicações que se ofereciam ou

⁷ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas Trincheiras da Cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 199, 1995.

⁸ Ibidem, pp. 50-51.

⁹ SOARES, Márcio de Sousa. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 8, n. 2, pp. 407-38, jul.-ago. 2001.

¹⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 153, p. 4, 16 jul. 1835.

buscavam apenas por enfermeiros a partir da década de 1850, esse movimento de se dispor a outras atividades não se extinguiu por completo. Era comum, portanto, encontrar publicações de parteiras que ofereciam consultas clínicas¹¹, bem como farmacêuticos atuando como enfermeiros, ou mesmo enfermeiros comunicando suas habilidades para curar na ausência de um médico, ainda que a legislação não permitisse¹². O cenário apontado até aqui, nos indica que a atuação para com as doenças, durante o império, não era feita de maneira descomplicada, mas sim atravessada por tensões e desigualdades. Assim, tem sido comum a utilização da imprensa para entender o cotidiano de trabalhadores das mais diversas áreas.

Contudo, enquanto há uma bibliografia consolidada que utiliza anúncios de jornais para discutir o cotidiano e as condições de vida de médicos, barbeiros, sangradores e parteiras, no caso dos enfermeiros e enfermeiras que atuaram no século XIX, ainda persiste uma lacuna historiográfica. As pesquisas desenvolvidas até o momento costumam se concentrar no processo de profissionalização da enfermagem, iniciado em 1890, ou no período em que a profissão já estava oficializada, a partir de 1923. Esse foco acaba por negligenciar a atuação desses profissionais antes de sua regulamentação, deixando em aberto questões importantes sobre suas experiências e práticas no contexto anterior à institucionalização. É importante destacar que, diferentemente de barbeiros, sangradores e curandeiros – profissões que, embora também carecessem de uma formação oficial, ainda permitiam a obtenção de licenças para o exercício de suas atividades – os enfermeiros, no Brasil, não possuíam modos de obter uma certificação formal que legitimasse suas práticas¹³. A primeira forma de capacitação desses sujeitos se deu apenas em 1890, com a Escola Profissional para Enfermeiros e Enfermeiras, criada no Hospital de Alienados¹⁴. Ademais, o primeiro momento no qual os enfermeiros são citados em um decreto que visava a saúde do império foi em 1886, da instauração de um Conselho Superior de Saúde Pública¹⁵. Sendo assim, sem essa licença ou reconhecimento

¹¹ Essa informação foi apontada por mim, ao realizar um estudo sobre as parteiras em minha graduação. VER: Thamiris Lacerda. *Dona Durocher também partejava ideias: a atuação da parteira na vida pública do país no século XIX (1871-1885)*. Monografia (Bacharelado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 90, 2023.

¹² PIMENTA, Tânia Salgado. Entre sangradores e doutores: práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 23, n. 59, pp. 91-102, abr. 2003.

¹³ Tânia Salgado Pimenta aponta que durante o período em que a Fisicatura-Mor esteve ativa, entre 1808 e 1828, qualquer indivíduo poderia solicitar exame para obter a licença para exercer as artes da cura, tendo como categorias: parteiras, sangradores e curandeiros, o que não impedia que realizassem atividades para além daquela que obtinham permissão, apesar da fiscalização. VER: *Ibidem*, pp. 91-102.

¹⁴ BRASIL, Decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890. *Cria no Hôspicio Nacional de Alienados uma escola profissional de enfermeiros e enfermeiras*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-791-27-setembro-1890-503459-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 01 jul. 2024.

¹⁵ BRASIL, Decreto N. 9554, de 3 de fevereiro de 1886. Reorganiza o serviço sanitário do império. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9554-3-fevereiro-1886-543197-publicacaooriginal-53270-pe.html>. Acesso em: 01 jul. 2024.

formal pelo Estado imperial, em que espaços atuavam esses profissionais da enfermagem no século XIX? Foram eles, de alguma forma desqualificados ou desconsiderados no âmbito da saúde?

A partir dessas constatações, coloca-se a necessidade de entender as experiências dos trabalhadores da enfermagem na província do Rio de Janeiro, durante o século XIX. Assim, partindo sobretudo de seus anúncios em dois periódicos de grande circulação, tais como o *Diario do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio*, que hoje estão disponíveis na Hemeroteca Digital, e tendo como recorte os anos de 1821 a 1879, pretende-se acompanhar o cotidiano daqueles que se colocaram como enfermeiros e enfermeiras no período. Essa tarefa se deu a partir da procura pelas palavras-chave “enfermeiro” e “enfermeira”, através da ferramenta de busca existente na hemeroteca. Ao todo, foram encontradas 4.267 ocorrências, dessas, 1.979 eram anúncios de oferta ou procura por sujeitos que possuíam a enfermagem como o seu ofício. Importa reiterar que, embora a análise dos jornais revele padrões e perfis de atuação, nem todos os enfermeiros e enfermeiras lançaram mão desse meio para oferecer seus serviços. Muitos permaneceram invisibilizados nos registros escritos, seja pela informalidade de suas práticas, pela condição de escravizados, ou por inserirem-se em redes privadas de contratação. Dessa forma, os dados aqui apresentados dizem respeito ao número de anúncios e não ao número exato de profissionais, o que torna esta pesquisa uma amostragem necessariamente parcial da realidade da enfermagem no período estudado. Com isso em mente, busca-se discutir a forma na qual seus enunciados eram escritos, na tentativa de localizar alterações e continuidades no decorrer do período oitocentista. Cabe destacar que foram explorados outros tipos de publicações, como notícias e relatórios, que envolviam esses profissionais no intuito de cruzar informações para uma maior elucidação do cotidiano em que viviam.

Decorre que, a partir das fontes analisadas, percebeu-se uma variedade nas funções ofertadas e demandadas a esses sujeitos que se colocavam como enfermeiros e enfermeiras na Corte. A proposta do capítulo é entender, a partir desses muitos anúncios, de que classes sociais tinham origem os homens e mulheres que se incumbiram da tarefa de enfermeiro. Parte-se aqui do pressuposto que essa origem social interferia diretamente nas oportunidades que possuíam como profissionais e nos espaços que acabavam ocupando. Aqui, os anúncios serão utilizados com o objetivo de traçar o perfil dos enfermeiros e enfermeiras na cidade do Rio de Janeiro, explorando questões centrais como as funções que desempenhavam, os locais de atuação, e as diferenças no exercício dessa profissão. O estudo dessas publicações permitirá responder a perguntas importantes sobre o perfil socioeconômico desses profissionais. Quais habilidades eram exigidas para a prática da enfermagem? Como o gênero e a condição social influenciavam

essa atividade? De que modo queriam ser vistos? Em quais locais estavam inseridos no cotidiano oitocentista? Além disso, havia diferença entre trabalhadores livres e escravizados? Assim, os anúncios se tornam não apenas um registro de época, mas uma fonte crítica para entender as dinâmicas de poder e exclusão que atravessavam a prática da enfermagem no século XIX.

1.1 Cuidado e sobrevivência: a versatilidade nos serviços dos enfermeiros no século XIX

Ainda que o número de estudos sobre os enfermeiros e enfermeiras no século XIX seja pequeno, eles abriram importantes caminhos para se pensar nas experiências desses profissionais durante esse período. Ao analisarem 139 anúncios do *Jornal do Commercio*, publicados entre os anos de 1889 e 1890, William Amorim, Luciane Araújo, Almerinda Moreira e Fernando Porto buscaram entender as experiências desses trabalhadores em um momento no qual o Brasil passava por diversas mudanças. Pontos importantes de sua pesquisa são os apontamentos de que os anúncios de enfermeiros eram maiores do que os de enfermeiras e, também, o frequente uso da palavra “habilitado” nessas publicações. Segundo os autores, esse termo se voltava a um conhecimento predominantemente cultural, místico e religioso, uma vez que, até o final do período imperial, não existia no Brasil uma instituição de ensino dedicada à formação desses trabalhadores¹⁶. Embora a pesquisa deles se concentre apenas no final do período oitocentista, é fundamental notar que as características identificadas se manifestaram ao longo de todo esse período, conforme minha análise. Diante disso, pensa-se na possibilidade de que o uso do termo ao longo dos anos pode indicar uma necessidade de formalizar e padronizar habilidades em um contexto de crescente demanda por serviços de saúde, sinalizando o processo de profissionalização que viria posteriormente.

É interessante notar que, uma profissão que atualmente é tida como feminina em sua essência¹⁷, foi por muitos anos ocupada majoritariamente por homens. O número de anúncios

¹⁶ AMORIM, Wellington; ARAUJO, Luciane de Almeida; MOREIRA, Almerinda; PORTO, Fernando. Anúncios para enfermeiros(as) no alvorecer da República (1889-1890). In: AMORIM, Wellington; PORTO, Fernando (Orgs.). *História da enfermagem: identidade, profissionalização e símbolos*. São Caetano do Sul: Yendis, pp. 21-53, 2010.

¹⁷ Alguns estudos indicam que essa característica ganhou maior destaque nos anos finais do século XIX. Segundo Maria Lúcia Mott, ao acessar um relatório do médico Caetano de Campos, atuante na Santa Casa da Misericórdia de São Paulo, foi a partir da chegada das irmãs de caridade na instituição, em 1872, que o ambiente passou por melhorias em seu estado que antes era desastroso. Essa mudança pode ter influenciado na visão que se passou a ter sobre um maior zelo quando o cuidado era originado pelas mãos de mulheres. Em complemento, o estudo de Tiago Braga do Espírito Santo, Taka Oguisso e Rosa Maria da Fonseca aponta que, com a criação da Escola Profissional de Enfermeiro e Enfermeiras, no Hospício Nacional de Alienados, em 1890, a imprensa passou a insinuar que a formação, bem como o ofício, seria ideal para mulheres devido a sua delicadeza inata. Para além disso, percebe-se que a atuação dessas mulheres passa a chamar a atenção em meados do século XIX, a partir do

de enfermeiros encontrados nas páginas do *Jornal do Commercio* e no *Diario do Rio de Janeiro*, foi 1546 e 139, respectivamente, resultado da pesquisa realizada através da palavras-chave “enfermeiro”. Em contrapartida, a quantidade de publicações encontradas utilizando o termo “enfermeira” nos mesmos periódicos chegou ao total de 251 e 43. É relevante observar que havia mais mulheres se anunciando para atuar na parturição do que homens. Por que, então, o caso das enfermeiras se difere? O que esses dados poderiam indicar? Seria, talvez, plausível imaginar que as anunciantes davam maior preferência por se anunciar de outras formas, como por exemplo, domésticas? Essa hipótese pode ser sustentada pelo estudo de Luiz Otávio Ferreira, que analisou o perfil das enfermeiras no Rio de Janeiro através de anúncios do *Jornal do Commercio*, entre 1880 e 1890. Ao investigar os anúncios, o pesquisador aponta que muitas vezes o trabalho dessas mulheres era confundido com o de domésticas, uma vez que frequentemente eram buscadas como criadas de servir¹⁸.

Todavia, a questão do gênero será discutida no próximo tópico. Neste momento, é crucial focar em discussões que não foram exploradas até então, especialmente sobre os serviços oferecidos e o que isso revelaria sobre os enfermeiros, do gênero masculino, do século XIX. É importante sinalizar que o período oitocentista se trata de um momento de mudanças constantes e, portanto, optou-se por separar os dados obtidos por décadas, no intuito de captar as possíveis alterações e o seu contexto. Aqui, eles serão demonstrados em tabelas juntamente com seu valor total para melhor se agruparem. É válido ressaltar também que o número de anúncios no *Jornal do Commercio* cresceu entre os anos de 1821 e 1879, enquanto no *Diario do Rio de Janeiro* diminuiu no decorrer do mesmo período. Tal informação sugere, talvez, uma

envolvimento de figuras, hoje importantes, no tratamento de enfermos. Na Inglaterra há o caso de Florence Nightingale, que criou uma escola para Enfermeiras em 1860, sistematizando o exercício da enfermagem e levando o seu modelo para fora do país. No Brasil, por outro lado, a participação de Anna Nery na Guerra do Paraguai cria uma aura de heroísmo que pode ter influenciado na maior aceitação dessas profissionais. A construção dessa narrativa, iniciada ainda no período oitocentista, reverbera ainda hoje, uma vez que há uma maior porcentagem de mulheres exercendo a profissão. VER: ESPÍRITO SANTO, Tiago Braga do.; OGUISSO, Taka.; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, v. 19, n. 5, set.-out. 2011; GASTALDO, Denise Maria; MEYER, Dagmar Estermann. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 42, n. 1, 2, 3 e 4, pp. 7-13, jan.-dez. 1989; GRISARD, Nelson; VIEIRA, Edith Tolentino de Souza. Ana Néri, madrinha da enfermagem no Brasil. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 78, v. 2, pp. 145-147, 2008; LEAL, Sandra Maria Cezar; LOPES, Marta Júlia Marques. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 24, pp. 105-125, jan.jun. 2005; MOTT, Maria Lúcia. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). *Cadernos pagu*, Campinas, v. 13, pp. 327-355, 1999.

¹⁸ Cabe ressaltar que nesse mesmo estudo, o pesquisador aponta para uma visão que desqualificava as mulheres que se diziam enfermeiras. Segundo ele, o médico Getúlio dos Santos chegou a dizer que essas eram senhoras de idade avançada, sem conhecimento científico e que, muitas vezes, eram recrutadas entre antigas serventes ou enfermas nos hospitais. VER: FERREIRA, Luiz Otávio. As guardiãs da saúde: representações e características socioculturais de enfermeiras domésticas do Rio de Janeiro, 1880-1910. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 12, pp. 1-17, 2020.

possível preferência de enfermeiros e enfermeiras por um periódico de maior circulação, em busca de mais oportunidades de emprego.

A primeira pergunta que nos guia pelos anúncios de enfermeiros e enfermeiras é a de como esses profissionais queriam ser vistos nas páginas dos jornais. Isso nos leva diretamente à tentativa de entender o espaço social que esses sujeitos ocupavam na sociedade carioca, uma questão imprescindível para compreender a classe na qual esses trabalhadores estavam inseridos. Para tanto, foi necessário analisar a forma com que esses sujeitos se anunciam. Ao investigar essas publicações, percebeu-se que, frequentemente, os anunciantes se ofereciam para mais de uma ocupação e, em algumas ocasiões, a função de enfermeiro ficava em segundo plano, como apenas uma habilidade. Vejamos o caso do anúncio publicado no dia 12 de julho de 1864, no *Jornal do Commercio*, que dizia: “oferece-se uma pessoa para tomar conta de uma fazenda, ou mesmo para administrá-la, servindo de enfermeiro, com habilitações necessárias para suprir a falta de um médico, dando fiador de sua conduta; deixe carta neste escritório a J. A. para ser procurado.”¹⁹ J.A, como pede para ser mencionado o autor do anúncio, pretende tomar conta da fazenda de alguém e, para se destacar, afirma que pode servir de enfermeiro, bem como fazer as vezes de um médico, funções que podem ser atrativas para o proprietário, que poderia economizar nos gastos com a saúde de seus escravizados. Para além disso, o anunciante chega a equiparar a atividade da enfermagem com cargos importantes como o de administrador e o de médico. Dessa forma, o autor indiretamente qualifica o seu trabalho. Essa versatilidade nos serviços ofertados e demandados pode ser vista nas tabelas a seguir. É importante apontar que a escolha das categorias foi feita com base nos anúncios observados durante todo o período estudado, ou seja, com as publicações feitas entre as décadas de 1820 e 1870. É necessário ressaltar também que, embora existam 774 anúncios de oferta durante esse período, alguns desses se disponibilizavam para mais de uma função e, sendo assim, foram contados em mais de um grupo na tabela. Todavia, cabe destacar que algumas funções foram agrupadas na categoria “outros”, que congrega atividades como a de professor e dispenseiro, uma vez que sua soma era mínima. Além disso, elas estão divididas por décadas, levando em consideração o recorte entre 1821 e 1879.

¹⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 193, p. 3, 12 jul. 1864.

Tabela 1 - Variedade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Jornal do Commercio*

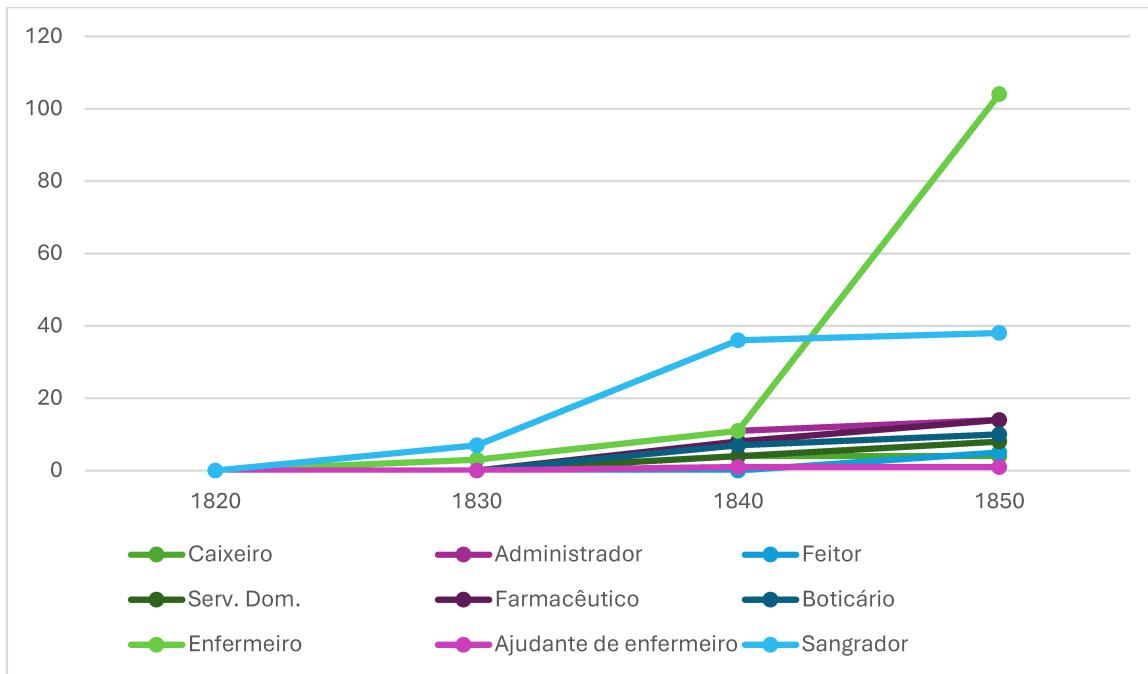
Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Caixeiro	0	0	4	4	2	4	14
Administrador	0	3	11	14	18	15	61
Feitor	0	0	0	6	3	5	14
Serviços domésticos	0	0	4	8	21	6	39
Farmacêutico	0	0	8	14	33	73	128
Boticário	0	0	7	10	5	15	26
Enfermeiro	0	3	11	104	63	120	301
Ajudante de enfermeiro	0	0	1	1	1	5	8
Sangrador	0	7	36	38	14	8	103
Barbeiro	0	2	12	8	1	0	23
Prático em cuidado dental	0	1	16	30	11	5	63
Outros	0	0	10	44	30	28	112

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Ao observar a tabela, vê-se que ao longo dos anos existem algumas variações e continuidades no tipo de serviço ofertado pelos anunciantes. Do total de 774 publicações de oferta, 39% das vezes esses sujeitos se apresentavam apenas como enfermeiros. Todavia, considerando o restante dos anúncios, no montante total, na maioria das vezes a atividade de enfermagem era informada apenas como uma habilidade, um diferencial, como é o caso do anúncio de J.A. Por outro lado, quando se observa os números década a década, pode-se perceber que a partir da década de 1850, os enfermeiros constavam em maior número do que outras categorias, embora essas ainda estivessem presentes. Para além disso, no início do século, não há nenhuma publicação ofertando o serviço de enfermeiro, situação que se altera com o passar das décadas. Esses números despertam interesse e sugerem reflexões sobre seus possíveis significados. A presença constante de atividades domésticas, o expressivo aumento no número de farmacêuticos ao longo dos anos e o decréscimo em grupos como sangradores, barbeiros e práticos no cuidado dental são questões relevantes.²⁰ Para ilustrar essas variações, elaborou-se um gráfico com os dados obtidos, que pode ser visto abaixo.

²⁰ Optou-se por agrupar as menções à extração e ao tratamento de dentes naquele período sob a denominação “prático em cuidado dental”.

Gráfico 1 - Diversidade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Jornal do Commercio*.



Fonte: Elaborado pela autora através dos dados do *Jornal do Commercio*.

De acordo com o gráfico, cujos dados detalhados estão na Tabela 1, a categoria “enfermeiro” se manteve acima das outras a partir da década de 1850. Antes desse período, no entanto, ela se colocava em 2^a ou 3^a colocação, sendo superada pelas categorias de sangradores, barbeiros e práticos no cuidado dental. Cabe ressaltar que barbeiros e sangradores, tidos como terapeutas populares, possuíam modos de adquirir licença para o exercício de sua profissão até 1828, quando se deu o fim da Fisicatura-mor²¹. E, apesar da tentativa de invalidação desses praticantes a partir da reforma das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, esses trabalhadores continuaram a exercer a sua atividade de uma forma ou de outra²². No caso dos anúncios de enfermeiros, foi constante durante o século XIX ofertas que diziam ter a habilidade de sangrar e tirar dentes, como nas publicações seguintes:

Quem precisar de um enfermeiro para qualquer fazenda, tendo alguma prática de hospital, e sabendo sangrar; dirija-se à rua de S. Pedro n. 293.²³

²¹ Essa instituição surgiu com a vinda da Família Real para o Brasil.

²² Durante a primeira metade do século XIX, a prática da sangria no Rio de Janeiro era amplamente exercida por terapeutas não-acadêmicos, entre eles escravizados e libertos, que atuavam à margem das regulamentações. Com a extinção da Fisicatura-mor em 1828, muitos seguiram exercendo a atividade de forma ilegal, recorrendo, inclusive, aos jornais para divulgar seus serviços. A partir da década de 1830, no entanto, a sangria passou gradualmente a ser praticada por alunos da Faculdade de Medicina, refletindo a tentativa da medicina acadêmica de consolidar seu monopólio e construir uma identidade profissional legitimada. VER: PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 11, pp. 67-92, 2004.

²³ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 112, p. 3, 18 maio 1839.

Quem precisar de um enfermeiro para uma fazenda, com bastante prática, o qual já tem servido de enfermeiro de fazenda, sabe sangrar e tirar dentes, tem prática de botica e dará fiador à sua conduta; dirija-se à rua Velha de S. Francisco da Prainha, n. 81.²⁴

A pessoa que precisar, para qualquer fazenda de escravatura, de um hábil enfermeiro, que sabe sangrar, tirar dentes, deitar ventosas e dirigir pontualmente uma enfermaria, anuncie por este jornal para ser procurado.²⁵

Chama a atenção nos anúncios a frequente menção à habilidade de sangrar e tirar dentes como parte das qualificações dos enfermeiros. Os três anúncios, publicados no *Jornal do Commercio* entre 1839 e 1842, revelam um padrão na oferta de serviços de enfermagem para trabalhar em fazendas, evidenciando uma procura por esse tipo de trabalho no contexto rural brasileiro. As habilidades anunciadas – "sangrar", "tirar dentes", "deitar ventosas" e "dirigir pontualmente uma enfermaria" – demonstram que os enfermeiros da época se colocavam no mercado de trabalho com funções que iam além do cuidado direto aos doentes, abrangendo práticas de medicina, odontologia e administração de espaços de saúde. A valorização da experiência prévia em fazendas e hospitais, bem como a menção à necessidade de apresentar um fiador, indica a importância que os enfermeiros atribuíam à sua reputação e qualificação em um contexto de ausência de formação regulamentada, buscando se diferenciar e garantir a confiança dos contratantes. Esses anúncios, datados do início do século XIX, permitem vislumbrar um momento de transição na enfermagem brasileira, no qual a profissão ainda se encontrava em processo de definição e os enfermeiros buscavam se inserir no mercado de trabalho, adaptando-se às demandas de uma sociedade marcada pela escravidão e pelas desigualdades sociais.

Para além disso, nesses anúncios de oferta, algumas categorias se fizeram presentes a partir de 1840, às vezes em maior número e outras vezes com valores pouco significativos. Como aqueles que exerciam serviços domésticos, farmacêuticos, boticários, caixeiros e os ajudantes de enfermeiros. Essas ocorrências são fragmentos que, quando analisados, fornecem pistas sobre o perfil do enfermeiro e seu papel no século XIX. É o caso, por exemplo, daqueles que se disponibilizavam para realizar funções tidas como domésticas, como as atividades de copeiros e cozinheiros. Esse enquadramento no serviço de um trabalhador doméstico, pode ser observado no anúncio do dia 31 de dezembro de 1848, publicado no *Jornal do Commercio*, que se direcionava a “Quem precisar de um homem que entenda do arranjo de uma casa, tanto de criado como de cozinheiro e enfermeiro, não duvidando ser para a cidade ou fora, dirija-se ao

²⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 291, p. 4, 11 nov. 1841.

²⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 20, p. 4, 21 jan. 1842.

beco dos Aflitos n. 14. Também se prefere casa de homem solteiro”²⁶. É interessante notar que o autor da publicação inclui o papel de enfermeiro no “arranjo de uma casa”, colocando-se à disposição para cuidar tanto do lar quanto do corpo, como se o ambiente e o físico se tornassem um só. Isso sugere que a responsabilidade do enfermeiro por vezes estava menos localizada no campo da saúde do que outras profissões²⁷. Além disso, em primeiro lugar, ele assume a posição de um criado, ou seja, daquele que servirá a alguém. Recentemente alguns estudos sobre a atuação de trabalhadores domésticos tem chamado a atenção. Flávia Fernandes de Souza, por exemplo, buscou definir o serviço doméstico e quem são aqueles que realizavam essa função no período oitocentista. Segundo a autora, a domesticidade de uma ocupação se dava por meio da relação de servir a alguém, sendo assim, não se relacionava apenas com o espaço de atuação ou a determinadas funções²⁸. Dessa forma, essas atividades poderiam se misturar de maneiras não tão nítidas, estabelecendo relações com outras atividades de cuidado, como é o caso dos enfermeiros.

Em relação às disposições legais da época, o artigo 92 da Constituição Política do Império do Brasil, datada de 1824, versava sobre aqueles que estavam excluídos das votações das assembleias paroquiais. No terceiro parágrafo deste documento é estabelecido que “III. Os criados de servir, em cuja classe não entram os Guarda-livros, e primeiros caixeiros das casas de comércio, os Criados da Casa Imperial, que não forem de galão branco, e os administradores das fazendas rurais, e fabricas”²⁹. Primeiramente, destaca-se a ambiguidade da frase. Os administradores e caixeiros, com exceção dos primeiros, eram considerados criados de servir no cotidiano imperial, mas eram excluídos durante as votações, ou em nenhum contexto eram categorizados dessa forma? Para além disso, a necessidade de explicitar essas informações na legislação sugere que, mesmo que não estivessem efetivamente incluídos como criados de servir, as funções desses administradores e caixeiros poderiam ser confundidas com as de quem exercia a atividade doméstica na prática. Esse argumento é reforçado pelo estudo de Fabiane Popinigis, que examina a vida dos trabalhadores do comércio no Rio de Janeiro entre o século XIX e o início do XX. Segundo a autora, era comum que os caixeiros não apenas

²⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 360, p. 3, 31 dez. 1848.

²⁷ Quantas vezes surgem anúncios desse tipo? Citar mais exemplos e colocar uma porcentagem.

²⁸ SOUZA, Flavia Fernandes. *Criados, escravos e empregados: o serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade brasileira (cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920)*. Teses (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 583, 2017.

²⁹ BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil de 1824*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 10 jul. 2024.

desempenhassem suas funções, mas também cuidassem da limpeza e organização dos espaços onde trabalhavam, atuando, assim, como criados de servir.³⁰

Nesse sentido, assume-se que a posição de administrador e de caixeiro podiam também ser englobadas no trabalho doméstico dentro das publicações de enfermeiros e, assim, o número de anúncios voltados para as atividades domésticas se torna mais expressivo em nossa tabela. Dessa forma, as categorias “caixeiro”, “administrador” e “serviços domésticos” quando somadas, resultam em um total de 114 anúncios, 14,7% do total de publicações de oferta que foram analisadas. Embora essa frequência não seja extremamente substancial, ela é importante, pois revela como muitos trabalhadores tidos como “criados de servir” se apresentavam como enfermeiros, mesmo que essa não fosse sua principal função. E, não obstante, como profissionais da enfermagem se dispunham a atuar em outras áreas. Essa dinâmica contribui para a construção de uma imagem que associa a enfermagem às rotinas domésticas. Esses dados parecem indicar que esses sujeitos provinham de origem pobre e, assim, buscavam se empregar nas mais diversas áreas em busca de sustento.

Outro indicativo de que os enfermeiros poderiam ser confundidos com trabalhadores domésticos é sugerido pelo trabalho de Natália Batista Peçanha. A autora analisou as vivências e agências de trabalhadores domésticos nacionais e imigrantes europeus no contexto pós-escravidão no Rio de Janeiro, entre os anos de 1880 e 1930. Em dado momento de sua pesquisa, Peçanha analisou os Recenseamentos da cidade do Rio de Janeiro feitos em 1906 e 1920, nos quais encontrou a definição de “domicílio” que era adotada naquele período. Segundo ela, os espaços domiciliares eram divididos entre “particulares” e “coletivos”, sendo que esse último englobaria locais como hospitais, casas de saúde, fazendas, enfermarias, penitenciárias, fábricas, entre outros³¹. Nas ocorrências aqui analisadas, esses locais frequentemente surgiam nos anúncios ofertados por enfermeiros. Assim, é possível imaginar que os contratantes dos serviços anunciados esperassem que os profissionais empregados exercessem mais de uma função, ou seja, ao mesmo tempo atuariam como enfermeiros, administradores, caixeiros, cozinheiros. Expectativa que indica não só a falta de especialização da área, como também uma desvalorização desses trabalhadores.

³⁰ POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*. Campinas: UNICAMP, 2007.

³¹ PEÇANHA, Natália Batista. "Precisa-se de uma criada estrangeira ou nacional para todo o serviço de casa": *Cotidiano e agências de servidoras/es domésticas/os no mundo do trabalho carioca (1880-1930)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, p. 244, 2018.

Entre as ofertas que incluíam a função de enfermeiro, outro ponto de destaque é a presença de anunciantes que afirmavam ter experiência em farmácia ou botica. Em outros casos, esses profissionais não apenas mencionavam essas atividades como habilidades, mas as destacavam como sua verdadeira profissão. Como os anúncios a seguir

Um moço com 10 para 11 anos de prática de farmácia, por não se dar bem na cidade, pretende arranjar-se como enfermeiro de alguma fazenda ou mesmo uma botica para fora; quem precisar pode anunciar por esta folha ou deixar carta fechada com as iniciais A. J. C. G.³²

Aviso aos Srs. fazendeiros. Um farmacêutico, destilador e com bastante prática de enfermeiro em diversos hospitais, deseja-se arranjar em alguma farmácia ou fazenda, na corte ou fora dela; quem do seu préstimo se quiser utilizar dirija-se à rua da Alfândega n. 114, das 10 horas ao meio-dia.³³

Em ambos os anúncios apresentados, datados de 1857 e 1860, os candidatos destacam sua experiência em "farmácia" ou "botica" como um diferencial na oferta de seus serviços. Esse padrão sugere que o conhecimento em farmácia era valorizado no mercado de trabalho e visto como um complemento à prática de enfermagem, especialmente em contextos com acesso limitado a médicos e boticários, como as fazendas. Apesar da ênfase comum na experiência farmacêutica, os anúncios também apresentam diferenças. No primeiro, o moço, com dez anos de prática em farmácia, busca se arranjar como enfermeiro em uma fazenda ou botica, demonstrando flexibilidade na atuação. No segundo anúncio, o candidato se apresenta como "farmacêutico, destilador e com bastante prática de enfermeiro em diversos hospitais", evidenciando uma trajetória laboral mais sólida e uma ênfase na formação como farmacêutico. Essa diferença pode refletir a diversidade de perfis entre os enfermeiros da época, com formações e experiências distintas. Além disso, os dados analisados entre 1821 e 1879, sugerem que a associação entre enfermagem e farmácia se intensificou no período das publicações acima. É possível que a busca por maior reconhecimento e status profissionais tenha levado os enfermeiros a buscarem se diferenciar no mercado de trabalho, valorizando seus conhecimentos e habilidades em farmácia.

É importante ressaltar que as funções de boticário e farmacêutico eram correspondentes, sendo assim os anúncios de oferta, no *Jornal do Commercio*, que incluem essa função em suas linhas resultam num total de 148 anúncios. Como pode ser percebido no Gráfico 1, as publicações que diziam ser prática em botica ou em farmácia, aumentaram no decorrer dos anos. O que pode indicar uma possível aproximação do enfermeiro com o campo da saúde ao

³² JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 216, p. 4, 1 ago. 1857.

³³ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janerio, ed. 310, p. 3, 9 set. 1860.

longo do tempo. De acordo com Amorim, Araújo, Moreira e Porto, a concepção sobre enfermagem naquele momento ainda era muito simplista³⁴. Desse modo, era comum encontrar indivíduos que exerciam mais de uma função³⁵, como é o caso de P.P.P. que publicou no dia 13 de abril de 1861 no *Jornal do Commercio* o seguinte: “Oficial de farmácia. Se algum Sr. fazendeiro precisar de um com 15 anos de prática e para enfermeiro, levando em sua companhia uma senhora; dirija-se a este escritório com as iniciais P. P. P”.³⁶

O mais curioso, no entanto, é que o aumento nos anúncios no período entre 1850 e 1879 coincide com o crescimento na rigidez das legislações que versavam sobre a atividade de farmacêuticos e boticários. Tânia Salgado Pimenta, ao examinar como era o exercício de farmácia na Bahia, durante a segunda metade do século XIX, apontou que um dos fatores que influenciaram o ofício foi as mudanças e continuidades na legislação³⁷. Em 1851, por exemplo, publicava-se o decreto de número 828, que regulamentava a Junta Central de Higiene Pública³⁸. Cabia a esse órgão fiscalizar os profissionais que atuavam como farmacêuticos e boticários, bem como seus estabelecimentos e produtos. Por meio desse decreto, a legislação acabava por proibir práticas como médicos formarem sociedade com boticários ou obrigarem pacientes a comprarem remédios em determinadas farmácias. Além disso, as boticas deviam ser administradas por agentes qualificados³⁹, e boticários não podiam deixá-las sem substitutos habilitados. No entanto, a maior parte de seus artigos tratava da venda e fabricação de medicamentos⁴⁰.

³⁴ De acordo com os autores, uma vez que pouco se utilizava de conhecimentos científicos nessa área, a percepção que se tinha sobre a enfermagem era simples, ou seja, tinha-se uma visão reducionista do exercício da profissão. Dessa forma, não eram consideradas as complexidades do ofício. Ainda nesse sentido, a análise feita por eles dos anúncios do *Jornal do Commercio*, indicou que as exigências para o exercício da função de enfermeiro eram mínimas. Assim, a falta de rigor na formação e nas exigências contribuía para a desvalorização da profissão e para a confusão entre as funções de enfermeiros e outras atividades. VER: AMORIM *et al.*, *op. cit.*, p. 49.

³⁵ De acordo com Tânia Salgado Pimenta, frequentemente os terapeutas ditos populares descumpriam a legislação e, assim, exerciam funções que iam além daqueles que eram delimitadas para a atividade da qual possuíam licença. VER: PIMENTA, *op. cit.*, p. 93.

³⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 101, p. 3, 13 abr. 1861.

³⁷ PIMENTA, Tânia Salgado. O exercício farmacêutico na Bahia da segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, pp. 1013-1023, out. -dez. 2008.

³⁸ A Junta Central de Higiene Pública, criada pelo Decreto nº 828 de 1851, era um órgão destinado a regular e fiscalizar práticas relacionadas à saúde pública no Brasil Imperial. Suas atribuições incluíam supervisionar farmácias, boticas, práticas médicas, e a fabricação de medicamentos, além de combater práticas consideradas irregulares. A Junta também estabelecia diretrizes para a formação e atuação de profissionais de saúde, buscando organizar o sistema de saúde pública e prevenir abusos no atendimento médico.

³⁹ Pela legislação, profissionais qualificados eram aqueles que eram aqueles que possuíam diplomas reconhecidos pelas Escolas de Medicina do Brasil ou, no caso de estrangeiros, pelos seus respectivos governos, após aprovação das Escolas de Medicina brasileiras.

⁴⁰ BRASIL, Decreto n. 828, de 29 de setembro de 1851. *Manda executar o regulamento da Junta de Higiene Pública*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-828-29-setembro-1851-549825-publicacaooriginal-81781-pe.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

Posteriormente, em 1882, foi publicado o decreto de número 8387, que buscava aprofundar as cláusulas do documento anterior. As linhas iniciais deste arquivo diziam o seguinte:

Atendendo à urgente necessidade de melhorar o serviço da saúde pública, decido revogar o Decreto nº 828, de 29 de setembro de 1851, e determinar que, para esse serviço, se observe o regulamento que acompanha este documento, submetendo-se à aprovação do Poder Legislativo na parte em que for necessário. Este regulamento é assinado por Manoel Pinto de Souza Dantas, Conselheiro de Estado, Senador do Império, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, interino dos Negócios do Império. Que assim seja entendido e executado. Palácio do Rio de Janeiro, em 19 de janeiro de 1882, 61º ano da Independência e do Império.⁴¹

Ao analisar esse trecho e as cláusulas nele contidas, percebe-se uma tentativa de aumentar a rigidez no controle das atividades relacionadas ao serviço de saúde pública. Dois artigos são fundamentais para essa discussão: o artigo 70, que estabelece que “o exercício simultâneo da medicina e da farmácia é expressamente proibido, mesmo que o médico possua o título de farmacêutico”, e o artigo 72, que esclarece que esses profissionais não podiam exercer outra profissão ou emprego que os afastasse de seu estabelecimento. Essas especificações, como afirma Pimenta, por certo, eram uma tentativa de controle que existiam desde a Fisicatura-Mor, e que se preocupavam mais com a possibilidade desses sujeitos exercerem a atividade de cura, do que uma apreensão para com a saúde da população⁴². Nesse sentido, o aumento no número de anúncios relacionados ao ofício de farmacêutico ou boticário pode indicar uma tentativa desses profissionais de se camuflarem na atuação dos enfermeiros, na intenção de burlar a legislação vigente. Desse modo, o ofício da enfermagem poderia ser visto como uma ocupação “guarda-chuva”, uma vez que não era regulamentada e seus limites ainda estavam incertos. Esse status permitia que diferentes trabalhadores se abrigassem nessa definição. Novamente, é importante dizer que apenas no decreto publicado em 1886 os enfermeiros e enfermarias seriam mencionados pela primeira vez⁴³, talvez numa tentativa de um maior rigor ou inspeção sobre a profissão.

Diferentemente dos anúncios que encontramos no *Jornal do Commercio*, as publicações de oferta que se relacionavam com a palavra-chave “enfermeiro” no *Diario do Rio de Janeiro*

⁴¹ BRASIL, Decreto n. 8387, de 19 de janeiro de 1882. *Manda observar o Regulamento para o serviço da saúde pública*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-8387-19-janeiro-1882-544934-publicacaooriginal-56615-pe.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

⁴² PIMENTA, Tânia. *Op. Cit.*, p. 1018.

⁴³ O Decreto nº 9.554, de 3 de fevereiro de 1886, reorganiza o serviço sanitário do Império do Brasil, visando a melhoria das condições de saúde pública. O documento aborda a estruturação das enfermarias e o papel dos enfermeiros, estabelecendo diretrizes para a organização dos serviços de saúde. Embora não mencione a formação específica dos enfermeiros, destaca a necessidade de um serviço eficiente e a importância desses profissionais no cuidado aos pacientes, refletindo a intenção de aprimorar a gestão sanitária no país. VER: BRASIL, Decreto N. 9554, de 3 de fevereiro de 1886. *Reorganiza o serviço sanitário do império*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9554-3-fevereiro-1886-543197-publicacaooriginal-53270-pe.html>. Acesso em: 01 jul. 2024.

sofreram uma diminuição no decorrer dos anos 1821 e 1879, ao todo foram analisadas 80 ocorrências de oferta. Essa informação pode nos indicar a preferência dos anunciantes pelo primeiro jornal, talvez com um maior número de leitores, o que resultaria em mais oportunidades de emprego para esses trabalhadores. Portanto, é provável que essa escassez de anúncios, mesmo em momentos de epidemias no país, esteja relacionada ao espaço dado a esse tipo de publicação pelos periódicos⁴⁴. Ainda assim, é possível perceber algumas semelhanças entre os serviços ofertados, isso é, ainda se encontram como maiores ocorrências as categorias “outros”, “enfermeiro”, “sangrador”, “prático em extração dental” e de trabalhadores domésticos, contemplando os grupos de “caixeiro”, “administrador” e “serviços domésticos”. Ressalta-se que na tabela abaixo, a soma dos valores está acima dos anúncios analisados, uma vez que era possível encontrar mais de uma função em uma mesma publicação.

Tabela 2 - Variedade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Caixeiro	0	0	2	2	0	0	4
Administrador	1	1	8	3	0	0	13
Feitor	1	0	6	2	0	0	9
Serviços domésticos	1	3	1	1	0	0	6
Farmacêutico	0	0	1	0	2	0	3
Boticário	0	0	2	1	0	0	3
Enfermeiro	0	5	6	6	1	3	21
Ajudante de enfermeiro	0	0	0	0	0	0	0
Sangrador	1	5	18	1	2	0	27
Barbeiro	0	3	5	1	0	0	9
Prático em extração dental	0	0	12	1	1	0	14
Outros	0	2	10	8	0	0	20

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Conforme se pode observar na tabela acima, não se tem, entretanto, uma quantidade expressiva de ofertantes como “farmacêutico” e “boticário”, o que vai de encontro com o caso do primeiro jornal analisado, que teve um aumento no decorrer das décadas analisadas e

⁴⁴ O *Diario do Rio de Janeiro* iniciou como um periódico informativo e comercial. Até o início da década de 1840 ele não cobrava por anúncio feito, sendo um dos poucos que tinha essa característica. A partir dessa década, não só passa a cobrar por essas publicações, como também reduz significativamente o espaço que reservava para elas. Assim, é provável que os anunciantes davam preferência para o *Jornal do Commercio*, que possuía mais de metade de suas páginas voltadas para os anúncios de produtos, vendas e aluguel de escravizados, bem como serviços. As informações sobre as características do *Diario* podem ser vistas no estudo de Laiz Marendino, que se ocupa dos primeiros anos de publicação desse periódico. VER: MARENINO, Laiz Perrut. *O Diário do Rio de Janeiro e a imprensa brasileira no início do oitocentos (1808-1837)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 117, 2016.

totalizou 128 e 26 anúncios, respectivamente. Não obstante, os dados obtidos auxiliam na construção do perfil desses trabalhadores, bem como ajudam a entender a necessidade da sociedade carioca com relação a esses serviços, uma vez que, ainda que em pouca quantidade, havia uma persistência na diversidade das funções oferecidas. Ainda em contraste com as publicações do *Jornal do Commercio*, nos anúncios analisados do *Diario do Rio de Janeiro*, percebeu-se um maior volume de anunciantes que diziam ter a habilidade de sangrar. O ano de maior número foi em 1840, o que indica que as práticas tidas como populares ainda se faziam presente de forma expressiva, nesse mesmo período, apenas 6 anunciantes se colocavam apenas como “enfermeiros”, sem outras habilidades para complementar.

Mais adiante, em 1860, quando o número de ofertantes nesse periódico entra em decadência, é possível perceber novamente a maior ocorrência de anúncios que ressaltam a habilidade de sangria. Esses dados sugerem a resistência de indivíduos socialmente invalidados pelos círculos acadêmicos da época, apesar de as atividades que exerciam estarem ganhando legitimidade no escopo da academia. A continuidade dessas ofertas evidencia a convivência entre diferentes práticas de cura e destaca a complexidade do mercado de saúde no século XIX, no qual métodos populares e empíricos coexistiam com abordagens mais científicas, ressaltando a diversidade de opções disponíveis à sociedade. É preciso, no entanto, compreender o empregado requerido nas páginas dos impressos para além da forma que se ofertavam.

As publicações analisadas não se sustentavam apenas por anúncios de oferta nas páginas dos jornais. No *Jornal do Commercio*, dos 1546 anúncios, 774 se tratava de demanda pelos serviços de enfermeiros, fosse essa a primeira função a ser exercida ou não. Assim como na Tabela 1 e 2, foi possível perceber um número expressivo no que diz respeito a outras atividades que não fossem relacionadas estritamente à enfermagem. Ainda assim, o número de busca é ainda maior para a categoria “enfermeiro”, sendo essa seguida pelo grupo “farmacêutico” e “ajudante de enfermeiro”. Para além desses valores, a diversidade de funções presentes nos anúncios reforça a multiplicidade de serviços de saúde procurados, evidenciando a presença de conhecimentos práticos tradicionais. A importância dessas funções e a dinâmica dos anúncios ao longo das décadas indicam não apenas a evolução do mercado de trabalho para profissionais da saúde, mas também as necessidades crescentes e diversificadas da sociedade carioca na época. Veja a tabela a seguir com os números encontrados entre as décadas de 1820 e 1870:

Tabela 3 - Variedade de serviços demandados em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Jornal do Commercio*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Caixeiro	0	0	0	0	0	0	0
Administrador	0	0	0	1	0	1	2
Feitor	0	0	0	1	1	3	5
Serviços domésticos	0	0	0	1	1	2	4
Farmacêutico	0	0	2	8	15	44	69
Boticário	0	0	4	6	7	10	27
Enfermeiro	1	12	28	113	137	295	586
Ajudante de enfermeiro	0	0	1	3	17	20	41
Sangrador	0	1	4	15	10	4	34
Barbeiro	0	0	0	0	0	0	0
Prático em extração dental	0	1	11	8	3	0	23
Outros	0	0	4	7	13	0	24

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Assim como os dados referentes aos anúncios de oferta de serviços de enfermeiros, as publicações de demanda se assemelham com relação aos resultados obtidos. No caso da Tabela 3, no entanto, é ainda maior o número de ocorrências na categoria “enfermeiro”. Do total de 774, 75,7% dos anúncios de demanda analisados se enquadram nesse grupo. Assim, é possível que a habilidade em outras funções não fosse um pré-requisito para o exercício da atividade nos estabelecimentos dos contratantes, embora se fizesse constante nas linhas daqueles que as ofertavam. Por outro lado, alguns anúncios de oferta ressaltavam essas habilidades como inclusas no ofício do enfermeiro. Sendo assim, é possível que, embora não fossem especificadas pelos contratantes que anunciavam nos jornais, houvesse uma expectativa de que essas funções fossem exercidas, por se supor que faziam parte do escopo dos enfermeiros. A publicação do dia 13 de dezembro de 1862, no *Jornal do Commercio*, pode nos indicar essas funções que eram exercidas no cotidiano, ainda que não fossem relacionadas diretamente a outros ofícios.

Enfermeiro. Precisa-se contratar um enfermeiro para ir para uma fazenda, que se ache habilitado para tratar e aplicar medicamentos pelo sistema homeopático, exige-se que dê provas de suas habilidades por pessoa competente, e prefere-se homem já maior ou mesmo velho; para tratar e mais informações dirijam-se à rua dos Pescadores n. 36, sobrado.⁴⁵

O anunciante em questão buscava por um trabalhador que pudesse tratar de doenças e aplicar medicamentos, sendo que apenas a segunda tarefa deveria ser executada por um enfermeiro. Em outros casos, como o do *Jornal do Commercio*, publicado no dia 12 de agosto de 1860, que dizia “Precisa-se de um enfermeiro que tenha prática de homeopatia, conheça os

⁴⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 343, p. 5, 13 dez. 1862.

medicamentos, e que esteja ao fato da preparação das doses; dirija-se à rua do Senhor dos Passos n. 172^a⁴⁶. Ao solicitar um praticante que "esteja ao fato da preparação das doses", o anúncio indica que o enfermeiro deveria ter conhecimento e prática na manipulação de substâncias e na elaboração de fórmulas médicas. Explicitava-se, assim, a necessidade de que o enfermeiro soubesse fazer remédios, função que deveria ser dada ao boticário ou farmacêutico. Dessa forma, em alguns casos, os anunciantes deixavam em evidência as funções que esperavam para além do que deveria ser tarefa do enfermeiro. Ao fazer uma comparação do que era ofertado e demandado nos periódicos, pensa-se na suposição de que era possível que os sujeitos que exerciam o ofício de enfermagem precisavam desempenhar mais do que as funções de cuidado ao corpo. No caso das fazendas, por exemplo, um local onde o acesso aos serviços era dificultado, esses trabalhadores talvez precisassem exercer a limpeza de enfermarias, o preparo de medicamentos e até mesmo pequenas cirurgias, ainda que isso não estivesse previamente definido nas linhas publicadas pelos contratantes. Todavia, isso é apenas uma especulação, que não pôde ser verificada a partir das fontes analisadas.

É interessante observar, também, que há um aumento nos anúncios a partir da década de 1850, quando o país passava por uma epidemia de febre amarela. Além disso, é também o período no qual o tráfico de escravizados é definitivamente proibido⁴⁷. Esse crescimento sugere, talvez uma tendência em aumentar o cuidado oferecido a mão de obra das fazendas e cidades que, em grande parte, era composta por homens e mulheres escravizados. Informação que direciona o pensamento para como esses trabalhadores atendiam essa parcela da sociedade, o que será discutido mais à frente. Por hora, cabe sinalizar que a população que esses atuantes assistiam podia ser variada, indo de livres a escravizados, mulheres a homens, doentes de corpo e de mente. Dessa forma, eles corriam os mais diversos riscos. Ao falar dos enfermeiros que se ocupavam no Hospício de Pedro II, por exemplo, o Dr. Manoel José Barbosa, dizia, na *Gazeta Medica do Rio de Janeiro*, que "a todo o instante, quer de dia, quer de noite, eles devem estar alertas, e sua própria vida muitas vezes corre perigo."⁴⁸. O exercício da enfermagem em

⁴⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 223, p. 4, 12 ago. 1860.

⁴⁷ A proibição do tráfico de escravizados gerou uma elevação nos preços de compra e venda desses sujeitos. Dessa forma, surgia uma maior necessidade de cuidado da mão de obra, para não gerar gastos maiores com a compra de novos cativos. VER: DOWBOR, Ladislau. *A formação do capitalismo dependente no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977; GONÇALVES, Paulo Cesar. Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora Oitocentista. *Almanack*, Guarulhos, n. 17, pp. 307-361, dez. 2017; OLIVEIRA, Rogério Siqueira de. *Assistência à saúde dos escravos em Juiz de Fora (1850-1888)*. Dissertação (Mestrado em Relações Etnoculturais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, p. 115, 2016; PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio. *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

⁴⁸ BARBOSA, Manoel José. Relatório do serviço sanitário do hospício de Pedro II, apresentado ao Exm. Sr. Marquez de Abrantes, pelo Dr. Manoel José Barbosa. *Gazeta Medica do Rio de Janeiro*, ed. 6, p. 65, 1862.

instituições psiquiátricas demandava não apenas habilidades técnicas, mas também uma dedicação e sensibilidade pessoais, pois a natureza da assistência prestada envolvia lidar com a vulnerabilidade dos atendidos. Assim, a complexidade do cuidado aponta para a diversidade das condições sociais e de saúde da população atendida, colocando os trabalhadores em situações frequentemente desafiadoras.

As ofertas de serviços relacionados à enfermagem no *Diario do Rio de Janeiro* também apresentaram variação entre as décadas de 1820 e 1870, conforme demonstrado na Tabela 4. Embora o número de anúncios tenha diminuído ao longo do tempo, algumas categorias de trabalho ainda mantiveram uma presença significativa, ainda que pequena com relação aos números do *Jornal do Commercio*, como os serviços de "enfermeiro" e "sangrador". Do total de 58 anúncios de demanda, 64,4% estão voltados para os enfermeiros propriamente ditos, número maior que o encontrado nas publicações de oferta da Tabela 2, que, para a mesma categoria, totalizava 26,2%. Cabe lembrar que, assim como as outras, embora a tabela tenha sido construída a partir dos anúncios, alguns deles demandavam mais de uma função e, assim, foram incluídas em seus respectivos grupos.

Tabela 4 - Variedade de serviços demandados em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Caixeiro	0	0	0	0	0	0	0
Administrador	0	0	1	0	0	0	1
Feitor	0	0	0	0	0	0	0
Serviços domésticos	0	0	1	0	0	0	1
Farmacêutico	0	0	0	2	0	1	3
Boticário	0	0	1	2	0	1	4
Enfermeiro	2	9	8	15	1	4	39
Ajudante de enfermeiro	0	0	0	1	0	0	1
Sangrador	1	1	1	1	0	0	4
Barbeiro	0	1	0	0	0	0	1
Prático em extração dental	0	0	0	1	0	0	1
Outros	0	0	2	2	0	0	4

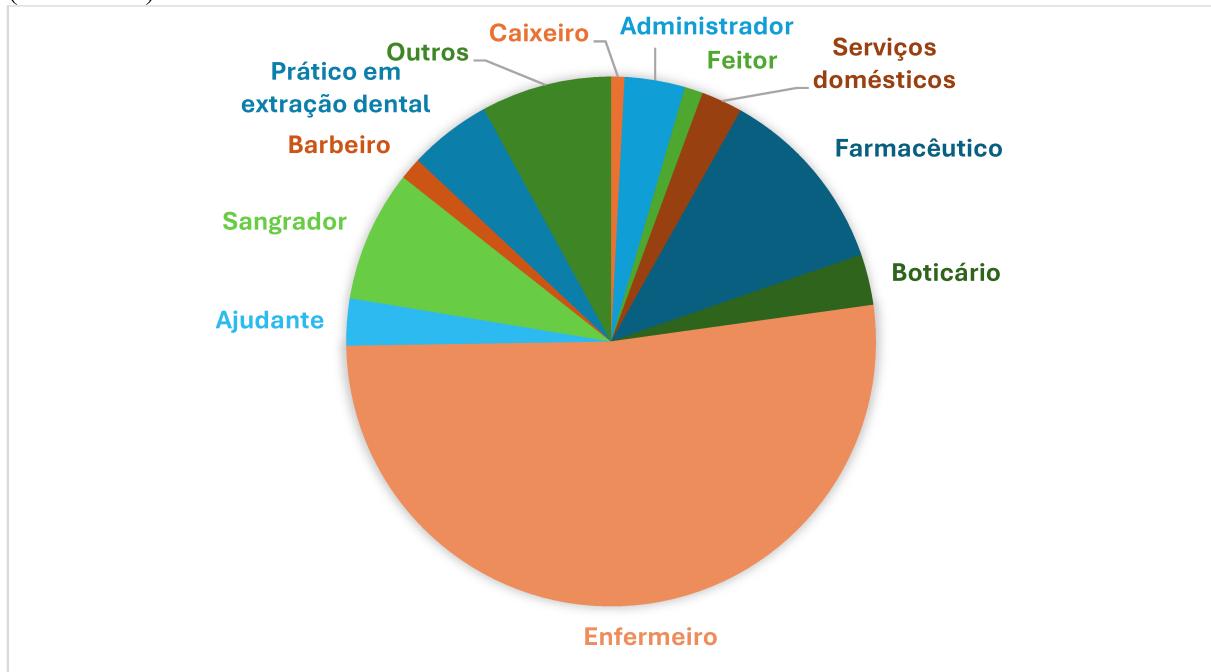
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Como pode ser visto na tabela, assim como no *Jornal do Commercio*, os anunciantes que buscam os serviços de enfermagem no *Diario do Rio de Janeiro*, em sua maioria, procuram apenas por “enfermeiro”, sem especificar outras habilidades. Na segunda colocação, tem-se as profissões de “farmacêutico” e “boticário”, que sendo por definição o mesmo ofício, resultam em 7 menções ao longo dos anos. Em terceiro lugar aparecem as categorias “outros” e

“sangrador”. A primeira delas, surge em apenas duas décadas, duas em 1840, como “oficial de carpinteiro” e “dispenseiro” e outras três vezes em 1850, nas profissões de “guarda” e “professor”. Quanto o segundo grupo, ele mantém frequência em quatro décadas, ainda que apenas uma vez em cada uma. Esses dados indicam a multiplicidade demandada por alguns contratantes, resultado da falta de especialização dos enfermeiros naquele período. Por outro lado, percebe-se que, enquanto nos primeiros 20 anos não se buscava por farmacêuticos e boticários, mas se encontrava a procura por sangradores e barbeiros, ao fim do século esse cenário muda. Esse processo talvez evidencie uma inserção gradual de conceitos acadêmicos nas práticas populares.

O panorama apresentado nas tabelas sugere uma transformação no mercado de trabalho da saúde, em que certas funções, antes mais demandadas, deram espaço ao longo do tempo para outras como a de farmacêutico, o que sugere mudanças nas práticas de cura e nas necessidades da população. Além disso, os dados conduzem ao que foi dito no início do capítulo: esses indivíduos advinham de camadas pobres e não possuíam o conhecimento acadêmico que os médicos desejavam. Da mesma forma, eles exerciam essa atividade por necessidade de sobrevivência, não em busca de prestígio. Para uma melhor visualização do panorama do mercado de trabalho em saúde, os gráficos a seguir apresentam, de forma sintética, as funções anunciadas nos periódicos por categorias de oferta e demanda. O Gráfico 2, referente ao *Jornal do Commercio*, e o Gráfico 3, relativo ao *Diario do Rio de Janeiro*, permitem visualizar a diversidade de ofícios e evidenciam os argumentos até aqui dispostos.

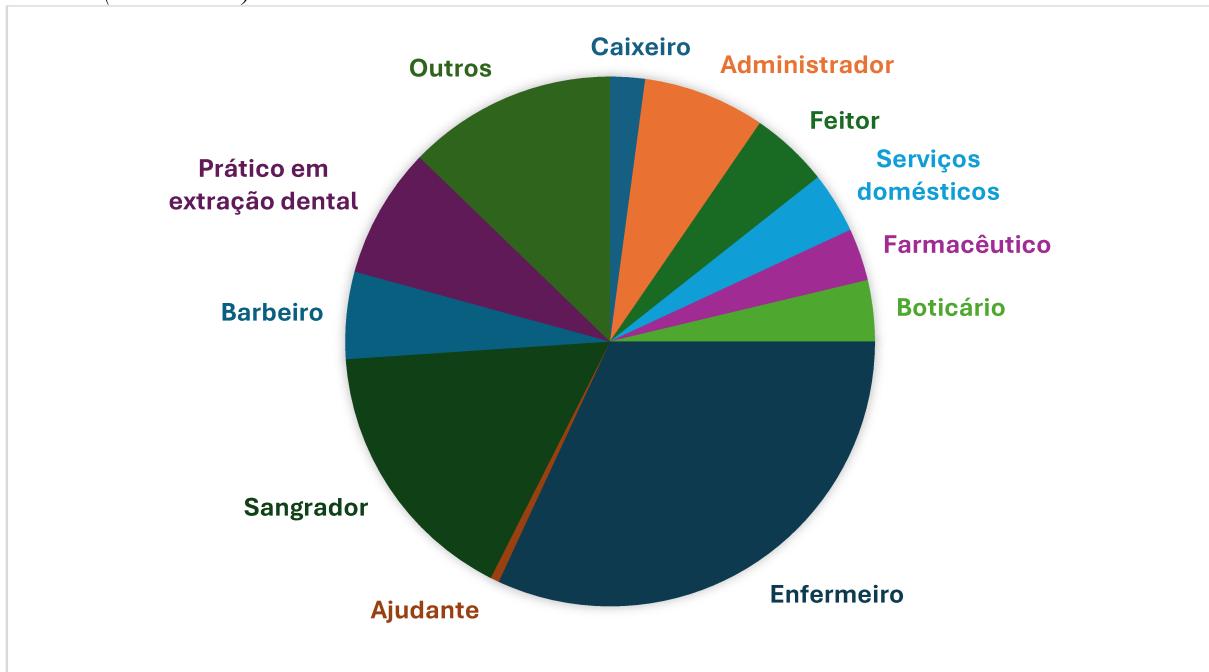
Gráfico 2 - Funções presentes nos anúncios de oferta e demanda de enfermeiros no *Jornal do Commercio* (1820-1870)



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

O gráfico revela uma clara hegemonia da figura do enfermeiro, que domina esmagadoramente os anúncios, tanto de oferta quanto de demanda, no *Jornal do Commercio*. Além disso, a presença de categorias como serviços domésticos, administrador e feitor no mesmo gráfico que boticários e farmacêuticos evidencia a natureza multifuncional e do trabalho de cuidado no século XIX. Essa mistura de funções, que vai do tratamento de enfermidades à gestão de um lar ou de uma propriedade rural, reforça a ideia de que a atividade era, para muitos, uma forma de sobrevivência, exercida por indivíduos de camadas sociais mais baixas, sem o prestígio ou o conhecimento formal que os círculos acadêmicos almejavam.

Gráfico 3 - Funções presentes nos anúncios de oferta e demanda de enfermeiros no *Diario do Rio de Janeiro* (1820-1870)



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

O gráfico 3, referente ao *Diario do Rio de Janeiro*, apresenta um panorama semelhante ao do *Jornal do Commercio*, com a figura do enfermeiro ocupando a maior porção do mercado. No entanto, essa hegemonia é menos acentuada, e o gráfico evidencia uma presença mais significativa de outras categorias, como sangrador, barbeiro e prático. A manutenção de funções como serviços domésticos, administrador e feitor também reforça a ideia da multifuncionalidade já mencionada anteriormente. Diante desses dados, constata-se que o espaço de cuidado que exerciam estava às margens da saúde. Apenas no decorrer dos anos é que os enfermeiros adentraram em um campo que era dominado por outras profissões e, por vezes, isso ocorria se apoiando nesses mesmos ofícios.

Para além dos serviços que esses sujeitos buscavam e eram demandados, cabe considerar as suas características pessoais, como a faixa etária e o nível de alfabetização desses sujeitos. Essas informações são menos mencionadas nos anúncios do que as funções que seriam exercidas, no entanto, não deixam de existir e serem significativas para a construção da figura dos enfermeiros nesse período. Seus valores serão discutidos a seguir. A tabela abaixo apresenta a distribuição etária dos enfermeiros que foram mencionados em anúncios de oferta e demanda no *Jornal do Commercio* ao longo do século XIX. Cabe destacar, no entanto, que das 185 publicações que faziam alguma menção à faixa etária, 52,7% se tratava de oferta, enquanto 47,3% eram de demanda. Assim como no caso das funções exercidas, optou-se pela organização por décadas, entre 1820 e 1870, na tentativa de identificar continuidades e alterações ao longo

do tempo. Os dados visam oferecer uma visão quantitativa sobre a presença de trabalhadores em diferentes faixas etárias, incluindo idosos, jovens e adultos de meia idade, além dos casos em que a idade não foi informada nos anúncios.

Tabela 5 - Faixa etária presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Jornal do Commercio*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Variações de meia idade	0	0	8	8	10	30	56
Idoso	0	1	0	3	1	2	7
10-20	0	0	0	0	1	1	2
20-30	0	0	0	3	2	7	12
30-40	0	0	3	6	4	13	26
40-50	0	0	6	14	19	31	70
50-60	0	0	1	2	3	5	11
Não informa	1	26	105	337	329	562	1362

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Da mesma forma que a tabela 5, os dados abaixo foram retirados partir da análise de anúncios de oferta e demanda de enfermeiros no *Diario do Rio de Janeiro*, entre os anos de 1821 e 1879. Destaca-se que das 138 publicações, apenas 25 davam alguma informação sobre idade; dessas, 72% eram de anúncios de oferta e 28% daqueles que demandavam o serviço de enfermeiro.

Tabela 6 - Faixa etária presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Variações de meia idade	0	0	4	2	0	1	7
Idoso	0	1	0	1	0	0	2
10-20	0	1	1	1	0	0	3
20-30	0	1	3	0	0	0	4
30-40	0	0	0	1	0	0	1
40-50	0	0	0	3	0	0	3
50-60	0	1	2	2	0	0	5
Não informa	6	19	42	35	4	8	114

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

É perceptível através das Tabelas 5 e 6 que o número de anúncios que não informavam a idade que tinham ou que requeriam de um trabalhador é significativamente maior do que aqueles que divulgavam essa informação. No *Jornal do Commercio* o total presente na categoria “não informa” é de 1362, já no *Diario do Rio de Janeiro* a soma é de 114, o que representa, em ambos os casos, mais de 80% das publicações. Tal informação dá a entender que a idade desses sujeitos não era necessariamente um fator decisivo para os contratantes. Todavia, a existência,

ainda que mínima, de anúncios que apresentavam esse dado, indica uma possível tendência no perfil desses trabalhadores.

A partir do Recenseamento de 1872, percebe-se que a média de vida das pessoas que habitavam o Rio de Janeiro, entre o final de 1860 e início de 1870, estava entre 28 e 40 anos¹. Sendo assim, pode-se considerar que quando os anúncios mencionavam “meia idade”, “idade madura” ou “de idade” – termos incluídos na categoria “variações de meia idade” – estavam se referindo a essa faixa etária. Dessa forma, das 184 publicações do *Jornal do Commercio* que mencionavam a idade de alguma forma, 87% se encontravam nesse intervalo etário. Todavia, apenas 52,7% estão inseridas nas décadas contempladas pelo censo. No caso do *Diario do Rio de Janeiro*, dos 25 anúncios, 60% estavam nesse grupo, sendo que apenas 1 anúncio estava na faixa de período que o Censo contempla. Cabe destacar também que as publicações que caracterizavam homens abaixo de 30 anos, geralmente se tratava de anúncios de oferta e não de demanda. Isso pode indicar que, quando a idade era um fator importante, preferia-se indivíduos mais velhos. Esses dados quando comparados com especificidades de gênero e raça, podem nos apresentar novas nuances. Não obstante, é importante entender nessas recorrências uma possível preferência por um público que já havia adquirido uma base e experiência no decorrer de sua vida, nas diversas atividades em que se dedicavam. Além disso, pode significar também que sujeitos que estavam nessa fase de sua vida possivelmente já haviam exercido outras profissões, devido a necessidade de sobrevivência.

Para além disso, 78 dos anúncios analisados do *Jornal do Commercio* informavam se o sujeito era ou não alfabetizado. A tabela 7 indica esse valor total, mas cabe ressaltar que desse valor, 59,9% se tratavam de publicações de oferta, já os de demanda configuravam 41,1%. É interessante destacar que do total dessas publicações, 55,2% indicavam mais de uma função no anúncio em que dizia ser alfabetizados. Isso implica que era mais importante para os ofertantes comunicar esse dado do que para aqueles que demandavam. Já quando se tratava das publicações do *Diario do Rio de Janeiro*, apenas 20 anúncios apontaram essa característica, como é possível verificar na tabela 8. Desses, 95% partiram dos ofertantes e 5% dos que demandavam o serviço. Nota-se que, assim como no caso anterior, dos 20 anúncios que destacavam esse dado, 64,2% apontavam para mais de uma função a ser exercida. Atividades essas que, geralmente, giravam em torno de administrador, professor, escrituário e caixeiro.

¹ BIBLIOTECA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 15 jul. 2024.

Tabela 7 - Nível de alfabetização presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Jornal do Commercio*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Ler	0	0	0	1	1	0	2
Ler e escrever	0	0	5	15	11	20	51
Ler, escrever e contar	0	2	10	5	4	4	25
Não informa	1	25	109	354	353	627	1470

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Tabela 8 - Nível de alfabetização presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Ler	0	1	0	0	0	0	1
Ler e escrever	2	1	4	5	0	0	12
Ler, escrever e contar	0	2	3	2	0	0	7
Não informa	4	19	45	37	4	9	118

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

A questão do nível de alfabetização se torna um importante indicativo das barreiras enfrentadas por grande parte dos enfermeiros para alcançar a profissionalização formal. Embora o analfabetismo não fosse uma condição restrita às classes populares é inegável que a limitação do acesso à leitura e à escrita afetava os trabalhadores que atuavam nos setores informais do cuidado. Além de não possuírem meios legais para obter licença para exercer sua profissão, esses indivíduos estavam, em grande parte, afastados da realidade daqueles que dispunham dos recursos necessários para frequentar os cursos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Para realizar a capacitação das profissões de farmacêutico, médico e parteiras, de acordo com a Lei de 3 de outubro de 1832, que abordava a criação da Faculdade, os interessados deviam

O estudante que se matricula para obter o título de Doutor em Medicina deve: 1º Ter pelo menos dezesseis anos completos; 2º Saber Latim, qualquer das duas línguas Francesa ou Inglesa, Filosofia Racional e Moral, Aritmética e Geometria. O que se matricula para obter o título de Farmacêutico deve: 1º Ter a mesma idade; 2º Saber qualquer das duas línguas Francesa ou Inglesa, Aritmética e Geometria, ao menos plana. A mulher que se matricula para obter o título de Parteira deve: 1º Ter a mesma idade; 2º Saber ler e escrever corretamente; 3º Apresentar um atestado de bons costumes passado pelo Juiz de Paz da freguesia respectiva.²

Dessa forma, percebe-se que há um distanciamento da realidade de grande parte da província do Rio de Janeiro, que naquele momento contava com um número pequeno de

² BRASIL, Lei de 3 de outubro de 1832. *Dá nova organização às atuais Academias médico-cirúrgicas das cidades do Rio de Janeiro, e Bahia.* Disponível em: <a href="https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html#:~:text=Dá%20nova%20organização%20ás%20actuaes,Rio%20de%20Janeiro%2C%20e%20Bahia.&te xt=Art.,Escolas%2C%20ou%20Faculdades%20de%20Medicina. Acesso em: 15 jul. 2024.

alfabetizados³. A maioria dos anúncios, tanto no *Jornal do Commercio* quanto no *Diario do Rio de Janeiro*, raramente mencionava a habilidade de leitura e escrita, e o conhecimento básico de matemática era ainda menos comum. Nessas circunstâncias, muitos desses agentes de saúde não poderiam iniciar uma carreira em busca de reconhecimento acadêmico. É plausível considerar que o controle do saber era político e operava como um mecanismo de exclusão social, na medida em que as exigências formais de alfabetização para o ingresso nos cursos da Faculdade de Medicina funcionavam como barreiras estruturais que restringiam o acesso de indivíduos oriundos das classes populares, especialmente aqueles sem escolarização formal. A alfabetização, nesse contexto, não apenas delimitava quem poderia ou não ser admitido nas instituições de ensino superior, mas também contribuía para consolidar um campo profissional cada vez mais fechado e legitimado em torno de determinados grupos sociais, excluindo ativamente saberes empíricos e experiências de cuidado amplamente disseminadas entre os trabalhadores subalternos. Dessa forma, o saber médico-acadêmico tornava-se não só um espaço de conhecimento, mas de poder. Assim, apenas 5,3% das publicações do *Jornal do Commercio* e 14,8% no *Diario do Rio de Janeiro* mencionavam tal condição. Essa característica era ainda menos presente nos reclames feitos por e para esses sujeitos do que a faixa etária.

Além disso, é importante mencionar que, de acordo com a Lei de 1832, era exigido o pagamento de 20 mil réis para se matricular nos cursos oferecidos. No entanto, a remuneração desses trabalhadores por vezes mal alcançava esse valor exigido na matrícula. Apenas 8 dos 1546 anúncios de enfermeiros do *Jornal do Commercio* indicam um valor específico de remuneração. O menor valor pago é de 15 mil réis mensais – sendo que se garantia a moradia e alimentação do empregado – e o maior 58 mil réis mensais. Todavia, a média de vencimento era de 37 mil réis. Quanto ao *Diario do Rio de Janeiro* não se tem uma publicação sequer que se refere ao provento desses enfermeiros. Destaca-as que, em 1852, o Dr. Manoel José Barbosa em sua discussão sobre o Hospício de Pedro II naquele ano, chega a citar essa questão na *Gazeta Medica do Rio de Janeiro*. No texto, ele diz que, além do pouco contingente de pessoal, esses “(...) em geral cumprem mal com os seus deveres, e nem outra coisa podemos esperar deles, quando todo mundo sabe a que classe pertence essa gente, que se sujeita a um serviço tão pesado, mediante a quantia de 30\$ mensais”⁴. O médico evidencia a situação que

³ De acordo com o Recenseamento de 1872, entre os 255.806 homens livres, apenas 69.997 sabiam ler e escrever. Das 234.281 mulheres livres, 44.603 tinham essa habilidade. A população escravizada mostrou números ainda menores: dos 162.894 homens escravizados, apenas 79 eram alfabetizados, enquanto das 130.243 mulheres escravizadas, somente 28 sabiam ler e escrever. VER: BIBLIOTECA. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 15 jul. 2024.

⁴ BARBOSA, *op. cit.*, p. 65.

experienciavam esses sujeitos, que recebiam um provento baixo para a realização de tarefas árduas.

Essa era, portanto, a imagem que se tinha do serviço de enfermagem. Um trabalho árduo, que por vezes se ocupava de mais indivíduos – ou atividades – do que deveria, por uma remuneração que beirava os valores pagos a trabalhadores domésticos. Enquanto isso, há relatos de médicos na região que, nesse mesmo período, possuíam como rendimento diário, por doente, 2\$000, como mostrou o estudo feito por Anne Thereza de Almeida Proença sobre o Vale do Paranaíba nos anos de 1840 e 1880⁵. É ainda mais impactante quando se tem acesso a anúncios como o do dia 26 de setembro de 1852, no qual o anunciante dizia que “quem precisar de um administrador ou enfermeiro para algum sítio, mesmo sem vencimento algum; deixe ficar sua morada na rua do Senhor dos Passos n. 203.”⁶. Leva-se em consideração que, por vezes, o enfermeiro deveria fixar moradia no local em que atuava. Sendo assim, é possível que esse sujeito buscassem, em primeiro lugar, um local para residir e, desse modo, se sujeitasse a não receber remuneração.

É preciso pontuar que o anúncio do dia 26 de setembro não foi o único, encontraram-se outros dois trabalhadores que se sujeitavam a situação semelhante. A publicação datada de 28 de novembro de 1856 informa que

Um homem de idade, que sabe bem ler e escrever, entendendo de plantações e enfermeiro, e de exemplar conduta, quer ir para alguma fazenda, com diminuto vencimento ou mesmo sem ele; à vista se dirão melhores informações a respeito, a quem convier deixe sua morada por escrito com as iniciais S.S. na rua do Sabão n. 228.⁷

S.S., como se anuciava, era um dos poucos enfermeiros que informavam saber ler e escrever, o que, de certa forma, já o diferenciava de uma parcela expressiva daqueles que ofereciam o serviço. Além disso, ele dizia também ter conhecimento das plantações da região, o que poderia ser vantajoso a qualquer proprietário de fazenda. Todavia, apesar dessas qualificações, se submetia a um trabalho que teria pouco ou nenhum ganho pecuniário, seus benefícios provavelmente se encontrariam em obter um local para habitar e alimento para o seu sustento. No dia 18 de maio de 1853 outro trabalhador se anuciava da seguinte forma:

Quem precisar de um feitor para administrar e trabalhar no que puder, mediante razoável vencimento, o qual sabe ler e entende de lavoura, enxertos, fabrico de chá e de enfermeiro, e que está no caso de dar vantagens ao dono, deixe sua morada na rua do Senhor dos Passos, n. 203.⁸

⁵ A autora analisou a atuação dos médicos nas fazendas do Vale do Paraíba entre os anos de 1840 e 1880, colhendo informações importantes sobre os seus métodos e as dinâmicas sociais envolvidas. VER: PROENÇA, Anne Thereza de Almeida. Mande chamar o doutor: a atuação dos médicos no Vale do Paraíba fluminense do século XIX. *Anais do 2º Encontro Internacional História & Parcerias*, Rio de Janeiro, 2019.

⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 268, p. 4, 26 set. 1852.

⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 329, p. 4, 28 nov. 1856.

⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 137, p. 3, 18 maio 1853.

Assim como S.S, o sujeito do anúncio acima dizia saber ler e ter conhecimento em lavoura, bem como de enfermeiro. Ainda que possuísse tais qualificações, o anunciante dizia aceitar um “razoável vencimento”, o que podia sugerir um pagamento que fosse “justo” ou “aceitável”. Esse termo indica que o salário devia ser suficiente para compensar o trabalho e a experiência que eram oferecidos, mas também acessível para o empregador, que não pagaria algo extraordinariamente alto.

Essa variação de funções, aliada à baixa remuneração, como visto até aqui, indica que a classe dos enfermeiros era economicamente desfavorecida. Esses sujeitos trabalhavam para sobreviver e, assim sendo, se colocavam nas mais diversas funções. Esta análise é fundamental para compreender como suas práticas estavam inseridas em um contexto de trabalho amplo e não especializado. É preciso ressaltar o distanciamento entre os enfermeiros e a medicina acadêmica. Embora inseridos em um ambiente voltado para o cuidado e a saúde, esses indivíduos eram frequentemente percebidos como subordinados aos médicos. A sua atividade em hospitais e demais localidades da sociedade, possivelmente, não apresentava risco para os ditos doutores⁹. Embora, em teoria, se exigissem habilidades voltadas para o tratamento de doenças, na prática, esses agentes não pareciam ser vistos como merecedores de melhores salários ou qualidade de trabalho.

1.2 Entre ofertas e demandas: análise dos anúncios e funções de enfermeiras no século XIX

O processo de consolidação da medicina moderna no século XIX teve consequências significativas para os praticantes da arte de curar. Segundo Anne Witz o *Medical Act* de 1858, instituído na Inglaterra, marcou a transição da prática médica pré-moderna para a moderna, levando à exclusão, por exemplo, dos chamados curandeiros populares. Decorre que muitos desses “curandeiros” eram mulheres, resultando na redução considerável de sua participação

⁹ Ao expor a situação dos Lazaretos e o combate a epidemia de febre amarela, um artigo sem assinatura foi publicado no dia 28 de julho de 1852, na segunda página do *Diario do Rio de Janeiro*. Nele se dizia que a Junta de Higiene estava trabalhando ativamente para resolver a situação precária na cidade se achava. Em dado momento, encontra-se o trecho que diz “Não era possível, no pouco tempo de experiência, ver já a perfeição aplicada ao serviço dos Lazaretos. Concedendo dinheiro, facilidade e meios para colocá-las, ninguém, de certo, concederá que os enfermeiros que para tais circunstâncias são reclamados se achem em quantidade no Rio de Janeiro. É aqui onde estarão as mais fortes vontades em melhorar. Médicos não faltam; médicos de abnegação, de desinteresse, de amor ao próximo e à ciência há em grande número, mas, além do médico, preciso é o que presta aos doutores os socorros de cada minuto, esses pequenos e muito reclamados serviços de um hospital. A medicina é impotente, as mais das vezes, quando o enfermeiro é descuidado, indiferente e cruel. Dir-nos-ão: aumentem-se os seus ordenados. Pois bem, a experiência já passou por esse aumento; já quis, à custa de dinheiro e sacrifícios, formar corações; aquilo, porém, que o berço e os costumes não dão, não pode o numerário produzir”. Além de evocar a imagem que era formada desses profissionais, como pessoas brutas e desqualificadas, o trecho indica o papel de subordinação desses profissionais para com os médicos. VER: O DIARIO. *Diario do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ed. 9049, p. 2, 28 jul. 1852.

em determinados papéis relacionados à saúde e marginalizando seu engajamento¹⁰. Ainda assim, a atividade dessas trabalhadoras não deixou de acontecer. O que ocorreu, no entanto, foi uma negligência para com as suas histórias durante muitos anos. Situação que se alterou com a participação de Historiadoras ao redor do mundo¹¹.

No Brasil do século XIX um papel significativo das mulheres no campo da saúde era a prática da parteira¹². Essa profissão fora oficialmente reconhecida pela Fisicatura-Mor, que concedia licenças às parteiras, e posteriormente pela criação do Curso de Partos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1832. Assim, a parturição era predominantemente uma ocupação feminina na época¹³. No entanto, conforme aponta Ana Paula Martins, o campo do parto foi marcado por uma constante disputa entre o conhecimento prático transmitido ao longo das gerações e o saber médico, que gradualmente substituiu o conhecimento tradicional¹⁴. Dessa forma, era comum que no período oitocentista houvesse concorrência entre essas profissionais – que incluía desde as conhecidas como comadres até aquelas diplomadas¹⁵ – e os médicos¹⁶. Embora autores tenham se debruçado nessas questões, há, entretanto, uma ausência de estudos das enfermeiras no período oitocentista.

É importante dizer que constantemente surgem estudos que problematizam a feminização do cuidado e da enfermagem, processo que se deu em especial nos anos finais do século XIX¹⁷. No entanto, pouco se fala sobre a experiência dessas trabalhadoras ao longo do

¹⁰ WITZ, Anne. *Professions and Patriarchy*. London: Routledge, p. 70, 1992.

¹¹ MARTINS, Ana Paula Vosne. A mulher, o médico e as historiadoras: um ensaio historiográfico sobre a história das mulheres, da medicina e do gênero. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 27, n. 1. 2020 pp. 241-264.

¹² VER: AGOSTINHO, Marcia Esteves. What Difference Gender Makes: Obstetricians in Nineteenth-Century Brazil. *Histories*, v. 1, pp. 267-281, 2021; BARBOSA, Giselle Machado; PIMENTA, Tânia Salgado. O ofício de parteira no Rio de Janeiro imperial. *Revista de História Regional*, pp. 485-510, 2016.

¹³ VER: MOTT, Maria Lucia. Parteiras: o outro lado da profissão. *Gênero*, Niterói, v. 6, n. 1, pp. 117-140, 2005; BARBOSA, Giselle Machado. *As madames do parto: parteiras através dos periódicos no Rio de Janeiro (1822-1889)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, p. 161, 2016; PIMENTA, Tânia Salgado. O ofício de parteira no Rio de Janeiro imperial. *Revista de História Regional*, pp. 485-510, 2016.

¹⁴ MARTINS, Ana Paula Vosne. A mulher, o médico e as historiadoras: um ensaio historiográfico sobre a história das mulheres, da medicina e do gênero. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 27, n. 1, p. 251, 2020.

¹⁵ Maria Lúcia Souza, ao analisar o cotidiano das parteiras, indicou a coexistência de três categorias: as licenciadas, as diplomadas e as práticas, conhecidas como comadres, que obtiveram seu conhecimento através da tradição. VER: SOUZA, Maria L. de Barros Mott de Melo. *Parto, parteiras e parturientes: Mme. Durocher e sua época*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, p. 331, 1998.

¹⁶ Alguns autores discutem a questão da concorrência, para aprofundar no assunto VER: BARBOSA, Giselle Machado. *As madames do parto: parteiras através dos periódicos no Rio de Janeiro (1822-1889)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, p. 161, 2016; MEDEIROS, Helber Renato Feydit. *Parteiras e médicos: a disputa por espaços na arte de partejar e a formação de obstetras na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Estudos de Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 395, 2015.

¹⁷ Alguns desses são: GASTALDO, Denise Maria; MEYER, Dagmar Estermann. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 42, n. 1, 2, 3 e 4, pp.

período oitocentista. Dessa forma, essa pesquisa não se ateve apenas aos anúncios de enfermeiros, como também de enfermeiras, na tentativa de ampliar a imagem que se constrói dessas trabalhadoras através das publicações de jornais. É preciso entender a forma como essas mulheres se colocavam ao oferecer seus serviços de enfermeiras e como eram descritas nas páginas dos periódicos em anúncios que solicitavam seus trabalhos. Desse modo, buscou-se pela palavra-chave “enfermeira” nos mesmos jornais que se fez a análise dos anúncios dos homens, aplicando as mesmas questões anteriores: de que modo elas queriam ser vistas? Em quais locais estavam inseridos no cotidiano oitocentista? Quais eram os espaços que ocupavam na sociedade? O que era esperado delas?

Diferentemente dos anúncios de enfermeiros, o número de mulheres que anunciavam e eram anunciadas nos jornais era bastante reduzido. A análise feita resultou em 251 publicações no *Jornal do Commercio* e 43 no *Diario do Rio de Janeiro*. A tabela abaixo identifica o número de publicações por década.

Tabela 9 - Número de anúncios de enfermeiras entre 1821-1879 no *Jornal do Commercio* e no *Diario do Rio de Janeiro*

Periódico	Ano					
	1820	1830	1840	1850	1860	1870
<i>Diario do Rio de Janeiro</i>	10	11	17	3	0	2
<i>Jornal do Commercio</i>	7	13	20	25	67	119

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do Diario do Rio de Janeiro

Como é possível perceber, assim como nos anúncios de enfermeiros, as publicações de enfermeiras diminuem ao longo dos anos no *Diario do Rio de Janeiro*, enquanto no *Jornal do Commercio* esse número cresce com o passar das décadas. Além disso, a análise da fonte demonstrou que existem diferenças consideráveis no número de ofertas e procuras. O número de ofertantes no *Diario do Rio de Janeiro* totaliza 72%, sendo que desse valor (31), 74,1% são de venda de escravizadas, enquanto 6,45% são de aluguel de cativas. Assim, 33 anúncios de ofertas se tratava de mulheres escravizadas. No caso do *Jornal do Commercio*, o número de ofertantes era de 41,4% e, dessas 104 publicações, 43,3% eram de anúncios de venda. Esses dados indicam que, enquanto a demanda por serviços de enfermagem era significativa, a oferta de mulheres para esses papéis era limitada, demonstrando possíveis restrições existentes no período. A alta incidência de anúncios de venda de mulheres escravizadas sugere que, para

7-13, jan.-dez. 1989; MAGALHÃES, Monique Delgado de Faria. *Estereótipos de gênero na enfermagem brasileira: memória e perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, p. 83, 2021; SIOBAN, Nelson. A imagem da enfermeira: as origens históricas da invisibilidade na enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 20, n. 2, pp. 223-224, 2011.

muitas delas, o cuidado e as funções associadas à enfermagem eram frequentemente desconsiderados como uma profissão digna, já que o cuidado não era uma escolha de trabalho, mas uma imposição de suas circunstâncias.

Nas tabelas (10 e 11) a seguir foram reunidos os dados de anúncios de ofertas de enfermeiras entre os anos de 1821 e 1879. É possível observar através de seus números uma tendência significativa entre esse ofício em relação às funções domésticas. A análise dos anúncios das enfermeiras é imprescindível, pois não só revela as condições de trabalho enfrentadas por essas mulheres, mas também proporciona uma visão das estruturas sociais mais amplas que moldavam suas experiências e oportunidades na época. Esse exame detalhado permite entender como as expectativas sociais e as normas de gênero influenciavam a atuação das enfermeiras e como essas condições refletiam uma hierarquia social e econômica que limitava suas oportunidades de avanço e reconhecimento dentro da profissão. Cabe ressaltar que, assim como nas tabelas criadas para os anúncios de oferta e demanda de enfermeiros, as linhas escritas pelas anunciantes podiam indicar mais de uma função a ser exercida e, dessa forma, as atividades mencionadas foram contabilizadas em mais de uma categoria.

Tabela 10 - Variedade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Jornal do Commercio*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Serviços domésticos	6	10	9	16	25	22	88
Enfermeira	0	0	2	3	1	8	14
Outros	0	0	1	0	0	4	5

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Tabela 11 - Variedade de serviços ofertados em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Serviços domésticos	7	8	11	3	0	1	30
Enfermeira	0	0	0	0	0	0	0
Outros	1	0	0	0	0	0	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

O cenário encontrado no caso dos anúncios de enfermeiras, tanto no *Jornal do Commercio* quanto no *Diario do Rio de Janeiro*, se fundamenta em uma quantidade extremamente significativa de funções que se assemelham ao serviço doméstico. De acordo com a análise, das 251 publicações do primeiro periódico, 88 se encontravam nessa esfera. Já no segundo, 30 dos 43 anúncios. Existem, no entanto, 14 publicações, no caso do *Jornal do Commercio* que se ofertavam apenas como enfermeiras e, também, algumas que mencionavam outras atividades, como a parturição e a gestão da dispensa. Contudo, todas essas se resumem

em uma palavra: o cuidado¹⁸. Esse ato foi fortemente associado às mulheres através do “ideal vitoriano”¹⁹. O cuidado com a parturiente, com o doente ou com o ambiente doméstico, supostamente encontrava a sua força de trabalho nas mesmas mãos²⁰.

Em um momento em que a fiscalização ainda falhava, não causa espanto que, assim como os enfermeiros se misturavam com profissões como farmacêuticos e sangradores, as enfermeiras se disponibilizassem a realizar partos. No dia 8 de maio de 1845, no *Jornal do Commercio*, surgia a primeira publicação com essa característica, a qual dizia

Algum sr. fazendeiro que precisar de um administrador, ou mesmo para feitor, casado, com família, e exigindo fiador a sua conduta; e ao zelo que deve ter nos seus deveres, será o dito senhor satisfeito; sua mulher, pela prática, poderá servir de enfermeira aos doentes, e mesmo ao caso de necessidade acudir a algum parto, caso aconteça, e governo de casa; o senhor que precisar queira anunciar ou mandar procurar na Gamboa n. 10.²¹

Esse anúncio é um dos 9 nos quais as esposas iriam acompanhadas de seus maridos e exerceriam atividades na propriedade da fazenda²². No caso apresentado, ela se dispunha a governar a casa, servir de enfermeira e, em caso de necessidade, auxiliar no parto de, possivelmente, uma escravizada. Como é explicitado, todos esses conhecimentos foram adquiridos na prática, cenário comum naquele momento. Decorre, no entanto, que essa não seria a única mulher a exercer atividades domésticas, como o governo de uma casa, somadas as de enfermeiras, bem como não é particular que se ocupe da parturição.

No dia 9 de março de 1878, também no *Jornal do Commercio*, surgia o anúncio de Mme. Driebacher, conhecida parteira da região, que dizia “Enfermeira. Como enfermeira (para doentes e de parto), recomenda Mme. Driebacher, uma senhora bastante hábil; na rua do General Camara n. 125.”²³. Cabe destacar que ela se envolveu em um caso de aborto que foi

¹⁸ Opta-se por utilizar a definição defendida por Brites e Fonseca, na qual debatem de maneira a argumentar que o cuidado não é uma nova categoria, mas sim uma que abarca tarefas que por vezes se encontram em um lugar invisível. O trabalho doméstico também é visto como um ato de cuidado. VER: BRITES, Jurema; FONSECA, Claudia. Cuidados profesionales en el espacio doméstico: algunas reflexiones desde Brasil - dialogo entre Jurema Brites e Claudia Fonseca. *Íconos*, Quito, n. 50, pp. 163-174, 2014; HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. *Cuidado e Cuidadoras – As Várias Faces do Trabalho do Care*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2012.

¹⁹ Não se associava apenas a isso, esse ideal vinculava a feminilidade com características como delicadeza, dependência, fragilidade, entre outras, isso, claro, a depender do corpo que era caracterizado. VER: DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

²⁰ Isso é, esperava-se que o cuidado tivesse origem das mãos de mulheres das mais diversas formas, fosse para o tratamento dos corpos ou da casa. Para se aprofundar na questão do cuidado durante o período oitocentista, pode-se acessar textos que discutem a temática em âmbitos diferentes. VER: MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, pp. 1-11, 2019; SPLENDOR, Vanessa Lidian; ROMAN, Arlete Regina. A mulher, a enfermagem e o cuidar na perspectiva de gênero. *Revista Contexto & Saúde*, v. 2, n. 4, pp. 31-44, jan.-jun. 2003.

²¹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 122, p. 4, 8 maio 1845.

²² Geralmente atuariam como professoras, costureiras ou governantas.

²³ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 68, p. 4, 9 mar. 1878.

amplamente repercutido nas páginas da *Gazeta de Notícias*, no ano de 1876. A acusação era de que se tratava de uma parteira ignorante, que não poderia exercer a profissão²⁴. É no mínimo intrigante que, em 1878, Driebacher tenha optado por se anunciar como enfermeira, ao invés de parteira. Quase como uma tentativa de se camuflar em uma profissão que ainda não era legislada, assim como o caso dos farmacêuticos se enveredando pelos caminhos da enfermagem.

Apesar desses casos excepcionais, a predominância se encontrava no trabalho doméstico²⁵, como no anúncio do dia 1 de dezembro de 1849, que surgia com a seguinte oferta “Aluga-se, na rua da Alfandega n. 251, loja, uma senhora boa costureira, que sabe cortar bem roupa de senhora e de homem, é boa engomadeira e muito boa enfermeira para tratar de qualquer doente”²⁶. Uma espécie de culto da domesticidade promovia a ideia de que o espaço do lar era o domínio natural das mulheres, onde elas deveriam exercer suas habilidades de cuidado e compaixão²⁷. Essa perspectiva estava fundamentada na crença de que as mulheres eram mais apropriadas para atividades que envolviam o cuidado. Assim, era comum que um leitor do *Jornal do Commercio* se deparasse com ofertas como a datada de 18 de outubro de 1856, que dizia “Aluga-se, na rua da Prainha n. 108, uma mulher branca de meia idade, para o serviço interno de uma casa de família, boa enfermeira e carinhosa para crianças.”²⁸. Tais linhas reforçavam a expectativa de que a mulher deveria ser cuidadosa e dedicada, tanto para o lar, quanto para com o outro.

Dessa forma, a enfermagem, uma atividade que, em tese, demandava empatia e dedicação, tornou-se uma extensão das responsabilidades domésticas atribuídas às mulheres. Os anúncios de jornais da época, frequentemente destacavam ofertas de serviços domésticos, como cozinheiras, amas de leite e arrumadeiras, demonstrando a alta demanda nesse setor. Essas publicações não só revelam a quantidade de mulheres envolvidas em atividades de cuidado, mas também destacam como essas funções eram consideradas uma parte essencial da identidade feminina. Cito aqui Renato Drummond Tapioca Neto

²⁴ SILVA, *op. cit.*, pp. 38-41.

²⁵ De acordo com Flávia Fernandes de Souza, a maioria dos anúncios de ofertas de trabalho publicados no *Jornal do Commercio* se referia ao serviço doméstico. VER: SOUZA, Flávia Fernandes. Criados ou empregados? Sobre o trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no antes e no depois da abolição da escravidão. *ANPUH - XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, pp. 1-16, 2013.

²⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 328, p. 3, 1 dez. 1849.

²⁷ O artigo *Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade* proporciona uma análise crítica das interações entre gênero, raça e práticas sociais do século XIX, evidenciando como o culto da domesticidade se tornou um componente central na construção da identidade da classe média emergente. VER: MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade*. *Cadernos pagu*, n. 20, pp. 7-85, 2003.

²⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 289, p. 4, 18 out. 1854.

A imagem idealizada da mulher no século XIX associava-a ao espaço doméstico, sendo a mulher considerada, portanto, um apêndice da casa e do marido e dedicada à criação dos filhos. Embora houvessem [sic] certas dissimilitudes entre o discurso e a prática, esse perfil era difundido em muitos romances de caráter pedagógico, em manuais de etiqueta, matérias de jornal, teses médicas, entre outros meios de informação.²⁹

Como afirma Tapioca Neto, essa era uma visão amplamente disseminada em diferentes meios culturais e sociais, sendo o jornal um desses suportes. Cabe lembrar, no entanto, que esse imaginário, na prática, se encaixava mais nas mulheres brancas e, sobretudo, de elite, do que aquelas de camadas populares. Assim, enquanto aquelas que ocupavam um espaço na alta sociedade eram idealizadas como donas de casas dedicadas e mães exemplares, eram as das classes trabalhadoras que executavam o serviço pesado. A prática de terceirizar o cuidado com a casa, alcançava também o cuidado com a alimentação dos filhos – quando se buscava por uma ama de leite – e da vigília e tratamento de crianças doentes, função esperada das enfermeiras contratadas.

Ser enfermeira – ou possuir essa habilidade –, portanto, se entrelaçava com a expectativa social de que as mulheres deveriam ser cuidadoras por natureza, reforçando a ideia de que sua contribuição ao mundo do trabalho era, em grande parte, uma extensão de suas obrigações familiares. No que diz respeito aos anúncios de oferta dessas mulheres, é possível perceber que o cuidado relacionado ao ambiente doméstico frequentemente era referenciado em suas linhas, uma vez que 82,2% das 107 publicações fazem menção a isso. Dessa forma, a enfermagem podia se tornar uma ocupação desqualificada. A análise desses anúncios revela um aspecto importante da sociedade do século XIX: as mulheres eram enxergadas profissionalmente por suas habilidades de cuidado, mas ao mesmo tempo eram restringidas a funções que não lhes conferiam prestígio, como a de costureiras e lavadeiras³⁰. Essa dinâmica de gênero não apenas moldava as experiências individuais, mas também refletia as normas sociais mais amplas que valorizavam o trabalho masculino em detrimento do feminino. Essa questão fica ainda mais

²⁹ TAPIOCA NETO, Renato Drummond. Entre Marias e Madalenas: a construção dos estereótipos femininos no Brasil Oitocentista (1850-1900). *ANPUH - IX Encontro Estadual de História: História e movimentos sociais*, Santo Antônio de Jesus, np., 2018.

³⁰ Carla Simone Chamon examina publicações de escolas em periódicos da Corte e aponta que, ocasionalmente, eram mencionados os horários estabelecidos para o ensino de diversas disciplinas. Segundo Chamon, atribuía-se grande relevância à educação doméstica das meninas, frequentemente ocupando três vezes mais tempo do que os assuntos compartilhados com a educação dos meninos. Irma Rizzini e Alessandra Schueler, ao analisarem o plebiscito de 1906, feito n° *O Paiz*, indicam que as opiniões sobre a educação da mulher eram divididas. Existiam aqueles que não desejam que elas trabalhassem e outros que davam preferência por profissões como o magistério ou a costura, para que o trabalho não afetasse o ambiente familiar. VER: CHAMON, Carla Simone. *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1913)*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 338, 2005; RIZZINI, Irma; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher (Rio de Janeiro, 1906). *Revista de História e Historiografia da Educação*, Curitiba, v. 2, n. 4, pp. 122-146, jan./abr. 2018.

visível quando se percebe uma remuneração menor do que a daqueles ditos enfermeiros. Nas quatro vezes que ela surgiu nas linhas publicadas, estava numa média de 24 mil réis³¹, sendo o menor valor pago 16\$000³² e o maior 35\$000³³, que não chega nem a média do vencimento dos homens que exerciam as mesmas atividades. Para além disso, uma vez que essas menções são esparsadas, percebe-se que não houve aumento significativo no valor pago pelo serviço dessas mulheres ao longo dos anos.

Dessa forma, conforme se soma as categorias de classe, gênero e raça, maior é a distância que se abre entre a academicidade e a prática tida como popular. Mais à margem, portanto, se encontrava o enfermeiro e a enfermeira do século XIX. A interseccionalidade de suas experiências revela a complexidade da profissão. Assim, a construção social da enfermagem nesse período foi marcada por uma hierarquia que relegava os trabalhadores a um papel secundário, frequentemente associado a estigmas de reça e classe. Para além disso, cabe destacar a influência de figuras como Florence Nightingale. A inglesa moldou a enfermagem moderna com base em princípios morais e religiosos, o que contribuiu para a feminização da profissão, reforçando a ideia de que o cuidado era uma extensão das responsabilidades domésticas das mulheres³⁴. O *Diario do Rio de Janeiro*, faz questão de ressaltar essas características em uma transcrição publicada no dia 31 de dezembro de 1854, na qual discorre que

Mistress, ou antes, Miss Florence Nightingale, a filha mais moça de M. William Shore Nightingale, de Embley Park, Hampshire, e de Leo Hurst, do Derbyshire, é uma senhora ainda na flor dos anos, e possui muitos dotes naturais e adquiridos. Conhece as línguas antigas e a matemática. É familiar nas línguas modernas; rara será aquela de que não tem conhecimentos suficientes, e fala francês, alemão e italiano com a mesma facilidade com que fala inglês. Tem percorrido e estudado diversas nações da Europa, e subiu o Nilo até a sua mais remota catarata. Jovem, graciosa, rica e popular, cativa de maneira singular todos com quem se relaciona. Tem amigos em todas as classes da sociedade e em todas as crenças religiosas. Mesmo antes de acreditar nisso, Miss Nightingale já simpatizava e se condoía pelos infelizes. Depois cursou as escolas, frequentou hospitais e estabelecimentos de beneficência em Londres, Edimburgo e no Continente. Quando o hospício em Londres, voltado para mestras enfermas, esteve em risco de fechar por falta de administração adequada, Miss Nightingale encarregou-se da sua direção. Abandonou o Derbyshire e Hampshire para residir no pequeno e modesto hospício de Harley Street, ao qual dedicou todo o seu tempo e toda a sua fortuna.³⁵

³¹ Esse valor podia ser o cobrado em um aluguel de uma casa na região central do Rio de Janeiro, como no anúncio do dia 4 de outubro de 1821, que dizia "Na rua do Sabão antes de chegar ao largo do Capim há uma casa de sobrado com muitas acomodações, com sótão e mirante, que se aluga pelo preço de 24\$000 rs por mês, quem a pretender, dirija-se à rua da Alfandega, n. 50, para a ver e se ajustar". VER: ALUGUEIS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 1000004, p. 4, 4 out. 1821.

³² JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 344, p. 3, 15 dez. 1851.

³³ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 9, p. 4, 9 jan. 1864.

³⁴ PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; MANCIA, Joel Rolim. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 58, n. 6, pp. 723-726, nov.-dez. 2005.

³⁵ DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 356, p. 2, 31 dez. 1854.

Como é possível observar, ressalta-se sempre o zelo e cuidado com o qual Nightingale faz suas escolhas pensando no próximo. É comum também a exaltação de sua benevolência, de se abdicar de seus luxos para cuidar daqueles que precisam. Para além disso, na Inglaterra dos anos 1850, a enfermagem ainda não era entendida como uma profissão especializada, no entanto, começava a ganhar reconhecimento, especialmente por meio das ações de Florence Nightingale durante a Guerra da Crimeia (1853-1856). Esse período foi crucial para que ela reformasse e professionalizasse práticas de enfermagem, contribuindo para a fundação da primeira escola formal de enfermagem em 1860. O *Diario do Rio de Janeiro* ao publicar essas linhas, buscava colocar Nightingale como uma espécie de heroína. Florence caracterizava, naquele momento, uma mulher comprometida com o bem-estar alheio, o que tornava sua história de interesse público. O mesmo ocorre quando Ana Néri, considerada a madrinha da enfermagem no Brasil, foi uma das mulheres que auxiliou os feridos na Guerra do Paraguai. Sua atitude foi vista como gloriosa, a mulher abastada que abandonou sua vida na Bahia em prol de um bem maior: a pátria³⁶. Até mesmo quando a intenção era tecer críticas àquelas que exerciam a enfermagem, como é o caso das irmãs de caridade que coordenavam a Santa Casa de Misericórdia, essas características são ressaltadas. O texto de Felippe, no romance-folhetim “Cartas de um caipira” demonstra essa questão. De acordo com o autor

A mulher não nasceu para ser nem freira, nem irmã de caridade. Freira para que? Para amar a Deus? Para venerá-lo como ele deve ser venerado? Acaso é a mulher tão má, tão pervertida, que só enclausurada entre as sombrias paredes de um cárcere, inteiramente separada do mundo, é que pode orar com fervor?

Irmã de caridade, para que? Há porventura alguma lei nos códigos humanos que proíba à mulher ser enfermeira? O que são todas essas mães de família que há no mundo, senão delicadíssimas enfermeiras? Vá vê-las, minha senhora, à cabeceira de seus filhos, de seus esposos, e até de seus fâmulos! Vá e diga-me depois se as irmãs de S. Vicente de Paulo são mais extremosas do que elas.

Saindo do estreito círculo da família ainda a mulher é sempre a mesma, sempre a imagem viva do amor do próximo, da abnegação sem limites. Quando não que o digam esses bravos soldados que foram defender a honra nacional nos campos paraguaios. Sim, eles que lhe digam quem era aquela Anna Nery, que, tão adiantada em anos, abandonou todos os cômodos da vida para ir enxugar lágrimas e mitigar dores nos hospitais de sangue.

Bem vê, minha senhora, que para amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo não precisa a mulher constituir-se freira, nem irmã de caridade.³⁷

Essa publicação se trata de uma entre outras que abordava a atitude de uma mulher de nome Gabriella, que havia desistido da carreira de freira. A primeira publicação, no dia 18 de dezembro de 1873, anunciava que havia fugido uma comadre da Santa Casa de Misericórdia.

³⁶ Nelson Grisard e Edith Tolentino de Souza Vieira fazem uma homenagem a Ana Neri. Em seu texto traçam um panorama sobre a sua vida e fazem comparações entre ela e Florence Nightingale. VER: GRISARD, Nelson; VIEIRA, Edith Tolentino de Souza. Ana Néri, madrinha da enfermagem no Brasil. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 78, v. 2, pp. 145-147, 2008.

³⁷ FELIPPE. “Cartas de um Caipira: Carta LXXXIII”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 356, p. 3, 25 dez. 1873.

Essa informação foi corrigida no dia 25 de dezembro de 1873, pela Santa Casa, ao afirmar que ela não havia fugido e sim optado por casar-se. Em meio a tantas indagações e críticas ao serviço oferecido pelas irmãs de caridade, Felippe insiste em associar a identidade das mulheres ao cuidado para com o próximo e a caridade de mulheres exemplares, como “Anna Nery”. Esses escritos, que diversas vezes associam o cuidado ao próximo, sobretudo ao marido e filhos, quando são colocados em conjunto dos anúncios, ressaltam o entrelaçamento feito e esperado dessas trabalhadoras com o trabalho doméstico.

As tabelas 12 e 13 reúnem anúncios de demanda de enfermeiras entre as décadas de 1820 e 1870. Ao todo estão reunidos 147 anúncios do *Jornal do Commercio* e 12 do *Diario do Rio de Janeiro*, com as mesmas funções dos quadros anteriores. Essas publicações, feitas por aqueles que contratavam o serviço, revelam aspectos sobre o perfil buscado para a função de enfermagem, bem como as características e qualificações valorizadas na época, permitindo um entendimento mais profundo sobre a percepção e o papel das enfermeiras na sociedade da época.

Tabela 12 - Variedade de serviços demandados em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Jornal do Commercio*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Serviços domésticos	0	1	3	3	6	3	16
Enfermeira	1	3	6	3	35	82	130
Outros	0	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Tabela 13 - Variedade de serviços demandados em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Serviços domésticos	1	1	3	0	0	0	5
Enfermeira	0	3	3	0	0	1	7
Outros	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

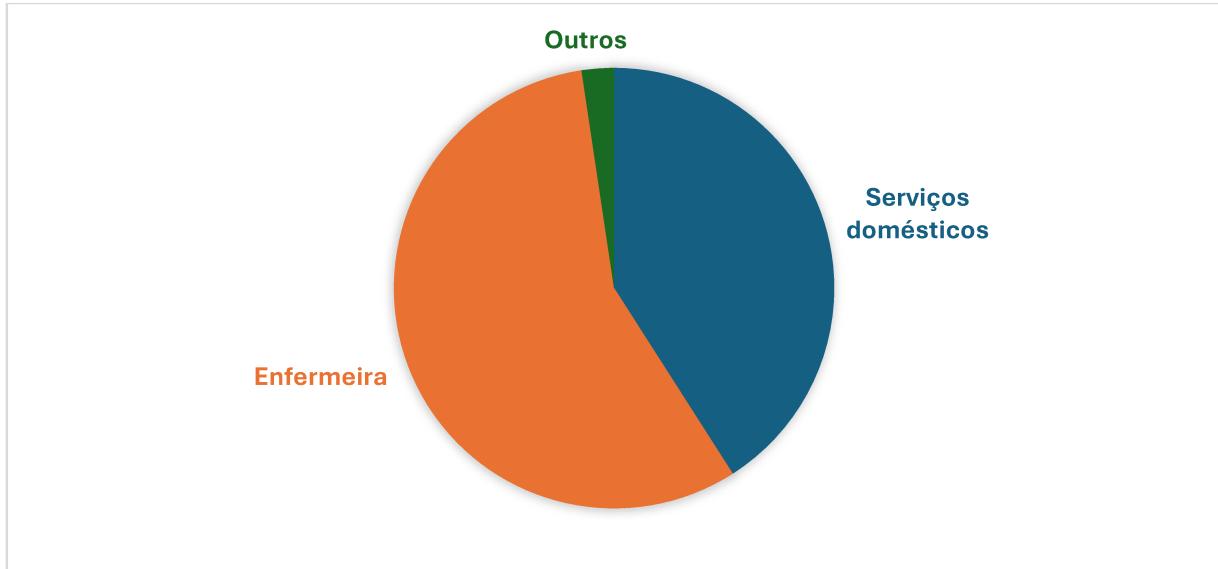
No que se refere à busca por mulheres para exercer a enfermagem, a maioria das publicações não deixa claro que elas deveriam realizar outras tarefas, para além do cuidado aos enfermos. Dos 147 anúncios de demanda no *Jornal do Commercio*, 130 estavam classificados como “enfermeira”. No *Diario do Rio de Janeiro*, das 12 buscas, 7 se encontravam nesse grupo – um número reduzido, mas que ainda representa a maioria. Situação semelhante ocorre com as solicitações para enfermeiros. No entanto, ainda há a presença de outras funções domésticas, com 16 casos no primeiro jornal e 5 no segundo classificados como “serviços domésticos”. Como era prática comum, conforme observado nos anúncios, é possível supor que aqueles que

requisitavam os cuidados dessas mulheres não esperavam apenas cuidados físicos, mas também assistência no âmbito material de suas propriedades. Tal argumento ganha força através da publicação distinta do dia 12 de março de 1823, no *Diario do Rio de Janeiro*, a qual diz: “Se alguma mulher, ainda que não seja branca, se queira encarregar de tratar de uma doente, unicamente como enfermeira, sem outro algum serviço, e gratificando-se lhe bem o seu trabalho: pode se dirigir a loja de livros da rua da Alfândega n. 395”.³⁸ A necessidade de explicitar que não se faria nada além tratar de uma pessoa enferma, pode indicar que ao serem contratadas, as trabalhadoras talvez se ocupassem de outras tarefas.

Essa expectativa podia não apenas limitar a percepção do que significava a atividade de cuidar de enfermos, mas também perpetuava a ideia de que a tarefa de cuidado era algo que poderia ser facilmente desviado para outras ocupações, desconsiderando o saber e as habilidades necessários para a prática desse ofício. Como essa característica está presente nos anúncios tanto de homens quanto de mulheres, acredita-se que essa sobreposição de funções contribuiu para uma possível desvalorização dessa atividade, que tinha como consequência os valores pagos a esses trabalhadores e trabalhadoras. Isso se estende por todo o período, como foi demonstrado por Luiz Otávio Ferreira e Wellington Amorim *et al*, os anúncios feitos na década de 80 e 90, ainda relacionava as tarefas da enfermagem com as do cuidado com a casa, o que indica a permanência de um modelo pouco institucionalizado da função, mesmo às vésperas da regulamentação oficial. Para ilustrar os argumentos já detalhados nas tabelas, o Gráfico 4 e o Gráfico 5, a seguir, apresentam uma visualização das funções anunciadas nos periódicos por categorias de oferta e demanda.

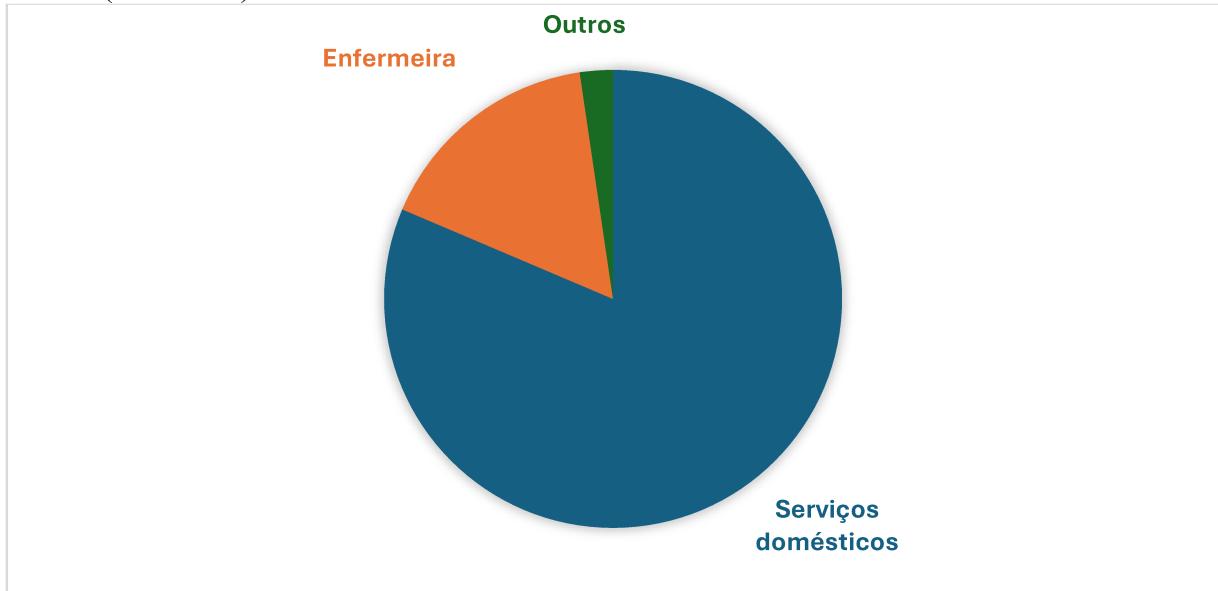
³⁸ DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 10, p. 2, 12 mar. 1823.

Gráfico 4 - Funções presentes nos anúncios de oferta e demanda de enfermeiras no *Jornal do Commercio* (1820-1870)



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Gráfico 5 - Funções presentes nos anúncios de oferta e demanda de enfermeiras no *Diario do Rio de Janeiro* (1820-1870)



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Para se ter uma melhor imagem do perfil das enfermeiras no século XIX, foram construídas as tabelas 14 e 15 abaixo. Nelas estão presentes todos os anúncios que mencionavam a faixa etária, fossem de oferta ou de demanda. Cabe destacar, no entanto, que quanto ao *Jornal do Commercio*, em um total de 63 publicações que apontavam a idade da trabalhadora, 34 se tratava de oferta e 29 de demanda. Já quando se fala sobre o *Diario do Rio de Janeiro*, com dados detalhados no segundo quadro, do total de 19 anúncios que informavam essa característica, 15 ofertavam e 4 demandavam o serviço. Assim, é possível perceber que

essa era uma informação mais prevalente nas linhas dos ofertantes, aspecto que pode estar apoiado no fato de que a maior parte desses anúncios de oferta se tratava de venda ou aluguel de escravizadas, sendo 23 e 10 no segundo periódico.

Tabela 14 - Faixa etária presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Jornal do Commercio*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Variações de meia idade	0	1	1	4	7	18	31
Idoso	0	1	0	0	0	1	2
10-20	2	4	1	0	0	1	8
20-30	1	2	2	1	5	0	11
30-40	0	1	0	1	2	1	5
40-50	0	0	1	1	3	2	7
50-60	0	0	0	0	0	0	0
Não informa	4	5	15	18	50	96	188

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Tabela 15 - Faixa etária presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Variações de meia idade	0	1	2	0	0	0	3
Idoso	2	1	1	0	0	0	4
10-20	1	1	1	0	0	0	3
20-30	0	2	3	0	0	0	5
30-40	0	1	0	0	0	1	2
40-50	0	0	2	0	0	0	2
50-60	0	0	0	0	0	0	0
Não informa	7	5	8	3	0	1	24

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Embora a maioria das publicações não mencione a idade nos anúncios divulgados em ambos os periódicos, esses dados revelam uma realidade complexa dessas enfermeiras. Como no caso dos enfermeiros, ainda há uma persistência na faixa etária mais comum no império, entre 28 e 40 anos. No entanto, há um aumento no número de praticantes que se encontram entre os 10 e 20 anos. Dois casos chamam a atenção, o publicado no dia 10 de outubro de 1825, no *Diario do Rio de Janeiro*, que anunciava

Vende-se por preciso uma escrava parda, de idade de 14 anos pouco mais ou menos, sabendo coser sofivelmente, e engomar liso, cozinha, menos massas, refina açúcar, lava, e se pode confiar o ser enfermeira; quem dela precisar, procure no Campo da

Aclamação, rua do Conde n. 5, que aí achará com quem tratar, e se lhe mostrará a dita escrava.¹

E o do dia 11 de agosto de 1847 no *Jornal do Commercio*, que dizia que

Quem quiser alugar uma ama de leite, muito boa e carinhosa para crianças, a qual se afiança, dirija-se à rua do Senado n. 82; também se aluga outra para o serviço da casa, muito boa, sabendo bem todo o serviço, é boa enfermeira, de idade de 10 anos, a qual se afiança.²

Essas meninas, uma vez que eram escravizadas, estavam longe de serem vistas como crianças que mereciam cuidados. Ao contrário disso, além de todas as atividades às quais eram submetidas, como costura, cozinha e serviços domésticos deveriam cuidar de terceiros. Esses anúncios, portanto, não revelam apenas a exploração pela qual elas eram sujeitas, mas também o não reconhecimento como um saber específico. A falta de critérios e habilidades dessa prática, resulta em uma frequente desqualificação, não pelo sujeito que a realiza, mas pela própria natureza da ocupação e pelas normas sociais que a cercavam. Esse ofício, muitas vezes, era visto como uma extensão das responsabilidades femininas tradicionais de cuidado. Essa percepção contribui para a marginalização da atividade, relegando-a a um espaço de subalternidade em relação a outras áreas da saúde, como a medicina, que era dominada por homens e exigia um nível de especialização muito mais elevado³.

Além disso, meninas escravizadas, muitas vezes de origem parda ou negra, eram vistas como mão de obra disponível e barata, e suas habilidades de cuidado eram exploradas sem consideração. O fato de serem encarregadas de cuidar de crianças por vezes brancas, por exemplo, evidencia a hierarquia racial que permeava a sociedade⁴. Assim, a vida e a saúde dessas últimas eram priorizadas em detrimento das vidas da infância escravizada⁵. A responsabilidade de cuidar de vidas humanas, enquanto suas próprias necessidades eram ignoradas, demonstrava a profunda desumanização com a qual a sociedade da época estava habituada⁶. A presença delas, por outro lado, sugere que a enfermagem era uma ocupação

¹ DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 8, p. 2, 10 out. 1825,

² JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 221, p. 3, 11 ago. 1847.

³ PIMENTA, Tânia Salgado. Médicos e cirurgiões nas primeiras décadas do século XIX no Brasil. *Almanack*, Guarulhos, n. 22, pp. 88-119, ago. 2019.

⁴ Alguns estudos buscaram entender o papel da criança escravizada na sociedade oitocentista e analisaram funções que elas desempenhavam. VER: ROSSINI, Gabriel Almeida Antunes. A importância da criança escravizada e seu comércio no Oeste Paulista, 1861-1869. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 49, n. 4, pp. 777-806, out.-dez. 2019; SILVA, Rafael Domingos Oliveira da. "Negrinhas" e "negrinhos": visões sobre a criança escrava nas narrativas de viajantes (Brasil, século XIX). *Revista de História*, v. 5, n. 1-2, pp. 107-134, 2013; MOTT, Maria Lucia de Barros. Ser mãe: a escrava em face do aborto e do infanticídio. *Revista de História*, São Paulo, v. 120, pp. 85-96, jan.-jul. 1989.

⁵ SILVA, Rafael Domingos Oliveira da. "Negrinhas" e "negrinhos": visões sobre a criança escrava nas narrativas de viajantes (Brasil, século XIX). *Revista de História*, v. 5, n. 1-2, pp. 107-134, 2013.

⁶ O artigo de Maria Lúcia Pereira de Oliveira destaca que mulheres negras se encontravam dentro das paredes das Santas Casas de Misericórdia. Nesses locais, elas deveriam exercer suas atividades com obediência, abnegação e espírito de serviço. VER: OLIVEIRA, Maria Lúcia Pereira de. A presença negra na Enfermagem. *Sindicato dos*

acessível a pessoas muito jovens, especialmente em um contexto de escravidão. É um ponto que ressalta o argumento de que essa prática era vista como uma extensão do ser mulher, independentemente da idade. Esse talvez fosse, também, um ponto para a desqualificação e da percepção pública da enfermagem. Ao mesmo tempo, a quantidade significativa de enfermeiras na faixa de “meia idade”, apesar de não ser um requisito – devido ao diminuto número de menções a essas características –, pode indicar uma expectativa social de que as enfermeiras deveriam ser maduras e experientes.

Quanto ao nível de alfabetização das enfermeiras, a tabela 16 descreve os dados encontrados no *Jornal do Commercio* de acordo com as décadas. Não existe um quadro para o *Diario do Rio de Janeiro*, uma vez que não houve nenhuma ocorrência que citava essa característica nas publicações observadas. Cabe destacar que dos 15 anúncios que faziam menção a essa competência, apenas um deles era uma publicação de oferta, os outros 14 se tratava da demanda por serviços. Para além disso, diferentemente do caso dos enfermeiros essas mulheres não descreviam o conhecimento em aritmética ou, como usualmente usado, “contar”. É importante pontuar, também, que essas exigências se tornaram presentes com mais frequência apenas a partir da década de 1860, o que talvez indique o início do caminhar para a profissionalização da enfermagem. Embora ainda distantes de um processo formal, essas transformações sugerem uma reorganização gradual das práticas e critérios de contratação que, mais tarde, seriam incorporadas ao modelo institucionalizado.

Tabela 16 - Nível de alfabetização presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Jornal do Commercio*

Funções	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Ler	0	0	1	0	1	3	5
Ler e escrever	0	0	0	0	3	7	10
Ler, escrever e contar	0	0	0	0	0	0	0
Não informa	7	13	19	25	63	109	236

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Apesar dos anúncios que demandavam a alfabetização estarem presentes na tabela, com 5 ocorrências na categoria “ler” e 10 no grupo “ler e escrever”, é visível que a maioria das publicações não informava nenhuma exigência nesse sentido. Dos 147 anúncios de demanda que foram publicados durante o período estudado, apenas 14 deixava explícita essa necessidade. Assim, é provável que esse não era um pré-requisito para o exercício da atividade. Dessa forma,

enfermeiros e enfermeiras tinham um ponto em comum: não indicar letramento. No caso do *Diario do Rio de Janeiro*, dos 43 anunciantes, nenhum mencionava essa competência. Esse baixo índice de alfabetizados não surpreende quando considerado o contexto socioeconômico da época, no qual o volume de sujeitos letrados era pequeno, especialmente entre as mulheres⁷. No entanto, essa informação indica mais uma vez a distância que separava os trabalhadores da enfermagem daqueles que possuíam um lugar na ciência da cura, especificamente dos médicos. Essa discrepância reflete as desigualdades de gênero e classe que permeavam a sociedade brasileira do século XIX. As mulheres, especialmente as de classes populares, tinham acesso limitado à educação formal, o que se manifestava em suas oportunidades profissionais⁸.

Nesse mesmo período, havia uma tentativa de algumas parteiras diplomadas de se aproximarem dos médicos acadêmicos por meio de seus anúncios⁹. Contudo, a situação das enfermeiras no recorte temporal analisado estava distante desse esforço. Enquanto parteiras buscavam estabelecer sua legitimidade através da frequente menção aos seus diplomas, as enfermeiras sequer mencionavam habilidades de leitura e escrita. A sua aproximação estava muito mais evidente com as trabalhadoras domésticas, desde as suas funções, passando pela semelhante remuneração até o nível de alfabetização. As publicações analisadas, portanto, sugerem um lugar subalterno em relação aos médicos e às demais profissões de saúde. De acordo com Sandra Maria Cezar Leal e Marta Júlia Marques Lopes, associar essas práticas às "qualidades" femininas em vez de habilitações profissionais relega essas atividades a um status de tarefas intermediárias e, dessa forma, desprovidas de valor científico¹⁰.

A desqualificação da profissão portanto, está intrinsecamente ligada a questões de gênero e classe, onde as contribuições das mulheres, especialmente das mulheres negras e escravizadas, eram sistematicamente desconsideradas. Isso não apenas limitava suas oportunidades de ascensão social, mas também perpetuava a ideia de que o cuidado era uma tarefa inherentemente feminina, com fortes marcas raciais. Essas particularidades, podiam influenciar no tratamento dado aos enfermeiros pelos seus empregadores. É imprescindível,

⁷ SANTOS, Vívian Matias dos. Para pensar o campo científico e educacional: mulheres, educação e letras no século XIX. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 58, pp. 585-610, jul.-set. 2014.

⁸ Por exemplo, parteiras práticas enfrentavam obstáculos para exercer sua profissão uma vez que não possuíam as condições necessárias para obter o diploma através do Curso de Partos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Para mulheres, nesse período, as profissões habitualmente exercidas envolviam atividades manuais ou, quando muito, o magistério. VER: SILVA, Thamiris Lacerda. *Dona Durocher também partejava ideias: a atuação da parteira na vida pública do país no século XIX (1871-1885)*. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 90, 2023; ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 96, pp. 71-78, fev. 1996.

⁹ Idem, p.23.

¹⁰ LEAL, Sandra Maria Cezar; LOPES, Marta Júlia Marques. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 24, pp. 105-125, jan.jun. 2005.

portanto, analisar essas questões somadas às perspectivas da raça. Assim, como os anúncios podem fornecer uma perspectiva do cuidado dado à população escravizada? Havia diferenciações entre os anúncios daqueles que possuíam a habilidade de enfermeiro e eram livres e aqueles que eram escravizados? Existia lugar para enfermeiros negros, forros e livres? Ocorria alguma prevalência nas funções exercidas por eles? Além disso, é importante também revelar o espaço ocupado pelos trabalhadores estrangeiros, que surgiam periodicamente nas folhas dos jornais. Essa abordagem é essencial para compreender as dinâmicas de poder e as relações sociais que influenciavam a profissão.

1.3 A cor do cuidado: barreiras e oportunidades na enfermagem do século XIX

Até o momento, foi significativa a contribuição de pesquisadores sobre as doenças e tratamentos dados aos escravizados¹¹, sobretudo nas fazendas. Ângela Porto, por exemplo, realiza um importante estudo ao explorar as condições de saúde dos escravizados no Brasil durante o século XIX. Segundo a autora, ainda que naquele momento os negros fossem vistos como a causa de alguns males¹², o interesse por sua saúde não era de grande relevância entre médicos e autoridades¹³. Era mais comum a preocupação com os potenciais impactos que poderiam causar na sociedade do que com suas próprias vidas¹⁴. Ainda assim, esses sujeitos possuíam formas de obter tratamento, fosse por parte de seus senhores ou por meio de uma rede

¹¹ Maria Renilda Barreto e Tânia Salgado Pimenta analisam registros da Santa Casa de Misericórdia da Bahia para entender as principais doenças que acometiam os escravizados na primeira metade do século XIX. Da mesma forma, Gabriela dos Reis Sampaio faz investigação semelhante utilizando esses registros. Outros pesquisadores têm se interessado por essa temática, nas diversas regiões do Brasil oitocentista. VER: BARRETO, Maria Renilda Nery; PIMENTA, Tânia Salgado. A saúde dos escravos na Bahia oitocentista através do Hospital da Misericórdia. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 6, n. 2, jul.-dez., 2013; SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Decrépitos, anêmicos, tuberculoso: africanos na Santa Casa de Misericórdia da Bahia (1867-1872). *Almanack*, Guarulhos, n. 22, pp. 207-249, ago. 2019; BEZERRA, Nielson Rosa. Escravidão e saúde: a doença do corpo e a cura da alma no Recôncavo do Rio de Janeiro, século xix. *Revista Pilares da História*, v. 10, n. 12, pp. 71-80, dez. 2011; DIAS, Elainne Cristina Jorge. As condições física e de saúde dos escravizados nos anúncios de jornais da Paraíba oitocentista (1850-1888). *Temporalidades - Revista Discente*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, pp. 98-112, ago.-dez. 2011; LIMA, Silvio Cezar de Souza. Cruz Jobim e as doenças da classe pobre: o corpo escravo e a produção do conhecimento médico na primeira metade do século XIX. *Almanack*, Guarulhos, n. 22, pp. 250-278, ago. 2019; EUGÊNIO, Alisson. Reflexões médicas sobre as condições de saúde da população escrava no Brasil do século XIX. *Afro-Ásia*, v. 42, pp. 125-156, 2010.

¹² Para parte da população, os negros e suas condições de vida eram frequentemente vistos como um dos "males" da cidade, contribuindo para as epidemias e o "atraso" da capital, questão abordada por Sidney Chalhoub em *Cidade Febril*. VER: CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

¹³ PÔRTO, Ângela. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1020, out.-dez. 2006.

¹⁴ Segundo Ângela Porto, a presença desses indivíduos era uma forma de corrupção da sociedade e das famílias. PORTO, Op. Cit., p. 1020.

de solidariedade, incluindo curandeiros¹⁵. Não obstante, há ainda aqueles que se debruçaram a investigar funções de curar típicas de escravizados, como a sangria. Tânia Salgado Pimenta destaca a atuação de barbeiros e sangradores no século XIX. Esses trabalhadores, segundo ela, muitas vezes realizavam procedimentos simples, atuando como dentistas ou realizando pequenas cirurgias¹⁶, inclusive em locais como a Santa Casa de Misericórdia¹⁷. No entanto, ainda que se saiba da existência de enfermeiros escravizados, pouco foi encontrado sobre a quantidade e a espécie dos serviços exercidos.

Com o intuito de encontrar o perfil do enfermeiro e entender o seu cotidiano, analisou-se também a presença de anúncios de venda e aluguel de escravizados para a função de enfermeiros. Entende-se que, a partir dos dados obtidos, pode-se compreender as dinâmicas da enfermagem no século XIX no Rio de Janeiro. Dessa forma, é essencial abordar o contexto da escravidão e as suas nuances. Sendo assim, os anúncios encontrados, por vezes diferenciavam enfermeiros livres e aqueles que eram escravizados. Esses sujeitos frequentemente eram marcados por termos como "escravo", "pretinha", "parda" e "negro", sendo antecedidos por uma informação de "vende-se" ou "aluga-se". Encontrou-se ao todo 51 publicações, de um montante de 1.546, que se tratava de escravizados no *Jornal do Commercio*, fechando em 3,3% da quantidade absoluta. Já no *Diario do Rio de Janeiro*, em um total de 139 ocorrências com a palavra-chave “enfermeiro”, o valor foi de 17 anúncios, representando 12,2% do valor total. No caso das mulheres, das 251 publicações encontradas, 53 eram de escravizadas que possuíam habilidade de enfermeira no *Jornal do Commercio*, o que corresponde a 21,1% do total. Por outro lado, foram encontrados 28 dos 43 anúncios do *Diario do Rio de Janeiro* se referindo a elas, resultando na soma de 65,1%. Cabe ressaltar que esses anúncios não apenas serviam como

¹⁵ Alguns trabalhos recentes abordam essas relações. VER: DINIZ, Gustavo Silva. *Entre enfermos e curandeiros: doenças e práticas de cura da população negra na Paraíba oitocentista (1870-1880)*. Trabalho de Conclusão (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal da Paraíba, p. 20, 2022; PIMENTA, Tânia Salgado. Curas, rituais e amansamentos com plantas entre escravizados e libertos no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1810 e 1850. *Bol. Mus. Para Emílio Goeldi Ciências Humanas*, v. 17, n. 1, pp. 1-13, 2022; OLIVEIRA, Valmir Reis de. *A prática da medicina exercida por curandeiros, sangradores e médicos no Brasil no início do século XIX, e a Institucionalização do hospital*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 25, 2023.

¹⁶ Tânia Salgado Pimenta examina a complexa relação entre as práticas populares de saúde e a medicina oficial entre 1808 e 1828, destaca como essas atividades revelavam conflitos de poder e controle. PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). *História, ciências, saúde - Manguinhos*, v. 5, n. 2, pp. 349-373, 1998.

¹⁷ Márcio Couto Henrique aborda a presença de escravizados e as suas funções dentro do Hospital da Misericórdia do Pará. O autor explora a posição ocupada pelos escravos no ambiente hospitalar e como suas funções refletiam as contradições da instituição ao lidar com a mão-de-obra escravizada para trabalhos de cuidado. O estudo evidencia as tensões entre caridade e exploração no contexto da saúde e assistência pública. VER: HENRIQUE, Márcio Couto. Os escravos da Misericórdia. *Amazônica: Revista de Antropologia da Universidade Federal do Pará*, v. 5, n. 2, pp. 386-410, 2013.

um meio de comercialização, mas também revelavam aspectos da vida cotidiana e das relações sociais¹⁸.

Esses enfermeiros escravizados enfrentavam barreiras significativas, incluindo a falta de autonomia e a possibilidade de serem vendidos a qualquer momento. Dessa forma, ao serem comercializados, a habilidade de enfermagem era tida como um diferencial para o futuro comprador. Assim, a partir da escravidão eram definidas as obrigações desses cativos enfermeiros. Por outro lado, algumas publicações da época mencionavam enfermeiros dispostos a atuar como administradores ou feitores, sugerindo uma certa mobilidade social e oportunidades de carreira. I.M.S.G, como se anuncjava, busca por um trabalho assim ao publicar no dia 22 de setembro de 1860: “Quem precisar de um feitor para administrar escravos ou qualquer negócio, tendo também muita prática de enfermeiro, e dá fiador a sua conduta, deixe carta no escritório desta folha com as iniciais I. M. S. G”.¹⁹ Em seu anúncio, o autor se propunha tanto para enfermeiro quanto para feitor, atividades que em tese, devido a reputação dos feitores²⁰, deveriam ser opostas. Através das seguintes perguntas, buscou-se analisar as publicações: é possível enxergar alguma barreira que afete a mobilidade e as condições de trabalho de enfermeiros por meio desses anúncios? Era relevante para aqueles que anunciam indicar a cor? Qual a importância numérica da presença de escravizados nessa ocupação? Existia alguma função prevalecente nos anúncios de venda e aluguel de escravizados?

Além disso, há também presença de trabalhadores estrangeiros que, embora pequena, foi notável no decorrer do período oitocentista. Existe a possibilidade de que a nacionalidade interferisse na contratação? Era relevante para os anunciantes informarem esse dado? Pensando nisso, as tabelas abaixo demonstram a presença de informações sobre as cores dos sujeitos que ofertavam seus serviços e deles possuíam demanda. Cabe ressaltar que, para a análise realizada, da mesma forma como fez Natália Batista Peçanha, isto é, considerou-se que aqueles que optavam por declarar a sua origem europeia eram homens e mulheres brancas.²¹ Embora a

¹⁸ Alexandra Lima da Silva argumenta sobre a importância da palavra escrita e dos anúncios como instrumentos de poder e controle durante o período da escravidão no Brasil, especificamente entre 1830 e 1888. Segundo a autora, os anúncios revelam não apenas as condições de vida dos escravizados, mas também as representações sociais e os saberes que permeavam essa época. VER: SILVA, Alexandra Lima. O saber que se anuncia: o poder da palavra em tempos de escravidão (Rio de Janeiro, 1830 a 1888). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 18, pp. 1-29, 2018.

¹⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 263, p. 4, 22 set. 1860.

²⁰ DORNELAS CÂMARA, Bruno Augusto. Um ofício da escravidão: o trabalho dos feitores no Brasil oitocentista. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 14, pp. 1–25, 2022.

²¹ PEÇANHA, Natália Batista. "Precisa-se de uma criada estrangeira ou nacional para todo o serviço de casa": Cotidiano e agências de servidoras/es domésticas/os no mundo do trabalho carioca (1880-1930). Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, p. 35, 2018.

frequência dessas informações possa variar de acordo com o período analisado, é importante considerar o significado e as implicações de tais categorizações. Uma vez que elas aparecem com pouca frequência em relação ao número total de anúncios, é provável que a cor, no final das contas, não era fator determinante para a maioria dos contratantes.

As tabelas 17 e 18 demonstram o conjunto de dados que puderam ser coletados relativos à cor dos enfermeiros do gênero masculino, tanto no *Jornal do Commercio*, quanto no *Diario do Rio de Janeiro*, entre as décadas de 1820 e 1870. Ao todo foram encontradas 104 publicações que indicavam esse dado de alguma forma, sendo que desses apenas 5 eram demandas, enquanto os ofertantes somavam 99 do valor total. No caso do *Diario do Rio de Janeiro*, foram encontradas apenas 13 ocorrências, sendo que todas elas eram de oferta. Para além disso, é importante destacar que foram considerados não apenas anúncios que deixavam explícita essa informação através de palavras como “branco”, mas também aqueles que indicavam nacionalidades majoritariamente brancas, como portugueses, espanhóis, alemães, italianos e franceses.

Tabela 17 - Cor presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Jornal do Commercio*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Branco	0	0	10	23	15	24	72
Preto	0	1	9	3	7	2	22
Pardo	0	0	0	1	4	5	10
Qualquer	0	0	0	0	0	0	0
De cor	0	0	0	0	0	0	0
Não informa	1	26	104	348	343	620	1442

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Tabela 18 - Cor presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Branco	0	1	1	2	1	0	5
Preto	1	2	3	1	0	0	7
Pardo	0	1	0	0	0	0	1
Qualquer	0	0	0	0	0	0	0
De cor	0	0	0	0	0	0	0
Não informa	5	19	48	42	3	9	126

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Como visto, a presença da cor em anúncios não se sobressaía mais do que as informações de faixa etária ou alfabetização. O seu número total não chega, no caso dos homens que eram anunciados no *Jornal do Commercio*, nem a 7% do valor total de publicações. Quanto ao *Diario do Rio de Janeiro*, a quantidade ultrapassa por pouco a margem dos 9%. A baixa representatividade da cor entre esses enfermeiros indica que essa informação não era prioritária

para os anunciantes, sobretudo para aqueles que demandavam os serviços. Esse detalhe sugere uma generalização da figura do enfermeiro, onde empregadores e trabalhadores priorizavam a prática profissional em detrimento do reconhecimento individual desses indivíduos, resultando na despersonalização desses sujeitos²².

Cabe ressaltar que, embora o número de escravizados divulgados como enfermeiros fosse pequeno, a atuação de pretos e pardos, possivelmente livres, era notável na área. Essa diversidade é confirmada pelos dados das tabelas. Na Tabela 16, por exemplo, apesar de os brancos representarem a maior parte, a quantidade de pretos e pardos ocupa a segunda e a terceira posição. O cenário muda na Tabela 17, onde o número de pretos supera o de brancos. Assim, pessoas negras, tanto aquelas em situação de liberdade quanto as que estavam escravizadas, desempenhavam a atividade. Dessa forma, é comum encontrar nas páginas dos jornais publicações como a do dia 8 e 9 de setembro de 1857, no *Jornal do Commercio*, que informava: “Enfermeiro. Precisa-se de um moço português ou brasileiro, ou mesmo um preto, que seja limpo, livre ou cativo, para assistir a um doente; na rua Direita n. 19 se dirá para onde é”²³. Esse cenário revela a presença contínua e significativa desses indivíduos na área de enfermagem, mesmo em um período de severas restrições. Embora enfrentassem um contexto de escravidão e discriminação, a atuação de não brancos como enfermeiros destaca a importância e a sua contribuição para a prática da enfermagem, evidenciando a relevância de sua presença. Além disso, a atuação como enfermeiros poderia significar para eles uma melhor qualidade de vida e, no caso dos escravizados, maior autonomia. Júlio César Medeiros da Silva Pereira, realizou uma análise durante a segunda metade do século XIX sobre a influência de práticas jesuíticas – como as folgas, o aprendizado de ofícios e os cuidados terapêuticos – influenciaram a sociabilidade dos escravizados. Ao fazer a investigação em inventários e documentos da administração das fazendas, observou que era comum que os cativos se iniciassem nas funções da enfermagem, uma vez que os melhores poderiam se tornar cirurgiões

²² Em estudo contemporâneo Floricelia Santana Teixeira aborda como profissionais podem ser afetados por preconceitos e como a despersonalização leva à invisibilidade de indivíduos. VER: TEIXEIRA, Floricelia Santana. *O fenômeno da despersonalização e suas relações com a infra-humanização e o preconceito*. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, p. 150, 2014.

²³ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 248, p. 4, 8-9 set. 1857.

em enfermarias e, assim, se desvincilar do controle de capatazes²⁴. Dessa forma, a função era uma forma de negociar por melhores condições.

Ademais, apesar da baixa frequência com que escravizados eram identificados como "enfermeiros" nos anúncios de jornal, sua atuação nesse campo era mais significativa do que os números aparentam indicar. Muitos deles exerciam funções ligadas ao cuidado da saúde em hospitais e enfermarias, ainda que não se autodenominassem com essa nomenclatura específica ou não aparecessem diretamente nos anúncios, que muitas vezes eram feitos por terceiros. A presença de pretos e pardos livres também reforça que o cuidado era um espaço de inserção para sujeitos negros em diferentes condições de liberdade. Esses indivíduos frequentemente adquiriam habilidades práticas por meio da experiência cotidiana, da tradição oral e do aprendizado com outros trabalhadores. Nesse sentido, o exercício da enfermagem por pessoas escravizadas evidencia não apenas sua participação ativa na sustentação da vida urbana e rural, mas também os caminhos possíveis, ainda que limitados, para conquistar algum grau de autonomia dentro da ordem escravocrata.

Assim como no caso dos enfermeiros, alguns dos anúncios de enfermeiras apontavam características sobre a cor dessas trabalhadoras. No caso do *Jornal do Commercio*, foram encontradas 81 ocorrências, sendo que dessas, 53 eram de oferta e 28 de demanda. Quanto ao *Diario do Rio de Janeiro*, o valor total de anúncios que mencionam algo relacionado a cor é de 28 publicações, sendo 25 de oferta e 3 de demanda. Assim como no caso dos enfermeiros, foi considerado na categoria “branca” aqueles que indicavam nacionalidades que eram majoritariamente brancas.

Tabela 19 - Cor presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Jornal do Commercio*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Branca	0	0	1	1	5	11	18
Preta	2	2	1	4	7	3	19
Parda	2	6	6	7	9	4	34
Qualquer	0	0	2	0	3	3	8
De cor	0	0	0	0	0	2	2
Não informa	3	5	10	13	43	96	170

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

²⁴ PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. Práticas de saúde, doenças e sociabilidade escrava na Imperial Fazenda de Santa Cruz, da segunda metade do século XIX. *Histórica - Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 35, np., 2009.

Tabela 20 - Cor presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Branca	1	0	0	0	0	0	1
Preta	3	4	2	0	0	0	9
Parda	3	3	10	0	0	1	17
Qualquer	0	0	1	0	0	0	1
De cor	0	0	0	0	0	0	0
Não informa	3	4	4	3	0	1	15

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Como visto, com relação às mulheres de ambos os periódicos, esse resultado se mostra mais significativo, constando no primeiro periódico 36,2% e no segundo 72,1%. Cabe destacar, no entanto, que o número de mulheres escravizadas, descritas com habilidade de enfermagem, eram anunciadas mais frequentemente do que o de homens. Assim, o maior número de anúncios que informavam a cor pode ser resultado da necessidade de indicar as características físicas daqueles indivíduos que eram comercializados. Ademais, às vezes os atributos de cor eram substituídos por outras palavras, como na publicação do dia 14 de abril de 1829, no *Diario do Rio de Janeiro*. O proprietário optava por deixar clara a cor ao dizer que a sua escravizada era “de nação”, ou seja, vinda do continente africano, assim publicava as seguintes linhas: “Vende-se uma rapariga de Nação, mui linda, e bem-feita, de um gênio dócil, e de excelente conduta, sabe coser, lavar de sabão e barrella, engomar, cozinhar, refinrar açúcar, e mui hábil enfermeira, enfim, é uma mucamba diligente, e cuidadosa. (...)”²⁵

Além disso, quando se soma o número de enfermeiras que tinham a sua profissão relacionada ao ambiente e às funções domésticas – uma soma de 41,4% no *Jornal do Commercio* e 79,1% no *Diario do Rio de Janeiro*²⁶ –, junto à quantidade de escravizadas e, também, a soma de anunciantes que informavam a cor, fica evidente que muitas das publicações se referiam à escravizadas. É importante mencionar, novamente, que a associação das atividades domésticas com as do cuidado exercido por enfermeiras, aparentemente natural à época, podia acarretar uma perspectiva de desqualificação da enfermagem. Essa ligação, como aponta Flávia Souza, entre o serviço doméstico e a escravidão poderia acarretar a estigmatização das funções

²⁵ DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 12, p. 1 14 abr. 1829.

²⁶ Cabe destacar que existem 4 repetições com o *Jornal do Commercio* nessas somas, sendo elas as edições: 21/1828 no *Diario do Rio de Janeiro* X 316/1828 no *Jornal do Commercio*; 19/1835 (*Diario do Rio de Janeiro*) X 284/1835 (*Jornal do Commercio*); 229/1841 (*Diario do Rio de Janeiro*) X 262/1841 (*Jornal do Commercio*); 319/1870 (*Diario do Rio de Janeiro*) X 319/1870 (*Jornal do Commercio*). Apesar disso elas foram incluídas no valor total de cada jornal, primeiro porque o seu valor é pouco significativo e, segundo, porque sendo dois periódicos distintos, achou-se importante manter os dados.

domésticas²⁷. Seguindo a lógica, portanto, é possível que essa ligação resultasse em uma visão de submissão para com outras funções.

Destaca-se, também, que a maioria dos anúncios que fornecem esses dados, indicam uma proporção maior de pardas, do que outras cores – seguida pelas cores preta e branca, na Tabela 18, e branca e preta, na Tabela 19. Resultado compreensível, uma vez que a população feminina escravizada contava com um maior número de pardas do que negras, ao menos quando do recenseamento de 1872. Por outro lado, é fácil associar essas atividades de cuidado à expectativa de que mulheres, consideradas mais delicadas, assumissem tais funções. Assim, os possíveis traços suavizados, dada a miscigenação, poderia ser um atrativo para os compradores. No dia 12 de outubro de 1841, um anunciante publicava os seguintes dizeres

Vende-se no largo da Sé n. 5, uma parda muito clara, de 26 a 28 anos de idade, perfeita costureira, corta e faz toda a qualidade de obra, faz crivo, renda, e borda pouco, faz doces de várias qualidades, veste e prega uma senhora, é muito boa enfermeira, serve para tomar conta do governo de uma casa de família, e afiança-se a sua conduta se necessária for.²⁸

Ao que parece, indicar que se tratava de uma parda “muito clara” significava um diferencial para a aquisição dessa escravizada. Características como essas indicam uma hierarquia racial presente que parecia estar dentro da expectativa dos compradores. Além de sua aparência, o anúncio destaca as habilidades dela, que incluíam costura, confeitaria e cuidados médicos, o que a tornava uma opção valiosa para famílias que buscavam alguém para gerenciar as tarefas domésticas. Essas questões vão ao encontro das funções de cuidado que pareciam ser esperadas e que são ressaltadas no trecho que destaca ser essa escravizada “muito boa enfermeira”.

Cabe mencionar, também, que poderia existir uma concorrência entre enfermeiros livres, forros e escravizados. Durante a análise dos jornais, foi possível encontrar 8 anúncios de enfermeiros que diziam ter habilidades com as doenças de escravizados. Além disso, havia empregadores que davam preferência para aqueles que soubessem tratar das principais enfermidades que acometiam a população escravizada, assim como no dia 20 de março de 1845, no *Jornal do Commercio*: “Os srs. fazendeiros que precisarem de um enfermeiro de muita prática e bastante capacidade para tratar de doenças de escravos, dirijam-se ao beco da Fidalga n. 4, primeiro andar”²⁹. Keith Valéria de Oliveira Barbosa chega a citar algumas das moléstias de maior incidência entre os sujeitos que viviam na região de Cantagalo, como: a anemia

²⁷ SOUZA, Flávia Fernandes de. *Criados, escravos e empregados: o serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade brasileira (cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 583, 2017.

²⁸ DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 229, p. 3, 12 out. 1841.

²⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 78, p. 4, 20 mar. 1845.

intertropical ou opilação, o escorbuto, a varíola, tétano, reumatismo, febres, além de problemas físicos³⁰. Assim, os enfermeiros deveriam estar preparados para realizar o tratamento destas. Vale ressaltar que a oferta e demanda para as fazendas, presente no decorrer do século, estava mais associada aos homens do que às mulheres. Essa informação sugere que, possivelmente, esperava-se que o serviço de enfermagem prestado pelas enfermeiras fosse menos voltado para a cura e mais para o cuidado com o indivíduo doente.

Os dados apresentados revelam uma realidade complexa e pouco explorada da história da enfermagem no Brasil oitocentista. A presença significativa de escravizados atuando como enfermeiros e enfermeiras, especialmente entre as mulheres, aponta para a importância desses sujeitos na prestação de cuidados de saúde durante aquele momento. No entanto, quando se pensa nas funções que eram exercidas e que não possuíam outra relação que não com o exercício da enfermagem, há uma associação dessas com sujeitos brancos³¹. Esse detalhe é importante, uma vez que, no século XX, a população negra encontraria dificuldades para ingressar na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP)³². A partir dos anúncios e do cruzamento dos resultados obtidos, têm-se uma perspectiva importante sobre como eram vistos os enfermeiros e enfermeiras livres em comparação com aqueles que estavam em situação de escravização. O Decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890, enfatizava essa diferenciação, quando colocava como uma de suas exigências o “saber ler e escrever corretamente, e conhecer aritmética elementar.”³³. Se, por um lado, os oficiais de enfermagem davam um passo importante rumo a sua profissionalização, por outro, a legislação impedia que diversos interessados obtivessem a formação que era oferecida nessa instituição. Isso ocorre devido à alta taxa de analfabetos no Brasil, principalmente quando se tratava de homens e mulheres negras, sobretudo os que um dia haviam sido escravizados. Portanto, ainda que não impedissem

³⁰ BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. *Escravidão, saúde e doenças nas plantações cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense, Cantagalo (1815-1888)*. Tese (Doutorado em História das Ciências) - Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, p. 269, 2014.

³¹ Mesmo que os empregadores esperassem outras funções, há um impacto na falta de descrição dessas expectativas, quando se fala de trabalhadores brancos *versus* negros e escravizados.

³² Paulo Fernando Campos aborda a exclusão de afrodescendentes no processo de profissionalização da enfermagem no Brasil. De acordo com o autor, as teorias eugenistas influenciavam práticas sociais e a formação profissional desses sujeitos. VER: CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. *Revista de Enfermagem Referência*, v. 3 n. 6, p. 167-177, Mar. 2012.

³³ BRASIL, Decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890. Cria no Hospício Nacional de Alienados uma escola profissional de enfermeiros e enfermeiras. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-791-27-setembro-1890-503459-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Cr%C3%AAa%20no%20Hospicio%20Nacional%20de,profissional%20de%20enfermeiros%20e%20enfermeiras. Acesso em: 20 jul. 24.>

o ingresso de sujeitos não brancos, a existência dessa condição já se configurava uma barreira³⁴, que servia como uma espécie de controle social, restringindo a profissão a um determinado grupo.

Tendo a raça como um aspecto importante do exercício da enfermagem no século XIX, não se pode desconsiderar a presença de imigrantes no decorrer do período estudado. Ainda que não fossem mencionados em grandes números, a sua participação contribuiu para a pluralidade e as dinâmicas vividas na profissão naquele momento. Assim, é significativo entender como esses trabalhadores eram integrados no contexto laboral. Nas tabelas a seguir (Tabela 21 e 22), buscou-se evidenciar as menções às nacionalidades feitas em publicações de oferta e demanda de enfermeiros do gênero masculino, no *Jornal do Commercio* e no *Diario do Rio de Janeiro*. No caso do primeiro periódico, foram encontradas 79 ocorrências que mencionam a origem dos trabalhadores, desses, 65 são ofertantes e 13 pessoas que demandam o serviço. Já no que se refere a segunda fonte investigada, soma-se 7 anúncios que apontam essa característica, todos eles de oferta. Por outro lado, foram analisadas as ocorrências da palavra-chave “enfermeira” nos mesmos jornais, resultando nos quadros 23 e 24. No *Jornal do Commercio*, o número de ofertantes que vinculavam a nacionalidade das trabalhadoras foi de 14, enquanto os que as buscavam foi de 5. No *Diario*, por sua vez, foram encontradas apenas 3 ocorrências, sendo 1 delas de oferta e as outras 2 de demanda. Essas informações permitem uma investigação mais detalhada das condições e percepções associadas às diferentes origens dos enfermeiros.

Tabela 21 - Nacionalidade presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Jornal do Commercio*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Africano	0	0	2	1	0	0	3
Alemão	0	0	0	1	3	1	5
Brasileiro	0	1	2	1	1	3	8
Espanhol	0	0	0	1	2	3	6
Estrangeiro	0	0	1	1	0	0	2
Europeu	0	0	0	2	0	0	2
Francês	0	0	0	0	1	2	3
Italiano	0	0	0	0	1	1	2
Português	0	0	9	17	8	14	48
Não informa	1	26	109	351	353	627	1467

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

³⁴ Obstáculo esse que se tornaria mais explícito com o decorrer dos anos. VER: MENDES, Valdeci Silva; COSTA, Cândida Soares da. Branquitude e branquidade na enfermagem brasileira: racismo sistêmico e perverso a serviço de privilégios às mulheres brancas. CONEDU - VI Congresso Nacional de Educação, Fortaleza, np., 2019.

Tabela 22 - Nacionalidade presente em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Africano	0	0	0	0	0	0	0
Alemão	0	0	0	0	0	0	0
Brasileiro	0	1	1	1	0	0	3
Espanhol	0	0	0	1	0	0	1
Estrangeiro	0	0	0	0	0	0	0
Europeu	0	0	0	0	0	0	0
Francês	0	0	0	0	0	0	0
Italiano	0	0	0	1	0	0	1
Português	0	0	1	0	1	0	2
Não informa	6	22	50	42	3	9	132

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Tabela 23 - Nacionalidade presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Jornal do Commercio*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Africana	1	1	0	1	0	0	3
Alemã	0	0	0	0	0	1	1
Brasileira	0	0	0	2	0	1	3
Espanhola	0	0	0	0	0	0	0
Estrangeira	0	0	2	0	0	0	2
Europeia	0	0	0	0	0	3	3
Francesa	0	0	0	0	0	1	1
Italiana	0	0	0	0	0	0	0
Portuguesa	0	0	0	0	0	6	6
Não informa	6	12	18	22	67	107	232

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Tabela 24 - Nacionalidade presente em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Faixa	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Africana	1	0	0	0	0	0	1
Alemã	0	0	0	0	0	0	0
Brasileira	0	0	1	0	0	0	1
Espanhola	0	0	0	0	0	0	0
Estrangeira	0	0	1	0	0	0	1
Europeia	0	0	0	0	0	0	0
Francesa	0	0	0	0	0	0	0
Italiana	0	0	0	0	0	0	0
Portuguesa	0	0	0	0	0	0	0
Não informa	9	11	15	3	0	2	40

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Como é possível observar, os números de anúncios que indicam a nacionalidade são irrisórios. Mais especificamente, esses anunciantes estão presentes entre 5% e 6% das publicações de enfermeiros e enfermeiras. No entanto, eles não deixam de ter significado para o presente estudo. Isabella Paula Gaze destaca a participação de imigrantes em diversas áreas, como o comércio, a indústria e a educação³⁵. A enfermagem, profissão que ainda não estava plenamente desenvolvida, sobretudo no Brasil, pode ter sido um espaço atrativo para esses sujeitos. Além disso, cabe ressaltar que a maioria dos anunciantes que faziam menção a origem, descreviam um indivíduo português. É preciso ter em mente que na Europa essa atividade já passava por um processo de reconhecimento na década de 1850 com a participação de Florence Nightingale, o que poderia ser visto como um diferencial. Ainda assim, é possível perceber que a nacionalidade não era uma característica essencial para o exercício da profissão.

Todavia, o estudo de Natália Peçanha indica uma presença marcante desses sujeitos nas ocupações domésticas entre o século XIX e o XX, sendo assim, atividades de cuidado³⁶. Durante a análise dos anúncios, foi comum encontrar enfermeiros e enfermeiras de nacionalidades diferentes se disponibilizando para governar uma casa, administrar uma fazenda, entre outras ocupações. Na publicação datada de 20 de fevereiro de 1877, divulgava-se uma oferta que dizia “Aluga-se uma senhora, portuguesa, para governante, coser e tratar de crianças, ou mesmo para enfermeira de qualquer casa de saúde, do que tem prática; trata-se na rua da Uruguaiana n. 105.”³⁷. Como é possível perceber, a mulher que seria alugada estava disposta a aceitar diversas funções. Assim como o professor Jacintho Cardoso da Silva, citado por Isabella Gaze, que possuía alguma formação em medicina, mas aqui no Brasil atuava no magistério³⁸, percebe-se comum a busca por oportunidades de emprego, mesmo fora do seu campo de atuação prévio. Esse fato demonstra a flexibilidade e a resistência dos imigrantes ao se ajustarem ao novo contexto vivenciando no Brasil, aproveitando as oportunidades disponíveis para assegurar seu sustento e ascensão social. A sua participação na enfermagem, pode também ter contribuído para novas práticas, embora não se possa afirmar a partir dos anúncios.

De forma geral, a análise dos anúncios de jornais e outras fontes documentais revelaram que a enfermagem no Rio de Janeiro do século XIX era uma área marcada pela precariedade,

³⁵ GAZE, Isabella Paula. *Imigração e educação no Município da Corte (1850-1889)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 326, 2018.

³⁶ PEÇANHA, *Op. Cit.*

³⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 51, p. 1, 20 fev. 1877.

³⁸ Em seu trabalho, Gaze indica outros sujeitos que optaram por essa prática. VER: GAZE, Op. Cit., pp. 202-218.

informalidade e desqualificação. O estudo das diversas dimensões do perfil dos enfermeiros no Brasil oitocentista revela uma classe que operava à margem do campo formal da saúde, enfrentando a desvalorização econômica, social e acadêmica. A versatilidade desses agentes, muitas vezes obrigados a se envolver em atividades diversas para garantir a sobrevivência, contrasta com a especialização e a legitimação buscadas por outras profissões de saúde. Nesse sentido, entende-se que esses sujeitos ocupavam o que Marcel van der Linden chama de “classes dos trabalhadores subalternos”, uma vez que ofereciam sua força de trabalho sob formas diversas de coerção e em condições que escapavam da formalização típica do trabalho assalariado³⁹. A classificação desses enfermeiros e enfermeiras como trabalhadores subalternos permite reconhecer a multiplicidade de suas inserções laborais, que envolviam desde vínculos informais em domicílios até serviços prestados em fazendas, hospitais, drogarias e casas de saúde. A informalidade que marcava sua atuação era caracterizada pelas estruturas desiguais da sociedade escravista e pós-colonial brasileira. Trabalhadores da enfermagem ocupavam uma posição de fragilidade, sujeitos à rotatividade e à instabilidade. Além disso, esses enfermeiros eram frequentemente vistos como auxiliares dos médicos, desempenhando funções que, embora essenciais, não lhes conferiam o reconhecimento merecido.

Não obstante, o estudo mostrou que a enfermagem estava intimamente ligada às atividades domésticas e ao cuidado, áreas que são tradicionalmente entendidas como femininas e desprovidas de prestígio acadêmico. Essa associação podia acarretar a desvalorização do campo da enfermagem, mantendo esses sujeitos em uma posição subalterna e reforçando estereótipos de gênero e raça. Além disso, a presença significativa de escravizados no exercício da enfermagem aponta para a importância desses sujeitos no cuidado de saúde no Rio de Janeiro oitocentista, reforçando a necessidade de pensar a prática da enfermagem a partir de uma perspectiva ampliada de classe trabalhadora. Como sugere Linden, as fronteiras entre trabalho livre, compulsório e autônomo não são rígidas nem plenamente definidas. No caso da enfermagem, especialmente nesse período, observam-se formas de mercantilização da força de trabalho que muitas vezes se davam de forma heterônoma, evidente em casos de escravizados alugados como enfermeiros ou enfermeiras⁴⁰. Por fim, o estudo revelou uma realidade complexa e desafiadora para os enfermeiros do século XIX, caracterizada pela falta de reconhecimento, baixa remuneração e barreiras sociais e raciais significativas. Essas dinâmicas

³⁹ LINDEN, Marcel van der. Rumo a uma nova conceituação histórica da classe trabalhadora mundial. Tradução Alexandre Fortes. *História*, São Paulo, v. 24, n. 2, pp. 11-40, 2005.

⁴⁰ Ibidem, pp. 11-14.

não apenas moldaram a prática da enfermagem no período, como também deixaram marcas profundas vistas posteriormente no processo de profissionalização da enfermagem no Brasil.

A presença de imigrantes, escravizados e libertos nessa ocupação demonstra a diversidade de atores sociais que se dedicavam ao cuidado e à saúde da população, muitas vezes à margem do campo da saúde oficial e acadêmica⁴¹. A falta de regulamentação e de formação específica, contribuiu para a desqualificação da enfermagem como profissão e para a subordinação desses indivíduos aos médicos e a outros grupos sociais dominantes. Todavia, as nuances que permeiam o exercício da enfermagem devem ganhar novas perspectivas quando forem abordadas nas particularidades dos locais de atuação desses sujeitos durante o século XIX. A análise dos diferentes ambientes de trabalho, desde as fazendas escravistas até os hospitais e casas particulares, permitirá compreender como o local de atuação moldava as práticas de cuidado e a autonomia desses trabalhadores. É possível supor, por exemplo, uma maior fiscalização em hospitais do que em fazendas, o que poderia justificar a maior procura pelo segundo local. Assim, considera-se de grande importância dar foco para essas diferenças, na busca por um maior entendimento sobre as experiências e o perfil dos trabalhadores da enfermagem naquele momento. Através de anúncios e o cruzamento de dados com notícias e manuais de fazendeiros do período oitocentista, pretende-se compreender as condições de trabalho e identificar as diferentes expectativas e demandas para com essa classe trabalhadora.

⁴¹ Ao observar os espaços de atuação de enfermeiros e enfermeiras, torna-se evidente que as experiências laborais eram atravessadas por marcadores sociais como raça, gênero, classe e condição jurídica. Dessa forma, a análise interseccional dos mundos do trabalho permite compreender como os diferentes eixos de opressão não atuavam isoladamente, mas se sobreponham, criando formas específicas de exploração e desigualdade dentro da prática da enfermagem e do campo da saúde de forma mais ampla.

2 O mosaico da enfermagem oitocentista: experiências e identidades profissionais em diferentes espaços de cuidado

“Enfermeiro. Um perfeito enfermeiro deseja empregar-se em um hospital, casa de saúde, fazenda ou para tratar de um homem doente; quem precisar dirija-se à rua Sete de Setembro n. 159, placa.”¹

No dia 31 de outubro de 1876, o leitor do *Jornal do Commercio* pôde se deparar com a oferta acima. Embora não se tenha muitas informações sobre o prestador de serviços, ele indica claramente a sua intenção de exercer a função de enfermeiro e, para isso, se disponibiliza para diversos locais. Ainda que exista a crença de que a casa emergia como o principal espaço de cuidado e tratamento², anúncios de oferta e procura desse tipo de serviço frequentemente indicam outras localidades onde as atividades seriam desempenhadas. Portanto, assim como as funções possuíam variações, o ambiente de atuação também podia ser muito diverso. Dessa forma, esse capítulo busca entender em que medida essa heterogeneidade moldou as experiências, práticas e identidades desses trabalhadores. Além disso, indaga-se como essa multiplicidade interferia na organização e na prestação de cuidados de saúde no Brasil do século XIX.

O período oitocentista é marcado por diversas transformações. A busca pela consolidação da medicina como ciência³, o processo de abolição da escravidão e a recorrência de epidemias que moldaram o cenário da saúde pública e, consequentemente, o modo de atuação dos agentes de cura⁴. Nas cidades, por exemplo, a crescente urbanização e a migração criaram uma demanda por maiores cuidados de saúde. Por outro lado, em áreas rurais, a necessidade de manter a mão-de-obra escravizada ativa, priorizando o lucro contínuo, exigia o cuidado direto desses indivíduos. Dessa forma, a atuação do enfermeiro naquele momento não

¹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 303, p. 5, 31 out. 1876.

² Argumento ressaltado no trabalho de Nikelen Acosta Witter. VER: WITTER, Nikelen Acosta. *Males e Epidemias: Sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 297, 2007.

³ A institucionalização da medicina no Brasil imperial foi um processo complexo e heterogêneo, com médicos buscando reconhecimento e produzindo conhecimento original, apesar das limitações do contexto. Essa perspectiva demonstra as possíveis consequências desse processo no sistema de saúde brasileiro daquele período. VER: BRAGA, Douglas de Araújo Ramos. A institucionalização da medicina no Brasil Imperial: uma discussão historiográfica. *Temporalidades - Revista de História*, v. 10, n. 1, pp. 64-82, 2018.

⁴ Atualmente alguns autores têm dado atenção para a atuação de outros agentes que não os médicos oficiais daquele período. Assim, é possível observar melhor o quadro completo da saúde pública no período oitocentista. VER: HOCHMAN, Gilberto; PIMENTA, Tânia Salgado; FREITAS, Ricardo Cabral de. Da Independência ao Império: saúde e doença no Brasil do século XIX. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 9, pp. 3375–3377, 2022.

se restringia a um único espaço, mas se estendia a uma multiplicidade de locais, cada um com suas particularidades e desafios. Além disso, quando se trata do Rio de Janeiro, cidade portuária e na época, capital do país, é possível imaginar a demanda por serviços de saúde na região⁵, o que explica a necessidade de serem ofertados tratamentos nos mais variados locais. Também é inegável que as doenças são uma constante na experiência humana. No entanto, como indica Tânia Salgado Pimenta, a compreensão e o manejo das enfermidades variaram significativamente ao longo do tempo⁶. No século XIX, as opções terapêuticas se encontravam nos mais variados locais. Todavia, a condição social e econômica era que determinava o cuidado oferecido ao doente. Assim, hospitais, casas de saúde, ambientes particulares, navios, prisões, fábricas, fazendas e até mesmo casas de comércio se tornaram palcos para a prática da enfermagem. E, como visto no capítulo anterior, as funções desses indivíduos muitas vezes se confundiam com a de outros agentes, tais como sangradores e farmacêuticos. Tal situação exigia desses trabalhadores versatilidade e conhecimento técnico, na tentativa de obter, como retorno de seus serviços, alguns mil réis para o seu sustento.

Na análise realizada, dos 1.979 anúncios observados, um total de 1.439 indicam o local de atuação para o qual era solicitado ou que se disponibilizava para o serviço, obtendo-se uma soma aproximada de 72,71%. Considera-se, portanto, que era significativo para os anunciantes a especificação dos ambientes onde os enfermeiros atuariam. Tal dado indica a importância de compreender a relação entre os espaços de exercício e a prática desses sujeitos. Nesse sentido, as tabelas a seguir (tabelas 25, 26, 27 e 28) detalham os locais de atuação mais frequentes nos anúncios encontrados nos jornais, na tentativa de proporcionar um panorama quantitativo dessa diversidade, abrindo caminho para uma discussão aprofundada sobre suas implicações no cotidiano dos trabalhadores desse período. A partir dessas informações, pode-se iniciar uma análise que visa explorar as particularidades de cada lugar, os desafios enfrentados e as relações estabelecidas com pacientes, familiares e outros agentes de cura.

⁵ O trabalho de Dilene Raimundo do Nascimento traz grande contribuição para entender a saúde e as doenças em regiões portuárias, sobretudo em Santos e no Rio de Janeiro. VER: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A peste aporta em Santos e Rio de Janeiro. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 21, n. 1, pp. 44-58, jan.-abr. 2021.

⁶ PIMENTA, Tânia Salgado. "Doenças". SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Tabela 25 - Locais de atuação presentes em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Jornal do Commercio*

Local	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Casa de Correção	0	0	0	3	0	0	3
Casa de Saúde	0	4	0	3	54	57	118
Comércio	0	0	0	2	0	2	4
Enfermaria	0	0	1	6	4	1	12
Farmácia	0	0	0	1	1	5	7
Fazenda	0	10	84	233	176	360	863
Fábrica	0	0	0	4	0	2	6
Fora	0	0	2	13	8	35	58
Hospital	1	5	2	23	20	21	72
Laboratório	0	0	0	2	0	1	3
Lazareto	0	0	1	1	0	0	2
Navio	0	1	0	1	1	0	3
Particular	0	0	6	13	10	12	41
Penitenciária	0	0	0	1	0	0	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Tabela 26 - Locais de atuação presentes em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Jornal do Commercio*

Local	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Casa de Saúde	0	2	0	0	21	44	67
Casa de Convalescença	0	0	0	0	0	4	4
Enfermaria	0	0	0	0	1	0	1
Fazenda	0	4	4	2	1	2	13
Hospital	0	1	1	1	0	5	8
Particular	0	6	4	7	14	27	58

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Tabela 27 – Locais de atuação presentes em anúncios de enfermeiros no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Local	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Casa de Correção	0	0	0	2	0	0	2
Casa de Saúde	0	1	0	0	0	1	2
Enfermaria	0	0	0	1	0	0	1
Fazenda	1	9	33	20	1	2	66
Fábrica	0	0	0	1	0	0	1
Hospital	3	8	3	3	0	1	18
Lazareto	0	0	0	1	0	0	1
Particular	0	0	1	0	0	0	1
Penitenciária	0	0	0	1	0	0	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Tabela 28 - Locais de atuação presentes em anúncios de enfermeiras no século XIX no *Diario do Rio de Janeiro*

Local	Décadas						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Fazenda	0	0	2	0	0	0	2

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

Dos anúncios analisados, 1.439 mencionavam o local de atuação desses enfermeiros. Desses, com exceção das publicações referentes às enfermeiras no *Jornal do Commercio*, a maioria se concentrava na categoria de “Fazenda”, seguida por “Hospital”, “Casa de saúde” e “Particular”. Cabe destacar que o grupo intitulado “Fora” engloba tanto aqueles anúncios que informavam uma localidade específica – como outras províncias – quanto aqueles que deixavam a localização de forma vaga – usando expressões como “para fora” ou “fora da cidade” –, que por vezes surgiam nas páginas dos jornais. Tais dados indicam características vitais do Brasil imperial, como a importância da economia agrária, sustentada pela mão-de-obra escravizada, que exigia cuidados constantes. Além disso, diante das epidemias nas décadas de 1850 e 1860, é possível imaginar um aumento da importância de instituições médicas no tratamento da população, o que poderia explicar o crescimento na busca por enfermeiros para esses locais no *Jornal do Commercio*, por exemplo. Por outro lado, os resultados de busca e oferecimento de serviços em residências particulares, sobretudo no caso das enfermeiras, demonstra uma ligação com a tradição já existente que relacionava cuidado e domesticidade. Ter acesso a essas informações abre caminhos para entender como a atuação dos enfermeiros se modificava diante do espaço laboral que ocupavam.

Além disso, ao observar as variações de localidades no decorrer das décadas, pode-se ter acesso a características importantes daquele período. O aumento no número de busca por enfermeiros em casas de saúde, por exemplo, coincide com um maior número de abertura desses

estabelecimentos. Essa constatação foi feita a partir do mapeamento da palavra-chave “casa de saúde” no *Jornal do Commercio* entre as décadas de 1830 e 1870. No primeiro ano se tem um total de 41 ocorrências do termo e no último uma soma significativa de 775 termos. Ainda que não sejam todas de divulgação, o aumento é expressivo⁷. Esse fato pode apontar para um esforço de transportar os procedimentos de cura do ambiente doméstico para o hospitalar – e, nesse caso, privado. Segundo a investigação realizada a bibliografia sobre a temática das casas de saúde é escassa e, geralmente, indireta. Em um trabalho inovador, Elizabete Vianna Delamarque realizou um extenso e importante estudo sobre o funcionamento desses estabelecimentos na Corte e em Niterói, entre os anos de 1820 e 1899. Através de 8 periódicos e do termo “casa de saúde”, a autora pôde identificar 6.432 publicações que versavam sobre essas instituições. Dentre eles, surgia o *Diario do Rio de Janeiro*, com 954 ocorrências entre 1821 e 1878, e o *Jornal do Commercio*, com 3.270, de 1827 a 1889⁸. Segundo Delamarque, as casas de saúde foram importantes locais de tratamento que surgiram no decorrer do século XIX nas ruas da cidade e, consequentemente, nas ruas das cidades⁹. E, por importante, quero dizer tanto para médicos, que buscavam se especializar, quanto para os doentes e, também, para outros profissionais atuantes nesses estabelecimentos¹⁰.

Por outro lado, a elevada quantidade de anúncios de enfermeiros para fazendas entre 1850 e 1870 demonstra as profundas transformações econômicas, sociais e sanitárias que o Brasil atravessava durante essas duas décadas. O contexto de uma economia agrária em expansão, coincidindo com a proibição do tráfico de escravizados, combinado com as dificuldades de acesso a serviços de saúde em áreas rurais, bem como o impacto das epidemias de febre amarela e cólera¹¹, criou uma demanda significativa por agentes de saúde nas fazendas,

⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1830-1870.

⁸ Compreende-se que há um hiato temporal entre o início e o término de cobertura dos dois jornais – o *Jornal do Commercio* (1827-1889) e o *Diario do Rio de Janeiro* (1821-1878) –, no entanto, esses marcos coincidem, respectivamente, com o início da circulação do primeiro e o encerramento das atividades do segundo. Acredita-se, assim, que os períodos de atuação de cada um se complementam, de modo a preencher eventuais lacunas cronológicas na análise das fontes.

⁹ DELAMARQUE, Elizabete Vianna. *Casas de saúde na corte e em niterói: espaços de assistência, pesquisa e ensino (1820-1899)*. Teses (Doutorado em História das Ciências) - Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, p. 329, 2020.

¹⁰ Em um quadro construído pela autora, o cargo de enfermeiro está entre os três mais buscados por esses estabelecimentos, sendo ultrapassado apenas pelo de servente e de criado. Delamarque também destaca que nas funções dos criados constantemente se apontava o acompanhamento de doentes e a arrumação dos quartos, o que mais uma vez corrobora para a ambiguidade das atividades entre enfermeiros e trabalhadores domésticos. VER: Idem, pp. 171-174.

¹¹ Sobre esses episódios em específico VER: CHALHOUB, Sidney. "Posfácio". REGO, José Pereira. *História e descrição da febre amarela epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. São Paulo: Chão Editora, 2020; KODAMA, Kaori et al. Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma análise preliminar. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, supl., pp. 59-79, dez. 2012;

o que pode ser percebido nos números observados nas publicações. Cabe ressaltar que essa necessidade vinha sendo debatida e recomendada por médicos e intelectuais nos manuais de saúde que eram comercializados pelo país¹².

Em um contexto de disputa por clientela, a disseminação desses manuais de saúde para agricultores, fazendeiros e famílias desempenhou um papel crucial na expansão do conhecimento médico¹³. A popularização desses manuais refletia o crescente interesse da sociedade em questões de saúde e higiene, impulsionado pelas transformações sociais e sanitárias da época. Decorre que, como indica Kassia Rodrigues, esses documentos acabavam por criar uma mescla entre práticas de cura tidas como populares e as acadêmicas, que chegavam em curandeiros, enfermeiros, parteiras e outros agentes¹⁴. O conhecimento que adquiriam por meio desses documentos, pode ter sido um dos fatores que possibilitaram o aumento da oferta desses trabalhadores para os mais diversos ambientes. Isso se dá, pois, os manuais para agricultores e fazendeiros, por exemplo, abordavam temas como o tratamento de ferimentos e a prevenção de doenças comuns no ambiente rural. Essa difusão de informações médicas básicas contribuiu para a descentralização do cuidado, permitindo que outros sujeitos realizassem procedimentos simples. Da mesma forma, os manuais para famílias frequentemente continham instruções sobre o tratamento de doenças infantis, a administração de medicamentos e a realização de curativos. Assim, é possível que aqueles que adquiriam prática através desses guias, se aventurassem e se considerassem enfermeiros. Essa hipótese explicaria em parte o grande número de anunciantes nas páginas dos periódicos, ainda que não houvesse uma profissão legislada para tais trabalhadores.

Não menos importantes são os locais que possuem números de ocorrências menores, como os lazaretos, navios, farmácias, fábricas e prisões. A existência de anúncios para esses locais, revela a complexidade da atuação dos enfermeiros, bem como os riscos que estavam

KODAMA, Kaori. Antescravismo e epidemia: "O tráfico dos negros considerado como a causa da febre amarela", de Mathieu François Maxime Audouard, e o Rio de Janeiro de 1850. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 515-522, abr.-jun. 2009.

¹² Obras que buscavam traduzir o conhecimento médico acadêmico para uma linguagem acessível ao público acabaram se tornando ferramentas importantes para a disseminação de informações sobre saúde e tratamento de doenças. VER: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. *Educar*, Curitiba, n. 25, pp. 59-73. 2005.

¹³ Pesquisas recentes têm sido feitas abordando a importância desses manuais para a população oitocentista. VER: RODRIGUES, Kassia. *Das páginas ao corpo: escravidão e práticas de saúde em manuais de fazendeiros do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, p. 135, 2011; SOUZA, Cássia Regina da S. Rodrigues de. *Aconselhando as mães: uma análise dos manuais de medicina doméstica através da Guia Médica das Mães de Família*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, p. 112, 2018.

¹⁴ RODRIGUES, op. cit., p. 54.

expostos, como os de acusações criminosas, ferimentos e morte, que eram noticiados nos jornais. Para além disso, ainda que a participação desses agentes em tais espaços seja limitada, fica evidente que a sua presença era relevante no cuidado da saúde de viajantes, trabalhadores e detentos. Por outro lado, no caso da demanda e oferta para a atuação em farmácias, indica mais uma vez a prática comum de ultrapassar os limites de uma profissão para a outra. Todavia, diante da documentação que se teve acesso, bem como para um melhor aprofundamento das experiências de enfermeiros e enfermeiras, optou-se por trabalhar apenas com os grupos mais frequentes: hospitais, casas de saúde, residências particulares e fazendas.

Realizar a análise do exercício dos enfermeiros em diferentes locais permite traçar um panorama mais completo da enfermagem no século XIX, revelando a complexidade e a diversidade dessa profissão em um período de transformações sociais e científicas. Ao explorar essas nuances, este capítulo busca contribuir para uma maior compreensão da história da enfermagem no Brasil, revelando como a profissão se desenvolveu em diferentes contextos e como os enfermeiros se adaptaram às demandas e desafios de cada ambiente de trabalho. É necessário entender como a multiplicidade das localidades moldou as experiências, práticas e identidades desses indivíduos, e como isso interferia na organização e na prestação de cuidados de saúde. Portanto, intenta-se explorar com maiores detalhes a atuação dos enfermeiros em cada um desses espaços, a partir de anúncios e publicações em periódicos, bem como em manuais feitos por médicos.

2.1 Sob o olhar institucional: a enfermagem em hospitais e instituições

Durante a busca pelo cotidiano e o perfil dos enfermeiros, foi comum encontrar anúncios de oferta e procura para a atuação em hospitais, casas de saúde e outras instituições como sociedades de acolhimento de imigrantes. Cabe destacar que durante o século XIX, os hospitais brasileiros ainda se colocavam como espaços de assistência para a população mais pobre¹⁵, uma vez que as elites tinham predileção por serem tratadas em casa. Assim, instituições como a Santa Casa de Misericórdia, fundada no século XVI, permaneciam centrais no atendimento médico-hospitalar e, no período oitocentista, começaram a expandir suas funções com a construção de novos pavilhões¹⁶. Todavia, esse processo de estruturação das instituições médicas também pode ser visto no aumento do número de anúncios de casas de saúde

¹⁵ Nem todos os hospitais compartilhavam dessa mesma orientação assistencial. Enquanto a Santa Casa permanecia como centro fundamental do atendimento médico-hospitalar, outros estabelecimentos médicos possuíam características distintas, podendo atender públicos específicos ou com finalidades diversas.

¹⁶ GANDELMAN, Luciana Mendes. A Santa Casa da Misericórdia no Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, pp. 613-630, set.-dez. 2001.

espalhadas pela corte no decorrer dos anos, na possível tentativa de fazer com que os doentes fossem tratados em locais especializados. Dessa forma, a partir da década de 1850, as publicações desses locais passaram a ser cada vez mais frequentes, como o do Dr. Antonio José Peixoto que dizia

Consultórios. Rua do Rosário n. 134, do meio-dia às 3 horas. Na casa de saúde, na Gamboa n. 139, a outra qualquer hora. O Dr. Antonio José Peixoto, instado por seus numerosos amigos, faz público que de agora em diante tornará a encarregar-se do tratamento de todas as pessoas que o honrarem com sua confiança, indo imediatamente a qualquer chamado ou conferência. Em seu gabinete dará consultas aos pobres, e tratará com especialidade das moléstias da uretra, bexiga, olhos e ouvidos, para o que recebeu de Paris os mais modernos instrumentos e aparelhos.¹⁷

Esse anúncio publicado no dia 7 de março de 1850, no *Jornal do Commercio*, menciona dois locais de prestação de serviços de saúde. O atendimento, por parte de médicos, em vários lugares, ainda que fixos, parecia ser comum naquele momento. Para além disso, ao fazer o compromisso de ir “imediatamente a qualquer chamado ou conferência”, ele reforçava a figura do médico como uma figura disponível e adaptável às necessidades de sua clientela, também uma prática comum, sobretudo em um momento no qual esses trabalhadores eram chamados em fazendas para tratar de escravizados. Por fim, o compromisso de tratar os pobres em seu consultório demonstra a tensão entre o ideal de beneficência e a prática privada da medicina, que frequentemente usava esses gestos de caridade como forma de legitimação social e profissional. Durante a análise dos jornais, chamou a atenção que esse mesmo médico, cinco anos depois dessa publicação, anunciava a sua busca por um enfermeiro para a sua casa de saúde, que se instalava agora na rua Olinda, em Botafogo, como afirma em seu anúncio no dia 8 de julho de 1855: “Precisa-se de um enfermeiro, de uma senhora para tomar conta do interior de casa e de um preto para o serviço interno, e bom copeiro; na casa de saúde do Dr. A. J. Peixoto, rua Olinda, em Botafogo”¹⁸. É interessante notar a demora em buscar por um trabalhador que auxiliasse as suas atividades, que pode indicar um aumento na estrutura de sua instituição, ou mesmo um crescimento na busca por tratamento nesse local. Outro ponto é a falta de exigências para aquele que assumiria o cargo, não se sabe exatamente as funções que o enfermeiro que se dispusesse aos serviços de Antonio Peixoto estaria encarregado, algo que, como visto no capítulo anterior, também era frequente.

Ainda que menos usual nas páginas da imprensa, havia também espaço para atuação de enfermeiras nessas instituições. O Dr. Antonio Peixoto, no dia 3 de janeiro de 1860 informava que a “Casa de Saúde Peixoto, em Botafogo. Recebe, como sempre, doentes e convalescentes; há banhos de ducha, ditos de vapor, sulfurosos e simples, e há uma enfermeira para dar duchas

¹⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 66, p. 4, 7 mar. 1850.

¹⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 187, p. 4, 8 jul. 1855.

às senhoras; escritório, rua da Assembléia n. 38, das 11 às 3 horas da tarde”¹⁹. Novamente, em um prazo de cinco anos o médico retornava com uma novidade no *Jornal do Commercio*. Não se sabe, no entanto, a forma que essa trabalhadora foi contratada, uma vez que não foi encontrado nenhum anúncio dessa casa de saúde buscando por uma enfermeira. Todavia, fica evidente a segmentação no cuidado para com os doentes daquele local, já que a enfermeira estaria presente apenas para “dar duchas às senhoras”. É possível perceber que, embora atualmente a profissão seja atrelada às mulheres, naquele momento, a sua participação estava relacionada muitas vezes ao ambiente doméstico e, quando não, ao cuidado para com outras mulheres.

O anúncio de Peixoto poderia ser uma tentativa de demonstrar o diferencial de seu estabelecimento, uma vez que há evidências de que nem sempre existia uma enfermeira para o cuidado das enfermas. Em um folhetim que era publicado no *Jornal do Commercio*, intitulado “Cartas de um Caipira”, ao fazer uma crítica aos serviços ofertados pelas irmãs de caridade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, Felippe, em sua Carta CXXXVIII, endereçada a Mano Chico, afirma que nesse local a limpeza estava sempre em dia, mas o cuidado com os doentes não. Ao informar que preferia ir até a Casa de Saúde de Niterói, pois “apesar de não ter uma só enfermeira, e serem, portanto, pensadas, vestidas e fomentadas por marmanjos as infelizes mulheres que ali estão recolhidas”²⁰, o tratamento era de qualidade. Além de deixar em evidência a qualidade da assistência dada no hospital da caridade, mais uma vez indica a função das enfermeiras nessas instituições, isto é, em tese, tratar de outras mulheres. Por outro lado, aponta também para o trabalho exercido pelas irmãs que eram vistas como enfermeiras naquele momento, mas que, segundo o autor, não executavam o trabalho da melhor forma.

Além desses locais, enfermeiras surgiam também em publicações como a do dia 10 de maio de 1844, no *Jornal do Commercio*, que buscava por uma enfermeira para atuar em um hospital no centro da cidade. No anúncio o secretário José Gonçalves Pereira Duarte dizia que

Acha-se vago o lugar de enfermeira do hospital de N. Senhora do Monte do Carmo desta corte; portanto a pessoa que se achar nas circunstâncias de o exercer (preferindo-se ser irmã da mesma ordem), pode dirigir seu requerimento à mesa, entregando-se ao Sr. secretario atual dela, na rua de Santa Luzia n. 40. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1840. - O secretário, José Gonçalves Pereira Duarte.²¹

Por um lado, o anúncio demonstra a falta de exigências, já discutida anteriormente, para assumir o cargo. Ele informa apenas que quem se achasse capaz encaminhasse um requerimento, não deixando claro quais seriam as habilidades necessárias. Além disso, o maior

¹⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 25, p. 3, 3 jan. 1860.

²⁰ FELIPPE. “Cartas de um caipira”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 14, p. 3, 14 jan. 1875.

²¹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 122, p. 4, 10 maio 1840.

requisito vem em forma de preferência ao dizer que gostariam que a trabalhadora fosse uma irmã da Ordem do Carmo. Essa predileção indica a forte ligação entre o trabalho de enfermeiras e as ordens religiosas, destacando o caráter caritativo que ainda estava presente no hospital do século XIX e que era esperado dessas trabalhadoras. Por outro lado, a presença de publicações como essas indica a existência de trabalhadores da enfermagem nessas instituições, ainda que, de acordo com os dados, não fosse nesse ambiente o principal foco do trabalho.

Decorre que durante o período oitocentista, a quantidade de instituições médicas, sobretudo de hospitais, não totalizava um grande número, principalmente fora da província do Rio de Janeiro²². A carência desses espaços, todavia, aponta para locais frequentemente sobrecarregados, devido ao grande número de acidentes e doenças que a população estava exposta. Além disso, tendo sido por muitos anos considerados como um lugar para se esperar a morte, os hospitais diversas vezes eram buscados apenas pela população pobre e alguns escravizados²³. Assim, a vinculação da atuação de enfermeiras com ordens religiosas, como indicada no anúncio, reforça o vínculo entre assistência médica e caridade. Todavia, essa associação não estava presente apenas no exercício da enfermagem por parte das mulheres, mas também no de homens, como é possível perceber no único anúncio publicado em 1829, no dia 15 de outubro, o qual expunha que

No Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência, acha-se vago o lugar de segundo Enfermeiro, qualquer Irmão da mesma Ordem que se ache nas circunstâncias de ocupar o mesmo lugar, pode fazer o seu requerimento e entregar em casa do Secretário atual da mesma Ordem na rua da Quitanda n. 162.²⁴

No anúncio, o Hospital da Ordem de São Francisco da Penitência buscava por alguém que ocupasse o lugar de segundo enfermeiro²⁵, que estivesse vinculado à Ordem. Assim como no caso da enfermeira do dia 10 de maio de 1844, é possível perceber que a pertença religiosa estava sendo mais valorizada que possíveis habilidades técnicas específicas, que mais uma vez não são listadas. Esses anúncios não só destacam a busca por trabalhadores de enfermagem dentro de uma estrutura informal e muitas vezes clerical, mas também ilustram como a escassez de instituições de saúde e o perfil caritativo moldaram as práticas de cuidado e as expectativas sobre quem deveria ocupar esses papéis de trabalho no Brasil do século XIX.

²² DOLINSKI, João Pedro. *Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, p. 176, 2013.

²³ LISBOA, Teresinha Covas. *História dos hospitais*. São Paulo: IPH, p. 81, 2021.

²⁴ NOTICIAS Particulares. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 594, p. 4, 15 out. 1829.

²⁵ Era comum em alguns anúncios o surgimento de termos como enfermeiro-mór, primeiro enfermeiro, segundo enfermeiro e ajudante de enfermeiro. Pouco se sabe quais as reais diferenças de funções, mas havia uma hierarquia onde o enfermeiro-mór e, posteriormente, primeiro enfermeiro, ocupavam o topo e as outras duas categorias estavam abaixo.

Com o passar das décadas, essa preferência pela associação às ordens religiosas não surge com a mesma frequência nas páginas dos jornais. Todavia, essas instituições ainda buscavam por trabalhadores por meio de anúncios, mesmo na década de 70, como é possível visualizar na publicação do dia 16 de novembro de 1873, no *Jornal do Commercio*, que dizia “O Hospital da Ordem do Carmo precisa de um perfeito enfermeiro de cirurgia; trata-se com o irmão Prior na rua Direita n. 22”²⁶. Como pode ser visto, agora não se faz presente a exigência ou a preferência por aqueles que tivessem alguma ligação com a organização. Sendo assim, ainda que se mantivesse atuante, abre-se caminho para secularização da cura. Essa característica aponta para uma possível transição de uma enfermagem antes caritativa, para aquela que dava passos para a academicidade que se concretizaria, no Brasil, apenas no século XX.

Essas, no entanto, não foram as únicas instituições presentes nos anúncios da área da saúde. Existiam os hospitais particulares e, ainda que não se saiba ao certo a sua quantidade, a sua presença pôde ser percebida de forma direta em dois momentos na análise do *Jornal do Commercio*. A primeira delas identificada na edição do dia 25 de junho de 1854, que dizia “Também se precisa de uma enfermeira para um hospital particular. Exigem-se fiadores. A enfermeira também deve falar inglês e português; dirijam-se ao Dr. Cunha, n. 41 rua do Carmo”. E a segunda vez se tratava da demanda por um enfermeiro no dia 3 de junho de 1870, na qual se ofertava o seguinte: “Enfermeiro. Um moço com prática de enfermeiro oferece-se para algum hospital particular ou fazenda, dando abono a sua conduta; quem precisar deixe carta a José C. na rua da Floresta n. 56 D, ou rua de S. Pedro da Cidade Nova n. 6”²⁷. Em comum, as linhas impressas apontam para a necessidade de comprovação de bons antecedentes, dada a falta de regulamentação da profissão, que seriam feitas por meio de fiadores. Por outro lado, o primeiro anúncio exigia a necessidade de se falar não somente o português, como também o inglês, algo que não era visto com frequência. A necessidade de se comunicar em outra língua, parece supor um maior valor social. Isso indica que esses locais, possivelmente, buscavam por agentes mais qualificados, ainda que fosse apenas no âmbito da linguagem, uma vez que visavam alvos de camadas de elite. A desigualdade no oferecimento de serviços de cura para diferentes membros da sociedade, portanto, era perceptível desde o momento da busca por um agente de saúde.

De todo modo, as instituições mais presentes no país desde a colonização eram os Hospitais das Santas Casas de Misericórdia. Criadas ainda no século XVI, essas instituições, de origem caritativa, tinham como principal compromisso atender a população que não possuía

²⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 317, p. 1, 16 nov. 1873.

²⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 151, p. 3, 3 jun. 1870.

condições para arcar com outros tratamentos²⁸. Além disso, foi a Santa Casa do Rio de Janeiro que entre as décadas de 1840 e 1850 passou a atender os chamados alienados no Hospício de Pedro II, na intenção de que fosse fornecido tratamento médico a eles. Nesse período, a Santa Casa passava por um processo de medicalização e reorganização de sua estrutura funcional, inclusive ampliando suas instalações com a inauguração de um novo hospital em 1852, o que demandou o aumento do número de funcionários, entre eles os enfermeiros e enfermeiras.²⁹ Entre os 98 anúncios que foram analisados e que mencionavam hospitais, no *Jornal do Commercio* e *Diario do Rio de Janeiro*, 14 deles se referiam a Santa Casa. Tornava-se, então, um espaço significativo para o exercício da enfermagem. Para além dos anúncios, há também casos publicados que indicavam a existência de pessoal da enfermagem nesses ambientes, que serão vistos mais adiante. Segundo Luciana Mendes Gadelman, a partir de um acordo com a Ordem de São Vicente de Paula de Paris, religiosas foram enviadas em 1852 para auxiliar os médicos da instituição³⁰. Essas sofreram críticas, como aquela das “Cartas de um caipira”, anteriormente abordada.

Como local de referência, o Hospital da caridade parecia servir também como modo de comprovar as habilidades daqueles que lá trabalharam. Dessa forma, era comum que fosse citada por anunciantes que diziam já ter prática no Hospital da Santa Casa da Misericórdia³¹, ou mais detalhado como “tendo exercido o mesmo lugar três anos no Hospital da Santa Casa da Misericórdia”³². Nesse sentido, os anúncios analisados transitavam entre oferta e demanda, deixando perceptível a necessidade de pessoal habilitado, isso é, com prática, para o cargo. Para além disso, a instituição também foi utilizada como um comparativo ao preço justo a ser pago aos enfermeiros. No dia 9 de novembro de 1841, na seção “Parte Oficial” do *Jornal do Commercio*, em uma publicação de avisos do Ministério da Marinha, tem-se o seguinte informe

Avisos. – Ao quartel general, significando que não pode ser aprovada a proposta do diretor interino do hospital da marinha para que o 1º enfermeiro do dito hospital, Feliciano Can de Vasconcellos Coimbra, tenha vencimento de 30\$ rs mensais, por ser

²⁸ “Parte da população que não possuía condições de se tratar em seu ambiente doméstico, incluindo escravos e seus descendentes, poderia recorrer ao hospital da caridade como também era conhecido”. VER: PIMENTA, Tânia Salgado. Escravos no hospital da Santa Casa de Misericórdia da Bahia na segunda metade do século XIX. *ANPUH – XXIV Simpósio Nacional de História*, São Leopoldo, p. 2, 2007; BARRETO, Maria Renilda Nery; PIMENTA, Tânia Salgado. A saúde dos escravos na Bahia oitocentista através do Hospital da Misericórdia. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 6, n. 2, jul.-dez., 2013.

²⁹ PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)*. 263 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p. 142.

³⁰ GANDELMAN, Luciana Mendes. A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. *História, Ciências, Saúde*, v. 8, n. 3, pp. 613-630, set.-dez. 2001.

³¹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 306, p. 3, 7 nov. 1855

³² JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 179, p. 4, 1 jul. 1857.

excessiva essa quantia, em comparação do que percebe o da Santa Casa da Misericórdia.³³

A rejeição do vencimento de 30\$000 réis mensais, considerado excessivo em relação ao salário dos enfermeiros da Santa Casa, revela uma visão profundamente desvalorizada sobre o trabalho desses indivíduos, além de destacar a Santa Casa como uma referência para o que seria considerado um “preço justo” na remuneração de enfermeiros. Revela-se, assim, precariedade do ofício de enfermagem naquele momento³⁴. Apesar de ser um local no qual os trabalhadores poderiam adquirir experiência e, dessa forma, buscar outros ambientes para trabalhar, a remuneração nessas instituições poderia ser mais baixas do que aquelas recebidas em casas particulares e fazendas. Um anúncio particular datado de 20 de fevereiro de 1862, indica o valor de 500\$ anuais para quem fosse contratado, o que resulta em cerca de 41\$600 mensais³⁵. Além disso, na prática hospitalar da época, esses trabalhadores lidavam com uma rotina intensa, marcada por hierarquias rígidas e conflitos de atribuições³⁶. Soma-se, ainda, o excessivo número de doentes a serem tratados, segundo o médico Manoel José Barbosa os 12 enfermeiros que exerciam as suas atividades no Hospício de Pedro II, estavam encarregados de 200 enfermos³⁷. Não parece, portanto, muito atrativo para aqueles que buscavam melhores condições de trabalho.

Não menos importantes são os hospitais militares, a história dessas instituições, no entanto, passa por modificações ao longo dos séculos. O Hospital Real Militar e Ultramar, criado em 1768, inicialmente atendia tanto os membros do Exército quanto os da Marinha. Esse cenário, contudo, mudou em 1833, com a criação do Hospital da Armada e do Corpo de Artilharia da Marinha, destinado exclusivamente aos integrantes da Marinha³⁸. É interessante

³³ PARTE Oficial. Ministério da Marinha. *Jornal do Commercio*, ed. 289, p. 1, 9 nov. 1841.

³⁴ Não foi possível encontrar números significativos que relatassem os valores pagos. Todavia, na década de 1860, foram encontrados 3 anúncios de demanda, que somam uma média de 37\$000 mensais para os enfermeiros contratados durante o período. O maior caso, inclusive, foi de 40\$000, na edição 81 de 1868, para que o serviço fosse exercido nos hospitais militares.

³⁵ Nessa mesma década, encontra-se um anúncio de demanda para o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que pagaria apenas 30\$000, enquanto o hospital militar oferecia 40\$000. Assim, a publicação do dia 20 de fevereiro de 1862, que solicitava um enfermeiro particular, parece ser mais vantajosa, uma vez que oferece um melhor pagamento e, talvez, menos enfermos para serem cuidados do que em instituições. VER: JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 51, p. 4, 20 fev. 1862; JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 299, p. 3, 28 out. 1866; JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 81, p. 5, 21 mar. 1868.

³⁶ Pimenta aponta que muitos dos enfermeiros, serventes e até pensionistas (alunos da Faculdade de Medicina) reclamavam da sobrecarga de trabalho e do controle rígido imposto pela administração, que chegou a incluir medidas punitivas como prisão interna em casos de indisciplina. VER: PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)*. 263 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p. 131.

³⁷ BARBOSA, Manoel José. Relatório do serviço sanitário do hospício de Pedro II, apresentado ao Exm. Sr. Marquez de Abrantes, pelo Dr. Manoel José Barbosa. *Gazeta Medica do Rio de Janeiro*, ed. 6, p. 65, 1862.

³⁸ FRUTUOSO, Regis Augusto Maia; FERREIRA, Gláucia Regina Dantas. Sistema de Saúde da Marinha: rota de uma missão cumprida. *Arquivos Brasileiros de Medicina Naval*, Rio de Janeiro, v. 82, n. 1, pp. 62-68, jan.-dez. 2021.

notar que essa separação ocorre após a melhoria proposta nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, que talvez indique a influência do processo de especialização e organização da medicina. Ao todo, foram encontrados 25 anúncios que contemplam essa categoria, sendo que eram divididos entre 19 para atuação no Exército e 5 para a Marinha, além de uma publicação que datava de 1823, período anterior a criação do Hospital da Armada e do Corpo de Artilharia da Marinha. A publicação que mais chama a atenção, no entanto, é a do dia 21 de março de 1868, a qual informa o salário a ser pago para os enfermeiros e os ajudantes que forem contratados. Por meio dela, o comandante da companhia de enfermeiros, Henrique José Pires, informa que

De ordem do Ilm. Sr. Cirurgião-mór do exército Dr. José Ribeiro de Souza Fontes, contratam-se enfermeiros e ajudantes de enfermeiros para servir nos hospitais e enfermarias militares da guarnição da corte, sendo os enfermeiros pela quantia de 40\$ mensais e os ajudantes pela de 30\$; os pretendentes dirijam-se das 10 horas da manhã às 2 da tarde, ao quartel do comando da companhia de enfermeiros, à rua de S. Lourenço n. 36. - Dr. Henrique José Pires, comandante da companhia de enfermeiros.³⁹

A partir das linhas escritas por Henrique Pires é possível perceber que o salário pago aos enfermeiros que atuariam no corpo do exército não era maior do que a média paga aos que trabalhavam nas casas particulares que anunciam nos jornais, pelos poucos anúncios que indicavam essa informação ao longo do século. No entanto, se compararmos com o valor informado naquela publicação de novembro de 1841, percebe-se que houve um aumento. Não se sabe, no entanto, se outras instituições acompanharam essa prática ou se isso se deu pelo período que se publicava o anúncio, em plena Guerra do Paraguai. Por outro lado, a busca constante por esses trabalhadores pelas instituições militares, demonstra o valor do corpo dos recrutados. Como destaca Teresinha Covas Lisboa era essencial garantir que os soldados não sucumbissem às doenças, epidemias ou aos ferimentos⁴⁰. Aí estava, portanto, a relevância do enfermeiro nesses locais. Para além disso, o maior número dessas publicações surgem a partir da década de 1860, o que poderia significar uma maior preocupação com as enfermidades, devido às grandes epidemias passadas ou uma inquietação correspondente ao período de guerra, bem como o momento após ela.

Todavia, ainda que se tenha consciência e provas da existência de enfermeiros e enfermeiras em hospitais, casas de saúde e outras instituições, bem como referências sobre os valores pagos, pouco se encontrou sobre a hierarquia estabelecida internamente. Nas fontes analisadas não houve grandes indícios das relações de poder existentes além da subordinação dos agentes da enfermagem para com aqueles que exerciam a medicina. Por outro lado, existem

³⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 81, p. 5, 21 mar. 1868.

⁴⁰ LISBOA, Teresinha Covas. *Op. Cit.*, 70.

alguns anúncios que indicavam variações nos cargos desses trabalhadores, como “enfermeiro-mor”, “primeiro enfermeiro”, “ajudante de enfermeiro” e “segundo enfermeiro”. Em um estudo de documentos públicos e privados das Santas Casas de Minas Gerais, Rita de Cassia Marques e Anny Jackeline Torres Silveira apontaram que o enfermeiro-mor era encarregado de atividades voltadas para a administração, enquanto os ajudantes e segundo enfermeiro ficavam por conta das funções de auxiliares. As autoras afirmam que “o encargo de instruir, distribuir e fiscalizar o serviço de ajudante, enfermeira e serventes nas enfermarias reafirma a ideia de um status superior gerindo uma rede de enfermagem subalterna.”⁴¹.

Contudo, a partir do estudo desenvolvido por elas, coloca-se sob os enfermeiros-mores a expectativa de um conhecimento para além do esperado de outros agentes da mesma categoria. No entanto, por vezes, esse conhecimento ou especialização também era exigido aos ajudantes de enfermeiros. A publicação do dia 22 de abril de 1872, no *Jornal do Commercio*, elucida essa questão ao dizer “Enfermeiro. Precisa-se de um ajudante de enfermeiro, que saiba ler, escrever e contar, e de conduta afiançada. Trata-se no hospital militar do Andaraí até 24 do corrente, das 9 às 3 horas da tarde.”⁴². A necessidade de ser alfabetizado supõe que os ajudantes também deveriam se ocupar de funções administrativas, mínimas que fossem, como o preenchimento de prontuários. Não se pode esperar, portanto, que esses sujeitos, ainda que estivessem em uma posição abaixo na hierarquia da profissão, não possuissem conhecimentos tidos como superiores para o período estudado. Percebe-se, também, um aumento dos anúncios buscando o chamado “ajudante” para atuar em hospitais. Em nosso recorte, obteve-se um total 51 publicações com essa característica, sendo que apenas 3 delas foram antes da década de 1850. Na tabela abaixo é possível verificar como essa procura se deu no decorrer do período analisado.

Tabela 29 - Incidência de “ajudantes de enfermeiro” no *Jornal do Commercio* e *Diario do Rio de Janeiro* entre 1821 e 1879

1820	1830	1840	1850	1860	1870
1	1	1	5	18	25

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio* e *Diario do Rio de Janeiro*

Como se pode notar, o número de anúncios tem um aumento significativo a partir da década de 1860. Entre 1862, data da primeira publicação nesse período, e 1869, esses trabalhadores eram reivindicados, na maioria das vezes, nas casas de saúde (6) e no Hospital Militar do Andaraí (8), criado em 1867, as outras eram para o Hospital da Sociedade Portuguesa

⁴¹ MARQUES, Rita de Cassia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. O enfermeiro-mor nas Santas Casas da província de Minas Gerais: entre a administração e a assistência. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 9, pp. 3424-3425, 2022.

⁴² JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 112, p. 4, 22 abr. 1872.

de Beneficência (2), um ofertante para casa de saúde e o outro não específica local. Já na década de 1870, 6 das publicações eram para o Hospital Militar do Andaraí, 1 para uma casa de saúde, 2 para fazendas, 11 não especificam e 5 são ofertantes. É curioso o aumento no número de ofertantes, que parecem ter visto na função uma oportunidade. Não se sabe, entretanto, o que pode ter ocasionado esse crescimento, mas pode se presumir dois cenários: o primeiro deles seria uma consequência de uma maior necessidade de assistência no tratamento de doentes e, assim, um alargamento na busca por esses sujeitos; o segundo, por outro lado se daria por esses exigirem um menor valor de pagamento⁴³.

Quanto a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, foi possível perceber que as irmãs de caridade eram as que detinham a autoridade, controlando as funções que eram exercidas e quem as executava. O papel dessas religiosas, no entanto, transitava entre ser criticado e reconhecido. Lembremos, por exemplo do folhetim publicado no *Jornal do Commercio*, intitulado “Cartas a um caipira”, o que mais dedicou espaço para condenar a atuação dessas mulheres. Entre os anos de 1873 e 1875, é possível encontrar três publicações com esse título que se dispunham a desdenhar da atividade executada por elas. Em todos esses artigos atacava-se, de certa forma, até mesmo a religiosidade e a moral das irmãs de caridade. Chama maior atenção, no entanto, a publicação que saiu no dia 14 de janeiro de 1875, no qual o autor se dedicou a falar mal do tratamento prestado por elas. Segundo ele, as religiosas não alimentavam os doentes que desobedeciam às normas. Além disso, ele insinuou que as religiosas passavam até mesmo por cima de ordens médicas, diagnosticando indivíduos que lá chegavam com ferimentos como loucos⁴⁴. Soma-se a essa narrativa o fato de que o primeiro curso de enfermagem veio justamente no período em que se tentava laicizar o espaço⁴⁵. Outro discurso que colocava em dúvida a caridade dessas mulheres foi publicado nas páginas de *O Cruzeiro*, no folhetim dominical “Notas Semanaes”, escrito por Machado de Assis. Em 21 de julho de 1878, Machado comentou um caso que havia ganhado destaque nos jornais da corte, incluindo o *Jornal do Commercio*⁴⁶. O caso envolvia uma menina cearense de sete anos chamada Luiza, que deu entrada no Hospital de Nossa Senhora da Saúde, em Gamboa. A

⁴³ Tomando por base as tabelas publicadas no *Jornal do Commercio* nas edições 164/1868 e 42/1872, que indicam os salários pagos aos enfermeiros e seus ajudantes no Hospital Militar. Em ambos os quadros, os ajudantes perceberam um valor menor do que os enfermeiros.

⁴⁴ CARTAS de um caipira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 14, p. 3, 14 jan. 1875.

⁴⁵ MOREIRA, Almerinda; PORTO, Fernando; OGUISSO, Taka. Registros noticiosos sobre a escola profissional de enfermeiros e enfermeiras na revista "O Brazil-Médico", 1890-1922. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 36, n. 4, pp. 402-204, 2002.

⁴⁶ As edições 18, 19 e 20 contam com as publicações. VER: GAZETILHA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 18, p. 1, 198, 18 jul. 1878; GAZETILHA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 18, p. 1, 199, 19 jul. 1878; GAZETILHA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 18, p. 1, 200, 10 jul. 1878.

controvérsia começou quando Luiza revelou que os ferimentos em seu braço teriam sido causados por uma irmã de caridade que atendia no hospital. Em suas notas, Machado de Assis fez uma observação irônica sobre a situação:

(...) Quem quebrou o braço da menina Luzia? - o qual parece destinado a quebrar por sua vez todas as cabeças pensantes. O congresso de Berlim destrinchou mais depressa a questão turca, do que nós veremos resolver este caso, essencialmente nebuloso; salvo se aceitarem a minha solução, que combina todas as versões opostas: o tamanco e só o tamanco que quebrou o braço. Porquanto, só um tamanco podia ter a crueldade de bater numa criança, ao sair de um hospital. Nem seria acertado esperar caridade dos tamancos, não é o seu forte; outros dirão que não é o seu fraco.⁴⁷

Em sua observação, o autor utiliza a ironia para criticar a situação envolvendo a menina Luiza e a instituição que deveria representar um ambiente de cuidado e compaixão. Ele questiona a verdadeira caridade das mulheres que atuavam como irmãs de caridade no hospital, aludindo ao suposto ato de violência que teria ocorrido. Além disso, a referência ao “tamanco” é central. Machado propõe sarcasticamente que só um objeto inanimado poderia ser tão cruel a ponto de machucar uma criança, implicando que a violência e a falta de caridade são tão absurdas e inaceitáveis que ele prefere atribuí-las a um objeto sem alma. A verdadeira crueldade humana, portanto, é mascarada por instituições e símbolos de bondade, como as irmãs de caridade, cuja imagem deveria ser de cuidado, mas que se vê manchada por relatos como este. Para além disso, as freiras também foram criticadas em uma publicação anônima, no dia 11 de outubro de 1863, na qual reclamava

É na verdade para lastimar que este estabelecimento esteja entregue a semelhante mulheres, que com o título de *caridade* praticam e deixam que dois enfermeiros pratiquem (que antes merecem o nome de carrascos), espanquem desapiedadamente aos infelizes doentes, principalmente se o infeliz é pobre; os nomes desses dos heróis são os seguintes, para que o público os fique conhecendo, José Joaquim e Manoel dos Santos.

Torna-se de grande utilidade para o país que uma instituição de tanta utilidade seja mais bem administrada.

Estamos convencidos de que o Exm. Sr. Marquez de Abrantes e o Sr. Mordomo tudo ignoram, e que à vista desta publicação darão as necessárias providencias, despedindo esses algozes da humanidade.⁴⁸

Desconfia-se, todavia, de que essa crítica foi tecida por Antonio Rei Domingos, enfermeiro que foi demitido da instituição meses antes da notícia citada acima, após ser supostamente ferido por um dos sujeitos internados no local. Em publicação anterior, na mesma época na qual deixou seu posto no Hospício de Pedro II, Antonio havia dito que possuía desavenças com outros dois enfermeiros que ali trabalhavam⁴⁹. Com ou sem conflitos entre os trabalhadores, é interessante observar a denúncia feita pelo autor, uma vez que sugere que as irmãs de caridade não possuíam habilidade suficiente para administrar o Hospital e seus

⁴⁷ ELEAZAR. "Notas semanaes". *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ed. 201, p. 1, 21 jul. 1878.

⁴⁸ HOSPÍCIO de Pedro II e as irmãs de caridade. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 280, p. 2, 11 out. 1863.

⁴⁹ HOSPÍCIO de Pedro II. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 209, p. 2, 30 jul. 1863.

funcionários. Dessa forma, a imagem dessas mulheres era manchada através da imprensa, dando lugar para o questionamento de sua competência na gestão da instituição, bem como enfermeiras. A denúncia, vinda de uma fonte potencialmente comprometida como Antonio Rei Domingos, levanta dúvidas sobre a imparcialidade, já que ele havia sido recentemente demitido e possivelmente guardava ressentimentos. Ainda assim, o episódio aponta para uma tensão entre as expectativas de caridade e a realidade das relações e dinâmicas profissionais no hospital, o que pode ter contribuído para o processo de profissionalização da enfermagem no Brasil.

Já quanto ao corpo de saúde atuante, no que toca aos enfermeiros e seus auxiliares, no dia 10 de dezembro de 1872, o ex-diretor do Hospital de Pedro II, Dr. Ignacio Francisco Goulart, publicava no *Jornal do Commercio* um relato sobre o serviço prestado e as suas percepções sobre a instituição. Em dado momento, Ignácio Goulart afirma que

Os ajudantes de enfermeiros, quando inteligentes, e de alguma instrução, auxiliam muito o médico. Em contato imediato com o alienado, acompanhando todas as suas ações, fornecem muitos dados para o diagnóstico, os quais o médico não pode colher em seus interrogatórios. Quando o enfermeiro é cortês, e fala ao enfermo com brandura, capta-lhe facilmente a amizade, e consegue com uma palavra, o que aliás pela violência e brutalidade não se poderia obter, mas somente provocar desconfiança e o ódio entranhando do louco. É muito raro ver aqui um enfermeiro que não seja brutal, e que não use de palavras e modos grosseiros, quando se dirige ao alienado, ainda mesmo aos que estão em período de lucidez. Por vezes nestas circunstâncias tenho recebido queixas dos enfermos, e providencio de modo a fazer-lhes justiça, o que também o louco muito aprecia e reconhece. Para evitar lutas muitas vezes explicáveis, porque os mesmos enfermeiros, por sua negligência, brutalidade e falta de cuidado, os provocam, há necessidade de vigiar muito atentamente estes empregados. Se o alienado deles se queixa, não perdem ocasião de tomar-lhe disso contas, molestando-o, quando menos com palavras. Um ou outro é exceção desta regra, e esse em breve daqui sai, seduzido por melhores vantagens que lhe oferecem as casas de saúde, convertendo-se assim este hospício em viveiro e casa de educação de enfermeiros. Em outros relatórios tenho falado sobre este assunto e proposto meios de obtermos pessoal idôneo. É preciso remunerá-los melhor, dar-lhes um pouco mais de liberdade e garantir-lhes o futuro se se inutilizarem no serviço. Convém muito estudar esta questão, porque dela depende em grande parte o resultado do tratamento dos alienados e o crédito do estabelecimento. Talvez se objete que as irmãs de caridade compete ser enfermeiras, e que ninguém melhor que elas poderiam desempenhar este mister. Isso diz o regulamento, e em teoria assim é, mas praticamente o caso muda: no que diz respeito a enfermaria de mulheres, estou de acordo; mas quanto aos homens, o serviço é feito na maior parte pelos enfermeiros, e nem pode deixar de ser assim em um hospício de loucos. A irmã de caridade não há de ir dar banhos, nem vestir, nem guardar, nem conter os homens alienados, quando muito dá-lhes o remédio algumas vezes, e dirige o serviço, na parte em que decentemente uma senhora o pode fazer. No mais pode informar ao médico, e mesmo há questões que não hão de ser feitas à irmã, mas sim a um outro homem, e se este for ignorante pouco orienta o médico. (...) Ainda agora um ajudante de enfermeiro foi vítima de um louco de mania impulsiva, que, em um momento de distração daquele, atirou-lhe um golpe, que se fora alguns centímetros para o lado esquerdo, ter-lhe-ia atravessado o coração.⁵⁰

Pelo relato dado, pouca distinção parece ser feita entre a função do enfermeiro e de seu ajudante, uma vez que os dois cargos estão intimamente relacionados ao cuidado direto

⁵⁰ GOULART, Ignacio Francisco. O ex-director do serviço sanitario do hospicio de Pedro II. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 342, p. 1, 10 dez. 1877.

daqueles que lá estavam internados. Em dado momento, o Dr. Ignacio afirma ainda que os médicos e os ajudantes são os que mais correm risco dentro da instituição, o primeiro por dar as ordens e os segundos por as seguir. O que, quando colocado em conjunto com o restante do texto, corrobora para o pensamento de que essas profissões atuavam de maneira semelhante dentro do hospital. Questão que dá margem para o pensamento de que a contratação do ajudante se dava meramente pelo salário inferior ao do enfermeiro. Contudo, chama a atenção alguns pontos da fala de Ignacio Goulart, que apontam para a aparente precariedade do cotidiano hospitalar. Por um lado, o mau tratamento dado aos enfermos, por outro, os riscos enfrentados no dia a dia, bem como as más condições dispostas aos agentes da enfermagem. O ex-diretor aponta para uma grande evasão dos trabalhadores, que buscam por melhores salários e mais liberdade, essas que poderiam ser obtidas em casas de saúde como informa, mas também nas enfermarias de fazendas. Tal atitude, pode ser lida aqui como uma forma de resistência às condições vivenciadas por esses sujeitos. No anúncio do dia 9 de janeiro de 1874, publicado no *Jornal do Commercio*, tem-se o seguinte

Um homem, de 35 anos de idade, deseja entrar para algum hospital ou casa de saúde, com o fim de se aperfeiçoar para enfermeiro, exigindo somente casa e comida pelo primeiro trimestre; fala e escreve português, inglês e francês; carta fechada no escritório desta folha a N. N.⁵¹

O anunciante deixa visível a intenção de exercer a profissão em uma instituição apenas para adquirir a prática necessária para a atuação em outras localidades, talvez aquelas que, como afirmava Dr. Ignacio, ofertassem melhores condições. Além disso, tal publicação aponta para as negociações que faziam esses trabalhadores. Ainda que não houvesse estruturação para a formalização do conhecimento da enfermagem, os sujeitos interessados buscavam as suas formas de adquirir as habilidades necessárias para o exercício do ofício.

Para além das questões que nos indicam o estado da saúde no Brasil oitocentista, foram encontradas 14 notícias de enfermeiros que haviam sido assassinados, exonerados ou que cometiveram algum crime durante o exercício de sua profissão⁵². Ainda que esses eventos não fossem restritos as instituições hospitalares, é significativo a frequência com que aparecem nos impressos sendo vinculadas ao Hospício de Pedro II. Na década de 1860 o caso de Antonio Rei Domingos, por exemplo, esteve no *Jornal do Commercio* em momentos diferentes, começava-se, no entanto, com a do dia 30 de julho de 1863⁵³, que um autor anônimo dizia que

⁵¹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 9, p. 6, 9 jan. 1874.

⁵² Quanto a enfermeiras, o caso mais simbólico foi encontrado no dia 22 de maio de 1890, no qual uma enfermeira assassinou uma importante parteira da cidade. VER: GAZETILHA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 141, p. 1, 22 maio 1890.

⁵³ Ressalta-se que a publicação se repetiu no dia 2 de agosto de 1863. VER: HOSPÍCIO de Pedro II. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 212, p. 2, 2 ago. 1863.

Antonio Rei Domingos retirou-se deste hospício, como enfermeiro que era do mesmo, por ter sido ferido por um maluco a ponto de pôr sangue pela boca, isto ocasionado por seus companheiros do mesmo hospício Manoel dos Santos e José Joaquim lhe não acudirem, porque assim tinham combinado entre si para lhe darem cabo da vida; tudo isto ocasionado por desinteligências havidas entre mim e eles por nacionalidades, o que faço ciente ao público para que quem pretenda aquele lugar se acautele destes dois indivíduos, dos quais um confessou a combinação que tinham feito entre si para assim eu ser ferido, ou talvez morto se a ocasião o permitisse. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1863.⁵⁴

Embora não se possa saber o que realmente aconteceu entre os enfermeiros⁵⁵, a publicação revela as tensões que permeavam o cotidiano dentro dos hospitais. Revela, assim, conflitos que ultrapassavam o âmbito institucional e alcançavam o campo pessoal, quando afirma que a disputa estava relacionada à nacionalidade dos sujeitos, indicando um possível preconceito. O fato de o episódio ter sido publicado no jornal em julho e ter sido mencionado outras duas vezes em outubro do mesmo ano aponta, também, para a dimensão pública desses conflitos, que transcendiam as paredes do hospital, impactando diretamente a percepção social sobre a profissão de enfermagem e sobre os envolvidos. Para além disso, o caso de Antonio sugere não apenas a vulnerabilidade física dos trabalhadores, expostos à violência de pacientes psiquiátricos, mas também a ausência de um suporte institucional que garantisse a sua proteção. O relato e a falta de informações sobre medidas de amparo oferecidas à vítima, apontam para as dificuldades estruturais que os enfermeiros enfrentavam, cenário marcado pelo abandono e pela falta de políticas efetivas de cuidado e gestão dos profissionais de saúde.

Em 1877, por outro lado, houve dois casos noticiados de crimes cometidos por enfermeiros no Hospício de Pedro II. O primeiro deles, publicado no dia 25 de janeiro de 1877, no *Diario do Rio de Janeiro*, dizia “Ferimentos graves. – Por mandado do juiz do 9º distrito criminal foi recolhido à casa de detenção Albino Martins, enfermeiro do hospício de Pedro II, por ter ferido gravemente ao alienado Antonio da Silva, no dia 21 do corrente”⁵⁶. A informação de que um agente da saúde havia ferido um paciente, de forma aparentemente proposital, dá forças para as narrativas de que os enfermeiros que atuavam nos hospitais da Santa Casa da Misericórdia tratavam os doentes de forma violenta. Assim, o caso de Albino Martins não é apenas um incidente isolado, mas evidencia um problema estrutural mais amplo dentro dos dispositivos institucionais de saúde. Contribui com o cenário que se desenha a notícia datada de 26 de novembro de 1877, no *Jornal do Commercio*, que afirmava

⁵⁴ HOSPÍCIO de Pedro II. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 212, p. 2, 30 jul. 1863.

⁵⁵ A publicação do dia 14 de outubro de 1863, uma resposta do Dr. Barbosa a crítica feita de forma anônima à administração do hospital em 11 de outubro, afirma que Antonio teria jurado guerra aos outros dois enfermeiros, sem, no entanto, dar os motivos para o conflito. VER: HOSPÍCIO de Pedro II. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 284, p. 1, 14 out. 1863.

⁵⁶ NOTICIARIO. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 23, p. 2, 25 jan. 1877.

Selvageria. – Antonio Manoel Velloso, que é um infeliz recolhido como louco no hospício de Pedro II, foi anteontem brutalmente espancado ali por um enfermeiro que, batendo-lhe no rosto, furou-lhe o olho esquerdo. Conhecendo então o mal que causara, o enfermeiro evadiu. O Dr. Pereira das Neves procedeu o corpo de delito no pobre alienado.⁵⁷

O incidente agrava ainda mais a percepção pública de que os internos, em vez de receberem cuidado, estavam sujeitos a maus-tratos e abusos. Esse episódio reforçava a visão de que a violência contra os internos não era um fato isolado, mas sintomático. Não havia treinamento adequado para os trabalhadores, soma-se à equação o baixo salário que era pago, o resultado, então, era um ambiente precário para ambos os envolvidos, doentes e trabalhadores. É importante ressaltar que, no período, o tratamento psiquiátrico, embora considerado científico à época⁵⁸, frequentemente incluía o uso de força física e o isolamento de indivíduos tidos como indesejados nos meios coletivos.⁵⁹

Ainda que esses casos existissem, não parece ter havido muitas discussões quanto ao tratamento dado a esses sujeitos ou quanto a uma forma de os profissionalizar. Por outro lado, existia ainda aqueles que eram contra os aumentos salariais, que frequentemente eram igualados a remuneração de trabalhadores domésticos e não agentes de saúde, e até mesmo contra a contratação de enfermeiros⁶⁰. Na tabela de vencimentos daqueles que trabalhavam no corpo da marinha – e que estavam embarcados nos navios –, publicada no dia 11 de fevereiro de 1872⁶¹, é possível observar os valores de cirurgiões, farmacêuticos, enfermeiros e seus ajudantes. Nos quadros abaixo foram construídas versões resumidas das informações contidas na edição do *Jornal do Commercio*, foram divididas para que os dados fiquem visíveis de melhor forma.

⁵⁷ GAZETILHA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 328, p. 2, 26 nov. 1877.

⁵⁸ Segundo Mariá Lanzotti Sampaio e José Patrício Bispo Júnior, apenas a partir de 1889 que ela adquiriria esse caráter. VER: SAMPAIO, Mariá Lanzotti; BISPO JÚNIOR, José Patrício. Entre o enclausuramento e a desinstitucionalização: a trajetória da saúde mental no Brasil. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, pp. 2-4, 2021.

⁵⁹ O caso de Lima Barreto é parte dessa medida, o escritor foi internado duas vezes no Hospital Psiquiátrico diagnosticado como alcoólatra, soma-se ainda o fato de ser um homem negro. A sua experiência na instituição foi relatada em seus diários. VER: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁶⁰ Dois membros da Assembleia Legislativa Provincial, Sr. Castrioto e Sr. Fernandes Junior, se diziam contra a criação do cargo de cirurgião e de enfermeiro, uma vez que o cirurgião da câmara devia curar os presos da cadeia. Fernandes acreditava que algum dos presos podia desempenhar a função de enfermeiro "que nada mais faz que seguir as instruções que lhe dá o médico". VER: DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 7154, pp. 1-2, 7 mar. 1846.

⁶¹ PARTE Official. Ministerio da Marinha. *Jornal do Commercio*, ed. 42, p. 1, 11 fev. 1872

Tabela 30 - Salário que os oficiais da marinha devem receber anualmente (1872)

Categoria	Soldo
Cirurgião-mor	1:440\$000 réis
1º Cirurgião	720\$000 réis
2º Cirurgião	504\$000 réis
1º Farmacêutico	504\$000 réis
2º Farmacêutico	432\$000 réis
1º Enfermeiro	Não informado
2º Enfermeiro	Não informado

Fonte: Elaborado pela autora a partir de publicação do *Jornal do Commercio*

Tabela 31 - Gratificações que os oficiais da marinha devem receber anualmente quando embarcados (1872)

Categoria	Gratificações em navio		
	MT/AM	Outras prov.	Outros países
Cirurgião-mor	5:803\$100	4:936\$100	6:569\$100
1º Cirurgião	6:183\$532	5:223\$532	6:902\$532
2º Cirurgião	2:658\$766	2:358\$766	2:942\$766
1º Farmacêutico	1:830\$766	1:530\$766	2:114\$766
2º Farmacêutico	1:134\$766	1:102\$766	1:440\$766
1º Enfermeiro	600\$000	600\$000	709\$500
2º Enfermeiro	600\$000	600\$000	609\$500

Fonte: Elaborado pela autora a partir de publicação do *Jornal do Commercio*

Tabela 32 - Gratificações que os oficiais da marinha devem receber anualmente quando em terra (1872)

Categoria	Gratificações em terra	
	Corte	Fora
Cirurgião-mor	4:800\$000	Não informado
1º Cirurgião	3:200\$000	2:200\$000
2º Cirurgião	2:800\$000	Não informado
Farmacêuticos	2:000\$000	1:400\$000
1º Enfermeiro	720\$000	600\$000
2º Enfermeiro	600\$000	500\$000

Fonte: Elaborado pela autora a partir de publicação do *Jornal do Commercio*

De acordo com as tabelas, o cirurgião-mor receberia como salário o valor de 1:440\$000 réis anuais, enquanto a soma primeiro cirurgião havia de ser 720\$000 e o segundo 504\$000, já o primeiro farmacêutico 504\$000 e o segundo 432\$000. Esses recebimentos eram os chamados “soldos”. Além disso, os agentes também deveriam obter gratificações. Na tabela 31, divididas em categorias de acordo com o quadro original, os montantes variavam entre a atuação em Mato Grosso (MT) e Amazonas (AM), em outras províncias e fora do país. Por outro lado, a tabela 32 se encarrega do exercício das profissões em terra. Com relação aos enfermeiros, no entanto, são informados apenas as quantias percebidas de gratificações, sendo que estão na base da lista, com valores para o primeiro enfermeiro de 600\$000 para a atuação em alto mar, nas províncias do império e 709\$000 para fora do Brasil, ao passo que o segundo deveria receber apenas

500\$000 para as províncias e 609\$000 ao atuar fora. As quantias para o exercício na corte seria de 720\$00 e 600\$000 respectivamente, enquanto fora dela seria de 600\$000 e 500\$000.

Para se ter uma maior percepção, o valor de gratificação do cirurgião-mor seria de 5:803\$100 para as províncias do Mato Grosso e Amazonas. Há, no entanto, uma distinção interessante no caso do primeiro cirurgião, que, apesar de ocupar uma posição subordinada, possuía o cargo de “chefe de saúde”, o que concedia a ele um maior valor de gratificação. As gratificações, que variavam de acordo com a localização geográfica, indicam que a atuação em regiões como Mato Grosso e Amazonas, áreas mais remotas e provavelmente mais desafiadoras para o período, era recompensada com valores adicionais significativos. Todavia, quando se olha para os enfermeiros, a disparidade é evidente. Embora fundamentais para a assistência médica, eles ocupavam o nível mais baixo da hierarquia, tanto no sentido de autonomia quanto no salarial. Assim, apesar de enfrentarem os mesmos desafios geográficos e suas condições adversas, percebe-se uma desvalorização significativa. No decorrer do século, presentes nos mais diversos espaços, enfermeiros e enfermeiras exerceram suas atividades sob condições delicadas, ora estando suscetíveis a doenças, ora vulneráveis a acidentes causados por terceiros. Contudo, não parecia ser visto, de forma uníssona, como merecedores de melhores condições. Além disso, não parecia ser urgente um projeto de formação desses trabalhadores, já que isso se inicia, oficialmente, apenas em 1890. Cabe destacar que os valores informados nas tabelas se referiam aos trabalhadores que possuíam patentes militares, não se pode dizer, portanto, que eram as quantias praticadas nos outros hospitais da corte.

Os hospitais, como salientou o médico Ignacio Goulart, muitas vezes serviam como espaço para adquirir conhecimento e, também, comprovar a experiência e as habilidades no exercício da enfermagem. Dessa forma, era comum que os anunciantes destacassem tempos de serviço nessas instituições como um diferencial. É possível que a busca por esses ambientes fosse apenas uma forma de adquirir prática e de poder provar para os contratantes a sua capacidade. O exercício da enfermagem nesses lugres, portanto, fornecia uma menor autonomia e maior rigidez, bem como um sistema de hierarquias que não seria encontrado do mesmo modo em casas particulares e fazendas. Analisar essas características dão espaço para entender melhor o exercício dessa profissão no período estudado. Destaca-se nesses ambientes a pouca liberdade, o trabalho exaustivo, a violência e a vulnerabilidade dos enfermeiros. Ainda que não se possa definir um cenário exato, as publicações dão indícios dos motivos desses locais serem frequentemente mencionados nas publicações de demanda e oferta de enfermeiros e enfermeiras.

2.2 Entre quatro paredes: a enfermagem no espaço privado

No século XIX, o Rio de Janeiro vivenciou profundas transformações sociais e econômicas, marcadas pela industrialização e pela ascensão da burguesia⁶². Um dos indicativos de uma boa vida econômica, naquele momento, era o poder de compra, o que incluía a capacidade de adquirir cuidados, fossem eles para a habitação ou para o corpo. A possibilidade de ser tratado por um médico ou ter o auxílio de um enfermeiro, portanto, se tornou uma forma de demonstrar o *status social*⁶³. Assim, na análise feita a partir dos 1.979 anúncios de oferta e procura de enfermeiros entre 1821 e 1879, as casas particulares contemplam um total de 99 anúncios entre os que mencionavam a localização de demanda ou oferta do exercício de enfermeiros e enfermeiras. Ressalta-se, no entanto, que foram considerados apenas as publicações que faziam referência direta a eles, com palavras como “casa particular” ou a informação de que o tratamento seria para um senhor ou senhora doente. Diferentemente das instituições hospitalares, não se encontrou muitas informações sobre esses ambientes quando relacionado aos enfermeiros, uma vez que se constituíam como espaços privados. Todavia, alguns relatos proporcionam o entendimento do cotidiano desses indivíduos, sobretudo, no que diz respeito aos riscos que corriam, o perfil buscado e a imagem que era construída desses sujeitos a partir de notícias de crimes.

Até onde se pode observar, não existia uma regulamentação para o exercício desses trabalhadores em ambientes domésticos, sobretudo os particulares. Por outro lado, os anúncios são fontes interessantes para entender o funcionamento da atividade quando praticado entre as paredes de um lar. O caso das enfermeiras se torna o mais característico quando são analisadas as exigências publicadas. É recorrente a busca por mulheres que atuariam não apenas como enfermeiras, mas também como trabalhadoras domésticas⁶⁴. No dia 27 de fevereiro de 1838, apresentava-se no *Jornal do Commercio* o seguinte anúncio: “Precisa-se alugar uma mulher boa enfermeira e capaz de governar uma casa; no curtume do porto do Mayer, perto da cidade de Niterói”⁶⁵. De acordo com essas linhas, fazia-se necessário o serviço de uma mulher que fosse boa enfermeira, mas que pudesse governar uma casa. Assim, essa trabalhadora deveria ficar por conta do cuidado dos corpos dos doentes e do ambiente em que esses viviam. O

⁶² LIMA, Tania Andrade. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 3, pp. 129-191, jan.-dez. 1995.

⁶³ Uma vez que os números indicam uma maior mortalidade da classe operária/baixa, é perceptível que para adquirir cuidados médicos, sobretudo particulares, era preciso ter condição econômica para tal. VER: RAMOS, Francisco Lúzio de Paula et al. As contribuições da epidemiologia social para a pesquisa clínica em doenças infecciosas. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, v. 7, n. esp., pp. 221-229, dez. 2016.

⁶⁴ Tema já abordado no trabalho de Luiz Ferreira, com um recorte posterior ao meu. VER: FERREIRA, *Op. Cit.*

⁶⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 46, p. 4, 27 fev. 1838.

acúmulo de funções, nesse momento, sobretudo quando se tratava de enfermeiras, era frequente, como visto no capítulo anterior, 138 das publicações feitas de oferta e demanda para essas mulheres tinham relação com os afazeres domésticos.

Com o passar dos anos esse cenário não se alterou, uma vez que no anúncio datado de 11 de maio de 1869, 31 anos após o anúncio de 1838, citado acima, buscava-se o mesmo perfil ao dizer: “Precisa-se de uma criada branca, maior de 30 anos, prendada e apta a tomar conta do governo de casa de família, sendo boa enfermeira e pessoa de muita capacidade; na rua do Ouvidor n. 91, loja”⁶⁶. A ausência de regulamentação, portanto, contribuía para a precarização e desvalorização da profissão de enfermagem no período estudado. Apesar de, na publicação em questão, exigir uma mulher branca, era comum a procura e, também, o aluguel de pardas e pretas – escravizadas, forras e livres – que se ocupavam da função de enfermeiras, como podemos ver na edição do dia 15 de dezembro de 1851, na qual afirmava-se que

Precisa-se, para o dia 1º de janeiro, ou antes, alugar uma parda, ou preta de casa de família, de idade de 40 anos, muito fiel, humilde, diligente nos seus serviços, sabendo com perfeição engomar e os mais serviços de uma criada de quarto de senhora, carinhosa para crianças, e caridosa para doentes e enfermeira; quer-se uma preta que sirva para mordoma dos mais criados, e que tome com toda a fidelidade conta na casa, na ausência dos seus amos; se também fizer alguns doces e massas melhor agradará; paga-se 16\$ tendo tudo o que se deseja neste anúncio; dirijam-se à rua do Hospício n. 45, para informações.⁶⁷

O anúncio do ano de 1851, ainda que tenha relação com as atividades domésticas, deixa evidente uma série de exigências que não foram feitas quando se tratava da criada branca buscada em 1869. Essa informação ressalta a expectativa de que ela exercesse um rol maior de atividades domésticas e um grau maior de subserviência. Chama a atenção também o valor que seria pago pelo aluguel, de apenas 16\$000 réis, valor significativamente baixo – embora condizente com a época – para o volume de tarefas e a habilidade aguardada pelo contratante. Essas publicações evidenciam como essas mulheres trabalhadoras eram vistas como instrumentos de trabalho, devendo atender às mais variadas exigências, sem reconhecimento, ainda que envolvesse funções de cuidados com a saúde, como a enfermagem. Cabe destacar, entretanto, que em momento algum as linhas impressas evidenciaram que as mulheres requeridas eram enfermeiras “de profissão”, mas sim que tinham habilidades para tratar e velar por doentes. Não é o caso, no entanto, de outras publicações como a que foi anunciada no *Jornal do Commercio* no dia 27 de agosto de 1869, a qual dizia “Enfermeira. Precisa-se, com urgência, de uma enfermeira, na rua da Princesa dos Cajueiros n. 128, para tratar de uma senhora, podendo, se quiser, ir de manhã e retirar-se a noite, mediante o que se ajustar”⁶⁸. Diferentemente

⁶⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 130, p. 7, 11 maio 1869.

⁶⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 344, p. 3, 15 dez. 1851.

⁶⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 237, p. 7, 27 ago. 1869.

das anteriores, não se buscava por alguém para servir como enfermeira ou que fosse também uma boa enfermeira, para além dos serviços que já executaria. O contratante aqui, procurava especificamente uma enfermeira. Esse tipo de formato parecia deixar subentendido que fosse uma pessoa com experiência nessa atividade, ou seja, alguém especializado ou, podemos dizer, uma profissional – ainda que não fosse uma profissão legislada. Além disso, chama a atenção as últimas palavras, que deixavam evidente que a contratada não precisaria dormir ou morar no local, como parecia ser comum – e até mesmo preferível por parte dos ofertantes. Assim, era possível que a jornada de trabalho fosse mais flexível do que aqueles que exerciam suas atividades em hospitais ou fazendas – e que deveriam estar disponíveis 24 horas.

Talvez devido a urgência do tratamento, também houve 3 casos de que não se fazia distinções quanto ao gênero daquele que exerceeria o cuidado. Na publicação datada de 28 de outubro de 1865, também no *Jornal do Commercio*, o contratante afirmava que “Precisa-se de um enfermeiro ou enfermeira habilitada para tratar de um doente de idade, em casa de família, isto com a maior brevidade; na rua da Babylonia n. 10, em Andaraí”⁶⁹. Nesse caso, o solicitante não se importava se seria um homem ou uma mulher, desde que tivesse habilidade para realizar o tratamento de um idoso enfermo. A emergência e a habilidade, ao que parecia, sobreponha as questões de gênero que poderiam, em outro momento, ser uma barreira. É importante apontar, no entanto, que a frequência com que o termo "habilitado" surgia nos anúncios, parece indicar que poderia se referir tanto a uma pessoa com prática de muitos anos ou não, uma vez que não se fazia essa distinção nas linhas impressas. Além disso, diferentemente das instituições hospitalares, nem sempre se dividia o serviço de maneira que homens cuidassem de homens e mulheres cuidassem de outras mulheres. Isso é dito porque não foi a primeira vez que se buscou uma mulher para realizar o tratamento de um doente do gênero masculino. Vejamos, por exemplo, na edição de 6 de agosto de 1837, na qual se diz: “Precisa-se de uma mui hábil enfermeira para tratar de um homem doente, durante a sua moléstia; quem se julgar nestas circunstâncias, dirija-se ao largo do Paço, na botica junta capela”⁷⁰. Esses dados reforçam a ideia de flexibilidade quanto ao exercício em um espaço doméstico, uma vez que a divisão de trabalho baseada no gênero não era uma regra absoluta como parecia ser nos hospitais. Por outro lado, a falta de segregação ou mesmo a preferência por uma mulher poderia estar atrelado a expectativa de que as enfermeiras seriam mais delicadas e preparadas para o serviço do cuidado.

⁶⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 299, p. 4, 28 out. 1865.

⁷⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 171, p. 3, 6 ago. 1837.

Ainda que na maioria das vezes não se fizessem exigências quanto ao exercício da atividade, dois momentos chamam a atenção, um na busca por um enfermeiro e outro na procura por uma enfermeira. Os contratantes diziam que era necessário que se tivesse paciência com o doente que seria assistido. A primeira delas, publicada no dia 18 de outubro de 1852, e informava que: “Enfermeiro. Precisa-se com toda a brevidade de um bom enfermeiro para um doente, que exige sobretudo muita paciência, e no caso de convir se lhe fará um bom partido; anuncie ou se dirija à praia do Botafogo, n. 130”⁷¹. Já no segundo anúncio, publicado na edição de 2 de maio de 1864, no *Jornal do Commercio*, o pedido vinha da seguinte maneira: “Precisa-se de uma mulher, ainda mesmo de cor, que sirva para acompanhar e ser enfermeira de uma senhora doente, e que saiba ler; desde já se declara que se exige muita paciência e dedicação; para tratar, na rua da Quitanda n. 143, 2º andar”⁷². Destaca-se aqui que as habilidades deveriam ir para além daquelas necessárias para o tratamento propriamente dito, mas também careceriam de alcançar o âmbito emocional e comportamental do sujeito atuante. Esperava-se que os enfermeiros e enfermeiras atuassem de forma cuidadosa e não beirando a brutalidade, como nos relatos vistos no Hospício de Pedro II. A insistência em reforçar nesses anúncios características como a paciência pode apontar para a má fama que era construída desses trabalhadores através de notícias de agressões. Ainda que talvez não houvesse uma fiscalização formal, estar rodeado dos familiares poderia colocar a prática desses agentes em um espaço mais controlado, embora com maior autonomia no exercício.

Cabe destacar também que além de exigências como a alfabetização, o bom comportamento e habilidades suficientes para a atuação, dois anúncios evidenciavam os riscos que correriam os trabalhadores contratados. A varíola, naquele momento conhecida como bexiga, doença potencialmente contagiosa e mortal para a época⁷³, era uma das enfermidades que precisavam dos cuidados desses trabalhadores. No *Jornal do Commercio* surgiam esses anúncios que solicitavam o auxílio, o primeiro com data de 30 de outubro de 1865, o qual dizia

Criada para enfermeira. Precisa-se de uma senhora, branca ou de cor, que já tivesse bexigas e por essa razão não tenha escrúpulo de ajudar a tratar uma senhora que está com elas, é para casa de família; em S. Domingos de Niterói, rua de Cima n. 2, ou na corte, rua do Sabão n. 38, 2º andar.⁷⁴

O segundo anúncio, publicado no dia 18 de outubro de 1873, informava que “Precisa-se alugar um enfermeiro habilitado a tratar um doente de bexiga; informa-se à rua de Teóphilo

⁷¹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 288, p. 3, 18 out. 1852.

⁷² JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 120, p. 4, 2 mai. 1863.

⁷³ Tania Maria Fernandes discute o processo de vacinação da doença no século XIX por meio de periódicos. VER: FERNANDES, Tania Maria. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 10, suplemento 2, pp. 461-474, 2003.

⁷⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 305, p. 4, 30 out. 1865.

Ottoni n. 55”⁷⁵. Ao analisar esses registros, vê-se como o trabalho de enfermeiros, aqui em particular aqueles destinados a tratar doenças contagiosas como a varíola, era marcado pela precariedade que contrastava com as condições de risco a que estavam expostos. Além disso, fica evidente a homogeneidade no perfil atuante, quando não exige que seja apenas uma mulher branca. Observa-se, todavia, uma disparidade entre uma publicação e outra quando o segundo anúncio exige um enfermeiro habilitado, enquanto o outro solicita uma criada para servir de enfermeira. Ainda que a profissão não fosse formalizada, parecia haver a expectativa de que o homem tivesse exercido a atividade em outros momentos, em instituições formais, de forma oficial, enquanto para a mulher era esperado que essa habilidade fosse natural. Esses contrastes destacam a desvalorização do trabalho no campo da enfermagem, sobretudo aquele realizado por mulheres, além de sublinharem as complexas intersecções entre gênero, cor e a definição das habilidades profissionais na sociedade oitocentista.

Além dos anúncios de jornais, que apontam para fragmentos do cotidiano desses sujeitos, foram encontrados também casos nos quais os enfermeiros eram tidos como suspeitos de crimes realizados dentro dos lares. Nikelen Witter, ao explorar as práticas de saúde, doenças e curas no Rio Grande do Sul do século XIX, destacou o caso da morte de Joaquim José Fernandes, ocorrido em 1853. No cenário do crime, tinha-se como uma das suspeitas a preta forra Maria Ifigênia da Conceição, que fora contratada como enfermeira de Joaquim mediante casa, alimentação e algum pagamento. De acordo com Witter, o processo surgiu a partir da acusação de envenenamento, que teria sido executado por Maria Ifigênia e Manoel Machado Tolledo, português que fora designado como herdeiro, responsáveis pelos cuidados do doente. No entanto, a maior queixa era direcionada a ela, mesmo que Maria argumentasse que sempre o tratara bem⁷⁶. O fim da investigação levou ao resultado de que Joaquim Fernandes havia morrido em decorrência da doença que sofria. O fato de uma acusação de envenenamento ter sido levantada contra ela, mesmo sem evidências conclusivas, sugere que as desconfianças eram amplificadas por sua condição social e racial, fatores que certamente influenciavam como ela era vista. Por outro lado, o herdeiro, Tolledo, um jovem imigrante branco, não enfrentou a mesma magnitude de acusações, ainda que também estivesse envolvido nos cuidados. Assim, o caso aponta como hierarquias sociais complexas determinavam quem era mais prontamente acusado ou defendido, revelando desigualdades profundamente enraizadas que permeavam até os espaços mais íntimos, como o quarto de um doente.

⁷⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 288, p. 1, 18 out. 1873.

⁷⁶ WITTER, Nikelen Acosta. Dos cuidados e das curas: a negociação das liberdades e as práticas de saúde entre escravos, senhores e libertos (Rio Grande do Sul, Século XIX). *História Unisinos*, v. 10, n. 1, p. 20, jan.-abr. 2006.

O caso transscrito por Nikelen Witter, remete ao conto *O Enfermeiro*, de Machado de Assis, publicado pela primeira vez sob o título de “Cousas Intimas”, na *Gazeta de Notícias*, no dia 13 de julho de 1884⁷⁷. Nele, um homem chamado Procópio José Gomes Valongo conta um crime que haveria cometido na década de 1860. O delito, um assassinato, teria ocorrido ao exercer a profissão de enfermeiro para um coronel de nome Felisberto. Ao relatar a sua história, Procópio deixa visível os maus tratos que sofria, desde xingamentos até agressões físicas, bem como a paciência que precisava possuir ao cuidar do enfermo. É entre o aparente remorso do narrador e os detalhes da violência causada e sofrida que se vê a relação entre patrão e empregado, sublinhando-se as tensões e abusos. O conflito final, que resulta a morte de Felisberto, indica as hostilidades relacionadas à diferença de classe e de poder. Para além disso, a narrativa aponta para questões já trabalhadas aqui, como a precariedade a qual se submetiam esses trabalhadores. As linhas de Machado de Assis, portanto, retratam a intimidade e os riscos envolvidos nesse ofício.

Ademais, integrar um indivíduo em sua rotina, para cuidar de sua saúde, podia ser um desafio que exigia confiança. No dia 10 de outubro de 1858, foi publicado no *Jornal do Commercio*, um relato intitulado “Roubo”. Nele, indicava-se o seguinte cenário

No quarto n. 29 da estalagem da rua do Senado n. 44 A faleceu ontem *ab intestato* o mascate José Antonio Pires. O Sr. subdelegado da freguesia de Santo Antônio tendo notícia do falecimento, procedeu logo à arrecadação dos bens; porém, suspeitando que eles haviam sido já dizimados, passou a dar busca no quarto da mesma estalagem onde mora o espanhol José da Costa, que havia servido de enfermeiro ao finado, e encontrou ali uma quantidade de fazendas ocultas por baixo do colchão da cama, dentro do travesseiro, e nas mangas de um paletó, não achando o dinheiro em letras que constava possuía o finado. Sendo acusado por Costa o administrador da estalagem Mathias José Rodrigues Braga como cumplice do roubo, procedeu-se também a busca na casa deste, mas só se encontrou aí um corte de chita que, diz Braga, lhe foi oferecido pelo dito espanhol. Acham-se ambos presos, e prossegue-se nas diligências.⁷⁸

O relato no jornal ilustra um cenário em que o enfermeiro José da Costa é envolvido em um suposto crime de roubo. Na notícia, insinua-se que sua posição vulnerável e próxima ao paciente permitia a suspeita de seu envolvimento em atividades ilícitas. Novamente, o trabalhador é tratado como um subordinado sem poder, que se encontra à mercê das circunstâncias e das acusações que lhe são atribuídas. A narrativa construída evoca os perigos que trabalhadores representavam nos ambientes domésticos naquele período⁷⁹, o que aproxima,

⁷⁷ ASSIS, Machado. Cousas Intimas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 13 jul. 1884.

⁷⁸ ROUBO. *Jornal do Commercio*, ed. 279, p. 1, 10 out. 1858.

⁷⁹ Natália Peçanha, ao analisar o cotidiano de trabalhadores domésticos entre 1880 e 1930, aponta a imagem que era tecida nas páginas dos jornais sobre os perigos representados pelos trabalhadores domésticos, especialmente no período pós-abolição. Ela destaca a preocupação com a rotatividade frequente dos/as empregados/as, o que gerava uma falta de confiança, frequentemente reforçada por relatos de comportamentos indesejáveis, como embriaguez e furtos. VER: PEÇANHA, Natália Batista. "Precisa-se de uma criada estrangeira ou nacional para

novamente, os enfermeiros dos criados domésticos. Para além disso, é importante notar que o caso se trata de um imigrante espanhol pobre, o que pode ter dado maior força na acusação, aponta assim para possíveis discriminações e uma suspeição generalizada desses trabalhadores⁸⁰. Os casos denunciados e os anúncios analisados apontam a necessidade de uma confiança maior em contextos domésticos, onde, diferentemente dos hospitais, não havia a supervisão direta de outros profissionais que, supostamente, garantisse a segurança e o cuidado adequado. Esses episódios demonstram que possivelmente a relação entre enfermeiro e paciente estava intrinsecamente ligada a uma dinâmica de risco – não só o risco físico e emocional –, mas também moral e legal.

Esses relatos, verdadeiros ou não, podem ter sido motivo para contribuir para a imagem que era disposta no *Rio Nu*, já no início do século XX, quando colocava enfermeiros e enfermeiras como indivíduos duvidosos. As mulheres frequentemente eram lançadas como pessoas interesseiras, de moral e habilidades questionáveis, como na sátira de um anúncio, feita no dia 6 de abril de 1904, que dizia

MOÇA de educação esmerada, que matou o marido a pauladas e tem um filho aleijado por efeito de uma tremenda sova, oferece-se para governante de alguma casa de tratamento, que não tenha mais pessoas, ou mesmo para enfermeira de algum doente abastado que lhe garanta um bom legado.⁸¹

A publicação sugere que as mulheres que trabalhavam nessas funções eram vistas como uma ameaça à moralidade e à segurança doméstica. Os homens, por outro lado, eram retratados como sujeitos infiéis, que serviriam como amantes de suas enfermas⁸². Esses estereótipos reforçam uma imagem negativa que já vinha sendo criada a respeito dos enfermeiros e enfermeiras ao longo do século XIX, especialmente sobre a sua ética e habilidades. Embora, com o passar dos anos, a profissão tenha sido regularizada, a construção do perfil desses trabalhadores foi um processo que parece ter tido as páginas dos jornais como um importante condutor. Ainda assim, os casos relatados nos lares são poucos, quando comparados aos de hospitais como a Santa Casa da Misericórdia.

A casa, ambiente que parece ter sido menos fiscalizado, era um espaço chave para o tratamento de doentes, esses que poderiam criar vínculos, ainda que unilaterais, como a relação

todo o serviço de casa": cotidiano e agências de servidoras/es domésticas/os no mundo do trabalho carioca. 1880-1930. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, pp. 18-21, 2018.

⁸⁰ Segundo Angela Bernadete Lima, havia imigrantes indescrivíveis ainda que se originassem da Europa "os povos da Europa mediterrânea" que configuravam o atraso do qual queriam se livrar. VER: LIMA, Angela Bernadete. A imigração para o império do Brasil: um olhar sobre os discursos acerca dos imigrantes estrangeiros no século XIX. *Revista Acadêmica Licencia&acturas*, Ivtoti, v. 5, n. 2, pp. 26-36, jul.-dez. 2017.

⁸¹ ANNUNCIOS Especiaes. *O Rio Nu*. Rio de Janeiro, ed. 600, p. 6, 6 abr. 1904.

⁸² Há uma sátira na edição do dia 6 de março de 1909 que deixa explícita a figura do enfermeiro como amante da enferma Julia Fon-Fon. VER: O RIO NU. Rio de Janeiro, ed. 111, p. 3, 6 mar. 1909.

de Procópio e seu patrão, exemplo dramático dessas conexões. Poderiam também construir a confiança no trabalho da enfermagem, como José Cândido da Silva, que estava sendo procurado para exercer a função de enfermeiro mais uma vez no dia 20 de fevereiro de 1862, na qual se anunciava que “Um enfermeiro. Na rua dos Beneditinos n. 5 dá-se 500\$ anuais por um bom enfermeiro, e prefere-se o Sr. José Cândido da Silva, com quem já se tratou, e cuja residência ignora-se. - Cornelio Filho & Irmão”⁸³. Mesmo quando eram preferidos ou confiáveis, enxergava-se na relação de poder desequilibrada nesses espaços, a precariedade e incertezas que acompanhavam a profissão dos enfermeiros e enfermeiras no século XIX, contexto marcado por hierarquias de classe, raça e gênero. É importante ter em mente também que é nesses ambientes que há a maior incidência de mulheres exercendo a profissão de enfermagem. Em uma análise comparativa, os anúncios de oferta e procura resultam em 23% do total de publicações para o exercício em casas particular na palavra “enfermeira”. Já no caso dos enfermeiros, esse valor é de apenas 2,65%. Esse dado pode indicar uma divisão de gênero no tipo de cuidado prestado, onde as mulheres eram mais associadas ao trabalho doméstico e à assistência pessoal, enquanto os homens poderiam estar mais presentes em instituições ou em outros contextos de cuidado que exigiam um perfil mais técnico.

2.3 Corpos, vidas e negócios: a enfermagem nas fazendas fluminenses

“Oferece-se um homem para feitor e enfermeiro de qualquer fazenda, dando fiança à sua conduta; dirijam-se à rua de S. Pedro n. 2D.”⁸⁴

Anúncios como esse do dia 4 de outubro de 1845, evidenciam as múltiplas funções que um trabalhador poderia assumir em fazendas espalhadas pelo Rio de Janeiro durante o século XIX. Quando se fala dos anúncios para esses locais, de um total de 944, foram encontrados outros 28 anúncios em que os enfermeiros atuariam também como feitores, sendo que desses 23 era de oferta e 5 era de demanda. Cabe destacar que desse total de 28, 75% foi publicado entre 1850 e 1870. Talvez devido a proibição do tráfico de escravizados tenha tido um aumento na vigilância dos cativos e, assim, se fazia mais necessária a presença de trabalhadores para a função de feitor⁸⁵. Todavia, em um primeiro momento, o contraste entre as atividades de feitor

⁸³ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 51, p. 4, 20 fev. 1862.

⁸⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 236, p. 4, 4 out. 1843.

⁸⁵ A título de comparação, buscou-se a palavra-chave “feitor” no *Jornal do Commercio* em 1830 e em 1850, na primeira década foram encontradas 725 ocorrências, enquanto na segunda saltou para 2.169, resultando numa diferença de 1.444 publicações de um período para o outro. VER: JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1830-1850.

e de enfermeiro causa confusão: de que modo um trabalhador contratado para vigiar e punir os cativos poderia tratar as moléstias desses indivíduos? De fato, não parece haver um ponto de encontro de suas atividades. Todavia, o trabalho de Bruno Augusto Dornelas Câmara, que analisa o ofício de feitores em Pernambuco, durante todo o período oitocentista, aponta para nuances que geralmente não são percebidas. Segundo o autor, frequentemente eram solicitados trabalhadores que tivessem bom senso para aplicar castigos e que soubesse cuidar de animais, plantas e pessoas⁸⁶. Possivelmente essa preocupação surgia da necessidade de manter a mão-de-obra, sobretudo após a década de 1850, quando da ilegalidade do tráfico de cativos.

Como um ambiente repleto de trabalhadores cativos, foi comum também o surgimento de publicações de venda desses sujeitos, com habilidades de enfermagem e relacionadas a curas. O trabalho de Júlio César Medeiros da Silva Pereira destaca que escravizados exerciam a enfermagem e, por vezes, essa era uma forma de negociação para ter condições de trabalho melhores do que aquelas no campo⁸⁷. Na edição do dia 15 de fevereiro de 1832, anunciava-se a venda de alguns deles, dentre eles “um barbeiro e sangrador, próprio para uma fazenda, por ser bom enfermeiro”⁸⁸. Tânia Salgado Pimenta já havia apontado para o número significativo de indivíduos forros e cativos que exerciam as funções e barbeiros e sangradores. Segundo a autora, dos pedidos que chegavam para "sangrador" até a Fisicatura-Mor, 84% havia explicitado serem de forros ou escravizados. Cabe destacar também que, durante a existência dessa instituição, os escravizados e forros não podiam almejar a posição de cirurgiões, ficando essa função apenas a cargo dos indivíduos livres. Algumas vezes, essas atividades eram o único meio que a mão-de-obra da fazenda possuía de obter algum tratamento ou cura⁸⁹. É perceptível então que o perfil dos atuantes dessas localidades era diverso, o que tornava a identidade deles multifacetadas. Homens e mulheres livres, forros e cativos; trabalhadores domésticos, feitores, administradores e agentes de cura, o importante naquele momento para os contratantes era conseguir cuidados e serviços de forma econômica.

Aqueles que possuíam uma melhor renda, podiam ainda se dar ao luxo de contratar médicos para intervir nas moléstias de seus trabalhadores. O trabalho de Keith Valéria de Oliveira Barbosa, que se concentra no período entre 1815 e 1888, explora as condições de saúde

⁸⁶ DORNELAS CÂMARA, Bruno Augusto. Um ofício da escravidão: o trabalho dos feitores no Brasil oitocentista. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 14, p. 1–25, 2022.

⁸⁷ PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. Práticas de saúde, doenças e sociabilidade escrava na Imperial Fazenda de Santa Cruz, da segunda metade do século XIX. *Histórica - Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 35, np., 2009.

⁸⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 132, p. 2, 15 fev. 1832.

⁸⁹ PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). *História, ciências, saúde - Manguinhos*, v. 5, n. 2, pp. 349-373, 1998.

dos escravizados, buscando entender as relações sociais, econômicas e ambientais estabelecidas a partir das práticas de cuidado médico disponíveis. Segundo a pesquisadora, a partir da década de 1840 gastos médicos foram registrados nos inventários de proprietários de fazendas⁹⁰. Keith Barbosa indica em sua tese a cobrança de pagamentos para herdeiros após a morte de senhores falecidos. De acordo com a autora, o Dr. Manoel Monte Godinho, teria movido um processo para receber pelos serviços prestados a Bernardes Pires Veloso, dentre os valores detalhados, destaca-se a estadia de uma noite e um dia, no valor de 200\$000, bem como o tratamento realizado durante todo o ano de 1881, por uma quantia de 800\$000. Além disso, informava também o cuidado para com a escravizada Maria Rosa que ele dizia sofrer de erisipela, que gerara um custo de 200\$000. O total dessas despesas seria de 1:200\$000, no entanto, o doutor ainda listava diversas outras, que somariam ao fim 10:420\$000⁹¹. Dessa forma, fica evidente que o montante que se dispensaria aos médicos seria maior do que aquele que se concederia aos enfermeiros e enfermeiras. Barbosa ainda destaca a existência de cativos que exerciam a enfermagem, assim, os senhores não precisariam dispensar pagamentos para esses cuidados⁹². A autora ainda cita que apenas duas fazendas das que analisou possuía hospitais e enfermeiro, destacando ainda que esse era branco⁹³. Todavia, os anúncios indicavam que existiam fazendas, que eram tidas como importantes, que buscavam por esses trabalhadores, como nos anúncios abaixo:

Enfermeiro. Precisa-se de um enfermeiro para uma importante fazenda do município de Piraí; para tratar na rua dos Beneditinos n. 8.⁹⁴

Médico ou enfermeiro. Precisa-se, para uma fazenda importante de serra-acima, de um médico ou enfermeiro de habilitações e conduta garantidas; para tratar, na rua dos Beneditinos n. 10, escritório.⁹⁵

Precisa-se de um enfermeiro que saiba sangrar e tirar dentes, para uma fazenda importante perto da corte; na rua Direita n. 33.⁹⁶

Embora todos os anúncios busquem profissionais para o cuidado da saúde, observam-se diferenças nas especificações. O primeiro anúncio, de 1861, solicita apenas um enfermeiro, enquanto o segundo, de 1863, abre a possibilidade de contratação de um médico ou enfermeiro com "habilitações e conduta garantidas". Essa distinção sugere que algumas fazendas buscavam

⁹⁰ BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. *Escravidão, saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense, Cantagalo (1815-1888)*. Tese (Doutorado em História das Ciências) - Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, p. 143, 2014.

⁹¹ *Ibidem*, pp. 230-231.

⁹² Idem, p. 237.

⁹³ Idem, p. 86.

⁹⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 305, p. 4, 5 nov. 1861.

⁹⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 99, p. 4, 11 abr. 1863.

⁹⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 5, p. 4, 5 jan. 1866.

profissionais com maior qualificação, possivelmente para lidar com casos mais complexos ou para supervisionar o trabalho de outros enfermeiros. Já o terceiro anúncio, de 1866, especifica a necessidade de um enfermeiro que "saiba sangrar e tirar dentes", indicando a demanda por trabalhadores com habilidades multifacetadas, capazes de atuar em diferentes frentes de cuidado. A temporalidade dos anúncios, que abrange o período de 1861 a 1866, coincide com o auge da produção cafeeira no Brasil e com o aumento da imigração europeia para as fazendas. É possível que esses fatores tenham influenciado a demanda por enfermeiros, uma vez que o crescimento da população e a intensificação do trabalho nas fazendas demandavam maiores cuidados com a saúde. Em contraste com o trecho citado anteriormente, que destaca a presença de cativos exercendo a enfermagem e a contratação de médicos apenas pelas fazendas mais ricas, os anúncios analisados indicam que mesmo em fazendas consideradas "importantes" havia a procura por enfermeiros contratados. Essa aparente contradição pode ser explicada pela diversidade de realidades entre as fazendas brasileiras, ou pela existência de uma divisão de trabalho entre escravizados e enfermeiros contratados, com estes últimos assumindo funções mais especializadas.

É importante ressaltar, também, que a carreira médica ainda não estava consolidada e, dessa forma, alguns casos contribuíam para uma má reputação dos doutores. Na revista *Semana Illustrada*, fazia-se uma sátira da situação no dia 15 de dezembro de 1861, na qual dizia

Houve um dia um comendador, que tinha uma comenda e tinha um escravo. E este escravo sofria, e sofria muito, de um pé. E este pé começava a inflamar-se porque tinha um espinho de laranjeira. E o comendador disse para um de seus servos "Leva este infeliz à casa do Mágico". E este mágico era versado na arte de curar. E todos o chamavam – médico –, porque tinha uma pele de cabrito. E esta pele de cabrito se chamava – Carta de Doutor. E o Doutor viu o pé do escravo, e calcando o espinho, pôs-lhe um cataplasma de perfumes e balsamos, e mandou o escravo voltar d'ali a três dias. E passados os três sóis, voltou o escravo com o pé mais grosso do que tinha antes. E o mágico tornando a ver o pé do escravo, achou-o pior e, calcando o espinho, untou o pé de essências, e mandando o escravo voltar depois que o sol se escondesse duas vezes no mar, declarou-o imundo. O pé cresceu, a dor aumentou. E o mágico, depois de calcar pela terceira vez o espinho, ainda untou o pé das mesmas essências, e disse ao escravo, que gemia e se torcia como uma serpente "Volta amanhã, porque o teu pé ficará curado". Mas o escravo quase não podia caminhar. E o escravo voltou, mas o mágico tinha saído a derramar a sua ciência pelos que necessitavam. E Deus tenha piedade do seu servo, e ele foi aliviado das dores. Porque um enfermeiro do mágico, examinando a úlcera, reconheceu o espinho, e o extraiu de pronto. O alívio foi instantâneo, porque o escravo já não tinha o mal. E quando o mágico voltou para a tenda, onde adivinhava a lepra dos que acreditavam, disse ao enfermeiro "Veio algum crente buscar alívio na minha medicina?" E o enfermeiro respondeu "Só veio um infeliz escravo, cujo pé estava imundo, porque um espinho o molestava, e eu arranquei o espinho, e ele ficou curado". E o Mágico em furia, desejando o fogo no céu, bateu o enfermeiro, e o feriu com as unhas na garganta, e disse "Tu és um desgraçado, teus filhos serão malditos, e nunca hás de saber a arte de curar moléstias". E finalmente o comendador, que tinha uma comenda e um escravo, viu este escravo com saúde, e a tábua dos remédios que recebeu do mágico, não foi tão grande como

era a vontade do mágico, porque o enfermeiro não sabia a arte de curar moléstias. E comendador pagou. E o enfermeiro ficou amaldiçoado e toda a sua geração.⁹⁷

A charge elaborada ridiculariza os médicos daquele período, colocando-os como charlatões – aqueles mesmo que os doutores buscavam dizimar. Assim, apesar de ter o diploma, o mágico não teria as habilidades para curar doenças, ou não o fazia para que pudesse lucrar mais com o seu trabalho. Critica-se, portanto, a falta de eficácia e a ausência dos métodos científicos que eram propagados. Por outro lado, a figura do enfermeiro é apresentada como alguém que, apesar de não possuir o título de médico, teria a habilidade prática e a competência necessária para resolver o problema real do paciente. Apesar da postura elitista do doutor em questão, apenas o enfermeiro pôde aliviar a condição do escravizado e esse, por sua vez, possivelmente não recebeu pagamento pelo cuidado que dispensou. A sátira serve um fragmento das tensões entre as práticas médicas e de enfermagem no século XIX. Ela revela não apenas as falhas da medicina da época, mas também destaca a importância do papel dos enfermeiros e suas contribuições para o cuidado dos pacientes. Assim, se por um lado existiam relatos de crimes que tinham como suspeitos os enfermeiros, por outro, surgiam publicações que abriam espaço para esses trabalhadores.

Considerando esse contexto, o cotidiano nas fazendas era caracterizado por uma certa homogeneidade, com a presença de administradores, feitores, barbeiros, sangradores, enfermeiros e médicos atuando nesses espaços. A demanda por agentes de cura foi, portanto, constante ao longo do século XIX. Dos 1.979 anúncios analisados, 944 estavam relacionados a serviços de trabalhadores de enfermagem nas fazendas. A análise dos periódicos revela a frequência com que esses anúncios apareciam em relação às áreas rurais. No *Jornal do Commercio*, as décadas de 1840 e 1850 destacam-se, com 39% (84 de 123) e 35% (233 de 375) dos anúncios de enfermeiros voltados para o campo. Para as enfermeiras, os anos de 1830 e 1840 apresentam maior incidência, com 16% (4 de 13) e 5,9% (4 de 20), respectivamente. No *Diário do Rio de Janeiro*, os maiores números de publicações relacionadas ao trabalho nas fazendas ocorrem nas décadas de 1840 e 1830, totalizando 37,9% (33 de 52) e 18,7% (9 de 23), enquanto as enfermeiras aparecem predominantemente na década de 1840, com 5% (2 de 17) dos anúncios. Esses dados indicam que o período de maior incidência de anúncios para enfermeiros nas fazendas foi, de fato, na década de 1840. Esse fenômeno pode ser atribuído ao crescimento da produção de café, ao aumento dos preços dos escravizados e à preocupação com a manutenção da saúde dos trabalhadores. Além disso, é nesse período que começam a ser comercializados os primeiros manuais de medicina.

⁹⁷ SEMANA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, ed. 53, p. 5, 15 dez. 1861.

Os manuais do século XIX, sobretudo aqueles de medicina, desempenharam um papel fundamental na divulgação de práticas e conhecimentos que eram aceitos pelas instituições médicas oficiais⁹⁸. Esses materiais tiveram uma onda de distribuição a partir da década de 1830⁹⁹, que coincidem com o ápice dos anúncios analisados. Aqui, foi observado o *Manual do fazendeiro, ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros, generalizado ás necessidades médicas de todas as classes* (1839), de Jean-Baptiste Alban Imbert. O autor, em sua introdução, justifica a existência do guia a partir do seguinte trecho:

(...) os proprietários das fazendas estão isolados, posto que em meio de escravos indispensáveis ao trabalho de suas terras. Privados de todo o socorro, ou pelo menos, só podendo muito dificilmente havê-lo, por causa da distância em que estão das cidades e das vilas, e da falta de comunicações cômodas, eles têm de acudir a si mesmos, e lhes é forçoso exercer a medicina, não só em benefício seu e de suas famílias, como também não se podem dispensar de tratar dos negros, muito mais suscetíveis de contrair moléstias, que afigem a espécie humana.¹⁰⁰

E, após destacar as práticas que ele acreditava serem precárias, completou dizendo

Refletindo sobre os erros irreparáveis, que nascem incontestavelmente da prática médica popular que assinalamos, veio-nos o pensamento de os remediar, tanto quanto coubesse em nosso poder, por uma instrução própria a dirigir os proprietários distantes de todo o socorro, no tratamento das enfermidades dos negros, de seus estabelecimentos. (...) A nossa linguagem será, portanto, o mais que nos for possível, clara e precisa; limitar-nos-emos a percorrer a classe de enfermidades, a que os negros são mais especialmente expostos.¹⁰¹

O livro, portanto, tinha como intenção auxiliar no tratamento da mão de obra cativa de proprietários de fazendas, ainda que pudessem fazer uso de suas instruções para o cuidado de familiares, por exemplo. Dessa forma, Jean Baptiste Imbert aponta para a preocupação da elite agrária de preservar a saúde de seus trabalhadores escravizados. Assim, esses textos tinham um duplo papel: disseminar práticas médicas entre fazendeiros, que nem sempre tinham acesso imediato a médicos, e reforçar a visão paternalista da escravidão, na qual o cuidado com a saúde dos escravizados era visto como uma responsabilidade dos proprietários. Essa "responsabilidade", todavia, estava intrinsecamente ligada à necessidade de preservar a força de trabalho, mais do que uma preocupação genuína com o bem-estar dos negros.

Ao versar sobre as doenças e as suas instruções, Jean Imbert se dirige àqueles que cuidariam de doentes, dizendo que esses deveriam ter em mente que as enfermidades tidas como "agudas" possuíam uma duração determinada, para que assim não fizessem tratamentos

⁹⁸ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 12, n. 2, p. 502, maio-ago. 2005.

⁹⁹ O *Manual do agricultor brasileiro*, de Carlos Augusto Taunay, foi lançado em 1839, o *Dicionário de medicina popular e das sciencias accessoriros para uso das familias*, de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, publicado pela primeira vez em 1842.

¹⁰⁰ IMBERT, Jean Baptiste Alban. *Manual do fazendeiro, ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros, generalizado ás necessidades médicas de todas as classes*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, pp. XIII-XIV, 1839.

¹⁰¹ *Ibidem*, pp. XVII-XVIII.

demasiados, que poderiam prejudicar o processo natural da doença. Além disso, afirmava nem sempre ser necessário o trabalho de um médico.¹⁰² Em dado momento, Imbert também aponta procedimentos para a realização de cirurgias, a maneira de estancar o sangue e os primeiros socorros¹⁰³. A existência desses manuais, com informações que poderiam ser categorizadas como teóricas, além de práticas, pode ter sido peça chave para o desenvolvimento de enfermeiros e enfermeiras naquele momento. No dia 26 de junho de 1844, fica evidente que havia demanda por habilidades específicas, uma vez que o anúncio dizia “PRECISA-SE, para uma fazenda de plantação de café em Serra acima, de um cirurgião ou de um enfermeiro qualquer, de meia idade, e sendo casado, melhor; para informações dirijam-se à rua de Bragança n. 14.”¹⁰⁴. O uso do “ou” no anúncio indica uma opcionalidade, ou seja, a possível substituição de um trabalhador por outro, ainda que em tese suas funções fossem diferentes. Portanto, a qualificação formal nem sempre era o fator decisivo nesses ambientes. A preferência por alguém mais velho e casado, indica que essa pessoa deveria ser confiável e moralmente digna. A perícia e a honra, por vezes falavam mais alto do que uma licença para exercer a atividade.

O guia de Jean Baptiste Imbert, com foco na intervenção de escravizados, ainda que se voltasse apenas para emergências e lugares distantes, na tentativa de substituir práticas populares por científicas, possuía linhas que indicavam procedimentos importantes. Esse conhecimento passado de doutores para leigos, pode ter sido um dos motivos para o aumento do número de anúncios de enfermeiros e enfermeiras a partir da década de 1850. O acesso a esses manuais abriu margem para a mercantilização da atividade de enfermagem cada vez mais, com o argumento de que possuíam habilidades para tal. Em um momento no qual as classes baixas buscavam atuar nas mais diversas funções¹⁰⁵, em busca de formas de sobrevivência, essa seria uma oportunidade para obter melhores condições.

A enfermagem passava então a ser vista como uma alternativa viável de sustento, especialmente entre as camadas populares. Assim, tornaram-se frequentes anúncios como o do dia 25 de janeiro de 1841, no *Jornal do Commercio*, que dizia “SE ALGUM Sr. Fazendeiro precisar de algum enfermeiro, que sabe sangrar e o mais que pertence à mesma arte, anuncie por esta folha.”¹⁰⁶. Não se sabe se o ofertante era negro, pardo ou branco, se brasileiro ou não, apenas a informação de que saberia sangrar e outras habilidades que seriam necessárias.

¹⁰² *Ibidem*, p. 8.

¹⁰³ *Ibidem*, pp. 30-40.

¹⁰⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 166, p. 4, 26 jun. 1844.

¹⁰⁵ No conto *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis, Cândido Neves já havia exercido todo o tipo de profissão antes de se colocar no ofício de capturar escravizados fugidos. É o caso também de Procópio, do conto *O Enfermeiro*, que teria tido diversas funções antes de se colocar como enfermeiro.

¹⁰⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 25, p. 4, 25 jan. 1841.

Todavia, o destaque dado ao domínio da sangria aponta para a importância de conhecimentos práticos, sobretudo nas fazendas, que poderiam ter sido adquiridos por meio de experiência direta ou de manuais populares. Não é possível saber se essa publicação deu algum retorno àquele que se ofertava, mas deixa visível o que era importante nesses locais.

Era mais viável para os contratantes que os enfermeiros que exercessem a função soubessem outras habilidades que não apenas a aplicação de remédios e os cuidados básicos. Dessa forma, os praticantes de sangria, cirurgiões e aqueles que sabiam extrair dentes tomavam as páginas dos jornais, exibindo os seus diferenciais.

Quem precisar de um homem de mais de 40 anos, casado e sem filhos, chegado há pouco da Europa, com as habilitações necessárias para sangrar, tirar dentes, barbear e, finalmente, tratar e curar na falta de médico ou cirurgião, encarregando-se do exercício de um enfermeiro em alguma fazenda importante: para tratar, no largo da Misericórdia n. 9.¹⁰⁷

A informação de que havia chegado da Europa, poderia ser uma tentativa de se destacar, colocando-se como sujeito que teria mais acesso ao conhecimento vindo do exterior e, assim, mais habilidade para exercer as suas funções. Por outro lado, ao afirmar que poderia substituir um médico ou cirurgião, o anúncio deixa evidente a ausência desses trabalhadores nos espaços rurais, exigindo que outros assumissem as suas atividades. Os trabalhadores da enfermagem, portanto, ainda que não possuíssem meios de se especializarem, exerciam funções daqueles que o faziam. Por fim, destacar as suas aptidões aponta para um mercado de trabalho competitivo. Era assim esperado por todo o período estudado, no entanto, algumas outras qualificações foram sendo solicitadas com mais frequência, como é o caso da edição do dia 16 de fevereiro de 1869, que demandava por um

Enfermeiro. Precisa-se de um enfermeiro para uma fazenda de serra acima, que possa tomar conta de uma botica, compor remédios, tratar de escravos, sangrar, tirar dentes e o mais que pertence ao trabalho de uma enfermaria, quer-se pessoa de muito bom comportamento que tenha bastante prática de conhecer as moléstias, para aplicar logo os primeiros socorros; quem se achar nestas circunstâncias dirija-se à rua do Rosário n. 30, para tratar.¹⁰⁸

Ao que parece, passou a ser mais comum a existência de enfermarias nas fazendas da região e, sendo assim, essas necessitavam de boticas para o armazenamento de produtos e a formulação de medicamentos. Cabe ressaltar que esses estabelecimentos, em tese, precisavam de um farmacêutico ou boticário no comando. No entanto, como visto no anúncio, a fiscalização não era eficiente, uma vez que buscavam por um enfermeiro para tomar conta do lugar. Esse trabalhador acumularia funções que iam para além do seu ofício, como tirar dentes e compor

¹⁰⁷ ATTENÇÃO. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 232, p. 6, 22 ago. 1854.

¹⁰⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 47, p. 3, 16 de fevereiro de 1869.

remédios. Para o contratante era viável, uma vez que pagaria apenas por um trabalhador, um salário possivelmente baixo, levando-se em consideração que a média era de 35\$000 réis.

Se nos hospitais o trabalho dos enfermeiros era voltado para o contato direto com os doentes, assumindo por vezes também a parte burocrática da função, nas fazendas era comum a multiplicidade das funções. Todavia, esses trabalhadores não precisavam obedecer a uma hierarquia, não existiam irmãs de caridades ou médicos para supervisionar e designar serviços. Além disso, por se tratar da fazenda, esses sujeitos teriam moradia, alimentação e obter um valor de pagamento, assim se livrariam do pagamento de aluguéis nas cidades. Esses benefícios por vezes acompanhavam a descrição dada nos anúncios, como o do dia 25 de outubro de 1863, que dizia

Enfermeiro. Precisa-se para uma fazenda do interior, pouco distante da corte, de um enfermeiro que também entenda de farmácia, afiançado, já idoso, tem família, a quem se dará um vantajoso ordenado, casa, comida e roupa lavada. Será procurado o que anunciar indicando sua residência, sendo brasileiro ou português.¹⁰⁹

A carência de profissionais especializados obrigava os enfermeiros a acumularem diferentes funções. Os benefícios oferecidos buscavam atrair profissionais com promessas de condições de vida mais estáveis do que tinham nas cidades, onde o pagamento por moradia e a incerteza econômica podiam ser preocupantes. A menção à idade e à posse de uma família como qualidades desejáveis também reforça a busca por estabilidade e confiabilidade, características que faziam desses indivíduos figuras de grande valor. Além disso, os contratantes poderiam usar da mão de obra da família que iria junto com o trabalhador. Por fim, a referência explícita a brasileiros e portugueses aponta para uma possível exclusão de outras categorias étnicas, como africanos ou afrodescendentes, sugerindo um viés racial na contratação desses trabalhadores. Essa exclusão implícita reflete as dinâmicas sociais e raciais da época, em que a origem e a etnia influenciavam fortemente as oportunidades de emprego e os tipos de ofícios a serem exercidos.

A análise da enfermagem no Brasil do século XIX revela uma área em constante transformação, moldada por uma complexa interação entre fatores sociais, econômicos e sanitários. O estudo dos anúncios de oferta e procura de serviços de enfermagem, especialmente no *Jornal do Commercio*, destaca a diversidade dos espaços de atuação desses trabalhadores, que se estendiam de hospitais e casas de saúde a fazendas e ambientes domésticos. Essa multiplicidade não apenas aponta a demanda por cuidados de saúde em um contexto de urbanização crescente e epidemias recorrentes, mas também evidencia as variações nas práticas e identidades dos enfermeiros, que eram frequentemente confundidos com outros agentes de

¹⁰⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 294, p. 2, 25 out. 1863.

cura. Explorar os anúncios de jornais revela que a enfermagem foi exercida de forma dinâmica, adaptando-se às necessidades das classes sociais e às condições de saúde pública, marcadas pela recorrência de epidemias e a urbanização crescente.

O contraste entre a prática nos hospitais, fortemente vinculada à caridade e às instituições religiosas, e o trabalho em espaços privados, como residências e fazendas, revela a flexibilidade dos enfermeiros e as distintas demandas e expectativas que enfrentavam. A precariedade das condições de trabalho e a ausência de regulamentação, por sua vez, marginalizaram a profissão, um quadro que só começaria a ser revertido no século XX. Contudo, o período analisado foi fundamental para a formação de uma identidade laboral embrionária, que pavimentou o caminho para a futura institucionalização da enfermagem no Brasil. Este capítulo buscou destacar que a história da enfermagem oitocentista não pode ser entendida sem considerar a variedade de espaços de atuação e as complexas interações sociais, econômicas e políticas que moldaram suas práticas. Ao investigar essas particularidades, o estudo amplia a compreensão da história da saúde no Brasil, destacando o papel essencial dos enfermeiros na consolidação do sistema de saúde que conhecemos hoje.

3 Rastros do cuidado: mapeando os anúncios de enfermeiros e enfermeiras no século XIX

“(...) foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida”.¹

No trecho acima, retirado do conto *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis, o autor percorre, juntamente com o leitor, alguns dos caminhos que faziam parte do município do Rio de Janeiro. Ao fazer isso, o escritor dava vida à urbe e levava aquele que lia a história para dentro do cenário carioca. Essa, no entanto, não foi a primeira – ou última – vez que se dispôs a fazê-lo. Ao longo de suas obras, Machado de Assis demonstrou olhar com atenção para os espaços da cidade. Em contos, crônicas e romances, ruas, travessas e largos do Rio de Janeiro oitocentista não são apenas pano de fundo, mas parte do cotidiano que interage com a trama e revela as tensões sociais de seu tempo. As ruas de São Pedro, d’Ajuda e a da Quitanda², entre tantas outras, aparecem regularmente como pontos de passagem ou memória em seus escritos. Dessa forma, considera-se que a presença constante dos lugares na escrita machadiana é um indicativo da centralidade do espaço na experiência urbana do século XIX, que também se manifesta, embora sob outro registro, nos anúncios de enfermeiros e enfermeiras³. Tendo em mente a importância do cotidiano da cidade e do quanto ele poderia indicar sobre a vivência tanto de enfermeiros quanto daqueles que solicitavam seus serviços, a pesquisa realizada buscou analisar não apenas os locais de atuação, como também os endereços que eram descritos nos anúncios publicados no *Jornal do Commercio* e no *Diario do Rio de Janeiro*, para um maior entendimento do perfil de enfermeiros e enfermeiras, bem como de seus contratantes. Assim, entender essa organização espacial do trabalho dos enfermeiros que se anunciavam nos jornais é a proposta deste capítulo.

Observar tais localidades nos periódicos da época não se trata apenas de identificar geograficamente onde atuavam esses trabalhadores, mas de compreendê-los em sua inserção social. Como propõe Milton Santos, o lugar é mais do que um simples ponto no espaço geográfico, ele concentra, em si, fluxos e dinâmicas que cruzam e reconfiguram a sociedade.

¹ ASSIS, Machado de. *Pai contra mãe*. Best Books Brazil, n.p, 2011.

² MACHADODEASSIS.NET: Referências na ficção machadiana. Disponível em: <https://machadodeassis.net/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

³ A rua de São Pedro, por exemplo, conta com 106 ocorrências nos anúncios analisados neste trabalho, seguida pela rua d’Ajuda, contabilizada 72 vezes.

Ele carrega, então, os sentidos históricos e sociais construídos por aqueles que o ocupam ou o atravessam⁴. Dessa forma, os endereços mencionados nos anúncios não são neutros nem casuais, mas expressam formas específicas de circulação, visibilidade e pertencimento. Neles convergem rotinas urbanas, relações de trabalho e estratégias de sobrevivência, especialmente para sujeitos historicamente marginalizados, como escravizados, libertos ou mulheres pobres. Cada referência espacial abre uma brecha para compreender como se davam os encontros entre demanda e oferta de serviços de enfermagem no cotidiano da cidade. Os locais descritos indicavam não apenas onde se encontravam os trabalhadores e seus contratantes, mas também os círculos sociais e econômicos aos quais estavam vinculados, revelando dinâmicas de concentração e dispersão, acessibilidade e exclusão. Assim, ao mapear esses pontos recorrentes na imprensa, é possível acessar uma geografia social do cuidado como trabalho.

Todavia, diante do expressivo volume de anúncios presente nos periódicos, foi necessário adotar uma estratégia metodológica que garantisse a viabilidade dentro do tempo disponível, sem que, com isso, se perdesse a precisão da análise⁵. Pensando nisso, desenvolvi um código que fosse capaz de ler as planilhas elaboradas durante o levantamento das publicações, identificando termos relacionados à localização, como “rua”, “travessa”, “beco” e “largo”, acompanhados de seus números e datas das respectivas edições. Dessa forma, fui capaz de extrair um total de 1.403 endereços – somando 71% do montante final de anúncios –, incluindo as repetições que ocorreram ao longo das décadas, o que evidencia a alta incidência de informações espaciais nessas documentações. Considerando a impossibilidade de analisar individualmente cada um desses endereços, e fazendo uso novamente dos códigos, consegui filtrar a quantidade de vezes que cada um aparecia nas publicações. Como resultado, foram contabilizados 184 nomes de logradouros. Em seguida, a partir desses dados, por meio de ferramentas como o site Imagine Rio⁶ e mapas históricos do século XIX⁷, pude encontrar esses pontos na malha urbana carioca. Todo esse processo foi imprescindível para a identificação desses espaços sem que algum deles fosse deixado de fora.

⁴ SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1988, pp. 6-7.

⁵ É necessário reforçar que os dados obtidos a partir dos periódicos se referem à ocorrência de anúncios de oferta e demanda, e não à totalidade dos profissionais atuantes na cidade. As análises espaciais e quantitativas aqui realizadas, portanto, iluminam apenas uma parte do fenômeno, aquela que se tornou visível por meio do impresso, e devem ser interpretadas com essa ressalva metodológica em mente.

⁶ HEYMAN, David; METCALF, Alida; EL-DAHDAH, Farès. *Mapa interativo*. Disponível em: <https://imaginerio.org/pt/map>. Acesso em: 20 fev. 2025.

⁷ Sobretudo, utilizou-se o mapa presente no *Cartograma do Cholera-Morbus (durante o ano de 1895) na cidade do Rio de Janeiro*. VER: INSTITUTO SANITÁRIO FEDERAL (Brasil). *Cartograma do Cholera-Morbus (durante o anno de 1895) na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1896.

Ainda assim, o conjunto de dados, muitos deles com numeração diferente, era volumoso e, por isso, em vez de abordar isoladamente cada endereço mencionado nos anúncios, concentrei-me na compreensão das dinâmicas espaciais e sociais a partir das freguesias. Essas eram divisões administrativas e eclesiásticas que compunham a estrutura urbana e rural da cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Embora fossem, em um primeiro momento, unidades paroquiais com atribuições religiosas, ao longo do tempo passaram a ter funções também civis, servindo como base para o censo populacional, a organização dos serviços urbanos e a constituição das redes de sociabilidade e de trabalho. Sua importância era polivalente: eram territórios de convivência e trabalho, mas também de vigilância e exclusão. Os conflitos urbanos, as reformas sanitárias, as transformações econômicas e as disputas por espaço e moradia encontravam ali um espaço material e simbólico privilegiado de ocorrência. Apesar de existirem há séculos, no período oitocentista, com a divisão do Rio de Janeiro em Município Neutro e Província, a partir do Ato Adicional de 1834⁸, as freguesias do Município da Corte passaram a assumir ainda mais relevância como unidades fundamentais de administração da vida urbana.

A formação e organização desses territórios indica o próprio processo de ocupação e urbanização da cidade. A primeira freguesia foi a de São Sebastião, criada em 1569, no Morro do Castelo. Com o crescimento da cidade, novas freguesias foram sendo criadas por desmembramentos, acompanhando transformações econômicas, demográficas e sociais. A Freguesia da Candelária, segunda a ser criada, surgiu entre 1628 e 1634. Já as freguesias de São José e Santa Rita foram fundadas em 1751. Assim, em 1780, o Rio de Janeiro contava com essas quatro freguesias urbanas, além daquelas de caráter mais rural. Posteriormente, foram instituídas as de Engenho Velho (1795), Lagoa (1806), Santana (1814), Sacramento (1826), Glória (1834), Santo Antônio (1854), São Cristóvão (1856), Espírito Santo (1865), Gávea (1873) e Engenho Novo (1873)⁹, apontando para o contínuo processo de expansão e reorganização da malha urbana. Além disso, com a chegada da Corte portuguesa em 1808 e a expansão do comércio e da burocacia estatal, muitas dessas freguesias passaram por adensamento populacional desordenado, o que agravou os problemas de abastecimento, infraestrutura e salubridade. Cabe destacar que no decorrer dos anos a região portuária,

⁸ BRASIL. *Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834*. Faz algumas alterações e adições à Constituição Política do Império, nos termos da Lei de 12 de outubro de 1832. Coleção de Leis do Império do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-16-12-agosto-1834-532609-publicacaooriginal-14881-pl.html>. Acesso em: 20 fev. 2025.

⁹ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: TJRJ, 2009. Disponível em: <https://www.tjrj.jus.br/documents/5736540/277859582/RCPN.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

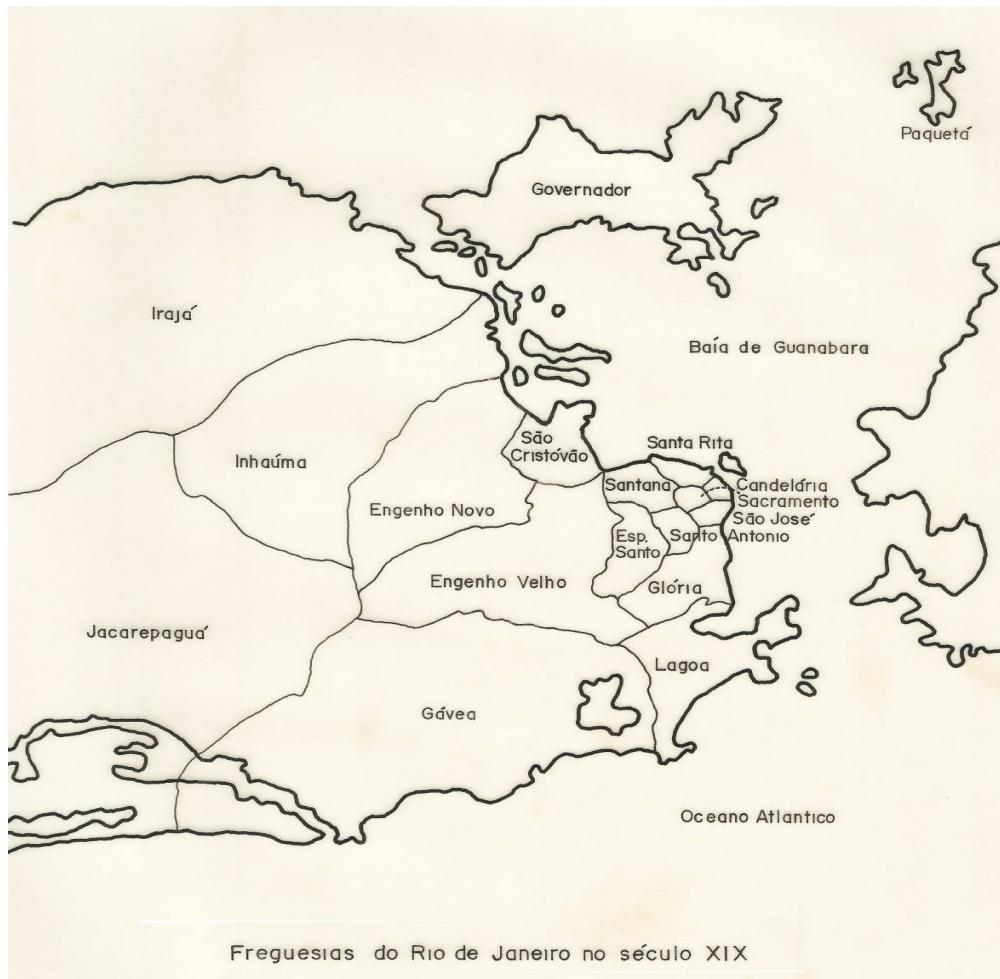
incluindo freguesias como Santa Rita e Santana, tornou-se ponto de entrada e aglomeração de escravizados africanos, migrantes pobres e trabalhadores em condições precárias. Essas áreas se destacavam tanto pela diversidade étnica e cultural quanto pelas condições de vida insalubres, constantemente associadas à propagação de doenças e à necessidade de reformas higiênicas¹⁰.

No final do século XIX, existiam as seguintes freguesias: Candelária, São José, Santa Rita, Sacramento e Glória, pertencentes a chamada Cidade Velha; Santana, Santo Antônio e Espírito Santo, na conhecida Cidade Nova; Engenho Velho, Lagoa, São Cristóvão, Gávea e Engenho Novo, nos arrabaldes da cidade; Irajá, Jacarepaguá, Inhaúma, Guaratiba, Campo Grande e Santa Cruz, sendo essas localizadas nas zonas rurais. A configuração espacial dessa região pode ser observada no mapa anexo, que ilustra a divisão administrativa da cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XIX, permitindo uma compreensão mais clara da geografia urbana analisada neste trabalho¹¹.

¹⁰ MARQUES, Eduardo Cesar. Da higiene à construção da cidade: o estado e o saneamento no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 2, n. 2, pp. 51-67, jul.-out. 1995.

¹¹ Cabe destacar, no entanto, que apesar de figurarem na cartografia apresentada, não foram encontradas menções às freguesias das zonas rurais durante a análise feita dos anúncios.

Figura 1 - Mapa das freguesias do Rio de Janeiro no século XIX



Fonte: RF Pereira, acervo particular¹².

Tais delimitações definiam identidades, dinâmicas sociais, tipos de moradia e formas de trabalho. As freguesias urbanas concentravam os principais fluxos migratórios, comerciais e populacionais. Santana, por exemplo, era a maior delas em termos demográficos e possuía a maior concentração de cortiços da cidade, indicando a intensa urbanização e precariedade das condições de moradia. Santa Rita, por sua vez, abrigava importantes comércios de café e tinha uma grande infraestrutura portuária, tornando-se uma área vital para o tráfego de mercadorias e pessoas¹³.

A partir da década de 1870, urbanistas, médicos e engenheiros passaram a planejar a cidade, tentando disciplinar os espaços urbanos com base em ideais de higiene e modernização, o que implicou em intervenções nas freguesias mais pobres. Contudo, como apontado por

¹² FREGUESIAS do Rio de Janeiro no século XIX RF Pereira. Acervo particular. *História do Rio para Todos*, 2025. Disponível em: <https://historiadorioparatodos.com.br/timeline/1824-estatisticas-da-cidade/1824-141rfreguesias/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹³ FONSECA, Thiago Vinícius Mantuano da. A região portuária do Rio de Janeiro no século XIX: aspectos demográficos e sociais. *Almanack, Guarulhos*, n. 21, p. 177, abr. 2019.

Suellem Demuner Teixeira, não se pode generalizar essas ações como se o centro da cidade tivesse sido afetado por igual. Cada freguesia possuía especificidades, e as reformas atuaram de maneira desigual sobre elas¹⁴. Assim, compreender as freguesias é interpretar a própria conformação da cidade, as relações de trabalho e moradia, as disputas por espaço, a mobilidade social e os efeitos das reformas urbanas. Esses espaços abrem margem para entender como se organizava o cotidiano da população fluminense, sobretudo dos setores subalternos que nelas viviam, trabalhavam e construíam suas redes de solidariedade e resistência.

Tal tarefa, longe de ser fácil, precisou de atenção extrema, uma vez que cada endereço foi consultado em documentações da época para localizar esses espaços. O mapa, juntamente com as ferramentas disponíveis no Imagine Rio, foi de grande importância para entender os limites desses locais e assim poder identificar as características desses anúncios. Como dito, as freguesias do Rio de Janeiro oitocentista não são apenas referências geográficas. Elas eram espaços vivos, onde se manifestavam as disputas, os trabalhos e as experiências dos sujeitos. Sendo assim, enquanto unidades espaciais e administrativas, as freguesias devem ser lidas como expressões materiais de uma sociabilidade histórica que molda as oportunidades, circulações e relações de trabalho. Assim, este capítulo propõe uma análise das freguesias do Rio de Janeiro como territórios de sentido, partindo dos dados levantados no *Jornal do Commercio* e *Diario do Rio de Janeiro*, na tentativa de entender como a oferta e a demanda por serviços de enfermagem caminhavam pelos espaços cariocas. Busca-se identificar como o espaço urbano do Rio de Janeiro se entrelaçava às práticas de contratação e às experiências dos trabalhadores que anunciam serviços de enfermagem.

3.1 A cidade anunciada: localização dos anunciantes e o espaço urbano

Como observado, a compreensão da cidade do Rio de Janeiro no século XIX exige um olhar atento à sua organização espacial e às transformações provocadas por dinâmicas sociais, econômicas e políticas que impactaram diretamente o cotidiano de seus habitantes. Maurício de Abreu aponta que, a cada novo momento da organização social, surgem novas funções, novos atores e novas formas de uso do espaço urbano¹⁵. Essas transformações, por certo, não ocorreram de maneira homogênea: o adensamento populacional, as atividades econômicas e os modos de habitar a cidade variavam significativamente entre as freguesias, ainda que essas

¹⁴ TEIXEIRA, Suellem Demuner. *O Rio de Janeiro pelo Brasil: a grande reforma urbana nos jornais do país (1903-1906)*. 2020. 241 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020, pp. 33-34.

¹⁵ ABREU, Maurício de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, ed. 3, 1997.

fossem ocupadas tanto por sujeitos de elite quanto por aqueles das classes pobres. Segundo Lilian Fessler Vaz, durante muitos séculos "trabalho e habitação constituíam um todo dificilmente dissociável"¹⁶, especialmente para os trabalhadores pobres que, sem posse de moradia própria, buscavam se estabelecer próximos aos centros de emprego. Essa lógica contribuiu para o adensamento das freguesias centrais, como Santa Rita, Santo Antônio e Santana, onde se concentravam atividades manufatureiras, comerciais e de prestação de serviços¹⁷. Nesse contexto, analisar onde estavam localizados os anunciantes de serviços de enfermagem não apenas nos ajuda a entender a distribuição espacial da oferta de trabalho, mas também lança luz sobre as conexões entre moradia, mobilidade, profissão e sobrevivência.

Os anúncios de enfermeiros e enfermeiras publicados na imprensa oitocentista revelam aspectos importantes dessa realidade urbana. No recorte analisado, a partir do termo “enfermeiro”, identificaram-se 429 publicações no *Jornal do Commercio* e 58 no *Diario do Rio de Janeiro* que citavam algum endereço. Já a partir da palavra-chave “enfermeira”, a soma é de 101 no *Jornal do Commercio* e 26 no *Diario do Rio de Janeiro*. Esses dados serão explorados nas tabelas a seguir, que apontam para as freguesias identificadas através dos locais descritos. A organização, assim como nos quadros anteriores, será feita por décadas, de modo que se possa observar as transformações na distribuição espacial dos ofertantes de serviços de enfermagem ao longo do tempo. A análise busca compreender como o espaço urbano moldava a dinâmica de oferta de serviços de cuidado, revelando a importância dessas freguesias enquanto núcleos de residência, trabalho e circulação de trabalhadores da saúde. Cabe destacar que apenas serão listadas as freguesias que foram mencionadas ao menos uma vez no decorrer dos anos, sendo assim, aquelas que se localizavam nas zonas rurais, juntamente com a de Engenho Novo, não serão abordadas.

¹⁶ VAZ, Lilian Fessler. *Contribuição ao estudo da produção e transformação do espaço da habitação popular: as habitações coletivas no Rio antigo*. 301 f. Tese (Mestre em Ciências) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 38, 1985.

¹⁷ ABREU, *Op. Cit.*

Tabela 33 - Endereços por freguesia nos anúncios de oferta com a palavra-chave "enfermeiro" no *Jornal do Commercio* (1820–1870)

Freguesia	Década						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Candelária	0	3	10	14	18	23	68
Engenho Velho	0	0	0	0	0	0	0
Espírito Santo	0	0	0	0	0	2	2
Glória	0	0	0	1	2	6	9
Lagoa	0	0	0	0	1	1	2
Sacramento	0	7	23	34	31	73	168
Santana	0	1	2	4	8	9	24
Santa Rita	0	0	5	9	8	19	41
Santo Antônio	0	0	0	8	4	3	15
São Cristóvão	0	0	0	2	1	0	3
São José	0	2	16	25	19	27	89
Não encontrado	0	1	1	4	0	3	9

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do *Jornal do Commercio*

A tabela revela que, entre as décadas de 1820 e 1870, os anúncios de oferta com a palavra-chave “enfermeiro” no *Jornal do Commercio* estiveram majoritariamente concentrados em determinadas freguesias do Rio de Janeiro. Dentre elas, destacam-se Sacramento, com 168 endereços identificados, seguida por São José, com 89 ocorrências, e Candelária, com 68. Em conjunto, essas freguesias correspondem a 75% do total dos endereços localizados, o que sugere uma centralidade dessas áreas na dinâmica urbana e no mercado de trabalho da enfermagem no século XIX. Como destaca Abreu, essas freguesias centrais se tornaram polos de atração de trabalhadores livres, manufaturas, serviços diversos¹⁸ e, portanto, de oferta e demanda por cuidados com a saúde. São locais que, mesmo antes da intensa modernização do século XX, já concentravam atividades comerciais e de prestação de serviços, o que explica a maior circulação de anúncios e a maior presença de enfermeiros anunciando a sua mão de obra nesses espaços. Como explicitado pelo autor, a concentração populacional nas freguesias centrais estava diretamente ligada à necessidade de trabalhadores – tanto livres quanto escravizados – de residirem próximos aos locais onde exerciam suas atividades. Sacramento e Candelária, por exemplo, eram áreas que abrigavam comércios e serviços variados, incluindo os ligados à saúde, como casas de saúde¹⁹. Além disso, o crescimento dos anúncios nessas freguesias ao

¹⁸ ABREU, *Ibidem*.

¹⁹ Na rua São Pedro, por exemplo, havia a casa de saúde Bom Jesus do Calvário, localizada no número 125, bem como a Drogaria Imperial, no número 24. A primeira estabelecida na freguesia de Sacramento e a segunda na de Candelária.

longo das décadas coincide com os momentos de expansão econômica e urbanização da cidade, impulsionados pela chegada de capitais estrangeiros, pelo desenvolvimento dos serviços públicos e pela intensificação da migração interna e externa.

Ainda se tratando desse nó urbano – onde comércio, trabalho, transporte e saúde se encontravam, isto é, o Rio de Janeiro –, temos as freguesias de Santa Rita, com 41 endereços contabilizados, Santana, com 24, e Santo Antônio, com 15. Embora tenham números menos expressivos, ainda se configuram como espaços relevantes na malha urbana, sendo local de moradia de pequenos comerciantes, trabalhadores livres e escravizados de ganho. Como destaca Luciana Silva, Santana possuía uma população numerosa na década de 1870 e era, também, a que contava com o maior número de cortiços²⁰. Ao buscar os logradouros localizados nessa região, foi possível identificar alguns que pertenciam a essas habitações ou estavam próximos a elas, como é o caso dos anúncios da rua Formosa²¹. Um deles se tratava de uma estalagem, o de número 74, que dizia “Quem precisar de um cozinheiro de forno e fogão, e enfermeiro, procure na rua Formosa n. 74”²², enquanto o outro se localizava ao lado de uma, a publicação trazia o seguinte “PRECISA-SE de um enfermeiro; para tratar na rua Formosa n. 116”²³. Esse padrão de ocorrências mostra que, mesmo com menos anúncios do que em regiões como Sacramento ou Candelária, esses espaços funcionavam como verdadeiros polos de oferta de cuidados. Sua população criava circuitos de circulação no qual os ofertantes encontravam visibilidade junto ao seu público-alvo. As publicações associadas a essas regiões ilustram as estratégias de sobrevivência e os tensionamentos de uma cidade em transformação, onde o centro pulsante era tanto palco de prosperidade quanto de desigualdades estruturais.

Além desses, é possível observar ainda aquelas freguesias que possuíam um número reduzido de ocorrências. Daquela com maior para menor temos: Glória, com um total de 9; São Cristóvão, com 3; Lagoa e Espírito Santo, 2; e, por fim, Engenho Velho que não foi mencionada nos anúncios de oferta nenhuma vez durante o período estudado. De modo geral, a bibliografia sobre a evolução urbana do Rio de Janeiro mostra que essas regiões eram preferencialmente ocupadas por parcelas da população de maior renda e, portanto, contavam com menor contingente de trabalhadores não especializados. A combinação entre valorização imobiliária e

²⁰ SILVA, Luciana. Freguesia de Santana: territórios e etnia no último quartel do século XIX. *Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de estudos sobre a cidade*, v. 7, n. 10, p. 272, jan.-ago. 2015.

²¹ Essas informações foram obtidas através do cruzamento dos anúncios analisados e o mapa desenvolvido pelo Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT). Ver: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. *Cortiços - Rio de Janeiro - 1878*. Campinas: CECULT/IFCH/UNICAMP. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/cecult/mapas/corticosticos.html>. Acesso em: 5 maio 2025.

²² JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 342, p. 3, 5 mar. 1878.

²³ Id, ed. 213, p. 3, 3 ago. 1871.

infraestrutura privilegiada – como a rede de bondes puxados a burro – criou barreiras invisíveis à ocupação popular em locais como Botafogo, Catete e Lapa²⁴. Desse modo, esses dados apontam mais do que simples variações demográficas, eles indicam um complexo processo de segregação socioespacial e estratificação econômica que começava a se desenhar na formação urbana da cidade já no período oitocentista. A partir disso, revela-se o perfil social e econômico dos trabalhadores em questão.

Ademais, na tabela consta uma categoria intitulada “Não Encontrado”, que se trata daqueles endereços que não puderam ser localizados em nenhum dos mapas consultados. Isso se dá, pois, no decorrer dos anos, foram feitas diversas mudanças nos nomes de logradouros, o que pode resultar em variações ou uso de nomenclaturas diferentes do que as fontes consultadas indicavam²⁵.

Tabela 34 - Endereços por freguesia nos anúncios de oferta com a palavra-chave "enfermeiro" no *Diario do Rio de Janeiro* (1820–1870)

Freguesia	Década						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Candelária	0	0	2	2	0	0	4
Engenho Velho	0	1	2	0	0	0	3
Espírito Santo	0	0	0	0	0	0	0
Glória	0	0	0	0	0	0	0
Lagoa	0	0	0	0	0	0	0
Sacramento	4	5	14	5	0	0	28
Santa Anna	0	0	6	0	0	0	6
Santa Rita	0	0	4	0	0	0	4
Santo Antônio	0	0	0	2	0	0	2
São Cristóvão	0	0	0	0	0	0	0
São José	0	2	7	2	0	0	11
Não encontrado	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Diario do Rio de Janeiro*

O *Diario*, por sua vez, apresentou um total de 72,5% de anúncios de oferta que indicavam algum logradouro em suas linhas. Seguindo um caminho semelhante aos dados do *Jornal do Commercio*, a tabela mostra que a oferta de “enfermeiro” manteve forte concentração em duas freguesias: Sacramento, com 28 endereços, e São José, com 11. Esse predomínio, mais

²⁴ EL-KAREH, Almir Chaibam. Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

²⁵ Para além desses casos, foi encontrado, em 1870, uma oferta localizada em Petrópolis. Todavia, optou-se que essa não fosse incluída por não estar dentro do recorte de estudo.

uma vez, indica que os bairros centrais continuavam sendo os polos de circulação e visibilidade para profissionais da saúde. Também corrobora com isso a posição de Santana, com 6 ocorrências, seguidas por Candelária e Santa Rita, com 4. Ainda que os números dessas últimas sejam menores, quando somadas representam 24% do total de publicações que ofereciam esse tipo de informação. Por outro lado, freguesias como Engenho Velho e Santo Antônio, com 3 e 2 casos, respectivamente, registram apenas pontuais tentativas de anúncio. Essas, somadas com as regiões de Glória, Lagoa, Espírito Santo, São Cristóvão, que não registraram nenhum caso, ressaltam mais uma vez o argumento anterior. Essa distribuição sublinha, novamente, a escassa penetração dos ofertantes de enfermagem nos arrabaldes da cidade ou em crescimento tardio.

Tabela 35 - Endereços por freguesia nos anúncios de oferta com a palavra-chave "enfermeira" no *Jornal do Commercio* (1820–1870)

Freguesia	Década						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Candelária	0	7	1	1	2	3	14
Engenho Velho	0	0	0	1	0	1	2
Espírito Santo	0	0	0	0	0	0	0
Glória	0	0	0	1	0	0	1
Lagoa	0	0	0	1	1	0	2
Sacramento	4	0	4	6	7	14	35
Santana	0	0	1	0	1	0	2
Santa Rita	1	0	1	3	2	1	8
Santo Antônio	0	0	1	1	5	1	8
São Cristóvão	0	0	0	0	0	0	0
São José	1	6	2	3	5	4	21
Não encontrado	0	0	0	0	1	3	4

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do *Jornal do Commercio*

Para o caso das enfermeiras que ofertavam seus serviços no *Jornal do Commercio*, o número foi de 84,6% do montante total. A distribuição desses, em muitos aspectos, se assemelha com o padrão observado entre os “enfermeiros”, mas também revela sutis diferenças de gênero na ocupação dos espaços. Das 97 ocorrências registradas, Sacramento concentra 35 anúncios, percentual próximo ao dos homens que atuavam nesse campo. Constata-se, então, o papel dessa freguesia como polo central de visibilidade para ambos os gêneros. Em seguida, porém, essas trabalhadoras se distribuem de modo distinto dos enfermeiros do *Jornal do Commercio*. São José aparece com 21 menções, superando Candelária, com 14. É importante destacar que muitas dessas publicações se tratava de aluguel ou venda de escravizadas. Ainda que com menor expressão, Santa Rita e Santo Antônio surgem empatadas com 8 registros cada, valores

inferiores aos dos enfermeiros nessas mesmas freguesias. Nas áreas periféricas ou de ocupação mais tardia, os números se assemelham aos anteriores, essas mulheres mantinham presença quase residual. Engenho Velho e Lagoa, com 2; Glória, com 1; e Espírito Santo e São Cristóvão com nenhuma menção. Por fim, 4 anúncios não puderam ser alocados em nenhuma freguesia. De modo geral, o que se percebe é que, tanto enfermeiros quanto enfermeiras concentram-se nos mesmos núcleos centrais – especialmente Sacramento –, mas as mulheres mostram maior relevo relativo em São José, um indicativo dos diferentes circuitos de contratação e dos espaços de inserção profissional feminina no Rio oitocentista.

Tabela 36 - Endereços por freguesia nos anúncios de oferta com a palavra-chave "enfermeira" no *Diario do Rio de Janeiro* (1820–1870)

Freguesia	Década						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Candelária	1	1	2	0	0	0	4
Engenho Velho	0	0	0	0	0	0	0
Espírito Santo	0	0	0	0	0	0	0
Glória	0	0	0	0	0	0	0
Lagoa	0	0	0	0	0	0	0
Sacramento	2	2	4	1	0	0	9
Santana	0	0	2	1	0	0	3
Santa Rita	0	0	0	0	0	0	0
Santo Antônio	1	0	1	0	0	0	2
São Cristóvão	0	0	1	0	0	0	1
São José	2	1	0	1	0	0	4
Não encontrado	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do *Jornal do Commercio*

No *Diario do Rio de Janeiro*, os anúncios que possuíam algum logradouro em suas linhas constituíram 53,4% do total de ofertas analisadas. Apesar de corresponder a um número menor que os anteriores, os dados permaneceram concentrados em poucas freguesias. Sacramento novamente lidera, com 9 ocorrências, seguida por Candelária e São José, com 4, Santana, 3 e Santo Antônio, 2. Nenhuma menção foi registrada em Engenho Velho, Espírito Santo, Glória, Lagoa ou São Cristóvão, tampouco houve casos na categoria “Não encontrado”. Esses resultados apontam para uma visibilidade ainda mais restrita das enfermeiras em comparação tanto com os enfermeiros deste jornal quanto com as ofertas femininas no *Jornal do Commercio*. Esse recorte revela que, mesmo em um veículo de menor porte e com público possivelmente mais popular, as mesmas freguesias centrais continuavam a garantir o acesso ao anúncio de serviços de cuidado. A predominância de Sacramento reflete

sua condição de nó urbano para circulação de pessoas e mercadorias. A quase ausência em freguesias periféricas reforça a ideia de que, para as enfermeiras, assim como para os enfermeiros, o jornal funcionava principalmente como meio de penetração nos circuitos urbanos de maior movimento e densidade. Nesse contexto, o anúncio da oferta de serviços na imprensa surge como uma estratégia acessível para aqueles que, mesmo marginalizados socialmente, buscavam inserir-se nas tramas econômicas urbanas.

3.2 Uma geografia da demanda: mapeando os contratantes de enfermeiros e enfermeiras

Para se compreender não apenas onde se ofereciam serviços de enfermagem, mas também quem os contratava, é preciso lançar o olhar sobre os endereços que constavam nos anúncios de demanda nos periódicos *Jornal do Commercio* e *Diario do Rio de Janeiro*. Essa coleta espacial revela as freguesias às quais recorriam famílias, instituições e agentes econômicos em busca de cuidados, delineando uma geografia de procura que complementa a análise da oferta de mão de obra. Nas freguesias centrais, a proximidade entre cortiços, casas abastadas e estabelecimentos comerciais criava um espaço urbano heterogêneo, onde a figura do contratante – seja ele um pequeno comerciante, uma família liberal ou até mesmo uma entidade assistencial – buscava agentes de saúde para atender suas necessidades. Essa mescla de usos e classes não apenas favorecia a circulação de informações via imprensa, mas também tornava esses espaços epicentros de contrações domésticas e coletivas, em especial em momentos de epidemias.

A concentração de até um terço da população estrangeira do Rio de Janeiro na região portuária – fenômeno quantificado por estudos demográficos recentes²⁶ – não apenas definia o perfil cosmopolita da área, mas gerava exigências sanitárias singulares, moldando a procura por serviços de enfermagem. O intenso tráfego mercantil, que transformava armazéns e embarcações em espaços de risco epidemiológico permanente, exigia profissionais capacitados para intervenções emergenciais, desde o tratamento de tripulações aflagidas por febres tropicais até o cuidado de feridos em acidentes portuários. Essa dupla pressão – a pública, vinculada à logística comercial, e a privada, atrelada aos hábitos das elites mercantis – criava um mercado de cuidados fragmentado: de um lado, enfermeiros vinculados a instituições como a Santa Casa da Misericórdia, responsáveis pela saúde coletiva; de outro, enfermeiros particulares, cujos anúncios de serviço proliferavam nos periódicos a visando a clientelas diversas. Essa geografia da demanda, portanto, não se limita a mapear endereços, mas revelar as tensões entre a cidade

²⁶ FONSECA, *Op. Cit.* p. 191.

como entreposto global e a cidade como espaço de segregação sanitária, onde o cuidado capacitado tornava-se tanto ferramenta de sobrevivência quanto marcador de distinção social.

Nos anúncios de demanda que especificavam o local de contratação, o *Jornal do Commercio* registrou 639 ocorrências para a palavra-chave “enfermeiro” e 110 para “enfermeira”, enquanto o *Diario do Rio de Janeiro* apresentou 30 registros com o termo “enfermeiro” e 10 com “enfermeira”. Esses números evidenciam a abrangência geográfica dos anúncios nos dois periódicos, oferecendo um panorama quantitativo para a reconstituição histórica das dinâmicas de contratação na cidade.

Tabela 37 - Endereços por freguesia nos anúncios de demanda com a palavra-chave "enfermeiro" no *Jornal do Commercio* (1820–1870)

Freguesia	Década						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Candelária	0	3	19	52	44	74	192
Engenho Velho	0	0	0	0	0	0	0
Espírito Santo	0	0	0	0	0	0	0
Glória	0	0	2	5	7	6	20
Lagoa	0	0	0	2	8	4	14
Sacramento	0	0	4	6	17	64	91
Santana	0	0	0	2	5	10	17
Santa Rita	0	0	13	28	46	105	192
Santo Antônio	0	3	1	2	4	18	28
São Cristóvão	0	0	0	0	1	1	2
São José	0	2	3	2	33	36	76
Não encontrado	0	0	1	0	1	4	6

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do *Jornal do Commercio*

Entre 1820 e 1870, a procura por “enfermeiro” no *Jornal do Commercio* concentra-se sobretudo em duas freguesias: Candelária e Santa Rita, cada uma com 192 endereços apontados nos anúncios de demanda. Esses registros correspondem a quase 60% dos 639 casos mapeados, demonstrando o protagonismo dessas áreas como polos de contratação, seja em residências abastadas ou em instituições comerciais. Logo em seguida, têm-se Sacramento, com 91 menções, e São José, com 76, que também reforçam seu papel de “nós urbanos” que agregavam trabalhadores, comércio e serviços. Em Sacramento, foi possível localizar 15 menções a Casa de Saúde do Senhor Bom Jesus do Calvário na rua de São Pedro e 13 na Drogaria Imperial, localizada na mesma rua. No que se refere a São José, cabe destacar que 36 das ocorrências localizadas, são anúncios da Casa de Saúde Nossa Senhora d’Ajuda na rua D’Ajuda, como no

do dia 21 de novembro de 1870, que dizia “Precisa-se de um bom enfermeiro e de conduta afiançada; na rua da Ajuda n. 68”.²⁷

Ocupando posições mais modestas, foi possível encontrar em Santo Antônio 28 ocorrências, em Glória, 20; Santana, 17; e Lagoa, 14. Esses locais tiveram procura esporádica, mas ainda assim, registraram maiores resultados do que quando nos anúncios de oferta. Por outro lado, São Cristóvão registra apenas dois anúncios e Engenho Velho e Espírito Santo não foram mencionadas uma única vez. Os seis casos classificados como “Não encontrado” destacam as lacunas cartográficas e as variações toponímicas que dificultaram a localização precisa. Em comparação com a oferta de “enfermeiros” no mesmo jornal – no qual Sacramento liderava, seguida por Candelária e São José – não foram registrados resultados na mesma sequência, demonstrando um pequeno descompasso entre onde os trabalhadores se anunciava e onde efetivamente se buscava serviço. Todavia, os maiores números se localizavam ainda no centro da cidade, apontando para a disponibilidade de trabalhos nessas regiões e, assim, justificando os números dispostos. As estratégias de visibilidade desses sujeitos nem sempre coincidiam com os pontos de maior demanda, apontando para uma complexa geografia urbana em que oferta e procura de cuidados de saúde se entrelaçavam, mas não se sobreponham perfeitamente. Além disso, Candelária e Santa Rita eram freguesias antigas e marcadas pela presença de sedes administrativas, mercados e redes comerciais, sendo assim, muitas vezes eram pontos de encontro entre contratantes e trabalhadores, para acordarem os serviços que seriam realizados em regiões rurais ou mesmo em outras cidades do país, como no caso do dia 30 de dezembro de 1872, que enunciava o seguinte:

Precisa-se, na rua 1º de Março n. 12, de um enfermeiro, que na falta de médico tenha habilitações precisas para tratar de doentes em uma fazenda distante daqui trinta léguas na província de Minas Gerais, seguindo no caminho de ferro, são oito horas de viagem, dando fiador a sua conduta, e não estando habilitado não se apresenta.²⁸

Nesse anúncio, a rua 1º de março surge como ponto de articulação entre a cidade e o interior, reforçando a centralidade dessas freguesias na dinâmica da contratação. Conclui-se, assim, que muitos anúncios indicavam um endereço urbano apenas como local de negociação, enquanto o serviço em si estava voltado para fazendas, o que evidencia a função intermediadora de certas freguesias na mobilização da força de trabalho para além da cidade.

²⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 321, p. 4, 21 nov. 1870.

²⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 361, p. 7, 30 dez. 1872.

Tabela 38 - Endereços por freguesia nos anúncios de demanda com a palavra-chave "enfermeiro" no *Diario do Rio de Janeiro* (1820–1870)

Freguesia	Década						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Candelária	0	0	7	3	0	4	14
Engenho Velho	0	0	0	0	0	0	0
Espírito Santo	0	0	0	0	0	0	0
Glória	0	0	0	1	0	0	1
Lagoa	0	0	0	0	0	0	0
Sacramento	0	0	0	1	0	1	2
Santana	0	1	1	0	1	0	3
Santa Rita	0	0	0	1	0	1	2
Santo Antônio	0	1	0	0	1	0	2
São Cristóvão	0	0	0	0	0	0	0
São José	0	3	1	2	0	0	6
Não encontrado	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do *Jornal do Commercio*

A demanda por “enfermeiro” no *Diario do Rio de Janeiro*, entre 1820 e 1870, se concentrou quase inteiramente em freguesias centrais, ainda que em escala muito mais modesta do que no *Jornal do Commercio*. Dos 30 anúncios que indicavam endereço, Candelária responde por 14 ocorrências. Em seguida vêm São José, com 6 anúncios e Santana, com 3. Por fim, têm-se as freguesias de Sacramento, Santa Rita e Santo Antônio, com 2. Já Glória e Lagoa surgem com apenas uma menção cada, enquanto Engenho Velho, Espírito Santo e São Cristóvão não registram nenhum pedido de contratação neste periódico, e não há casos “Não encontrado”. Comparando-se esses dados de demanda no *Diario* com a oferta de enfermeiros nesse mesmo periódico, nota-se que, embora ambos privilegiassem as freguesias centrais, a demanda volta-se quase que exclusivamente para Candelária e São José, ao passo que na oferta apresentava um leque um pouco mais amplo – incluindo Sacramento em posição de destaque. Esses resultados apontam essencialmente as necessidades imediatas de bairros próximos ao porto e aos mercados centrais.

Tabela 39 - Endereços por freguesia nos anúncios de demanda com a palavra-chave "enfermeira" no *Jornal do Commercio* (1820–1870)

Freguesia	Década						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Candelária	0	0	3	1	11	5	20
Engenho Velho	0	0	0	0	0	0	0
Espírito Santo	0	0	0	0	0	0	0
Glória	0	0	0	0	1	12	13
Lagoa	0	0	0	0	0	4	4
Sacramento	0	0	1	2	4	8	15
Santana	0	0	0	0	1	4	5
Santa Rita	0	0	0	1	2	2	5
Santo Antônio	0	2	0	1	5	3	11
São Cristóvão	0	0	0	0	0	0	0
São José	0	1	3	0	9	22	35
Não encontrado	0	0	0	0	1	1	2

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do *Jornal do Commercio*

A distribuição dos anúncios de demanda por enfermeiras no *Jornal do Commercio* indica, novamente, uma presença significativa nas freguesias centrais e próximas aos núcleos administrativos e comerciais do Rio de Janeiro. A freguesia de São José se coloca como a mais numerosa, com 35 registros, concentrados sobretudo nas décadas de 1860 e 1870, o que pode sinalizar uma intensificação da contratação de mulheres para o cuidado na segunda metade do século XIX nessa localidade. Logo em seguida, aparece Candelária, com 20, logo após há Sacramento, com 15 anúncios, ambas com presença constante ao longo do período. Cabe destacar que tanto na de São José quanto na de Sacramento, é contínuo a procura por enfermeiras em casas de saúde da região, como demonstram a publicação que enunciava “Precisa-se de uma mulher para enfermeira; na rua da Ajuda n. 68”²⁹, e o da rua do Conde, no dia 16 de fevereiro de 1831, que dizia “Precisa-se com brevidade uma Sra. zelosa e de probidade, para enfermeira da Casa de Saúde estabelecida na rua do Conde n. 86; quem estiver nas circunstâncias, dirija-se a rua da Quitanda n. 255”³⁰.

A freguesia da Glória também apresenta resultados relevantes, com 13 anúncios, distribuída essencialmente nas últimas duas décadas. Santo Antônio, por sua vez, exibe números consideráveis a partir da década de 1850, somando 11 ocorrências no total. Por fim, Santa Rita e Santana surgem com os mesmos números, 5, concentrados a partir de 1850. Enquanto isso, a

²⁹ JORNAL DO COMMERClO. Rio de Janeiro, ed. 42, p. 4, 12 fev. 1864.

³⁰ Id., ed. 149, p. 4, 16 fev. 1831.

freguesia da Lagoa aparece com 4 anúncios. Duas ocorrências não puderam ser associadas a nenhuma delas, classificadas como “Não encontrado”. A presença das mulheres nos anúncios de demanda revela um mapeamento espacial em que o cuidado feminino era requerido em áreas próximas a instituições administrativas e residências urbanas, como em São José e Candelária.

Tabela 40 - Endereços por freguesia nos anúncios de demanda com a palavra-chave "enfermeira" no *Diario do Rio de Janeiro* (1820–1870)

Freguesia	Década						Total
	1820	1830	1840	1850	1860	1870	
Candelária	0	1	4	0	0	0	5
Engenho Velho	0	0	0	0	0	0	0
Espírito Santo	0	0	0	0	0	0	0
Glória	0	1	0	0	0	0	1
Lagoa	0	0	0	0	0	0	0
Sacramento	1	0	0	0	0	0	1
Santana	0	1	0	0	0	0	1
Santa Rita	0	0	0	0	0	0	0
Santo Antônio	0	0	0	0	1	0	1
São Cristóvão	0	0	0	0	0	0	0
São José	0	0	0	0	1	0	1
Não encontrado	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do *Jornal do Commercio*

A Tabela 40 apresenta os endereços por freguesia mencionados nos anúncios de demanda por enfermeiras no *Diario do Rio de Janeiro*, entre 1820 e 1870. O número de registros é bastante reduzido. A freguesia com maior número de menções é Candelária, com 5 anúncios, distribuídos entre as décadas de 1830, 1840 e 1850. Glória, Sacramento, Santo Antônio e São José aparecem com uma ocorrência cada. Todas as demais freguesias permanecem com registros nulos, assim como a categoria “Não encontrado”. Em contraste com os dados mais expressivos do *Jornal do Commercio*, o *Diario* fornece um recorte limitado, ainda que a freguesia de Candelária reapareça como importante ponto de referência para o trabalho do cuidado.

Esse mosaico social, agravado pela precariedade das condições sanitárias e pela recorrência de epidemias, fazia do centro um espaço de alta demanda por serviços de saúde e cuidados, refletida na frequência dos anúncios de contratação de enfermeiras e enfermeiros. A região portuária, por sua vez, destacava-se não apenas pela densidade populacional e pelo perfil marcadamente popular e imigrante de seus moradores, mas também pela concentração de atividades econômicas e de empregos instáveis, o que reforçava a necessidade de mão de obra

dedicada ao cuidado dos enfermos. Assim, o mapeamento dos endereços nos anúncios não apenas permite visualizar a distribuição espacial da demanda, mas também ilumina as relações entre urbanização, desigualdade e saúde em uma cidade marcada por contrastes e transformações aceleradas.

3.3 No centro da corte, no centro do cuidado: cidade e saúde na capital do império

O século XIX caracteriza um período de intensa transformação para o Rio de Janeiro, que ascendeu de uma cidade portuária colonial à capital do Império. Tal transição foi impulsionada por um forte anseio por modernização e civilização. Cabe destacar, no entanto, que esse processo não foi homogêneo, resultando em uma cidade de acentuados contrastes. A topografia original do lugar de fundação da cidade, com seus montes, lagoas e costas, marcou o desenvolvimento e a formação de sua paisagem. Os mapas históricos ilustram essa expansão, especialmente para o interior, facilitada por técnicas de drenagem. Além disso, as reformas urbanas implementadas ao longo do século XIX e início do século XX, sob a liderança de figuras como o Prefeito Pereira Passos, tinham como objetivos declarados a higienização, embelezamento e modernização da capital federal. Essas intervenções incluíram a abertura e manutenção de ruas, o desmonte de morros, a recuperação de terras e a construção de novos edifícios e monumentos, concentrando-se predominantemente na área central³¹. O crescimento urbano acelerado desponta como uma consequência direta de grandes transformações, que resultaram em migrações internas das áreas rurais para a cidade.

Como indicado por Maurício de Abreu, a expansão do espaço urbano também foi facilitada pela introdução de novos meios de transporte, como os bondes, que incentivaram a classe trabalhadora a se deslocar para áreas mais distantes, levando ao surgimento de outras moradias improvisadas e precárias, construídas pelos próprios trabalhadores.³² A análise desses eventos revela que a modernização e civilização no Rio de Janeiro do século XIX não foram benefícios universais, mas sim uma mudança seletiva. Embora a cidade tenha absorvido a estética e a infraestrutura europeias, essas mudanças foram primordialmente concebidas para atender aos interesses econômicos e políticos da elite, frequentemente às custas das classes mais baixas. Isso sugere que o progresso foi profundamente estratificado, beneficiando um segmento

³¹ Verena Andreatta oferece uma compreensão mais ampla sobre a formação do urbanismo carioca. Seu estudo analisa os Planos Urbanos do Rio de Janeiro, ao longo do século XIX e início do XX, em especial, o Relatório de Obras de Beaurepaire-Rohan (1843), os Relatórios da Comissão de Melhoramentos (1875-1876) e o Plano de Reforma do prefeito Pereira Passos (1903-1906), evidenciando como essas propostas influenciaram o desenvolvimento da urbanística moderna no Rio de Janeiro. VER: ANDREATTA, Verena. *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no Século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

³² ABREU, *Op. Cit.*, p. 38.

da população enquanto marginalizava outros³³. A reestruturação física do Rio estava intrinsecamente ligada à manutenção da ordem e da hierarquia social. Tal perspectiva demonstra como o desenvolvimento urbano foi conscientemente empregado como um mecanismo de controle social e de manutenção das estruturas de poder. Para os enfermeiros e enfermeiras, essas transformações implicavam a necessidade de navegar por uma cidade fragmentada, onde cada freguesia poderia representar um microcosmo distinto de oportunidades, riscos e demandas de cuidado.

Destaca-se que, ao longo da primeira metade do século XIX, consolidaram-se no Brasil práticas políticas e médicas que visavam organizar minimamente a saúde pública. A criação da Provedoria de Saúde³⁴, em 1809, e o fortalecimento da educação cirúrgica no período marcam esse movimento, que buscava, ainda que de forma incipiente, estabelecer medidas como quarentenas para navios, controle de alimentos e mercados, além de ações de saneamento urbano. Já em 1829, surge a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro – posteriormente Academia Imperial de Medicina –, cuja atuação foi central na criação de uma legislação municipal e na contribuição para a formulação de códigos de posturas que incorporavam preocupações sanitárias³⁵. Apesar dessas iniciativas, a precariedade dos serviços de saúde era evidente e se agravou com a epidemia de febre amarela que atingiu o Rio de Janeiro em 1849. Como resposta, foi criada, em 1850, a Junta de Higiene Pública, responsável por centralizar e coordenar os serviços sanitários do Império³⁶.

O panorama da saúde nesse período, portanto, foi moldado por sua rápida urbanização e pelas acentuadas desigualdades sociais. Além disso, o período oitocentista foi marcado por epidemias recorrentes, especialmente cólera, febre amarela e varíola³⁷. Até meados do século XIX, a teoria miasmática predominava como explicação para os problemas de saúde, postulando que as doenças se originavam de impurezas atmosféricas. Dessa forma, as respostas do corpo médico constantemente se voltavam para a ordem social vigente, priorizando a limpeza dos espaços como a drenagem de pântanos e a remoção física de lixo e águas

³³ Para uma discussão aprofundada sobre o processo de urbanização nas cidades brasileiras e como ele esteve historicamente associado à produção de desigualdades, ver: MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. *São Paulo em perspectiva*, v. 14, n. 4, pp. 21-33, 2000.

³⁴ BRASIL. Decreto de 28 de julho de 1809. *Cria o lugar de Provedor Mór da Saúde*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Atos/dim/1809/DIM-28-7-1809-1.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

³⁵ FREITAS, Ricardo Cabral de; EDLER, Flávio Coelho. A "realidade do saber e da habilidade que se inculca": clima, médicos e saúde pública no Brasil, 1808-1835. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 9, pp. 3409-3417, 2022.

³⁶ CAMPOS, Carlos Eduardo Aguilera. As origens da rede de serviços de atenção básica no Brasil: o Sistema Distrital de Administração Sanitária. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 881, jul.-set. 2007.

³⁷ PIMENTA, Tânia Salgado; BARBOSA, Keith; KODAMA, Kaori. A província do Rio de Janeiro em tempos de epidemia. *Dimensões*, v. 34, pp. 145-183, 2015.

residuais³⁸. Nesse cenário, marcado por limitações institucionais e insuficiência profissional, enfermeiros e enfermeiras emergem como uma força de trabalho fundamental, muitas vezes representando a única possibilidade de cuidado disponível para amplos setores da população.

Além disso, as políticas de saneamento público também envolveram a concessão de serviços a empresas privadas, muitas vezes estrangeiras. Esses serviços eram orientados pelo lucro e estruturados apenas em regiões ocupadas por consumidores com capacidade de pagamento adequada, excluindo grande parte da população. É possível visualizar essa seletividade e as suas consequências em publicações feitas por moradores das regiões preteridas como na publicação intitulada “Visita das Priminhas”, no *Periódico dos Pobres*, do dia 9 de dezembro de 1851, que em determinado trecho reclamava da falta de água:

- E que me diz da falta d’água que vai havendo no chafariz de Santa Rita, não sei por que há ali tamina [sic], havendo agora abundância pelas esquinas.
- Ora, não sabe, é porque o desmazelo impera muito nos encarregados de viajarem os depósitos, no entanto, sofram aqueles moradores essa falta.
- Se eu ali morasse, priminha, fazia um pedido ao digno inspetor das Obras Públicas; e, também, lembre-ló que o encanamento vai andando pela rua do Sacramento sem botarem em qualquer das esquinas uma bica.³⁹

No diálogo entre as personagens, nota-se a insatisfação diante da escassez de água no chafariz de Santa Rita, enquanto outras regiões dispunham do recurso em abundância. A crítica se volta aos responsáveis pelo fornecimento, apontados como negligentes, e levanta a hipótese de que a população prejudicada deveria recorrer formalmente às autoridades, como o inspetor das Obras Públicas, para que medidas fossem tomadas. Esse tipo de discurso revela não apenas a fragilidade da gestão dos serviços públicos, mas também a seletividade na distribuição de recursos essenciais, que favorecia determinadas áreas da cidade em detrimento de outras. Em 29 de janeiro de 1852, as mesmas personagens tornam a discutir suas insatisfações, no seguinte diálogo:

- Deixe-se de graças, priminha; então, o que me conta?
- Principarei pelo descuido do fiscal do Sacramento, ou das Obras Públicas, que mandaram parar com o calçamento da rua do Cano, a chegar à rua da Vala, a lama já exala miasmas que os moradores chegam a fechar suas janelas e portas.
- Aquela rua, priminha, está excomungada, ora valas abertas, ora lama, enfim, parece que os pântanos do aterrado fizeram para ali o seu domicílio. Forte miséria, principiam os calçamentos, fazem suas fosquinhas, retiram-se, e agora voltam.
- E que me diz do imenso buraco da rua do Ouvidor, de frente a Botica do Sr. Blanc, todos os dias ali há desastre; em outro tempo, foi mandado tapar pelo Sr. Fiscal, porém hoje nem caso. Veja o que custa botar ali umas pedras, enfim, cada um faz o que quer.⁴⁰

³⁸ Luiz Otávio Ferreira analisa como, nas primeiras décadas do século XIX, os periódicos médicos desempenharam um papel central na construção de uma agenda sanitária para o Brasil. VER: FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, v. 6, n. 2, n.p., out. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fkBC7bsDrmnWBQjVqYQPBVK/?lang=pt>. Acesso em: 2 abr. 2025.

³⁹ VISITA das priminhas. *Periódico dos pobres*, ed. 140, p. 3, 9 dez. 1851.

⁴⁰ Id, ed. 10, p. 1, 29 jan. 1852.

O texto denuncia o abandono e a lentidão das obras públicas, como o calçamento de ruas – situação que volta a ser comentada no dia 28 de fevereiro de 1852⁴¹ –, apontando que a negligência resultava em condições insalubres, com lama e miasmas que obrigavam os moradores a se recolherem em suas casas. Além disso, a menção ao buraco em frente à Botica do Sr. Blanc, na movimentada rua do Ouvidor, reforça a ideia de que até as áreas mais centrais e comerciais sofriam com o descaso das autoridades. Em outro momento, é lido um catálogo de pedidos que em certo trecho enuncia o seguinte:

- Ao Sr. Fiscal do Sacramento que olhe com os olhos de compaixão para o Becco da Moeda e do Piolho, e veja o estado imundo desses lugares.
- Ao fiscal de Sant'Anna que passeie pela rua do Príncipe, para sentir o agradável cheiro que sofrem os moradores dessa rua, e pela rua das Flores para dar um passeio sobre a grande lagoa verde que ali existe.⁴²

Novamente, é ressaltado o estado de abandono e sujeira das vias públicas. Essa publicação oferece um retrato vívido do cotidiano das freguesias menos favorecidas, servindo como testemunho da precariedade ambiental que marcava a experiência urbana de boa parte da população. Tais trechos reforçam o argumento de que as políticas de urbanização e saneamento foram seletivas.

A mercantilização da água, a natureza lucrativa das empresas privadas de saneamento e a culpabilização dos pobres pelas condições insalubres revelam que a saúde era uma ferramenta para o conforto e controle da elite, e não para uma prestação de serviços equitativa. Os jornais nesse momento eram mais do que meros veículos de notícias; eles participavam ativamente na formação da opinião pública, na disseminação de novas normas sociais e no apontamento do cotidiano de uma sociedade em expansão, mas profundamente estratificada. Além disso, os anúncios neles contidos oferecem uma janela para que se perceba as dinâmicas sociais e econômicas, incluindo a demanda e a oferta de cuidados, como os prestados por enfermeiros e enfermeiras.

A investigação dos anúncios de oferta e demanda por serviços de enfermagem nos periódicos *Jornal do Commercio* e *Diario do Rio de Janeiro* entre as décadas de 1820 e 1870 revelou padrões espaciais intrincados, apresentando a dinâmica urbana, econômica e social do Rio de Janeiro no século XIX. As freguesias centrais – Sacramento, Santa Rita, São José e Candelária – emergem como núcleos predominantes tanto para a oferta quanto para a procura de enfermeiros e enfermeiras, consolidando-se como polos de circulação de trabalhadores, mercadorias e serviços de saúde. Considera-se que essa concentração está ligada ao processo de urbanização e à estratificação socioespacial. Os dados cartográficos, aliados à análise

⁴¹ Id, ed. 22, p. 1, 28 fev. 1852.

⁴² Id, ed. 23, p. 3, 3 mar. 1853.

comparativa entre gêneros e periódicos, evidenciam não apenas a centralidade geográfica do cuidado, mas também as assimetrias de acesso e visibilidade que moldaram o mercado de trabalho da enfermagem no período. Este tópico busca aprofundar a compreensão das complexas interações entre urbanização e saúde no Rio de Janeiro do século XIX. O estudo se baseia em um exame do cenário urbano e das condições de saúde daquele período, utilizando como base os dados apresentados nos itens anteriores, isto é, os endereços presentes em anúncios de enfermeiros e enfermeiras dos periódicos *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio de Janeiro*.

Como visto, as tabelas de oferta de "enfermeiro" e "enfermeira" (Tabelas 33, 34, 35 e 36) no *Jornal do Commercio* e *Diario do Rio de Janeiro* demonstram uma clara concentração nas freguesias centrais, que já eram polos de atração de trabalhadores livres, manufaturas e serviços diversos. Elas também se destacavam como locais de maior circulação para aqueles que anunciam sua mão de obra no cuidado. A presença de casas de saúde e drogarias nessas freguesias, como a Casa de Saúde Bom Jesus do Calvário na Rua São Pedro, a Drogaria Imperial na Rua São Pedro, ou a Casa de Saúde na Rua D'Ajuda, reforça a ideia de que esses eram centros com atividades também relacionadas à saúde e, portanto, de demanda por cuidadores. Além desses casos citados anteriormente, foi possível constatar que, nos anúncios de oferta do *Jornal do Commercio* com a palavra-chave “enfermeiro”, 42 informavam que o endereço pertencia a uma loja, 3 a armazém, 7 a farmácia, 6 a drogaria, 11 a escritórios e 4 dizia ser uma “venda”. Ao todo, portanto, são 73 estabelecimentos localizados de forma direta nessas publicações. Essas descrições também surgem a partir do termo “enfermeira”, no mesmo jornal, com 5 lojas. Todavia, ainda existiam aqueles que não deixavam isso visível em seus anúncios, mas que buscadas no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, pôde ser encontrado como negócio e não moradia.

Devido ao elevado número de endereços, não foi possível localizar todos aqueles que se tratavam de estabelecimentos de comércio e serviços, portanto, para obter uma amostra, optou-se por identificar as construções que pertenciam às ruas com maior quantidade de ocorrências, sendo elas: São Pedro, d'Ajuda, Beneditinos e Quitanda, mencionadas 106, 72, 67 e 62 vezes, respectivamente, incluindo repetições. A imagem abaixo (Figura 2) demonstra como isso foi feito na rua de São Pedro, para uma melhor visualização do processo.

Figura 2 - Localização aproximada de casas e estabelecimentos citados em anúncios de enfermeiros e enfermeiras na Rua de São Pedro



Fonte: Imagem retirada do Imagine Rio e editada por mim

A imagem foi gerada a partir de uma captura feita através do site Imagine Rio. Nela é possível localizar todos aqueles endereços mencionados tanto no *Jornal do Commercio* quanto no *Diario do Rio de Janeiro*, a partir das palavras-chave “enfermeiro” e “enfermeira”. Por meio da figura, são identificadas duas freguesias, Sacramento, à esquerda da rua da Quitanda, e Candelária, à direita. A contagem da numeração, de acordo com o mapa presente no *Cartograma do Cholera-Morbus*, é dada da direita para a esquerda, sendo o menor número de nossa lista, o 2, e o maior, o 339. Em vermelho, pode-se perceber as publicações de oferta do *Jornal do Commercio*, enquanto em azul são identificam as demandas. De amarelo, em menor valor, os logradouros ofertados no *Diario do Rio de Janeiro*. É importante destacar que durante a análise dessa rua, foram encontradas 43 numerações diferentes, dessas, 9 se declaravam como espaço de negócio. Se tratando das ofertas, têm-se 24 numerações, e 6 delas dizendo ser algum tipo de comércio. Além dessas, outras 5 foram encontradas no *Almanak*, totalizando 11 pontos de negociação, isto é, 45% dos logradouros anunciados não se tratava de moradia. Cabe apontar que dos ofertantes dessa rua, 14 desejavam atuar em fazendas da região, sendo que 9 dessas publicações deixavam como contato um comércio. Ressalta-se, também, que nessa mesma alameda, 7 anunciavam a venda de escravizadas e escravizados.

A rua d’Ajuda, que se encontrava na freguesia de São José, conta com 72 ocorrências, incluindo as repetições, todavia, a maioria se concentra nos anúncios de demanda. Ao todo, foi contabilizado 13 numerações diferentes no decorrer da via, sendo 10 que surgiram nas publicações de ofertantes. Desses, foi possível localizar unicamente a fábrica de charutos que se localizava no número 48⁴³. Outra que ganha destaque no estudo, é a rua dos Beneditinos, que fazia parte de Santa Rita. Dos 67 eventos identificados, existiam 14 números diferentes, apenas

⁴³ Que foi localizada na edição de número 108, de 1840, no *Jornal do Commercio*, data próxima do anúncio feito em 12 de fevereiro de 1840. Ver: JORNAL DO COMMERCI. Rio de Janeiro, ed. 108, p. 4, 25 abr. 1840.

2 desses eram ofertas, e um deles se tratava da venda de um escravizado e tinha como endereço um armazém⁴⁴. A rua da Quitanda apresentava uma característica interessante, uma vez que trespassava pelas freguesias de São José, Candelária e Santa Rita. Ainda que, mais uma vez, sua presença seja maior percebida na busca por enfermeiros, há 17 casos de oferta, do total de 62 ocorrências. A partir da análise dos anúncios e publicações no *Jornal do Commercio* e no *Almanak*, foi possível constatar outros 8 pontos de negócios, dentre eles: farmácias, uma relojoaria e hotéis⁴⁵. Tais localidades se encontravam na região central da corte, e faziam parte das freguesias com maior número de ocorrências, como visto nas tabelas anteriores. Esse cruzamento de dados foi realizado pensando na hipótese de que, embora essas regiões tenham uma maior quantidade de anúncios e, uma vez que há de se considerar que não eram homogêneas – sobretudo em relação a classe –, não necessariamente esses enfermeiros e enfermeiras habitavam esses locais. Ou, ainda que lá morassem, poderiam optar por anunciar em comércios e não em suas casas, evitando complicações relacionadas a fiscalizações; ou mesmo por residirem em hospedagens que eram malvistas.

Por outro lado, freguesias como Glória, São Cristóvão, Lagoa, Espírito Santo e Engenho Velho apresentavam um número reduzido ou nulo de anúncios de oferta. A bibliografia sobre a evolução urbana do Rio de Janeiro indica que essas regiões eram preferencialmente ocupadas por parcelas da população de maior renda – sobretudo as áreas ao sul da corte – e, portanto, contavam com menor contingente de trabalhadores não especializados. De acordo com Bruno Carvalho, a Cidade Nova – que contava com as regiões de Santana, Espírito Santo e Engenho Velho – chegou a presenciar um momento de crescimento em sua população nobre, todavia, a partir de meados do século XIX – período em que surgem os casos de febre amarela –, esses indivíduos optaram pelas regiões mais arejadas e longe das áreas pantanosas que rodeavam a Cidade Nova. O autor destaca ainda que essa parte da corte era habitada por sujeitos indesejáveis, como escravizados, estrangeiros recém-chegados e povos Romani⁴⁶. Isso aponta para um processo de segregação socioespacial e estratificação econômica que se desenhava na formação urbana da cidade já no período oitocentista. Entre os anúncios analisados, destaca-se o do dia 28 de dezembro de 1868, no qual se lê “Um moço, empregado, deve ir para alguma fazenda de serra acima como enfermeiro, escriturário ou outro qualquer emprego decente; quem

⁴⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 3, p. 4, 3 jan. 1857.

⁴⁵ Esse mapeamento foi feito cruzando os dados dos anúncios e a busca pelos logradouros tanto no *Jornal do Commercio* quanto no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*. Optou-se, para uma análise mais precisa, por pesquisar de acordo com a década do anúncio analisado, na tentativa de encontrar pontos de comércio nessas localidades.

⁴⁶ CARVALHO, Bruno. *Cidade porosa: dois séculos de História Cultural do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

precisar, pode se dirigir à rua do Catete n. 75, loja”. Ao que parece, a publicação busca inferir que o anunciante é uma pessoa de conduta respeitável, disposto a exercer diversas atividades. Talvez seja o espaço em que está empregado ou talvez seja um ponto de encontro. O que chama atenção, no entanto, é que tal endereço é um dos poucos inseridos em publicações de oferta que se localizava na freguesia da Glória e se tratava, justamente, de uma loja. Além disso, dos 7 ofertantes nessa região, apenas 2 não mencionavam o desejo de atuar em fazendas, o que destaca a forte vinculação entre os trabalhadores e a procura por empregos no interior.

Se tratando da demanda (Tabelas 37, 38, 39 e 40), a análise revela que, embora as freguesias centrais continuassem a ser os principais polos de contratação, havia um descompasso entre onde os cuidadores se anunciam e onde efetivamente se buscava o serviço. Essa diferença pode ser explicada pelo fato de Candelária e Santa Rita serem freguesias mais antigas, com sedes administrativas, mercados e redes comerciais, funcionando como pontos de encontro entre contratantes e trabalhadores, inclusive para serviços a serem realizados em regiões rurais ou outras cidades. Como explicitado em anúncios como o do dia 5 de março de 1854, que dizia

PRECISA-SE, para uma fazenda em Cantagalo, de um homem de boa conduta e sem família, o qual tenha prática de enfermeiro, e que saiba bem sangrar e aplicar ventosas, a quem se dará, além do ordenado que se tratar, cama, mesa e roupa lavada; trata-se na rua da Candelária n. 36.⁴⁷

Cabe destacar que, independentemente da região, essa era uma característica comum no cotidiano dos trabalhadores de enfermagem no decorrer do período oitocentista. Tanto em publicações de oferta quanto de demanda. Era um espaço que exigia serviços constantes, sobretudo, no corpo escravizado, e geralmente contava com moradia, além do salário pago.

Além disso, há um total de 33 de anúncios de “enfermeiros” no *Jornal do Commercio* que declaradamente eram pontos de comércio ou de oferta de serviços, ademais, foi possível identificar 7 desses espaços para “enfermeiras”. No caso do *Diario do Rio de Janeiro*, foram localizados apenas 2 que diziam ser lugares de negociação. Diante dessa constatação, tornou-se necessário repetir o procedimento adotado no caso dos ofertantes, assim a partir das vias com maior número de ocorrências, iniciou-se uma busca detalhada, número a número, com o objetivo de identificar se os endereços mencionados correspondiam a moradas ou estabelecimentos comerciais. Na rua de São Pedro que, como dito, cortava toda a extensão entre Sacramento e Candelária, foram encontrados 62 anúncios, com suas repetições, sendo 17 com

⁴⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 64, p. 4, 5 mar. 1854.

numerações diferentes. Desses, um dizia ser drogaria⁴⁸, outro escritório⁴⁹, uma loja⁵⁰ e a Casa de Saúde do Senhor Bom Jesus do Calvário⁵¹, que se repete por 25 vezes – entre buscas por “enfermeiro” e “enfermeira” – no decorrer do período estudado. Ao pesquisar os logradouros no *Almanak* e no *Jornal do Commercio*, foram identificados outros 8 estabelecimentos mercantis, dentre eles, 4 negócios de importação e exportação⁵², 1 armazém de café⁵³ e duas casas de comissão⁵⁴. Além disso, identificou-se um escritório no número 44⁵⁵, presente em um anúncio que procurava um enfermeiro para atuar na “rua Humayta n. 17, próximo ao Largo dos Leões”, cabe destacar que essa residência se situava na freguesia da Lagoa, região nobre da corte⁵⁶. Na busca pelas mulheres, encontrou-se ainda um armazém de molhados⁵⁷. Ao todo, portanto, existiam 13 estabelecimentos nessa via, cerca de 76% do total.

A rua da Quitanda, por sua vez, possuía 28 numerações diferentes quando se fala de anúncios de demanda por enfermeiros e enfermeiras. Desses edifícios, 4 eram tidos explicitamente como farmácias ou drogarias. Quando se trata das buscas no *Almanak* e no *Jornal do Commercio*, o número de pontos comerciais encontrados foram 10, totalizando, portanto, 14 no decorrer da via⁵⁸. Na rua da Ajuda, o estabelecimento de maior destaque, como citado anteriormente, é o edifício de número 68, a Casa de Saúde Nossa Senhora d’Ajuda, que se repete em 57 publicações espaçadas de enfermeiros e enfermeiras. Além dele, há também uma modista no número 48⁵⁹ e uma loja, no 74⁶⁰. No que toca a dos Beneditinos, foram localizadas 10 numerações diferentes no decorrer da alameda, todavia, apenas um informava ser um escritório⁶¹.

⁴⁸ Surge a primeira vez no dia 8 de junho de 1874. VER: JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 157, p. 3, 1874.

⁴⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 309, p. 6, 6 nov. 1872.

⁵⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 63, p. 3, 3 mar. 1852.

⁵¹ Sua primeira presença data do dia 29 de junho de 1869. VER: JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 179, p. 4, 29 jun. 1869.

⁵² Os edifícios de número 63, 84, 136 e 76. VER: ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 9, p. 427, 1852; Id., ed. 31, p. 665, 1874; Id., ed. 29, p. 573, 1872; Id., ed. 30, p. 588, 1873.

⁵³ Id., ed. 32, p. 783, 1875.

⁵⁴ Os logradouros de número 67 e 69. VER: Id., ed. 28, p. 520, 1871; Id., ed. 35, p. 757, 1878.

⁵⁵ Id., 33, p. 714, 1876.

⁵⁶ Destaca-se ainda que era nessa região que se localizava o Hospício de Pedro II, uma instituição construída na base da científicidade e que deveria estar localizada em região salubre pelo bem-estar dos enfermos.

⁵⁷ Id., ed. 5, p. 399, 1848.

⁵⁸ Há 3 lojas, que são listadas nos números 101, 88 e 192; um alfaiate, no número 190; uma casa de negócios, no 187; uma fábrica, no número 195A; um comércio não especificado, no 109; um armazém, localizado no 129; e, por fim, uma farmácia, no edifício 99.

⁵⁹ ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 29, p. 781, 1872.

⁶⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 99, p. 6, 10-11 abr. 1871.

⁶¹ Um anúncio que buscava um médico ou enfermeiro e publicado no dia 11 de abril de 1863. VER: JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 99, p. 4, 11 abr. 1863.

Em contrapartida, a região nobre da corte, sobretudo as freguesias da Glória e Lagoa, não apresentavam essa mesma característica. Na busca por estabelecimentos nessas áreas, foram encontrados 8. Desses, dois na rua do Catete: uma casa de secos e molhados e uma de pasto⁶²; na do Marquez de Olinda, a instituição hidroterápica do Dr. Eiras que, inclusive, no dia 11 de julho de 1877, buscava por uma francesa para atuar como enfermeira⁶³, além desta, nas ruas Praia de Botafogo e na Pedreira da Candelária, ainda se anunciam duas casas de saúde, a Imperial, no número 26, que buscava um enfermeiro que falasse francês ou alemão, e a de São Sebastião, no 104, respectivamente⁶⁴; na rua de Botafogo, por sua vez, havia um colégio⁶⁵. Além disso, identificou-se também, por exemplo, a residência da Marquesa de Inhambupe, dama honorária da casa imperial⁶⁶, algo que não foi observado quando dos endereços investigados dos ofertantes nessas freguesias. Como é possível notar, os pontos encontrados, por seu perfil nobre, se diferem daqueles vistos anteriormente, o número de lojas é menor, quanto sobre a quantidade de casas de saúde e de exigência.

De fato, a região portuária, em particular, com sua densidade populacional, perfil popular e imigrante, e o intenso tráfego mercantil, gerava exigências sanitárias singulares e uma alta demanda por serviços de enfermagem. Para as enfermeiras, São José se destacou como a freguesia com maior demanda no *Jornal do Commercio*, especialmente nas décadas de 1860 e 1870, indicando uma intensificação da contratação de mulheres para o cuidado nessa localidade. Isso se dava, sobretudo, pela Casa de Saúde Nossa Senhora da Ajuda. A procura contínua por enfermeiras em casas de saúde nessas regiões, reforça a importância desses estabelecimentos como empregadores de cuidadores. Além disso, a quase ausência de demanda em freguesias periféricas reforça a ideia de que, para os cuidadores, o jornal funcionava como meio de penetração nos circuitos urbanos de maior movimento e densidade. Por fim, ainda que os logradouros que puderam ser aprofundados neste estudo sejam poucos, considera-se que foram de grande importância para revelar as nuances que estavam por trás dos endereços anunciados e dos valores obtidos por freguesia. É provável que outros pontos de comércio ocupassem os anúncios publicados, funcionando, assim, como pontos estratégicos de visibilidade para quem buscava trabalho. Essa presença reforça a ideia de que, em um contexto de informalidade e

⁶² A de número 108 e a 60. VER: ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 32, p. 819, 1875; JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ed. 48, p. 6, 17 fev. 1878.

⁶³ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro. ed. 191, p. 1, 11 jul. 1877.

⁶⁴ ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 20, p. 520, 1863; JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro. ed. 296, 23 out. 1878.

⁶⁵ ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ed. 19, p. 425, 1862.

⁶⁶ Idem, ed. 12, p. 66, 1855.

ausência de regulamentação para a atuação dos enfermeiros e enfermeiras, a cidade se organizava por meio de redes informais que articulavam trabalho, circulação e espaço urbano.

A interpretação dos dados espaciais presentes nos anúncios ilumina as relações entre urbanização, desigualdade e saúde na cidade. A concentração de anúncios nas freguesias centrais é caracterizada pela densidade populacional, atividade econômica e a presença de instituições de saúde, mas também as profundas desigualdades. As publicações nos jornais capturam um momento em que os trabalhadores da enfermagem, ainda em um momento de informalidade, buscavam se inserir nas tramas econômicas urbanas, oferecendo seus serviços de cuidado em um cenário de alta demanda por saúde e de grandes disparidades. A localização dessas publicações, ao indicar onde a oferta e a demanda se encontravam, permite traçar uma geografia social do cuidado que espelha as tensões e as estratégias de sobrevivência em uma cidade em constante transformação.

Os anúncios de enfermeiros e enfermeiras nos jornais, ao indicarem endereços de oferta e procura de serviços, oferecem um valioso mapa das necessidades de cuidado e da distribuição desses indivíduos. Olhar para esses endereços permite uma compreensão mais granular de como a urbanização e a desigualdade se manifestavam no cotidiano da saúde e do cuidado no Rio de Janeiro do século XIX, revelando as áreas onde a presença e a atuação desses cuidadores eram mais requisitadas, e, por extensão, as áreas de maior vulnerabilidade ou de maior capacidade de consumo de serviços de saúde. Portanto, compreender as dinâmicas espaciais da oferta e procura de enfermeiros e enfermeiras no Rio de Janeiro oitocentista não apenas permite acessar aspectos do mercado de trabalho da saúde, mas também coloca em evidência como as transformações urbanas, orientadas por interesses de classe, moldaram as trajetórias desses trabalhadores. A atuação desses sujeitos estava profundamente condicionada não só pelas necessidades sanitárias, mas também pela lógica de uma cidade marcada pela estratificação, pela mobilidade restrita e pela seletividade dos espaços.

Conclusão

A presente dissertação se propôs a desvendar a história multifacetada da enfermagem no Rio de Janeiro oitocentista, um campo ainda pouco explorado pela historiografia brasileira, especialmente em seu período pré-formalização. Ao mergulhar nos anúncios de jornais como o *Jornal do Commercio* e o *Diário do Rio de Janeiro* entre 1821 e 1879, buscou-se não apenas mapear as dinâmicas de oferta e demanda por serviços de cuidado, mas, fundamentalmente, dar visibilidade a enfermeiros e enfermeiras cuja atuação era crucial, embora muitas vezes relegada às margens do reconhecimento social e científico. Este estudo apontou que, no cerne da complexa urbanização do Rio de Janeiro, marcada por profundas desigualdades e recorrentes crises sanitárias, a figura desses cuidadores se revelava um elo entre as necessidades prementes da população e as transformações da urbe imperial.

A urbanização acelerada do Rio de Janeiro no século XIX foi um processo que, longe de ser homogêneo e benéfico para todos, forjou uma cidade de acentuados contrastes. A expansão da malha urbana, impulsionada por ideais de civilização e modernização, foi, também, um vetor de segregação socioespacial. As reformas urbanísticas e sanitárias, como as que antecederam as de Pereira Passos e se intensificaram ao longo do período, embora apresentadas como instrumentos de bem-estar coletivo, serviram, primordialmente, aos interesses das elites. A abertura de novas ruas, o desmonte de morros e o saneamento focaram nas áreas centrais e nos arrabaldes nobres, enquanto as camadas populares eram empurradas para moradias precárias. Nesse cenário, o ato de cuidar, seja em residências abastadas, seja nos casebres tido como insalubres, era diretamente influenciado por essa geografia da desigualdade. Enfermeiros e enfermeiras, nesse contexto, eram compelidos a navegar por uma cidade fragmentada, onde cada freguesia representava um microcosmo distinto de oportunidades, riscos e demandas de cuidado. A própria precariedade de suas origens, muitas vezes advindas das camadas mais pobres e, em alguns casos, da condição de escravizados, os tornava partícipes e testemunhas das mazelas urbanas que eles próprios buscavam mitigar com seu trabalho.

Longe de possuírem formação regulamentada, licenças oficiais ou uma definição clara de suas atribuições, suas habilidades eram adquiridas na prática, por meio da experiência, de tradições familiares ou do convívio em espaços de cuidado como hospitais e fazendas. Todavia, isso não implicava na ineeficácia, ao contrário, a versatilidade de suas funções – que podiam ir do cuidado direto a tarefas domésticas, administrativas, e até mesmo a procedimentos de sangria e extração dental – evidenciava a adaptabilidade e a multifuncionalidade exigidas por um mercado de trabalho que valorizava a polivalência. Essa fluidez das fronteiras entre o cuidado e outras atividades, embora garantisse a subsistência de muitos, contribuía para a desvalorização

da enfermagem como um saber específico e legitimado, mantendo-a à margem do reconhecimento social e acadêmico. A baixa remuneração, frequentemente equiparada à de trabalhadores domésticos e muito aquém da dos médicos, reforçava essa subalternidade.

Ao mesmo tempo, muitos desses trabalhadores pertenciam a núcleos domésticos que combinavam diferentes formas de subsistência e ocupações, como salienta Marcel van der Linden, o que torna essencial a análise das conexões entre formas de trabalho e a posição social de seus praticantes. A enfermagem, nesse contexto, era uma prática atravessada por relações de gênero, classe, raça e vínculos não exclusivamente econômicos, operando num contínuo entre formas compulsórias, autônomas e assalariadas. A pluralidade de situações laborais demonstra que suas posições de classe eram híbridas e mutáveis, tanto no tempo quanto no espaço urbano. Para Linden, essa heterogeneidade é constitutiva da experiência subalterna no capitalismo global, sendo fundamental não apenas reconhecer as múltiplas formas de inserção laboral desses indivíduos, mas também analisá-los em sua inserção do cotidiano, como na vizinhança e os laços de solidariedade⁶⁷. Ao fazê-lo, é possível entender a enfermagem não apenas como uma profissão que estava em construção, mas como prática social que sustentava o tecido urbano da saúde em um contexto marcado pela desigualdade estrutural.

Cabe destacar que essa multiplicidade de vínculos e formas de ocupação ajuda também a explicar a forma como esses trabalhadores se posicionavam no espaço urbano, nem sempre com um local fixo para exercer suas atividades, mas se deslocando conforme a necessidade de seus contratantes. Ao contrário dos médicos e parteiras, os endereços de ofertantes dos serviços de enfermagem serviam apenas como forma de contato, uma vez que a atividade era realizada em hospitais, enfermarias e casas particulares, bem como navios. Essa distinção é crucial: enquanto médicos e parteiras podiam ter consultórios ou residências fixas que funcionavam como base para seus atendimentos, enfermeiros e enfermeiras, em sua maioria, não possuíam um endereço de trabalho fixo e reconhecido. Isso sublinha a natureza itinerante e adaptável de sua prática, que se retirava para onde a demanda exigia, seja nas residências da elite, hospitais ou nas fazendas. A ausência de um local definido de atendimento reforçava a ausência de um *status* comparável ao de outras categorias da saúde.

A análise espacial dos anúncios por freguesias revelou uma geografia do cuidado que espelha as tensões e a estratificação da cidade. A concentração de oferta e demanda nas freguesias centrais como Sacramento, São José e Candelária, bem como em Santa Rita, reflete a efervescência econômica e demográfica dessas áreas. A presença de casas de saúde, drogarias

⁶⁷ LINDEN, Marcel van der. Rumo a uma nova conceituação histórica da classe trabalhadora mundial. Tradução Alexandre Fortes. *História*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 31, 2005.

e um intenso tráfego comercial nesses locais criava um ambiente propício para a busca e a oferta de serviços. As freguesias mais afastadas ou nobres, como Glória e Lagoa, por sua vez, apresentavam menor número de anúncios, sugerindo a prevalência de redes de contratação mais fechadas e de menor visibilidade pública, evidenciando que o acesso ao cuidado, e as oportunidades para exercê-lo, eram profundamente moldados pela classe social e pela segregação espacial.

Além disso, a interseccionalidade de gênero, raça e classe emergiu como um fator determinante na experiência desses cuidadores. A predominância masculina nos anúncios de "enfermeiro" e a presença de homens em cargos de maior autonomia ou em espaços como fazendas e hospitais militares contrastam com a feminização do "cuidado doméstico" e a forte associação das "enfermeiras" a tarefas mais amplas do lar. A análise da presença de escravizados e libertos, bem como de indivíduos negros e pardos, revela que a enfermagem era uma ocupação também das populações marginalizadas, servindo como uma estratégia de subsistência, e, por vezes, uma forma de negociação por melhores condições de vida. Contudo, essa inserção estava marcada por estigmas e desvalorização, refletindo a hierarquia racial e social da época.

A história da enfermagem no século XIX, portanto, é a história de um trabalho essencial que se desenvolveu na informalidade, à margem das instituições e do reconhecimento, mas que foi o alicerce para a futura constituição de uma profissão formal. A criação da Escola Alfredo Pinto em 1890, pelo Decreto Federal nº 791, surge como um divisor de águas, assinalando o início da formalização da enfermagem no Brasil. Essa iniciativa, em um contexto sanitário que visava controlar e qualificar a mão de obra da saúde, representou um passo fundamental para o reconhecimento da enfermagem como uma atividade distinta. Todavia, a própria exigência de alfabetização para ingresso na Escola, em um país com altos índices de analfabetismo, especialmente entre a população negra e liberta, funcionava como uma barreira de acesso, que, na prática, restringiria a profissionalização a um determinado grupo social. Essa dinâmica de tentativa de controle não foi exclusiva da enfermagem. No caso das parteiras, por exemplo, que por muitos anos atuaram sem licenças ou formalização, houve uma tentativa similar de regulamentação com a criação de um curso de partos. A partir de então, a licença para atuar seria concedida apenas às que tivessem a formação oficial. Ainda que na prática o controle não fosse total, essa medida demonstra o esforço em formalizar o ofício e, ao mesmo tempo, restringir quem poderia exercê-lo, refletindo a mesma lógica de hierarquização social.

De modo geral, o Rio de Janeiro não se construiu como um espaço de igualdade. O estudo dos anúncios de cuidado, nesse sentido, é um convite à compreensão de uma história que, longe de ser linear, revela as complexidades e as permanências de um passado que ainda

ressoa na estrutura da cidade contemporânea. A análise dessas publicações permitiu ir além da contagem, buscando as experiências dos enfermeiros e enfermeiras, revelando como suas vidas e práticas eram intrinsecamente moldadas e moldavam a cidade em que viviam. Todavia, devido à complexidade da temática e ao tempo limite que se dispõe no mestrado, não é possível realizar aprofundamentos que seriam importantes para um melhor entendimento da história desses trabalhadores, como uma análise mais detalhada de suas redes de sociabilidade, de suas remunerações específicas em cada tipo de ambiente, ou de seus conhecimentos práticos e empíricos em maior profundidade. A escassez de fontes diretas, por vezes, impõe limites a uma reconstrução mais completa dessas trajetórias. Ainda assim, considera-se que essa pesquisa, ao lançar luz sobre um período e um grupo de sujeitos tão cruciais e, ao mesmo tempo, tão negligenciados pela historiografia, é um grande passo dado nesse caminho e que poderá auxiliar futuros estudos sobre o tema, inspirando novas investigações sobre o cotidiano e a contribuição desses agentes essenciais para a saúde e a sociedade brasileira oitocentista.

Fontes

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1844-1879.

ASSIS, Machado. “Cousas Intimas”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 13 jul. 1884.

ASSIS, Machado de. *Pai contra mãe*. Best Books Brazil, 2011.

BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BIBLIOTECA. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BRASIL. Decreto de 28 de julho de 1809. *Cria o lugar de Provedor Mór da Saúde*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCiVil_03/Atos/dim/1809/DIM-28-7-1809-1.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

BRASIL, Lei de 3 de outubro de 1832. *Dá nova organização às atuais Academias médica-cirúrgicas das cidades do Rio de Janeiro, e Bahia*. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html#:~:text=Dá%20nova%20organização%20ás%20actuaes,Rio%20de%20Janeiro%2C%20e%20Bahia.&text=Art.,Escolas%2C%20ou%20Faculdades%20de%20Medicina. Acesso em: 15 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834. *Faz algumas alterações e adições à Constituição Política do Império, nos termos da Lei de 12 de outubro de 1832*. Coleção de Leis do Império do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-16-12-agosto-1834-532609-publicacaooriginal-14881-pl.html>. Acesso em: 20 fev. 2025.

BRASIL, Decreto n. 828, de 29 de setembro de 1851. *Manda executar o regulamento da Junta de Higiene Pública*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-828-29-setembro-1851-549825-publicacaooriginal-81781-pe.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL, Decreto n. 8387, de 19 de janeiro de 1882. *Manda observar o Regulamento para o serviço da saúde pública*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-8387-19-janeiro-1882-544934-publicacaooriginal-56615-pe.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL, Decreto n. 9554, de 3 de fevereiro de 1886. *Reorganiza o serviço sanitário do império*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9554-3-fevereiro-1886-543197-publicacaooriginal-53270-pe.html>. Acesso em: 01 jul. 2024.18

BRASIL, Decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890. *Cria no Hospício Nacional de Alienados uma escola profissional de enfermeiros e enfermeiras*. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-791-27-setembro-1890-503459-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 01 jul. 2024

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1821-1878.

FREGUESIAS do Rio de Janeiro no século XIX RF Pereira. Acervo particular. *História do Rio para Todos*, 2025. Disponível em: <https://historiadorioparatodos.com.br/timeline/1824-estatisticas-da-cidade/1824-141r-freguesias/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

HEYMAN, David; METCALF, Alida; EL-DAHDAH, Farès. Mapa interativo. Disponível em: <https://imaginerio.org/pt/map>. Acesso em: 20 fev. 2025.

INSTITUTO SANITÁRIO FEDERAL (Brasil). *Cartograma do Cholera-Morbus (durante o anno de 1895) na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1896.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1828-1879.

MACHADODEASSIS.NET: Referências na ficção machadiana. Disponível em: <https://machadodeassis.net/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Cortiços - Rio de Janeiro - 1878. Campinas: CECULT/IFCH/UNICAMP. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/cecult/mapas/corticost/corticost.html>. Acesso em: 5 maio 2025.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, Marcia Esteves. What Difference Gender Makes: Obstetricians in Nineteenth-Century Brazil. *Histories*, v. 1, pp. 267-281, 2021. <https://doi.org/10.3390/histories1040022>
- AMORIM, Wellington; ARAUJO, Luciane de Almeida; MOREIRA, Almerinda; PORTO, Fernando. Anúncios para enfermeiros(as) no alvorecer da República (1889-1890). In: AMORIM, Wellington; PORTO, Fernando (Orgs.). *História da enfermagem: identidade, profissionalização e símbolos*. São Caetano do Sul: Yendis, pp. 21-53, 2010.
- ANDREATTA, Verena. *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no Século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- ARIZA, Marília Bueno de Araújo. Mães infames, rebentos venturosos: *Mulheres e crianças, trabalho e emancipação em São Paulo (século XIX)*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 376, 2017.
- ARMUS, Diego; HOCHMAN Gilberto. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004.
<https://doi.org/10.7476/9788575413111>
- BARBOSA, Janyne Paula Pereira Leite. *Uma guerra sangrenta, epidêmica e doente: espaços de cura e cotidiano médico na Guerra do Paraguai (1864-1870)* - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, p. 150, 2018.
- BARBOSA, Giselle Machado. *As madames do parto: parteiras através dos periódicos no Rio de Janeiro (1822-1889)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, p. 161, 2016.
- BARBOSA, Giselle Machado; PIMENTA, Tânia Salgado. O ofício de parteira no Rio de Janeiro imperial. *Revista de História Regional*, pp. 485-510, 2016.
<https://doi.org/10.5212/Rev.Hist.Reg.v.21i2.0008>
- BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. *Escravidão, saúde e doenças nas plantações cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense, Cantagalo (1815-1888)*. Tese (Doutorado em História das Ciências) - Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, p. 269, 2014.
- BARRETO, Maria Renilda Nery; PIMENTA, Tânia Salgado. A saúde dos escravos na Bahia oitocentista através do Hospital da Misericórdia. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 6, n. 2, jul.-dez., 2013.
- BRAGA, Douglas de Araújo Ramos. A institucionalização da medicina no Brasil Imperial: uma discussão historiográfica. *Temporalidades – Revista de História*, v. 10, n. 1, pp. 64-82, 2018.
- BRITES, Jurema; FONSECA, Claudia. Cuidados profesionales en el espacio doméstico: algunas reflexiones desde Brasil - dialogo entre Jurema Brites e Claudia Fonseca. *Íconos*, Quito, n. 50, pp. 163-174, 2014. <https://doi.org/10.17141/iconos.50.2014.1435>
- CAMPOS, Carlos Eduardo Aguilera. As origens da rede de serviços de atenção básica no Brasil: o Sistema Distrital de Administração Sanitária. *História, Ciências, Saúde -*

Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 881, jul.-set. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000300011>

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. *Revista de Enfermagem Referência*, v. 3 n. 6, p. 167-177, mar. 2012. <https://doi.org/10.12707/RIII12HM1>

CARVALHO, Bruno. *Cidade porosa: dois séculos de História Cultural do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. e. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHALHOUB, Sidney. "Posfácio". REGO, José Pereira. *História e descrição da febre amarela epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. São Paulo: Chão Editora, 2020

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

CHAMON, Carla Simone. *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1913)*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 338, 2005.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, pp. 253-270, dez. 2007.

DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

DELAMARQUE, Elizabete Vianna. *Casas de saúde na corte e em niterói: espaços de assistência, pesquisa e ensino (1820-1899)*. Teses (Doutorado em História das Ciências) - Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, p. 329, 2020.

DIAS, Elainne Cristina Jorge. As condições física e de saúde dos escravizados nos anúncios de jornais da Paraíba oitocentista (1850-1888). *Temporalidades - Revista Discente*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, pp. 98-112, ago.-dez. 2011.

DIAS, Elainne Cristina Jorge. Notas sobre as práticas terapêuticas e assistência médica da população escravizada na província da Parahyba do Norte (1850-1888). *Ponta de Lança*, v. 15, n. 29, pp. 117-134, 2021.

DINIZ, Gustavo Silva. *Entre enfermos e curandeiros: doenças e práticas de cura da população negra na Paraíba oitocentista (1870-1880)*. Trabalho de Conclusão (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal da Paraíba, p. 20, 2022.

DORNELAS CÂMARA, Bruno Augusto. Um ofício da escravidão: o trabalho dos feitores no Brasil oitocentista. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 14, p. 1-25, 2022. <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2022.e86798>

DOWBOR, Ladislau. *A formação do capitalismo dependente no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977. <https://doi.org/10.36447/Estudios1978.v4.art2>

EL-KAREH, Almir Chaiban. "Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX". In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

ESPÍRITO SANTO, Tiago Braga do.; OGUISO, Taka.; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, v. 19, n. 5, set.-out. 2011.

EUGÊNIO, Alisson. Reflexões médicas sobre as condições de saúde da população escrava no Brasil do século XIX. *Afro-Ásia*, v. 42, pp. 125-156, 2010.
<https://doi.org/10.9771/aa.v0i42.21211>

FERNANDES, Tania Maria. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 10, suplemento 2, pp. 461-474, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000500002>

FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, v. 6, n. 2, n.p, out. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fkBC7bsDrmnWBQjVqYQPBVK/?lang=pt>. Acesso em: 2 abr. 2025. <https://doi.org/10.1590/S0104-59701999000300006>

FERREIRA, Luiz Otávio. As guardiãs da saúde: representações e características socioculturais de enfermeiras domésticas do Rio de Janeiro, 1880-1910. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 12, pp. 1-17, 2020. <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2020.e75177>

FERREIRA, Heloisa Souza. *Ardis da sedução e estratégias de liberdade: escravos e senhores nos anúncios de jornais do Espírito Santo (1849-1888)*. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, p. 278, 2012.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. *Educar*, Curitiba, n. 25, pp. 59-73, 2005. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.366>

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; OGISO, Taka; ESPÍRITO SANTO, Tiago B. A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, v. 19, n. 5, set.-out., pp. 1-7, 2011.

FONSECA, Thiago Vinícius Mantuano da. A região portuária do Rio de Janeiro no século XIX: aspectos demográficos e sociais. *Almanack*, Guarulhos, n. 21, p. 177, abr. 2019. <https://doi.org/10.1590/2236-463320192105>

FREITAS, Ricardo Cabral de; EDLER, Flávio Coelho. A "realidade do saber e da habilidade que se inculca": clima, médicos e saúde pública no Brasil, 1808-1835. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 9, pp. 3409-3417, 2022. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022279.02662022>

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. ed. 2, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FRUTUOSO, Regis Augusto Maia; FERREIRA, Gláucia Regina Dantas. Sistema de Saúde da Marinha: rota de uma missão cumprida. *Arquivos Brasileiros de Medicina Naval*, Rio de Janeiro, v. 82, n. 1, pp. 62-68, jan.-dez. 2021. <https://doi.org/10.70293/2764-2860.2021.2690>

GANDELMAN, Luciana Mendes. A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. *História, Ciências, Saúde*, v. 8, n. 3, pp. 613-630, set.-dez. 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702001000400006>

GASTALDO, Denise Maria; MEYER, Dagmar Estermann. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 42, n. 1, 2, 3 e 4, pp. 7-13, jan.-dez. 1989. <https://doi.org/10.1590/S0034-71671989000100002>

GAZE, Isabella Paula. *Imigração e educação no Município da Corte (1850-1889)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 326, 2018.

GONÇALVES, Paulo Cesar. Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora Oitocentista. *Almanack*, Guarulhos, n. 17, pp. 307-361, dez. 2017. <https://doi.org/10.1590/2236-463320171710>

GRISARD, Nelson; VIEIRA, Edith Tolentino de Souza. Ana Néri, madrinha da enfermagem no Brasil. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 78, v. 2, pp. 145-147, 2008.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 12, n. 2, pp. 501-514, maio-ago. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000200017>

HENRIQUE, Márcio Couto. Os escravos da Misericórdia. *Amazônica: Revista de Antropologia da Universidade Federal do Pará*, v. 5, n. 2, pp. 386-410, 2013. <https://doi.org/10.18542/amazonica.v5i2.1499>

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. *Cuidado e Cuidadoras – As Várias Faces do Trabalho do Care*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2012.

HOCHMAN, Gilberto; PIMENTA, Tânia Salgado; FREITAS, Ricardo Cabral de. Da Independência ao Império: saúde e doença no Brasil do século XIX. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 9, pp. 3375–3377, 2022. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022279.08812022en>

IMBERT, Jean Baptiste Alban. *Manual do fazendeiro, ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros, generalizado ás necessidades médicas de todas as classes*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1839.

KODAMA, Kaori. Antiescravismo e epidemia: "O tráfico dos negros considerado como a causa da febre amarela", de Mathieu François Maxime Audouard, e o Rio de Janeiro de 1850. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 515-522, abr.-jun. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000200013>

KÜHN, Fábio; BRIZOLA, Jaqueline Hasan. Entre vacinas, doenças e resistências: os impactos de uma epidemia de varíola em Porto Alegre no século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, pp. 537-554, abr.-jun. 2019. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702019000200010>

LEAL, Sandra Maria Cezar; LOPES, Marta Júlia Marques. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 24, pp. 105-125, jan.-jun. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000100006>

LIMA, Silvio Cezar de Souza. Cruz Jobim e as doenças da classe pobre: o corpo escravo e a produção do conhecimento médico na primeira metade do século XIX. *Almanack*, Guarulhos, n. 22, pp. 250-278, ago. 2019. <https://doi.org/10.1590/2236-463320192207>

LIMA, Angela Bernadete. A imigração para o império do Brasil: um olhar sobre os discursos acerca dos imigrantes estrangeiros no século XIX. *Revista Acadêmica Licencia&acturas*, Ivoti, v. 5, n. 2, pp. 26-36, jul.-dez. 2017. <https://doi.org/10.55602/rlic.v5i2.155>

LIMA, Tania Andrade. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 3, pp. 129-191, jan.-dez. 1995. <https://doi.org/10.1590/S0101-47141995000100017>

LINDEN, Marcel van der. Rumo a uma nova conceituação histórica da classe trabalhadora mundial. Tradução Alexandre Fortes. *História*, São Paulo, v. 24, n. 2, pp. 11-40, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000200002>

LISBOA, Teresinha Covas. *História dos hospitais*. São Paulo: IPH, 2021.

MAGALHÃES, Monique Delgado de Faria. *Estereótipos de gênero na enfermagem brasileira: memória e perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, p. 83, 2021.

MARENDINO, Laiz Perrut. *O Diário do Rio de Janeiro e a imprensa brasileira no início do oitocentos (1808-1837)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 117, 2016.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. *São Paulo em perspectiva*, v. 14, n. 4, pp. 21-33, 2000. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000400004>

MARQUES, Eduardo Cesar. Da higiene à construção da cidade: o estado e o saneamento no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 2, n. 2, pp. 51-67, jul.-out. 1995. <https://doi.org/10.1590/S0104-59701995000300004>

MARQUES, Rita de Cassia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. O enfermeiro-mor nas Santas Casas da província de Minas Gerais: entre a administração e a assistência. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 9, pp. 3419-3428, 2022. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022279.04652022en>

MARTINS, Ana Paula Vosne. A mulher, o médico e as historiadoras: um ensaio historiográfico sobre a história das mulheres, da medicina e do gênero. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 27, n. 1, pp. 241-264, 2020. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702020000100014>

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. *Cadernos pagu*, n. 20, pp. 7-85, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332003000100002>

MEDEIROS, Helber Renato Feydit. *Parteiras e médicos: a disputa por espaços na arte de partejar e a formação de obstetras na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Estudos de Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 395, 2015.

MENDES, Valdeci Silva; COSTA, Cândida Soares da. Branquitude e branquidade na enfermagem brasileira: racismo sistêmico e perverso a serviço de privilégios às mulheres brancas. *CONEDU - VI Congresso Nacional de Educação*, Fortaleza, np., 2019.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, pp. 1-11, 2019.
<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n148913>

MOREIRA, Almerinda; PORTO, Fernando; OGUNSSO, Taka. Registros noticiosos sobre a escola profissional de enfermeiros e enfermeiras na revista "O Brazil-Médico", 1890-1922. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 36, n. 4, pp. 402-204, 2002.
<https://doi.org/10.1590/S0080-62342002000400015>

MOTT, Maria Lucia. Parteiras: o outro lado da profissão. *Gênero*, Niterói, v. 6, n. 1, pp. 117-140, 2005.

MOTT, Maria Lúcia. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). *Cadernos pagu*, Campinas, v. 13, pp. 327-355, 1999.

MOTT, Maria Lucia de Barros. Ser mãe: a escrava em face do aborto e do infanticídio. *Revista de História*, São Paulo, v. 120, pp. 85-96, jan.-jul. 1989.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i120p85-96>

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A peste aporta em Santos e Rio de Janeiro. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 21, n. 1, pp. 44-58, jan.-abr. 2021.
<https://doi.org/10.5335/hdtv.21n.1.12117>

NICOLAU, Giselle Pereira. *Hasteando a bandeira tricolor em outros cantos: a imigração francesa no Rio de Janeiro (1850-1914)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Fluminense, Niterói, p. 294, 2018.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Pereira de. A presença negra na Enfermagem. *Sindicato dos Enfermeiros do Rio Grande do Sul*, 18 nov. 2019. Disponível em:
<https://sergs.org.br/2019/11/18/a-presenca-negra-na-enfermagem/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

OLIVEIRA, Zaqueu Vieira; CORRÊA, Victoria Maria Lopes. A emancipação da mulher e a presença das ciências e da matemática no periódico O Quinze de Novembro do Sexo Feminino. *Estudos Avançados*, v. 38, n. 110, pp. 247-264, 2024.
<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2024.38110.017>

OLIVEIRA, Valmir Reis de. *A prática da medicina exercida por curandeiros, sangreadores e médicos no Brasil no início do século XIX, e a Institucionalização do hospital*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 25, 2023.

OLIVEIRA, Rogério Siqueira de. *Assistência à saúde dos escravos em Juiz de Fora (1850-1888)*. Dissertação (Mestrado em Relações Etnoculturais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, p. 115, 2016.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; MANCIA, Joel Rolim. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 58, n. 6, pp. 723-726, nov.-dez. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672005000600018>

PEÇANHA, Natália Batista. "Precisa-se de uma criada estrangeira ou nacional para todo o serviço de casa": *Cotidiano e agências de servidoras/es domésticas/os no mundo do trabalho carioca (1880-1930)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, p. 244, 2018.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. Práticas de saúde, doenças e sociabilidade escrava na Imperial Fazenda de Santa Cruz, da segunda metade do século XIX. *Histórica - Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 35, np., 2009.

PIMENTA, Tânia Salgado. Curas, rituais e amansamentos com plantas entre escravizados e libertos no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1810 e 1850. *Bol. Mus. Para Emílio Goeldi Ciências Humanas*, v. 17, n. 1, pp. 1-13, 2022. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-bgoeldi-2021-0076>

PIMENTA, Tânia Salgado. Médicos e cirurgiões nas primeiras décadas do século XIX no Brasil. *Almanack*, Guarulhos, n. 22, pp. 88-119, ago. 2019. <https://doi.org/10.1590/2236-463320192204>

PIMENTA, Tânia Salgado; BARBOSA, Keith; KODAMA, Kaori. A província do Rio de Janeiro em tempos de epidemia. *Dimensões*, v. 34, pp. 145-183, 2015.

PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio. *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

PIMENTA, Tânia Salgado. Escravos no hospital da Santa Casa de Misericórdia da Bahia na segunda metade do século XIX. *ANPUH – XXIV Simpósio Nacional de História*, São Leopoldo, pp. 1-7, 2007.

PIMENTA, Tânia Salgado. O exercício farmacêutico na Bahia da segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, pp. 1013-1023, out.-dez. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000400007>

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 11, pp. 67-92, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702004000400004>

PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)*. 263 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p. 256.

PIMENTA, Tânia Salgado. Entre sangradores e doutores: práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 23, n. 59, pp. 91-102, abr. 2003. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622003000100007>

PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). *História, ciências, saúde - Manguinhos*, v. 5, n. 2, pp. 349-373, 1998.
<https://doi.org/10.1590/S0104-59701998000200005>

PÔRTO, Ângela. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, pp. 1019-1027, out.-dez. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702006000400013>

POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*. Campinas: UNICAMP, 2007.

PROENÇA, Anne Thereza de Almeida. Mande chamar o doutor: a atuação dos médicos no Vale do Paraíba fluminense do século XIX. *Anais do 2º Encontro Internacional História & Parcerias*, Rio de Janeiro, 2019.

RAMOS, Francisco Lúzio de Paula et al. As contribuições da epidemiologia social para a pesquisa clínica em doenças infecciosas. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, v. 7, n. esp., pp. 221-229, dez. 2016. <https://doi.org/10.5123/S2176-62232016000500025>

RIZZINI, Irma; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher (Rio de Janeiro, 1906). *Revista de História e Historiografia da Educação*, Curitiba, v. 2, n. 4, pp. 122-146, jan./abr. 2018.
<https://doi.org/10.5380/rhhe.v2i4.55858>

RODRIGUES, Kassia. *Das páginas ao corpo: escravidão e práticas de saúde em manuais de fazendeiros do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, p. 135, 2011.

ROSSINI, Gabriel Almeida Antunes. A importância da criança escravizada e seu comércio no Oeste Paulista, 1861-1869. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 49, n. 4, pp. 777-806, out.-dez. 2019. <https://doi.org/10.1590/0101-41614946gaar>

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Decréritos, anêmicos, tuberculoso: africanos na Santa Casa de Misericórdia da Bahia (1867-1872). *Almanack*, Guarulhos, n. 22, pp. 207-249, ago. 2019.
<https://doi.org/10.1590/2236-463320192206>

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas Trincheiras da Cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 199, 1995.

SAMPAIO, Mariá Lanzotti; BISPO JÚNIOR, José Patrício. Entre o enclausuramento e a desinstitucionalização: a trajetória da saúde mental no Brasil. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, pp. 1-18, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00313>

SANTOS, Elizabeth Jeanne Fernandes. *Experiências e saberes do enfermeiro em Cuiabá - Mato Grosso no século XIX*. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, p. 161, 2015.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1988.

SANTOS, Vívian Matias dos. Para pensar o campo científico e educacional: mulheres, educação e letras no século XIX. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 58, pp. 585-610, jul.-set. 2014. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782014000800004>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, Alexandra Lima. O saber que se anuncia: o poder da palavra em tempos de escravidão (Rio de Janeiro, 1830 a 1888). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 18, pp. 1-29, 2018. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e002>

SILVA, Amina Regina. *A mídia impressa e a (re/des)construção da identidade profissional da enfermagem brasileira*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Centro de ciências da saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 208, 2017.

SILVA, Luciana. Freguesia de Santana: territórios e etnia no último quartel do século XIX. *Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de estudos sobre a cidade*, v. 7, n. 10, p. 272, jan.-ago. 2015. <https://doi.org/10.20396/urbana.v7i1.8642547>

SILVA, Rafael Domingos Oliveira da. "Negrinhas" e "negrinhos": visões sobre a criança escrava nas narrativas de viajantes (Brasil, século XIX). *Revista de História*, v. 5, n. 1-2, pp. 107-134, 2013.

SILVA, Tânia Maria de Almeida. *Curiosas, obstetizes, enfermeiras obstétricas: a presença das parteiras na saúde pública brasileira [1930-1972]*. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação Em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, p. 259, 2010.

SILVA, Thamiris Lacerda. *Dona Durocher também partejava ideias: a atuação da parteira na vida pública do país no século XIX (1871-1885)*. Monografia (Bacharelado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 90, 2023.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Epidemias, estado e sociedade: Minas Gerais na segunda metade do século XIX. *Dynamis*, v. 31, n. 1, pp. 41-63, 2011. <https://doi.org/10.4321/S0211-95362011000100003>

SIOBAN, Nelson. A imagem da enfermeira: as origens históricas da invisibilidade na enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 20, n. 2, pp. 223-224, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072011000200001>

SOARES, Márcio de Sousa. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 8, n. 2, pp. 407-38, jul.-ago. 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702001000300006>

SOTT, Santierre Luis Krewer. *A escravidão em anúncios do jornal "A imprensa de Cuayaba" (1859-1865)*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, p. 109, 2018.

SOUZA, Cássia Regina da S. Rodrigues de. *Aconselhando as mães: uma análise dos manuais de medicina doméstica através da Guia Médica das Mães de Família*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, p. 112, 2018.

SOUZA, Flávia Fernandes de. *Criados, escravos e empregados: o serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade brasileira (cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 583, 2017.

SOUZA, Flávia Fernandes. Criados ou empregados? Sobre o trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no antes e no depois da abolição da escravidão. *ANPUH -XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, pp. 1-16, 2013.

SOUZA, Flavia Fernandes. *Criados, escravos e empregados: o serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade brasileira (cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920)*. Teses (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 583, 2017.

SOUZA, Maria L. de Barros Mott de Melo. *Parto, parteiras e parturientes: Mme. Durocher e sua época*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, p. 331, 1998.

SPLENDOR, Vanessa Lidiane; ROMAN, Arlete Regina. A mulher, a enfermagem e o cuidar na perspectiva de gênero. *Revista Contexto & Saúde*, v. 2, n. 4, pp. 31-44, jan.-jun. 2003.

TAPIOCA NETO, Renato Drummond. Entre Marias e Madalenas: a construção dos estereótipos femininos no Brasil Oitocentista (1850-1900). *ANPUH - IX Encontro Estadual de História: História e movimentos sociais*, Santo Antônio de Jesus, np., 2018.

TEIXEIRA, Floricelia Santana. *O fenômeno da despersonalização e suas relações com a infra-humanização e o preconceito*. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, p. 150, 2014.

TEIXEIRA, Heloísa Maria. Os filhos das escravas: crianças cativas e ingênuas nas propriedades de Mariana (1850-1888). *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 11, n. 15, pp. 58-93, 2º sem. 2010.

TEIXEIRA, Suellem Demuner. *O Rio de Janeiro pelo Brasil: a grande reforma urbana nos jornais do país (1903-1906)*. 2020. 241 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020, pp. 33-34.

TELLES, Lorena Féres da Silva; PIMENTA, Tânia Salgado. Mulheres negras, parteiras e parturientes (Rio de Janeiro, 1810-1850). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 32, n. 1, pp. 1-14, 2024. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2024v32n198149>

TELLES, Lorena Feres da Silva. *Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas: maternidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XIX)*. Tese (Doutorado em História) - 90 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, p. 345, 2018.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: TJRJ, 2009. Disponível em: <https://www.tjrj.jus.br/documents/5736540/277859582/RCPN.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

VASCONCELOS, Angélica et al. Requisitos exigidos pelo mercado aos praticantes da contabilidade na segunda metade do século XIX. *Revista Contabilidade & Finanças*, São Paulo, v. 32, n. 85, pp. 65-79, jan.-abr. 2021.

VAZ, Lilian Fessler. *Contribuição ao estudo da produção e transformação do espaço da habitação popular: as habitações coletivas no Rio antigo*. 301 f. Tese (Mestre em Ciências) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 38, 1985.

WITZ, Anne. *Professions and Patriarchy*. London: Routledge, 1992.

WITTER, Nikelen Acosta. Dos cuidados e das curas: a negociação das liberdades e as práticas de saúde entre escravos, senhores e libertos (Rio Grande do Sul, Século XIX). *História Unisinos*, v. 10, n. 1, pp. 14-25, jan.-abr. 2006.

WITTER, Nikelen Acosta. *Males e Epidemias: Sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 297, 2007.